

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

CAMILA SOMERA

**DIREITOS HUMANOS E DIREITOS SOCIAIS  
EM LIVROS INFANTIS E INFANTOJUVENIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em  
Comunicação Social - Editoração, apresentado ao  
Departamento de Jornalismo e Editoração.

Orientação: Prof. Dr. Luciano Guimarães.

SÃO PAULO  
2024

**DIREITOS HUMANOS E DIREITOS SOCIAIS  
EM LIVROS INFANTIS E INFANTOJUVENIS**

**SÃO PAULO**  
**2024**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo  
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

---

Somera, Camila  
Direitos humanos e direitos sociais em livros infantis  
e infantojuvenis / Camila Somera; orientador, Luciano  
Guimarães. - São Paulo, 2024.  
242 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Departamento de Jornalismo e Editoração / Escola de  
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.  
Bibliografia

1. literatura infantil e infantojuvenil. 2. direitos  
humanos e direitos sociais. 3. livros infantis. I.  
Guimarães, Luciano. II. Título.

070.5

CDD 21.ed. -

Para todos que lutaram por nossos direitos e para aqueles  
que não foi permitido os usufruírem.  
Para a minha mãe, quem me ensinou sobre justiça.



# Agradecimentos

À minha mãe, que é a razão de tudo. Obrigada por sempre me incentivar a ir em frente, tudo é graças a você

Aos meus irmãos, que são meus maiores amores.

À minha família, nova e velha, de coração e de sangue. Marco, Cris e pai, obrigada por todo o apoio.

Aos amigos de Ribeirão Preto, que mesmo depois de anos e tantos quilômetros de distância, continuam igualmente no meu coração. Joshua, você é meu irmão!

Aos amigos que fiz na ECA e levarei pela vida:

À minha turma de Editoração, que é grande parte do motivo de eu ter chegado ao final da graduação. Thiago, Amanda e Isac, vocês são pessoas muito especiais.

À chapa Cravos e Coletivo Amigos de Paúba, por me receberem chegando na faculdade, dividirem tanto comigo e me proporcionarem tantas amizades e momentos, estando comigo até hoje. Amo vocês! Gi, você é luz e acalanto na alma.

À Bateria, que me trouxe muitas pessoas, alegrias e momentos mágicos. Estar com vocês e tocar com vocês é sempre bom demais. Malu, obrigada por tanto.

Ao esporte universitário, que nos últimos anos tem me dado tanto. Ao meu time de Rugby, que me fez me sentir pertencente de um jeito que eu não havia experimentado antes. Ao Glorioso Handebol Ecano, minhas handmalas, que são algumas das pessoas mais dedicadas que já tive a sorte de conhecer. Vocês são incríveis! E ao Basquete, as BFeras, que me trouxeram tantos momentos bons. Às minhas técnicas e técnicos, que no meio do caminho, viraram meus amigos também.

Aos amigos da CO BIFE, em especial os DGEs. Obrigada por dividirem o peso, alegrias e fazerem ser possível continuar. Su, que sorte em ser sua amiga e ter você nessa jornada.

Lari, você é parte de mim. Te amo muito. Obrigada por todos esses anos.

Pedro, obrigada por ser um amigo tão bom e estar comigo durante tantas coisas.

Bia, sem você esse trabalho não teria saído. Obrigada pelos cafés e abraços. Obrigada por ouvir e conhecer essa pesquisa mais do que ninguém, obrigada por toda ajuda. Um privilégio dividir a casa com você.

Breno, obrigada por ser um dos encontros mais inesperados e certos que já tive nessa vida.

Fer, obrigada por me fazer rir enquanto eu chorava escrevendo esse trabalho. Obrigada por tanto carinho e apoio.

À Malau e ao André, que me trazem sanidade em momentos que acho que perdi a minha. Obrigada por não desistirem de mim, mesmo eu não respondendo direito!

Karina, obrigada por tantos momentos bons.

Obrigada ao 84A e pelas pessoas incríveis que tive a sorte de conhecer por lá.

Obrigada aos meus amigos que conheci através do trabalho e trouxeram tanta coisa boa para minha vida. Que sorte de ter chorado de rir tantas vezes.

Mirian, você segue no meu coração, obrigada por acreditar em mim. Te amo demais!

Obrigada aos funcionários da Biblioteca Monteiro Lobato, em especial ao Antônio e Clara, que tanto me auxiliaram nos meses de pesquisa.

Obrigada a todos que me ouviram falar sobre o TCC, que me apoiaram, me acalmaram e dividiram essa experiência comigo.

# Apresentação

O objetivo deste trabalho é realizar um levantamento da aparição dos direitos humanos e direitos sociais na literatura infantil e infanto juvenil. Seja através da defesa de tais direitos nos livros e trechos, em seu ferimento, ou simplesmente sendo citados. Explicitamente ou não, intencionalmente ou não. Chegamos assim ao início do escopo do presente trabalho, 14 anos pré Ditadura Militar, os anos da Ditadura, e 14 anos após. Os anos da Ditadura Militar foram anos conturbados de muitas maneiras, e entre eles, na manutenção de todos os direitos, especialmente os humanos e sociais. Visto isso, a presente linha do tempo foi escolhida visando entender a progressão de tais aparições na literatura infantil.

Para isso, foram analisados livros infantis e infantojuvenis, dos anos 1950 até 1999 do acervo da biblioteca Monteiro Lobato, em São Paulo, que é a biblioteca infantojuvenil mais antiga em funcionamento no país, tendo iniciado suas operações em 1936.

A pesquisa ocorreu através da busca das palavras “livro infantil” e “livro infantojuvenil” no site de bibliotecas municipais de São Paulo, afinando para os livros presentes na Seção de Bibliografia e Documentação da biblioteca. Foram lidos centenas de livros que entravam no escopo da pesquisa: livros de autores brasileiros (ou naturalizados brasileiros) publicados entre os anos compreendidos no trabalho.

No mínimo foram lidos três livros de cada ano presente na pesquisa e quando possível, mais.

Dado o objetivo inicial, a presente pesquisa pretende também, fazer breve ligação entre os conteúdos encontrados nos livros e o contexto social, histórico, político e cultural de cada época, se possível.

É através dela [a literatura] que a criança pode conhecer coisas novas, para que seja iniciada a construção da linguagem, da oralidade, de ideias, valores e sentimentos, os quais ajudarão na sua formação pessoal.

(BARROS, 2013, p. 22)

# Sumário

Introdução.....	8
1950.....	16
1960.....	60
1970.....	110
1980.....	166
1990.....	191
Conclusão.....	231
Livros pesquisados.....	232
Referências.....	236

# Introdução

## Literatura infantil no Brasil

Após a vinda da Corte Portuguesa ao Brasil em 1808 e os demais acontecimentos seguintes, como a proclamação da Independência em 1822, começou-se um esforço pelo progresso no país. A preocupação com a educação, cultura e ciência passou a crescer e a abertura de escolas, academias e cursos foi ordenada.

Assim, no final do século, a educação infantil nacional rumou a ter mudanças efetivas, formuladas e defendidas por Rui Barbosa (e outros), como explica Meire Keiko Nagamatsu (2007, p.1) “Nesse sentido, o Estado seria responsável pela oferta da educação, desde os anos iniciais até o ensino superior, como forma de garantir o acesso universal à educação, também defendeu a obrigatoriedade, gratuidade e laicidade.”

Com avanço da educação primária, temos como consequência, o avanço da literatura infantil também:

Embora nosso interesse aqui seja basicamente pelos livros de literatura, não podemos ignorar os *livros de leitura*, escritos pelos pioneiros, e que foram, no Brasil, a primeira manifestação consciente da produção de leitura específica para crianças. Em última análise, tais livros foram também a primeira tentativa de realização de uma literatura infantil brasileira, mostrando que os conceitos "literatura" e "educação" andaram sempre essencialmente ligados.

(Coelho, N. 1991, p. 206)

Os livros de leitura, utilizados para o letramento infantil, foram pioneiros mas não únicos por muito tempo. A importação, tradução e por vezes, adaptação de títulos estrangeiros, existia e passou a crescer. Vindos principalmente de Portugal e França, esses livros eram os que chegavam na mão dos abastados o suficiente para os possuírem, já que a produção nacional era extremamente limitada e trabalhosa, devido à quantia existente de editoras e de meios de impressão, necessitando muitas vezes que fossem impressos no exterior.

E apesar da presença dos livros estrangeiros, a tentativa de nacionalização e progresso era geral e não deixou de fora os livros infantis. No final do século XIX e início do século XX, os temas comuns nas obras voltadas para crianças eram nacionalismo, moralismo, intelectualismo, religiosidade. Trabalhos de destaques eram trabalhos que mostravam e se orgulhavam do Brasil, como *Coisas Brasileiras* (1893, Romão Puiggari), *Através do Brasil* (1910, Olavo Bilac e Manuel Bonfim) e *O Tico-Tico* (1905-1958). Este último sendo a porta de entrada para o surgimento da história em quadrinhos no Brasil, baseando-se em histórias americanas que aos poucos foi se nacionalizando e trouxe situações do dia-a-dia vigente.

Já na virada da década de 10 para a de 20, o Brasil continuava aparecendo, mas de forma diferente, quem brilhava agora era o rural, o campo:

O mundo acabava de sair de uma guerra cruel (1914/1918), em que os valores da civilização urbana, progressista, haviam sido abalados pela base, provocando nos homens a desesperança, ou a descrença em sua legitimidade. A tendência geral, na literatura, era para a valorização da Paz e da Justiça Social. Nesse sentido, a vida no campo aparece como o grande ideal. Acrescem-se a essa circunstância mundial os problemas sociais e econômicos, locais, ocasionados pelo crescente deslocamento das populações rurais para os centros urbanos, atraídas pelas melhores condições de trabalho, oferecidas pela industrialização que começava, naqueles primeiros anos do século.

(Coelho, N. 1991, p. 221-222)

Nesse cenário, se destaca inicialmente e grandiosamente é *Saudade* (1919) de Tales de Andrade. E logo em 1920, Monteiro Lobato faz sua estreia no mundo infanto-juvenil, com *A Menina do Narizinho Arrebitado*.

Lobato, mais do que se dedicar à escrita e à valorização da literatura voltada para crianças, também se dedicou à sua produção. Criou editoras: Monteiro Lobato e Cia., Companhia Editora Nacional e a Brasiliense, sendo um ponto de virada na literatura nacional em seu total. Suas obras continuaram fazendo sucesso ao longo das décadas seguintes e quebrou com o modelo até então seguido, abrindo mão do moralismo, focando nas aventuras, criatividade e vivências infantis de fato.

Paralelamente a esse cenário, novamente começa-se a haver movimentos de renovação na educação brasileira. Baseado em modelos pedagógicos estrangeiros, um enfoque no ensino científico-tecnológico e sua universalização são mais uma vez propostos, agora por nomes como Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira.

A literatura infantil segue andando paralelamente ao cenário nacional, com livros de Lobato mesclando ciência e educação com as histórias de Narizinho, Emília e companhia, como nas obras: *As Caçadas de Pedrinho* e *Emília no País da Gramática* (1933), *Geografia de Dona Benta* (1936) e livros com personagens e fatos históricos ou mitológicos.

No final da década de 20 e ao longo da década de 30, muito aconteceu: a crise de 1929, Revolução de 30, novas Constituições e a implantação da ditadura com o Estado Novo de Vargas. Tudo isso impactou no conteúdo e produção literária geral e infantil, havendo a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, assim como institutos voltados para o estudo e ensino pedagógico. Com as mudanças nas políticas educacionais e ampliação do ensino, houve novamente esse acompanhamento na produção literária infantil e infanto-juvenil, mas de formas por vezes inesperadas. O debate acerca do ensino religioso versus ensino laico crescia, além de um embate entre os méritos da literatura realista x fantástica para as crianças e jovens, como visto no trecho abaixo:

Nessa ordem de ideias, compreende-se que, ao nível da produção literária, se tenha intensificado a oposição entre Realismo e Imaginação fantasista, e

proliferado uma literatura visceralmente comprometida com a educação pragmática da criança, onde a preocupação com o *literário* praticamente cede lugar ao *didático*. Combatem-se as “mentiras” da literatura infantil tradicional. Os livros de Lobato começam a ser proibidos em colégios religiosos, sob a acusação de perniciosos à formação da criança.

(Coelho, N. 1991, p. 247)

Mas apesar desse embate ideológico, a produção não se manteve homogênea. Ao passo que tivemos mais livros voltados para o realismo, deveres cívicos, incentivo ao trabalho, moral, vida escolar e contato com a natureza, por outro lado tivemos também a expansão das histórias em quadrinhos e importação de ideias de aventura e heróis.

Nesse caminho, entra-se muito em um cenário geral de discussão entre o bem e o mal. Além da recessão econômica que o mundo passava, houve também a Segunda Guerra Mundial, que durou de 1939 a 1945. Países de todo o mundo participaram, incluindo o Brasil, que entrou tardiamente e havia dúvida de qual lado apoiaria. A guerra e seus acontecimentos trouxeram à tona discussões sobre ética, direitos humanos e a dita luta entre o lado bom e o lado do mal.

Em 1947, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, começa um novo embate político-ideológico que durou até 1991, a Guerra Fria. Essa guerra “silenciosa” entre Estados Unidos e União Soviética – que visava a manutenção do capitalismo e a implantação do comunismo – também envolveu e afetou o Brasil.

Dado o contexto histórico da literatura infantil e infantojuvenil no Brasil, seguimos para os próximos pontos do escopo da pesquisa.

## Ditadura Militar no Brasil

Oficialmente, a Ditadura Militar aconteceu entre os anos de 1964 a 1985. Mas devido ao cenário internacional e nacional, o país se encontrava em um momento instável na época que precedeu o Golpe, e as ramificações prosseguiram até anos depois.

A Guerra Fria ocorria, e os embates entre Estados Unidos e União Soviética se acirraram cada vez mais, assim como a disputa ideológica contra o comunismo, que de fato crescia e contava com apoiadores no Brasil. Assim, com argumentos de “preservação da democracia” e com uma agenda anticomunista, a ditadura militar foi implantada no país.

O golpe militar não foi a primeira vez que as Forças Armadas interferiram no governo e na democracia brasileira, tendo agido também na Revolução de 30 e na saída de Getúlio Vargas do poder, porém dessa vez, mantiveram o poder Executivo para si, com Castelo Branco sendo denominado o novo presidente após a deposição e exílio de João Goulart.

Logo no início da ditadura, o primeiro Ato Institucional (meio oficial por onde as mudanças inconstitucionais foram estabelecidas), o AI-1, previa a cassação dos direitos políticos de mais de cem pessoas, entre elas “líderes sindicais, líderes camponeses,

líderes estudantis, e políticos identificados pelos militares como pertencentes à esquerda comunista, socialista e nacionalista-popular” (BETHELL, p. 471, 2018). Cerca de 3 a 5 mil funcionários públicos foram cassados ou compulsoriamente aposentados.

Os 4 próximos presidentes “eleitos” eram membros do alto escalão das Forças Armadas. Com os AIs, as forças repressoras cada vez mais se enrijeciam e se intensificavam, e dispositivos de controles foram criados: Serviço Nacional de Informações (SNI), Assessorias Especiais de Segurança e Informação (AESIs), e sob o AI-5, os Destacamentos de Operações e Informação dos Centros de Operações de Defesa Interna (DOI-CODIs) e Departamentos de Ordem Política e Social (DOPS).

Esses órgãos foram responsáveis pela perseguição, sequestro, prisão, tortura e assassinato de inúmeros brasileiros, com um número exato não podendo ser afirmado pelo apagamento e censura das informações e registros.

A crueldade e perseguição não se limitou aos adultos e militantes: os filhos e filhas de pessoas suspeitas de estarem envolvidas na resistência à ditadura também foram sequestrados, presos, torturados e exilados:

Eles foram sequestrados e escondidos em centros clandestinos de repressão política da ditadura militar brasileira (1964 – 1985). Afastados de seus pais e suas famílias ainda crianças, foram enquadrados como “elementos” subversivos pelos órgãos repressivos e banidos do país. Foram obrigados a morar com parentes distantes, a viver com nomes e sobrenomes falsos, impedidos de conviver, crescer e conhecer os nomes verdadeiros de seus pais. Foram, enfim, privados do cuidado paterno e materno no momento mais decisivo e de maior necessidade, que é justamente a infância.

Levados aos cárceres da ditadura militar, foram confrontados com seus pais, nus, machucados, recém-saídos do pau de arara ou da cadeira do dragão. Foram encapuzados, intimidados, torturados antes mesmo de nascer. Filhos de guerrilheiros que hoje estão desaparecidos nasceram em prisões e cativeiros. Sofreram torturas físicas e psicológicas, como Carlos Alexandre Azevedo, que com 1 ano e 8 meses apanhou e foi levado ao Dops. Anos depois, em fevereiro de 2013, aos 39 anos, não aguentou mais as dores da vida e se suicidou.

(Infância Roubada, p. 8)

O excerto vem do trabalho Infância Roubada - Crianças atingidas pela Ditadura Militar no Brasil, organizado pela Comissão da Verdade Rubens Paiva. Tratam-se de 40 testemunhos de pessoas afetadas pelo golpe, crianças na época e suas mães.

Há também o caso de Criméia Almeida, grávida de oito meses de João Carlos Graboís (Joca Graboís):

Levou choques elétricos, foi espancada em diversas partes do corpo e sofreu socos no rosto. Quando os carcereiros pegavam as chaves para abrir a porta da cela e levá-la à sala de tortura, o seu bebê ainda na barriga começava a soluçar. Nasceu na prisão e, mesmo anos depois, quando ouvia o barulho de chaves, voltava a ter soluços.

(Infância Roubada, p. 13)



Houve também a família Lucena, que presenciou o assassinato do pai e marido “Doutor”. Damaris Lucena, mãe e esposa, foi ameaçada junto com os filhos e no mesmo dia levada presa e torturada. As 3 crianças, Denise, Ângela Telma e Adilson foram levadas ao juizado de menores, onde foram tratados de forma cruel e brutal, recebendo castigos físicos, verbais e psicológicos por serem “filhos de terroristas”. Mais tarde os 4 foram exilados para Cuba e voltaram ao Brasil somente após a Anistia.

A violência se estendeu por vários caminhos. Pouco é falado sobre a dizimação indígena que houve na época, em nome do “progresso”. O objetivo era a ocupação da Amazônia, construção de estradas, hidrelétrica e atuação de mineradoras.

A Comissão Nacional da Verdade estima que ao menos 8.350 índios foram assassinados entre 1946 e 1988. As investigações apontam dois períodos distintos em se tratando de violações aos povos indígenas. Antes de dezembro de 1968, os massacres se davam mais pela omissão do Estado. Após o Ato Institucional 5 (AI-5), com a criação da Fundação Nacional do Índio (Funai), o maior responsável pelos homicídios foi o regime militar, que durou de 1º de abril de 1964 a 15 de março de 1985.

Os waimiri atroari representam ao menos 2.650, atrás apenas dos Cinta-Larga (3.500 mortes). De acordo com a Funai, a população dos waimiri atroari era de 3 mil pessoas em 1972. Em 1983, apenas 350 sobreviveram aos massacres.

(National Geographic, 2019)

Segundo relatos colhidos pelo Comitê Estadual da Verdade do Amazonas<sup>1</sup>, armas químicas e biológicas foram utilizadas, e além dos ataques do próprio governo, foi permitido também o ataque pelas mineradoras, posseiros e fazendeiros. Devido a essa invasão, muitos indígenas morreram por doenças que antes não tinham contato, como o sarampo.

Grande parte de toda essa violência ficou encoberta pela censura aos meios de comunicação da época, já que livros, revistas, jornais, músicas, teatro e demais canais foram vetados em parte ou totalmente.

Felizmente ou infelizmente, a literatura infantil era considerada uma literatura menor, como diz Josenildo Oliveira de Moraes:

[...] é interessante registrar que esse era um tipo de literatura que fugia aos olhos da censura. Mesmo na primeira metade dos anos 1970, quando ainda nem se falava em abertura política, a literatura infantil não era objeto de preocupação dos responsáveis pela censura no regime militar. Como não era vista como algo sério, mas sim como mais um brinquedo para crianças, os censores não vigiavam a publicação das obras destinadas a esse público.

(Moraes, p. 45)

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://www.dhnet.org.br/verdade/resistencia/a\\_pdf/r\\_cv\\_am\\_waimiri\\_atroari.pdf](https://www.dhnet.org.br/verdade/resistencia/a_pdf/r_cv_am_waimiri_atroari.pdf).

Visto isso, o objetivo do presente trabalho é mostrar como o contexto histórico, social e cultural da época em questão apareceram na literatura infantil, especificamente em temas relacionados a direitos humanos e direitos sociais.

## Direitos Humanos e Direitos Sociais

Segundo a UNICEF<sup>2</sup>, os direitos humanos são:

Os direitos humanos são normas que reconhecem e protegem a dignidade de todos os seres humanos. Os direitos humanos regem o modo como os seres humanos individualmente vivem em sociedade e entre si, bem como sua relação com o Estado e as obrigações que o Estado tem em relação a eles.

Segundo o governo brasileiro<sup>3</sup>:

Direitos humanos são direitos universais que toda pessoa tem pelo simples fato de existir. Esses direitos são afirmados pelos Estados tanto individualmente, por suas leis e Constituições, quanto coletivamente, por intermédio de convenções, acordos e tratados internacionais.

No período escopo desta pesquisa, o Brasil passou por três Constituições: a de 1946, implementada pós regime ditatorial do Estado Novo e pós segunda Guerra mundial; a de 1967, no meio da Ditadura Militar – e que passou por reformas em 1969 –, e a atual, de 1988. Cada uma apresenta diferentes dispostos sobre os direitos fundamentais, civis e sociais.

Na constituição de 1946, alguns direitos base eram garantidos, como mostrado por Maria Claudia Maia:

- reconhece os partidos políticos e veda aqueles com programas não democráticos, devendo ser baseados na pluralidade e na garantia dos direitos fundamentais do homem.
- Foi restabelecida a liberdade de pensamento, independente de censura, mas com restrições quanto a espetáculos e diversões públicas.
- As penas de morte, confisco, banimento e prisão perpétua foram abolidas (§ 31 do artigo 141) e restabeleceu-se o mandado de segurança (§ 24), “habeas corpus” (§ 23) e ação popular.
- A ordem econômica deve ser organizada conforme os princípios da justiça social, conciliando a liberdade de iniciativa com a valorização do trabalho humano. Assegurou a todos, “trabalho que possibilite existência digna” e considerou o trabalho como “obrigação social”.
- participação obrigatória e direta do trabalhador nos lucros da empresa, repouso semanal remunerado, proibição do trabalho noturno aos menores de 18 anos, assistência aos desempregados, estabilidade e indenização em caso de

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://abrir.link/PTBGS>.

despedida, reconhecimento do direito de greve e inseriu a Justiça do Trabalho na esfera do Poder Judiciário.

- previu proteção para a família, educação e cultura.

Na alteração de 1967 e subsequentemente de 1969, algumas alterações foram feitas, limitando e restringindo direitos antes garantidos, como dito novamente por Maia:

A Constituição de 1967 previa direitos e garantias individuais (artigo 150) e direitos sociais dos trabalhadores (art. 158), mas houve uma redução na autonomia individual, suprimindo a liberdade de publicação (artigo 150, § 8.º) e tornando restrito o direito de reunião (artigo 150 § 27).

Apesar de determinar o respeito à integridade física e moral do detento e do presidiário, na prática, ante o autoritarismo da época, tal norma não era respeitada.

Também houve retrocesso quanto aos direitos sociais, pois permitiu o trabalho a partir dos 12 anos (artigo 158, X), restringiu o direito de greve (artigo 157, § 7.º), e previu a proibição de diferença de salários apenas por motivos de sexo, cor e estado civil, deixando de mencionar motivos de idade e de nacionalidade.

(Maia, p.11, 2012 )

Nas novas alterações, foi reforçada a validade dos Atos Institucionais, incluindo a do AI-5, de 1968. Este:

O Ato Institucional n. 5 restaurou os atos institucionais anteriores; repetiu todos os poderes discricionários conferidos ao Presidente da República pelo AI-2; suspendeu o *habeas corpus*, nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular; concedeu total arbítrio ao Presidente da República para a decretação de estado de sítio; e houve novamente a exclusão das medidas aplicáveis do exame pelo Poder Judiciário. O AI-5 previa o confisco de bens, sem direito de defesa, em contradição com o art. 18 da Declaração Universal: “ninguém será arbitrariamente privado de sua propriedade”.

(Groff, p.19, 2008)

Já a Constituição de 1988 - a atual do país - prevê uma vasta gama de direitos universais, fundamentais e sociais. No Preâmbulo encontra-se o seguinte texto:

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte  
CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.

O Art. 3º diz:

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II - garantir o desenvolvimento nacional;

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

No Art. 6º, temos que “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.”

Todos têm assegurado seu direito à crença religiosa. O lazer é colocado como direito. É obrigação do Estado:

VI - proteger o meio ambiente e combater a poluição em qualquer de suas formas;

VII - preservar as florestas, a fauna e a flora;

VIII - fomentar a produção agropecuária e organizar o abastecimento alimentar;

IX - promover programas de construção de moradias e a melhoria das condições habitacionais e de saneamento básico;

X - combater as causas da pobreza e os fatores de marginalização, promovendo a integração social dos setores desfavorecidos;

Infelizmente as garantias determinadas na Constituição não são de fato garantidas a todo o povo brasileiro.

# 1950

No contexto social, histórico, político e cultural da época, é importante destacar alguns fatos: o Brasil passava pelo processo de “democratização”, após a queda do Estado Novo; Getúlio Vargas foi eleito presidente do país em 1950 de através de votação popular, porém se suicidou em 1954; Juscelino Kubitschek assumiu a presidência do Brasil em 1956; a capital nacional era o Rio de Janeiro.

Segundo o IBGE - que realizou seu segundo Recenseamento Geral<sup>4</sup> neste ano - o Brasil tinha cerca de 52 milhões de habitantes. Desses, cerca de 61% se identificavam como brancos, 26,5% como pardos e 11% como pretos. A população indígena era incluída na categoria denominada “parda”.

Homens eram 49,8% e as mulheres, 50,2%.

A população rural era a maioria, constituindo aproximadamente 63,8% dos brasileiros, ao passo que 25% moravam na área urbana e 9% constavam na categoria suburbana do IBGE.

Surgia a televisão no Brasil com a criação da TV Tupi.

A Segunda Guerra Mundial havia acabado de terminar, e a Guerra Fria, de começar.

E infelizmente a situação educacional no país era defasada, como mostra a matéria do jornal O Cruzeiro, com os dados do censo de 1950 também:

No de 1950, [a alfabetização] baixou para 13,02%. Nesse último ano, a população infantil (entre 5 e 9 anos) abrangia 7 milhões de crianças, dos quais 5 milhões viviam no quadro rural, onde a média nacional de alfabetização era inferior a 7%, descendo a menos de 4% nos Estados do Nordeste.

Nos dados gerais relativos à alfabetização da população de menos de 15 anos, todavia, é que mais se comprova o nosso atraso, especialmente atraso da escola primária, que não vem dando conta da sua tarefa. De um total de 8.957.275 crianças entre 8 e 15 anos, eram analfabetos, de acordo com o último Censo, 5.527.883, o que dá uma percentagem de alfabetização de apenas 38,2%. Em outras palavras e números redondos: numa população por alfabetizar de 8.950.000, conseguimos alfabetizar apenas 3.400.000. Estamos, portanto, a aumentar o analfabetismo no Brasil e não a reduzi-lo, a despeito do aparente crescimento vegetativo das escolas. E aparente porque, em face do crescimento da população, estamos a congestionar as escolas, e não a aumentá-las, estamos a reduzir o ensino, e não a incrementá-lo.

(GASPAR, 1957)

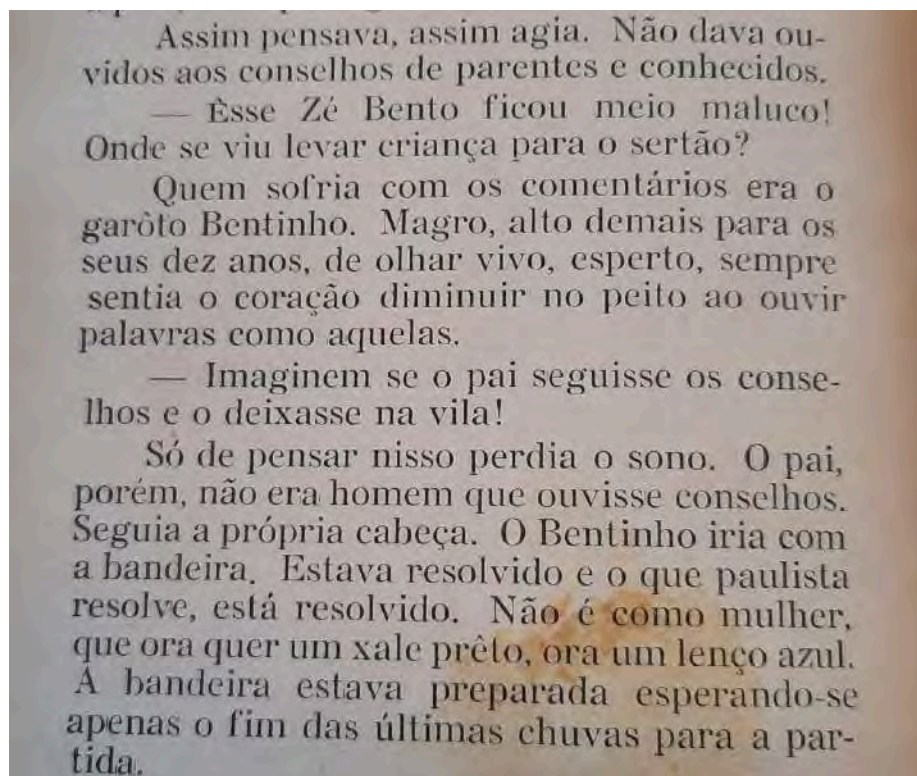
Nos livros infantis e infantojuvenis da época, é possível observar reflexos de todas essas informações, e de vermos ainda mais além, como será mostrado aqui.

---

<sup>4</sup> Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd\\_1950\\_v1\\_br.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v1_br.pdf).

O primeiro livro encontrado na pesquisa foi *O Filho do Bandeirante*, de Odette de Barros Mott. O livro, publicado em 1950, se passa na época das bandeiras e teve mais de 12 edições, sendo republicado até o ano de 1986, salvo engano.

A história fala de um bandeirante, que em busca de ouro, resolve levar seu filho de 10 anos junto.



Logo nas páginas iniciais temos o seguinte trecho: “O Bentinho iria com a bandeira. Estava resolvido e o que paulista resolve, está resolvido. Não é como mulher, que ora quer um xale preto, ora um lenço azul.”. A frase coloca as mulheres como seres indecisos, e a escolha de utilizar um exemplo relativo a roupas, pode ser interpretada também como alusão aos moldes que as mulheres eram colocadas na época (e até hoje), de pessoas vaidosas e muito preocupadas com a beleza.

Na época em que o livro foi publicado, as mulheres tinham conquistado o direito à voto somente 18 anos antes. As mulheres casadas ainda precisavam de autorização dos seus maridos para trabalharem, viajarem e abrirem conta em bancos. A prática esportiva era proibida às mulheres, segundo lei de 1941, com tentativas de argumentos científicos que coloca tal ação como contrária à natureza das mulheres, como mostra a matéria do Diário do Nordeste:

[...] O foco da carta é falar sobre a possibilidade de "funestas consequências" para eventual maternidade das jogadoras de futebol. A preocupação do autor seria como o futebol afetaria "a saúde integral" da mulher, visto que "natureza que a dispôs a 'ser mãe'".

O próprio Fuzueira afirma que não sabe os efeitos do esporte para mulheres que desejem ser mães, mas continua a enumerar estes como motivos para impedir a

prática no País. "Que V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente, acuda e salve essas futuras mães do risco de destruírem a sua preciosa saúde, e ainda a saúde dos futuros filhos delas... e do Brasil", pede o documento.

[...]

"O futebol é um esporte violento capaz de alterar o equilíbrio endócrino da mulher", escreveu, por exemplo, um médico chamado Leite de Castro, no jornal curitibano O Dia Esportivo, em junho de 1940.

(Barros, 2023)

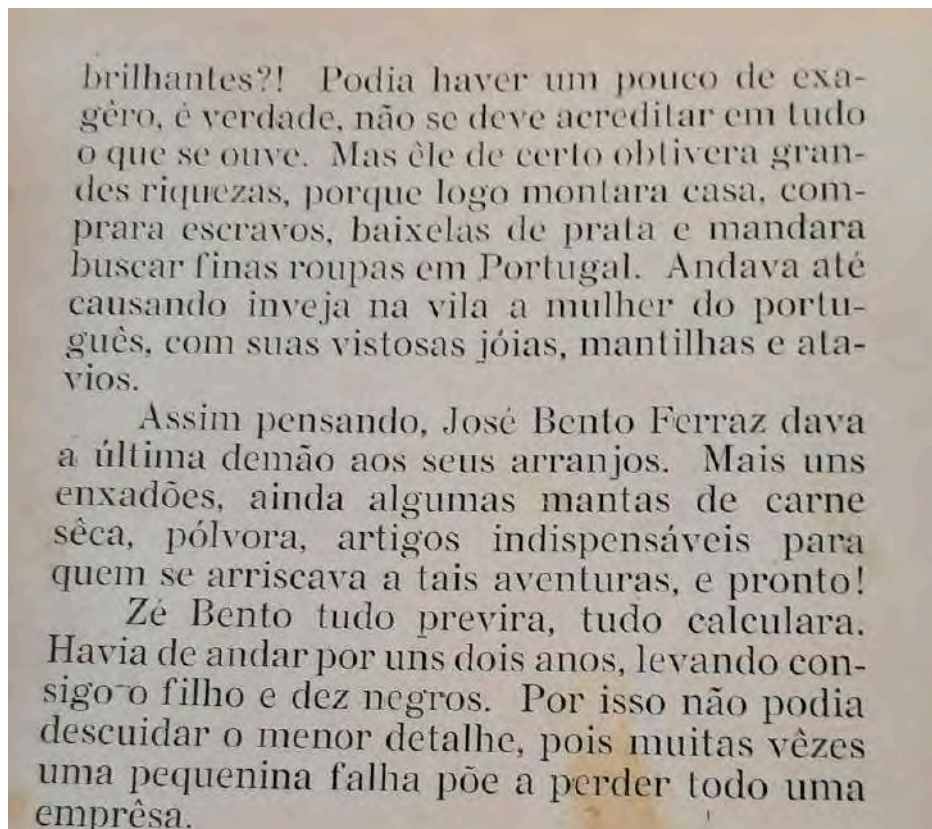
E o decreto:

"Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país".

(Decreto-Lei nº 3.199, 1941)

O decreto só foi retirado em 1979.

Já neste outro recorte, é trazida a escravização do povo negro, que ainda ocorria na época das bandeiras e havia sido proibida apenas 62 anos antes da publicação do livro.





Em 1951, um ano depois, foi criada a primeira lei que visava coibir o racismo, a Lei Afonso Arinos. O decreto tratava a respeito da proibição de pessoas negras de frequentar determinados lugares, caso que aconteceu com a bailarina Katherine Dunham, que teve sua hospedagem em um hotel em São Paulo negada. O caso e a lei foram cobertos pela imprensa da época, como traz o trabalho de Walter de Oliveira Campos:

A coluna do Correio da Manhã que noticia o fato de empresários franceses terem sido impedidos de se estabelecer no Brasil, mencionada neste trabalho, afirma que havia motivos para encarar a então recém-aprovada lei contra a discriminação racial com ceticismo, porque ela certamente teria força para coibir a tentativa de segregação racial em casas de hospedagem, restaurantes, logradouros públicos etc., mas existiam outras formas de segregação realizadas de maneira sub-reptícia, uma vez que nunca se dizia a um preto ou mulato que ele não poderia ingressar em certa escola de habilitação para serviço público, mas o aluno estigmatizado simplesmente não conseguia aprovação nas provas vestibulares;

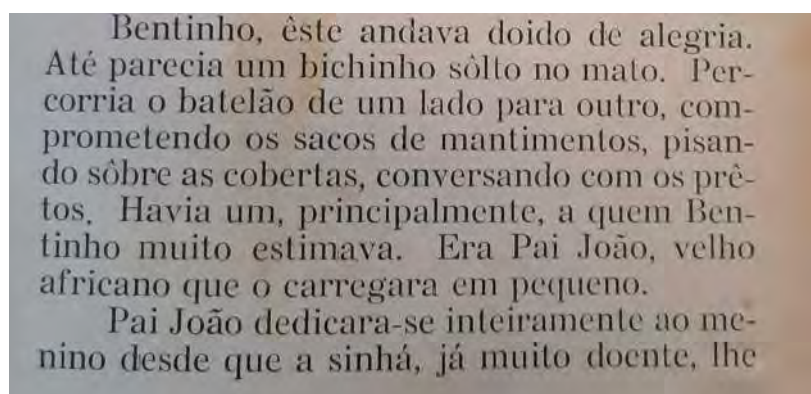
(Campos, 2015)

Em outro trecho, pode-se ter um vislumbre de como a questão racial era vista e tratada no Brasil da época:

Outra estratégia utilizada pela ideologia da harmonia racial brasileira era chamar a atenção para o racismo institucionalizado praticado nos Estados Unidos e na África do Sul, o que reforçava a impressão de que aquele era o autêntico racismo, em contraste com as manifestações de preconceito racial existentes no Brasil, supostamente esporádicas e restritas a determinados setores da sociedade.

(Campos, 2015)

Os trechos fazendo diferenciações entre mulheres, tendo pessoas negras como serviçais e com sua existência resumida à sua cor continuam:



Bentinho, êste andava doido de alegria. Até parecia um bichinho sôlto no mato. Percorria o batelão de um lado para outro, comprometendo os sacos de mantimentos, pisando sôbre as cobertas, conversando com os prêtos. Havia um, principalmente, a quem Bentinho muito estimava. Era Pai João, velho africano que o carregara em pequeno. Pai João dedicara-se inteiramente ao menino desde que a sinhá, já muito doente, lhe



entregara o filho. E desde então o preto o trazia no coração. Não havia um só desejo do paulistinha que para ele não fôsse uma ordem logo executada.

— Você me estraga o rapaz, — dizia Bento Ferraz. — Você trata do pequeno como se fôsse uma menina e o rapaz é um paulista de sangue.

Mas o menino não dormia sem ouvir uma história, pois o negro velho conhecia muitas lendas e crendices de sua terra.

— Nhô Bentinho precisa ir — dizia o negro. — Êle é filho de Nhô Bento e não pode ter mêdo. E' forte e corajoso.

E ali estava Bentinho, ora deitado na barca, ora sentado perto do preto, perguntando, perguntando sempre:

— Criança que pergunta

Parece sapo coaxando.

Criança que não pergunta

E' pássaro no ar, voando.

E o preto sorria para o menino, mostrando os dentes alvos nas gengivas vermelhas.

Bentinho calava um instante para logo recommear:

— Pai João, é verdade que você já foi numa bandeira pelo sertão?

— Sim, Nhô Bentinho, êste negro "vêio" já foi moço forte, vivo e esperto. Nesse tempo

— 12 —

andou dez anos pelos sertões sem fim... Depois cansou-se dos índios, das chuvas, das onças e aí encontrou uma "oncinha" brava que o caçou. — O preto ria a bom rir.

Pai João, conte-me alguma coisa da bandeira.

— Não preciso contar, não, o que é a bandeira; "sinhôzinho" vai ver o que é índio e o que é bicho do mato!...

— E assombração, Pai João?

Agora, menino, é bicho do mato...

pouco de descanso só poderia fazer bem. Assim, naquela tarde, puseram-se alguns negros a limpar o terreno, enquanto outros pescavam alguma coisa que servisse para a ceia.

Bentinho e pai João aproveitaram-se da suavidade do tempo para tomar um banho num regato próximo. A água fresca e cantante era uma delícia para o corpo do menino. Porém, uma coisa o entristecia: ainda, e decorrerá tanto tempo, não topará nenhuma aventura. Que iria contar aos primos, na vila, quando voltasse?

Nem sombra de caça grossa, nenhuma onça, nenhum índio!...

— Espera, “sinhôzinho”, espera, ainda “mecê” há de conhecer o dono bravo destas matas. Ele anda escondido por aí. Índio é bicho matreiro!...

Mas o garoto, sonhando com as aventuras ansiava por elas.

José Bento Ferraz decidira ficar por ali durante alguns dias e depois penetrar de uma vez no sertão. Esperava, norteado pelo mapa

— 14 —



que trouxera, dirigir-se para as zonas em que pensava encontrar ouro e pedras preciosas.

— 15 —

E tanto quanto o filho, sonhava com aventuras. Bento Ferraz sonhava com as descobertas.

Enquanto isto, sucediam-se os dias claros, as noites estreladas, numa monotonia exasperante para o moço paulista. E logo, na segunda-feira, levantando o acampamento, José Bento Ferraz, o filho e os negros escravos entraram pelo sertão.

A mataria cerrada opunha-se à entrada. Era como uma guarda avançada dos índios à invasão dos brancos. Os facões prendiam-se na galharia entrelaçada pelo cipó e ali ficavam, enquanto os pretos, num esforço que os fazia arquejar, forçavam a passagem. Prosseguiam na mesma marcha lenta, com o mesmo olhar cauteloso, o mesmo ouvido atento. Eram tantos os perigos, tantos!! O índio podia andar por perto. Era até de estranhar que ainda não houvessem topado com alguma daquelas caras!

— O bicho demora — dizia Bentinho — eu tanto queria ver um índio!

— Sossega menino, sossega, vai ver dúzias deles — dizia-lhe o pai.

Quando a noite chegava, a pequena tropa exausta parava, sem ânimo para a conversa. E os negros deitavam-se por ali, à beira do fogo, olhando o céu estrelado. Só Pai João,

— 16 —



Surge então a visão do “índio selvagem”, que é objeto de fantasias de lutas e aventuras e deve ser combatido pelo objetivo final de enriquecer.

A situação indígena no país era terrível e a perspectiva era de piora:

Segundo pesquisas do antropólogo Darcy Ribeiro, 55 povos desapareceram somente na primeira metade do século 20.

Na década de 1950, a população caiu para um número tão baixo que foi previsto que nenhum indígena sobreviveria até o ano de 1980. Estima-se que, em média, um povo se tornou extinto a cada ano entre 1900 e 1957.

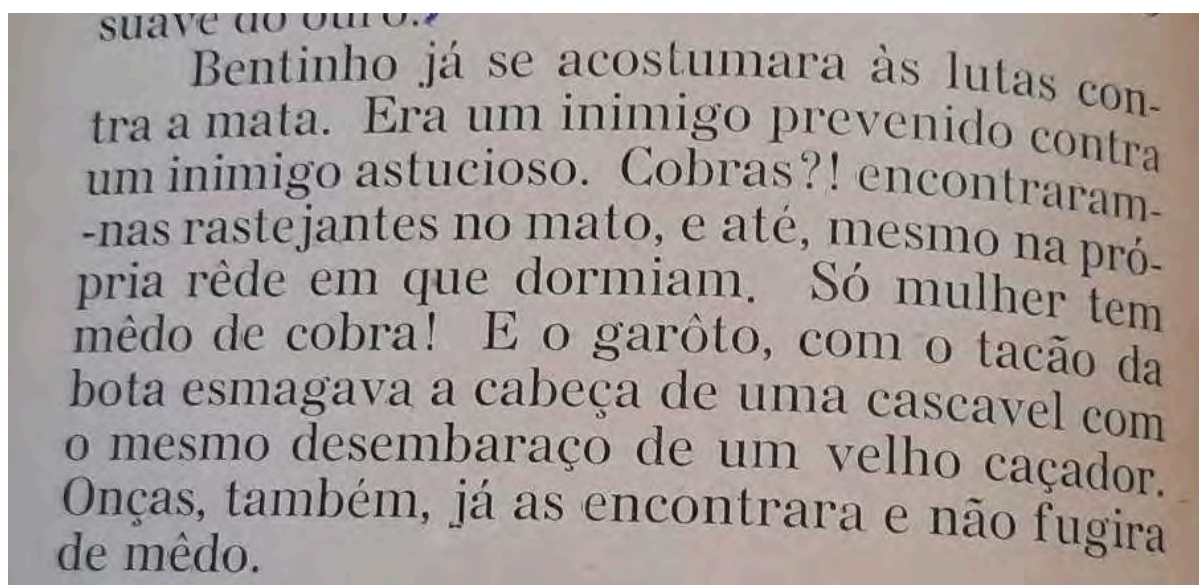
(Fundo Brasil)

Na época, o órgão regulador responsável era o Serviço de Proteção ao Índio, SPI:

Permanentemente carente de recursos, o órgão acabou por envolver de militares a trabalhadores rurais que não possuíam qualquer preparação ou interesse pela proteção aos índios. Suas atuações à frente dos Postos Indígenas de todo o país acabaram por gerar resultados diametralmente opostos a esta proposta. Casos de fome, doenças, depopulação e escravidão eram permanentemente denunciados. No início da década de 1960, sob acusações de genocídio, corrupção e ineficiência o SPI foi investigado por uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI).

(Povos Indígenas no Brasil, 2018)

As diferenças de tratamento e representação ficam cada vez mais gritantes.



— Nhô Bento, Nhô Bento — dizia um prêto, aproximando-se respeitoso. — Nhô Bento, “cruiz”!, há saci no mato ou assombração! E o negro persignava-se apressado. E’ o tihoso das matas que vai se vingar!...

O paulista ergueu-se súbitamente da rêde e, plantado, assim, no chão, era como um tronco de árvore, robusto e forte. Dêle emanava confiança e valor.

— Vocês fiquem por aí, de mosquete em punho, vigiando a mata.

— Atirar em saci? Credo!!

— Não é saci, gritou impaciente o moço paulista, enquanto preparava os cartuchos, e a faca do mato. E’ índio! Vou buscar Pai João e Bentinho. De que lado foram?

— Lá, bem do lado do maldito, respondeu-lhe o negro.

— Bem, fiquem atentos e se me ouvirem chamar, venham atrás de mim. Mas, cuidado com os índios. Vão-se escondendo entre as árvores e olhando bem, que índio é mais matreiro do que cobra.

Bento, com o coração aflito, entrou no mato, procurando o menino e o prêto velho. Aqui e ali cipós pisados, galhos partidos, indicavam a passagem dos índios. Deviam ser muitos, porque o mato estava bem pisado.

Pensou em chamar os dois desaparecidos, mas os índios ouvi-lo-iam também. Eram bem traçoeiros e êle fôra um tanto descuidado em abandonar assim o menino. Porém agora, de

A figura do indígena como inimigo vai se complexando, com o sequestro do menino Bentinho.



estalar de alegria. Um arco, flechas, aquêlê cocar vistoso, quantas aventuras! E já se imaginava na vila no meio dos amiguinhos, que muito a custo acreditariam no que êle lhes contaria. Seria preciso mostrar tudo o que levasse.

Mas logo caiu em si: voltar? quando? e o pai?

Era só não perder a confiança! O pai daria um jeito, êle era valente e forte. E assim, conduzido pelo chefe, Bentinho recebeu as homenagens dos índios da tribo que o aclamavam. Não estava entendendo nada, mas a tudo se prestava com coragem.

Queria mostrar o valor de um paulista.

Porém, não deixava de se admirar. E tinha razão.

Até então, o que ouvira contar a respeito dos índios, pelos bandeirantes, era de sua ferocidade, de seu espírito de desconfiança em relação ao branco. Sabia de bandeiras que haviam sido dizimadas pelos índios.

Só mais tarde veio a saber, aquela tribo tinha uma lenda. Os mais velhos índios contavam que já haviam ouvido de seus avós o seguinte:

— Haveria um dia de surgir, no meio da taba, um menino de pele alva como a flor da

beira do rio, menino de olhar altivo. Esse menino levaria os guerreiros do lugar de triunfo em triunfo contra as tribos inimigas.

E, agora, estava ali o menino enviado pelo Deus que protege a guerra!

Os guerreiros viam nêle um grande futuro cheio de glórias e de riquezas!

## V

Assim, começou uma nova vida para Bentinho, o filho do bandeirante. Caiumi, o cacique, adotou o menino e deu-lhe um nome.

Teve também a sua rêde na taba do chefe, que era casado com a neta do Pagê. Tinham uma filha de oito anos.

Logo a menina tomou amizade pelo paulista tornando-se ambos companheiros inseparáveis. Prontos para tôdas as reações, para os banhos no rio, para a pesca, eram vistos sempre juntos, ora trepados nas árvores ora deslizando na canoa.

A taba estava situada em belíssima região, num amplo terreiro cercado de árvores, tendo à frente um rio que corria por entre as pedras. Logo além, a floresta dava-lhes caça, belas penas, e a lenha necessária.

A vida dos índios era simples, dividida entre a caça, a pesca e a dança. Porém, de vez em quando essa placidez era interrompida pelo ataque de uma tribo vizinha, que dispu-

nha de maior número de guerreiros. Mas a glória da vitória sempre lhes cabia, pelo que vivia a tribo em constantes sobressaltos e o jovem cacique humilhado.

Agora, pensava êle, tudo mudará, pois, o deus branco estava entre os seus dando mais vigor aos braços dos guerreiros e mais ânimo aos fracos. E, embora, menos numerosos venceriam.

Para a vitória da próxima luta, já preparavam flechas, arcos, tacapes e cauim para a festa.

Enquanto esperavam algum ataque da tribo inimiga, indiferente a todo movimento guerreiro, Kumi, embora saudoso do pai, aprendia rapidamente, os costumes indígenas. Já se fazia entender, já aprendera a retesar o arco e a disparar a flecha.

Em poucos meses o contacto com a selva, com a vida simples e os bandos no rio conseguiu grande desenvolvimento e, do garôto magrinho já nada mais restava. Estava com a pele queimada pelo sol e crescera muito.

Bentinho, o Kumi, era agora um filho das matas e gostava daquela vida livre.

Porém, muitas vêzes, pensando no pai, nos primos, distanciava-se da tribo, e, solitário, ia chorar suas saudades sob uma árvore frondosa, na entrada da floresta.



Depois de anos e já crescido, Bentinho vai em busca do pai e daqueles que tinha antes:

nho da Vila de Piratininga. Por muitos dias andaram atravessando rios, vencendo as feras, a aspereza do solo, o calor inclemente. Havia sempre, porém, na hora do cansaço, a esperança a reanimar, a apontar um fim alegre, feliz. Apertaria em breve no coração o pai, talvez já desesperançado de rever o filho.

Quando a noite estrelada chegava, Kumi se lembrava do pai, do velho negro, da bandeira, quando cheia de esperança partira em busca de ouro. Lembrava-se dos parentes, de como haviam criticado sua partida para o sertão.

Mas, apesar da saudade, fôra feliz, aprendera a conhecer o índio, a dar-lhe o valor que ele merecia.

Quando voltasse à vila havia de combater a escravidão do selvagem. Haveria de defender a sua liberdade. Ele era o senhor das selvas, ele era o senhor livre daquele país, daquelas serras. Com que direito escravizá-lo? E com estes pensamentos, sempre para a frente, sempre vencendo obstáculos, Bentinho atravessava a mata, rumo à Piratininga.

Certo dia, era um sábado, o pequeno grupo se preparava para o pouso e descanso do domingo. Enquanto os índios pescavam, Bentinho foi-se banhar no rio, de águas claras e

frescas. Depois, deitado na areia branca da margem, pensava em seu pai.

— Kumi, disse um índio aproximando-se, nestas águas há o metal amarelo que o branco tanto aprecia. E, estendendo as mãos, apresentou-lhe um punhado de pepitas graúdas, que brilhavam ao sol. Bentinho levantou-se rápido.

— Onde encontraste o metal?

— Ali, onde o rio entra na areia forma uma bacia e os grãos amarelos estão espalhados no chão.

Kumi encaminhou-se para o lugar que o índio apontara e lá estava o ouro tentador.

Estava rico — voltava ao lar rico, como jamais o sonhara ser. Poderia dar conforto ao pai, aos parentes. E, quanto conforto poderia dar aos índios quando voltasse!

Recolheu o mais que pôde, enchendo com elas o saco de peles que trazia.

Marcou com um amontoado de pedras o local da mina e com a tinta de uma planta traçou no couro um mapa do lugar. E na segunda-feira, foi com alegria e mais ânimo que continuou seu caminho através do sertão.

Aos poucos ia reconhecendo os sítios por onde passava. Um dia, chegou às margens do Tietê e ali teve que parar indeciso, sem saber

Embora o discurso de Bentinho seja o de “reconhecer o valor do índio”, ainda o chama de selvagem. Depois do reencontro, Bentinho tem planos de voltar para a aldeia onde cresceu.

Muitas vezes, Bentinho teve que repetir sua história. Ele era um herói!

Mas, depois de alguns dias a vila voltou à vida de sempre, tranqüila, pacata. Os dias se sucediam suaves, amenos. Bentinho, voltara à vida civilizada, à conversa com os parentes, aos passeios, mas não se esquecera dos selvagens seus amigos.

Mandara os guerreiros com presentes para a tribo, e com a notícia de que tornaria à taba.

Alguns amigos e parentes, também, tentados pelo ouro, queriam acompanhá-los. Então, nova bandeira, foi organizada. Nela, iam dois jesuítas para a catequese dos índios.

a bondade e carinho com que fôra tratado pelos índios.

Dias passavam, assim na luta. E chegaram à taba.

Caiumi, ao saber da vinda de seu amigo, foi esperá-lo à entrada da floresta. Abraçou-o comovidamente.

— Kumi, demorastes. Já sentia no peito a dor de tua ausência.

Malunga espera-te. Poderemos celebrar a festa do casamento. Há carne e cauim.

E assim foi.

Kumi casou-se com a filha de Caiumi, a linda Malunga.

Os bandeirantes começaram a abrir campos de plantações, a construir suas cabanas. Os jesuítas que acompanharam a bandeira catequizavam os índios, ensinando-os a lavrar, a fabricar instrumentos de lavoura, a melhorar a alimentação. Plantações surgiram, campos de milho, de feijão, de arroz.

Bento Ferraz se desdobrava na lida com os índios, era um verdadeiro apóstolo na catequese dos selvagens. A taba se transformara numa pequena vila, onde os índios e os brancos viviam numa perfeita união de amizade e auxílio mútuo.

Bentinho era feliz. Sua aventura se transformara numa realidade cheia de amor e compreensão!

— 62 —

No livro (que teve reedições até 1986) o final da história é com os indígenas perdendo seus costumes, sua religião e sua essência em nome da “civilização”, com os brancos, e bandeirantes nesse caso, sendo literalmente seus salvadores. Mesmo em um livro que aparentemente defende os interesses indígenas, a suposta paz só foi atingida pela interferência de Bentinho na vida dos deles, a união só foi possível pela mudança cultural dos indígenas e pela concessão de suas terras. Não a única história onde isto acontece.

No livro *Corumi, o menino selvagem*, de 1956 do escritor e jornalista Jerônimo Monteiro, que de fato ficou 5 meses na Amazônia para a escrita do livro, há mistura relatos reais e ficção científica, e podemos observar mais um pouco da visão do indígena como inimigo:



## UMA HISTÓRIA VERDADEIRA

O homem de cara vermelha, queimado pelo sol, de olhar um pouco triste, resolveu-se, afinal, a contar a sua história. Ele já a contara a outras pessoas, mas parece que não lhe haviam dado crédito. Algumas até o haviam acusado de mentiroso e por isso ele perdera o desejo de repetir os episódios que, no entanto, seriam dignos mesmo de um livro.

— A minha viagem pelo rio Xingu — começou ele — foi inesperada. Desde mocinho eu sonhara com uma viagem assim. A Amazônia, com seus rios, suas selvas úmidas, suas inundações gigantescas, sempre exercera sobre mim poderoso fascínio. Em verdade, “a Amazônia é a raiz do mistério!”

Uma coisa que sempre me chamara a atenção era esta: os escritores de aventuras continuam a procurar na África cenários e motivos para suas histórias. “A África — pensava eu — não encerra mais mistério algum. Aquilo tudo deve ser hoje um cenário cinematográfico, armado e preparado como os Alpes de Tartarin de Taraseon. Industriais da aventura devem estar aproveitando o prestígio do continente negro para enriquecer.” E creio, em verdade, que não estamos muito longe disso. Eis porque sempre pensei que os escritores do gênero precisam, com urgência, descobrir a Amazônia.

Por isso, quando me surgiu a oportunidade de ir à Amazônia, de viajar pelo Xingu, entrar em contacto com os índios que habitam suas margens, com os seringueiros que exploram suas matas — senti grande emoção. Era o velho sonho que se tornava realidade.

Os índios caiapós estavam atacando e matando seringueiros. Telegramas aflitos vinham de Altamira, de Belém, de Pôrto de Moz, clamando por justiça. Meu jornal queria uma ampla reportagem do que se passava e lá fui eu. Durante cinco meses subi e desci

No início do século XX, houve uma crise no ciclo da borracha no Brasil e existiam os embates entre os seringueiros e os indígenas que tinham suas casas invadidas. Na época, houve cobertura na mídia, como traz Ana Cláudia de Souza Garcia:

O artigo também evidencia um desprezo em relação à figura do indígena, que, segundo o autor do texto, não tem a importância e a relevância do seringueiro para a nação, já que, conforme ele relata, o índio não foi “*um contribuinte para o progresso do Brasil*” (Jornal O Juruá, de Nº. 96, de 10.08.1958).

(Garcia, 2021)



Esse sertão é um perigo, Seu Rodolfo. Tem morrido gente aí como mosquito. Os caiapós não dão sossêgo. Cuidado com eles!

— Vim justamente para ver isso, Seu Anfrísio. Quero que todo o Brasil saiba o que se passa aqui. Quero contar a verdade. Quero contar como vivem os seringueiros; porque os índios atacam tanto e porque houve tão grande queda na produção de borracha.

— Pois é por causa dos índios — explicou Seu Meireles. — Eles não deixam os seringueiros trabalhar. Vivem de tocaia na mata e em torno das barracas. Os seringueiros têm de estar de olho, constantemente e já não podem trabalhar sôzinhos. Enquanto um corta seringa, outro fica vigiando, de arma pronta. E tem que ficar também um “barraqueiro” tomando conta da casa... Mesmo assim, os índios atacam e matam dezenas, todos os anos. É natural que a produção caia e a borracha fique mais cara.

— Vou ver isso de perto, Seu Meireles. E vou contar tudo direitinho.

Ao almoço, fiz perguntas:

— Nunca foi atacado pelos índios, Pernambuco?

— Poucas vezes — respondeu êle rindo seu largo sorriso. — Os caiapós não querem nada por êstes lados. Isto é terra dos açurinis.

“Terra dos açurinis” esclarecia tudo. Os açurinis são terríveis inimigos dos caiapós. São muito valentes, mas não salteadores, como os outros. Eles ficam quietos em suas terras, que ocupam à margem direita do Xingu, mais ou menos desde São Félix, acima do Rio Fresco, até perto de Altamira. Seus costumes não se conhecem bem, porque eles não toleram nenhuma intromissão em suas terras. Sabe-se que pertencem ao grupo Tupi, ao passo que os caiapós pertencem ao grupo Gê. Os açurinis são bons artistas. Fabricam cerâmica, ornamentam seus objetos de uso e suas armas com bom gosto artístico. Tecem rêdes e dormem nelas. Os caiapós, ao contrário, são rudes, não tecem rêdes, dormem no chão, não fazem nada de cerâmica e seus objetos de uso são muito rústicos. Mas os açurinis não toleram de modo algum a visita de brancos às suas terras. Matam-nos impiedosamente e têm êste estranho costume: não pegam em coisa alguma que pertença ao branco, tudo o que é dêle fica no chão com o cadáver. Também, a arma açurini que matou o branco fica largada no chão ao lado do morto, como se fôsse maldita. Não querem nada com os brancos. São tão valentes que nem mesmo os caiapós (que dizimaram totalmente os chipaias, curuaias e outras tribos da região) podem com eles. Nas vezes em que os combateram, foram totalmente derrotados e nunca mais, desde muitos anos, tentaram se aproximar dêles.

— É pena que os caiapós resolvessem desistir de atacar os açurinis — disse Coriolano rindo. — Se continuassem, a esta hora essa praga não existia mais!

— Vocês, do S.P.I. — disse, exaltado — só sabem falar! Mas eu, que sou seringueiro, que vivo aqui é que sei como lidar com esses renegados. Aqui é assim: “índio, primeiro a gente mata e depois pergunta o que ele quer” (\*). E comigo é assim. Bala nêles!

— Pois fique sabendo, Coriolano, que matar um índio é cometer assassinio e eu sou a lei, aqui! Além disso, tenho prática dessas coisas. Deixe-me falar com eles e lhe garanto que não haverá necessidade de atirar.

— Pois que não venham pro meu lado, que levam chumbo!

— Não creio que isso seja o melhor, Coriolano — disse eu.

— Você é jornalista, não se meta. Quando começar o barulho, fique de lado. Depois, invente as suas histórias pro jornal.

— Fiquem quietos. Abriguem-se atrás dos troncos — disse Cícero. — Vem alguém aí...

Abrigamo-nos depressa atrás de grossas árvores e eu ouvi discreto ruído de galhos. E em seguida, êle apareceu.

Não era, porém, um enorme selvagem tatuado, de aspecto horroroso, mas sim um garoto de 12 ou 13 anos. Estava inteiramente nu, trazia um arco pequeno e um punhado de flechas e, a tiracolo, uma bolsa de palha, muito bem tecida. A sua pele estava queimada do sol e os cabelos, também queimados, tinham côr do cobre, mas era, evidentemente, branco. Sua fisionomia ativa expri-

(\*) “Índio, primeiro a gente mata e depois pergunta o que ele quer” — frase axiomática entre os seringueiros do Xingu, tanto têm sido atormentados pelos caiapós. Todos a repetem e agem de acôrdo com ela. O estado de guerra entre seringueiros e caiapós é, por isso, permanente em tôda aquela extensa região. (N. do A.)

Na história, novamente temos uma criança branca criada por indígenas sendo o herói. A SPI é citada e vale realçar a nota do autor:

“Índio, primeiro a gente mata e depois pergunta o que ele quer” - frase axiomática entre seringueiros o Xingu, tanto têm sido atormentados pelos caiapós. Todos a repetem e agem de acôrdo com ela. O estado de guerra entre seringueiros e caiapós é, por isso, permanente em tôda aquela extensa região.<sup>5</sup>

(Monteiro, 1956)

<sup>5</sup> Foi optado por manter a ortografia original de trechos e citações.



— Não atirei porque eles atiraram primeiro. Só por isso. — Esbravejou Coriolano. — Mas ainda acabo com esses renegados, um por um!

— Coriolano, homem mau. Corumi não gosta homem mau.

— Coriolano não é mau, Corumi. Os índios é que estão sempre assaltando os seringais, matando as famílias dos seringueiros...

— Seringueiros sempre matando índios. Seringueiros homens maus. Cícero homem bom. Rodolfo homem bom. Coriolano homem mau. Corumi não gosta.

Coriolano estava furioso. A dor do braço atormentava-o e aquele diabo de garôto ainda o provocava. Estava quase explodindo.

— Vá para o inferno! — berrou. — Eu ainda gosto menos de você. Suma da minha frente antes que lhe rache a cabeça! Suma, diabo!

Coriolano, o seringueiro, fica ferido e após Corumi tentar defender o povo caiapó, é ameaçado e chamado de “diabo”.

nham com suas flechas armadas nos arcos, outros de lança em riste e outros com as pesadas bordunas erguidas. Instintivamente, juntamo-nos de costas uns para os outros, enfrentando os índios de peito.

— Coragem! — murmurou Cícero.

Era o momento cruciante. Ou eles nos liquidariam ali mesmo em menos de um minuto... ou nos deixariam viver.

Os aqurinis são feios. Menos altos que os caiapós, menos bronzeados, traços da fisionomia mais firmes. Usam braçaletes nos braços e nas coxas e uma espécie de cinta tecida de várias cores, em torno da cabeça, apertando a testa. Pendente do pescoço, para as costas, usam uma grande pena de arara vermelha ou azul, na ponta da qual está pendurado um losango de palha tecida e dêste losango é que pende, então, um pequeno tufo de penas de várias cores.

O círculo em volta de nós tornou-se compacto e era horrível de ver aquelas fisionomias duras, impassíveis.

Um deles, que usava vistoso colar branco e que devia ser chefe, adiantou-se. Sua cara não era nada tranquilizadora. Seus pequenos olhos semicerrados lembravam os olhos das antas. Ao que parece, muitos índios falam português, ou pensam que o falam, e o melhor é que a gente os entende.

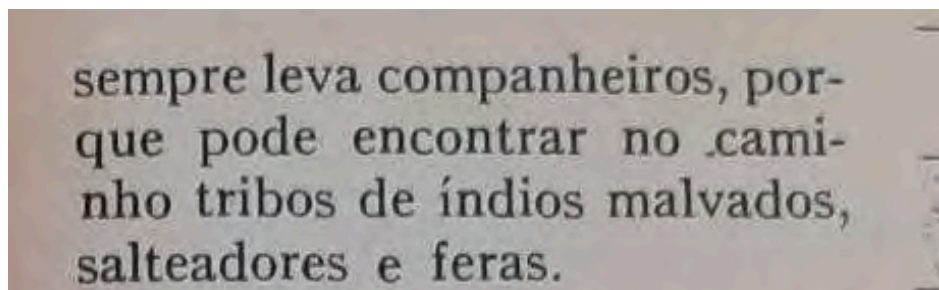
— Brancos ir embora depressa! — disse êle.

Entreolhamo-nos. Coriolano parecia prestes a saltar à garganta do arrogante Cocar Branco. Cícero, porém, que era agora nosso chefe e responsável, aconselhou-nos prudência com o olhar e com apreciável nobreza de gesto e de voz, falou:

— Viemos em paz. Deixamos lá atrás nossas armas porque nada tememos. Não queremos matar aqurinis como aqurinis fazem com nossos amigos. Viemos em paz.

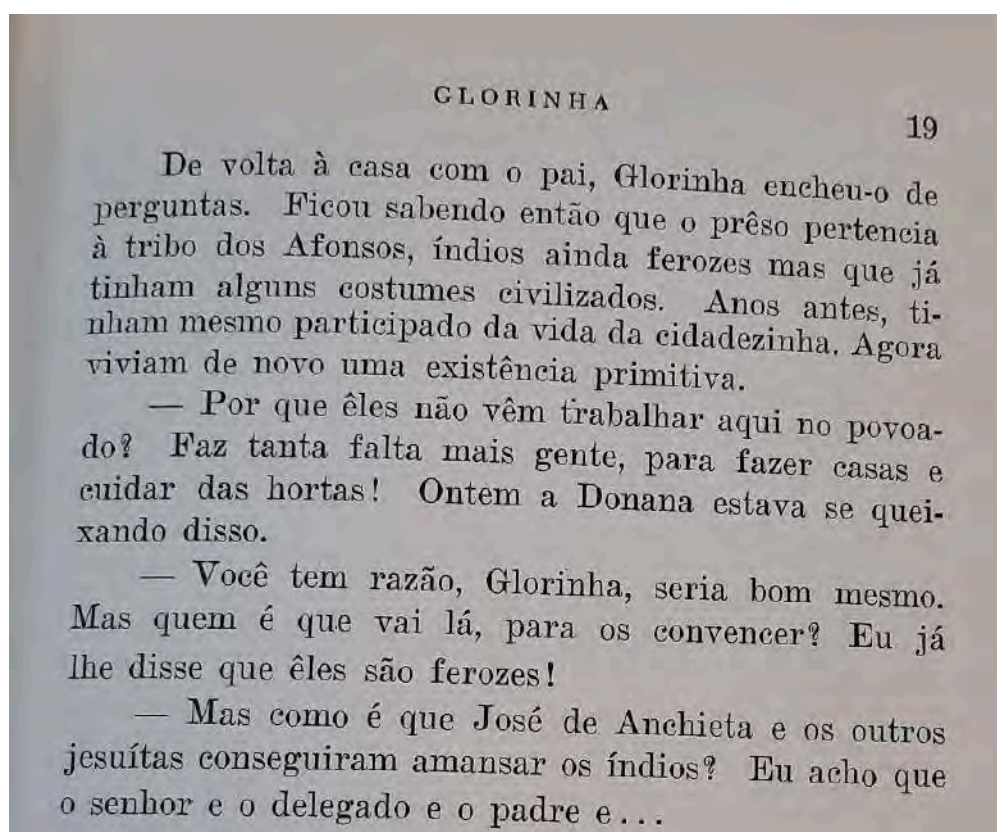
O autor faz uma descrição negativa do outro povo indígena que encontra, que antes tinha sido considerado mais civilizado, embora melhor em batalhas. São chamados de “feios” e seu chefe é comparado com uma anta e é tido como “arrogante”.

No livro *Gente e Bichos* (1956), de Erico Verissimo, temos outro excerto que corrobora com a visão pejorativa dos indígenas, como um grupo que deve ser combatido e temido.



sempre leva companheiros, porque pode encontrar no caminho tribos de índios malvados, salteadores e feras.

Em contraponto, outra visão passada, no livro *Glorinha* (1958) de Isa Silveira Leal, foi que além de que os indígenas haviam de ser “amansados”, era de que tinham “mentalidade primitiva” o que os fariam ser como “crianças grandes”.



GLORINHA

19

De volta à casa com o pai, Glorinha encheu-o de perguntas. Ficou sabendo então que o prêso pertencia à tribo dos Afonsos, índios ainda ferozes mas que já tinham alguns costumes civilizados. Anos antes, tinham mesmo participado da vida da cidadezinha. Agora viviam de novo uma existência primitiva.

— Por que eles não vêm trabalhar aqui no povoado? Faz tanta falta mais gente, para fazer casas e cuidar das hortas! Ontem a Donana estava se queixando disso.

— Você tem razão, Glorinha, seria bom mesmo. Mas quem é que vai lá, para os convencer? Eu já lhe disse que eles são ferozes!

— Mas como é que José de Anchieta e os outros jesuítas conseguiram amansar os índios? Eu acho que o senhor e o delegado e o padre e...



Sua intuição lhe dizia que tinha razão. Além do mais, o índio fôra prêso sem motivo, mais por um sentimento de medo. Ninguém poderia provar que êle tivera más intenções, de roubo, só por estar num quintal alheio. A mentalidade um pouco primitiva fazia daqueles semi-selvagens umas crianças grandes, muito cheias de curiosidade, o que aliás provava sua inteligência. Nas duas vezes em que o vira, Glorinha nunca tivera a impressão de nenhuma crueldade nos olhos daquele homem. Susto, curiosidade, pasmo infantil — era o que havia em seu olhar.

Já no livro *O Índiozinho Herói* (1959), de Oswaldo Storni, o protagonista dessa vez de fato era uma criança indígena, mas a história era de embate entre duas diferentes aldeias, uma pacífica e uma “selvagem”.

#### O MENINO ÍNDIO

A muitos quilômetros do local onde se achava o menino adormecido, vivia uma tribo de índios pacíficos entregue à sua faina diária de caça e pesca e à lavoura de mandioca, quando um dia foi atacada por outra tribo de índios ferozes que andava à procura de escravos.

A surpresa do ataque não permitiu sequer um movimento de defesa dos pobres habitantes da aldeia selvagem. Homens, mulheres e crianças foram todos aprisionados pelos agressores, índios da terrível tribo dos Xavantes.

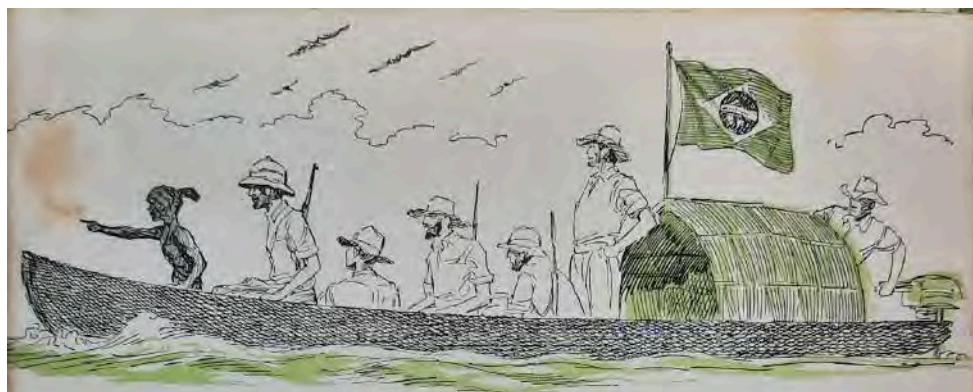
Sòmente o menino escapou de ser aprisionado, pois, no momento, estava caçando na floresta, longe da aldeia.

Chegou, porém, de volta a esta, ainda com tempo de ver seus pais, irmãos e parentes quando eram arrastados pelos assaltantes.

Ao final dessas duas histórias, existem de uma forma ou de outra, heróis brancos:

Não, o Dr. Moraes não repreenderia a menina. Ela fôra apenas imprudente, mas no fim de contas ela é que tivera razão, sempre. Sem outras armas além de sua doçura e coragem, ela é que havia triunfado. A expedição, que poderia ter derramado sangue, se transformara numa embaixada de paz.

*Glorinha* - 1958



Não foi fácil essa empresa, pois os raptos eram índios muito ferozes; só depois de longo e exaustivo trabalho é que os expedicionários conseguiram entrar em entendimento com eles e se aproximaram pacificamente, de conformidade com as regras de conduta que seguiam no trato com as populações selvagens.

#### NOVO CHEFE DA TRIBO LIBERTADA

“Filhote de Homem” não quis aceitar o oferecimento que oficialmente lhe foi feito pelo Governo para deixar as selvas e ir habitar na Capital do país, onde seria protegido e educado.

No seu modo de ver, achava que um índio nascido no sertão não deve abandoná-lo e sim ali viver e morrer.

Aceitou apenas presentes de armas, instrumentos de trabalho agrícola e outros bens diversos com os quais con-

38

*O Indiozinho Herói* - 1959

Infelizmente os povos indígenas não foram os únicos a enfrentar o racismo e serem colocados como selvagens nos livros infantis brasileiros na década de 50. Ainda no livro *Gente e Bichos* de Verissimo, temos os seguintes trechos:



Fernandinho olhou para os lados e viu em cima duma cadeira o seu Ursinho Ruivo. Era um bicho muito engraçado, feito de pano. Perto dêle estava um boneco prêto de louça. Era um negro de beiçola caída e dente arreganhado, parecido com teclado de piano. Fernandinho lhe tinha dado o nome de Chocolate.



Quando o Capitão Tormenta olhou para a cadeira, o Ursinho começou a dizer: *Din-dendlum! Dilim-plin-plommm!* Isto na língua do ursinho queria dizer: "Capitão Tormenta eu quero ir contigo!"

O negro Chocolate começou a sacudir os braços e a gritar:

— Bu-lu-ba-gum-gum!

Fernandinho sabia que aquilo em língua de africano queria dizer:

— Capitão Tormenta, eu sou valente, quero ir no teu avião.

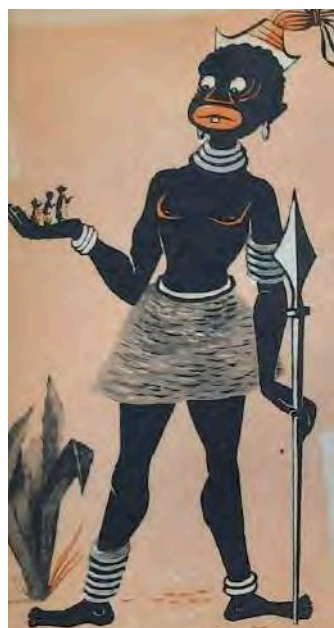
Fernandinho pegou o urso, o negro, a mala, o pote de geléia, a lata de biscoitos e o cacho de bananas, juntou tudo no chão e foi abrir a janela. Depois botou a lente que diminui as cousas bem na ponta da mesa e, junto com os dois companheiros e mais as comidas, ficou parado, quietinho, debaixo do vidro mágico.

E bem como tinha acontecido com o lápis que ficara do tamanho dum alfinete, Fernandinho foi ficando pequenino, pequenino, pequenino, até chegar à altura do dedinho da mão de papai. O urso, o negro, a lata de biscoitos, o pote de geléia e as bananas ficaram ainda menores do que eram.



O boneco, chamado Chocolate, ganha vida, mas assim como os outros personagens negros vistos até agora, é referido somente como “o negro”, tendo sua existência resumida a cor de sua pele, ao contrários de outros personagens que são chamados pelo nome.

Também, é feita a generalização, como se existisse somente uma língua que os povos africanos falassem: “Bu-lu-ba-gum-gum” e “língua de africano” podem ser vistas no excerto.



çaram e beijaram o avião. Entraram nele e saíram voando.

Desceram na África, mas foram muito sem sorte. Caíram bem no meio de uma aldeia de selvagens. Os selvagens pareciam gigantes perto dos exploradores. Cercaram os nossos três valentes e começaram a gritar. Nunca tinham visto gente tão pequeninha. O chefe — um negro com cara de macaco — botou os três aviadores na palma da mão e começou a olhar para eles. O filho do chefe brincava, muito contente, com o avião vermelho.

— Estamos perdidos! — disse o Capitão Tormenta.

Ficaram prisioneiros dentro dum porongo. O porongo era muito escuro. O capitão acendeu a lanterna. Num canto da prisão via-se uma enorme formiga que caminhava na direção deles... Fernandinho lembrou-se de que tinha lido num livro que certas formigas da África têm uma mordida venenosa... Carregou a espingarda com a rôlha, fêz pontaria e atirou. A formiga soltou um grito, rolou no chão e ficou dormindo.

No outro dia os selvagens fizeram uma festa. Tocaram os seus tambores. Os prisioneiros foram levados para o centro duma praça. Os africanos acenderam três fo-

gueirinhas do tamanho duma moeda de dois cruzeiros. Os exploradores compreenderam que iam ser queimados. O ursinho começou a chorar. O seu choro era uma musiquinha muito triste. Fernandinho olhou para os lados. Viu no canto da praça o avião vermelho, que estava fazendo sinais para ele. Fernandinho não compreendeu bem o que o avião dizia, mas ficou de olho aceso. De repente teve uma idéia e cochichou ao ouvido de Chocolate.

— Chocolate, fale africano com eles. Diga que nós somos filhos da lua.

Chocolate compreendeu o plano. Começou a falar africano. Dava pulos e gritava:

— Bálalão-gum-bamba-lum!

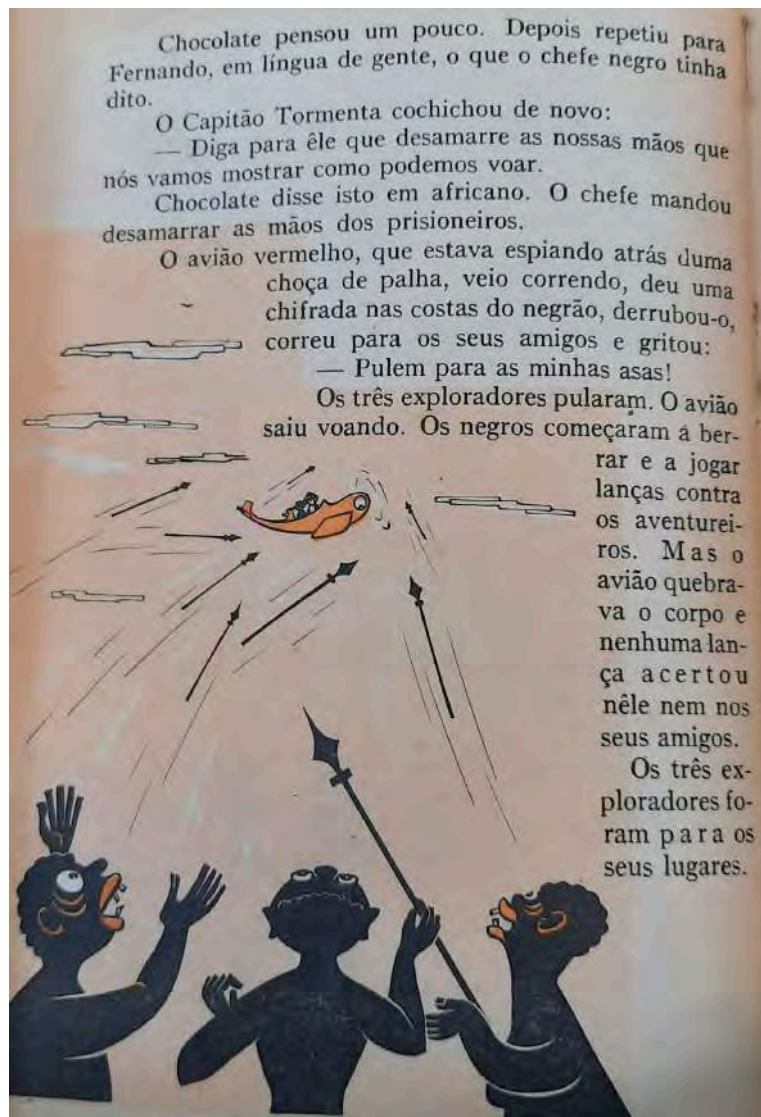
O chefe abaixou-se para ouvir melhor. E foi ficando muito assustado. Disse para Chocolate, também em africano:

— Se vocês vieram da lua é porque podem voar.



A seguir a situação se agrava: os personagens ao pousarem na “África” (até então países tinham sido listados separadamente, como China, Rússia e Índia), caem numa chamada “aldeia de selvagens”. É dito que o chefe da aldeia tem “cara de macaco”, que a aldeia pretende queimar os viajantes e Chocolate é colocado para falar “africano” com eles. A forma como os personagens são ilustrados, com as feições e características exageradas é outro ponto a se notar.





A língua do menino Fernando, é chamada de “língua de gente”. Ao final da história, os personagens exploradores atacam os moradores da aldeia para se livrarem do destino de serem queimados. Novamente temos uma visão muito negativa sendo apresentada de um grupo não branco. A última edição encontrada é de 1996.

Também em *Glorinha* (1958), vemos outros reflexos do racismo:

Como era boa a Guelé, pensou Glorinha. Passara o dia todo assim, agradando a Isabel, para que não sentisse tanto a falta do irmão inseparável. Que alma delicada a daquela preta, que, depois de ter criado o Dr. Moraes, ajudava agora a criar seus filhos, com a mesma paciência. Nem se lembrava mais que fôra arrancada com doze anos ao carinho de seus pais, para ser vendida, na Bahia, ao avô de Glorinha. O amor que não recebera dos pais, que não dera a nenhum filho, ficara todo guardado para o pai de Glorinha, e agora, para os filhos dêle. Sua vida podia resumir-se numa palavra — dedicação.

É descrito que a criada Guelé foi arrancada de sua família e vendida para a família dos personagens principais, e seu “amor” e “dedicação” para com eles é visto de forma louvável e romantizada, mesmo sendo citado parte de experiências que perdeu por conta do que foi feito com ela, como não ter tido o amor dos pais ou filhos próprios.

Outra face do racismo nos livros da época, é ter personagens negros como vilões, tendo sua aparência citada e sendo parte da história. No livro *Contos Maravilhosos do Brasil* (1958) de Theobaldo Miranda Santos, isso acontece duas vezes:

Mal o príncipe saiu, chegou à beira do rio uma negra muito feia, cega de um olho, a quem chamavam a Moura Torta. A negra abaixou-se para encher o pote no rio. Nisto, avistou o belo rosto da môça refletido no espelho das águas. Ficou admirada de tanta formosura. Julgando que era seu próprio rosto, exclamou:

— Ora essa! Uma môça tão bonita como eu, carregando água! Isto não pode ser! E atirou o pote nas pedras, reduzindo-o a cacos. Depois disso, afastou-se tôda orgulhosa, da beira do rio. Quando chegou em casa, disse à patroa que o pote havia escorregado de sua mão e caído no rio.

A patroa ficou aborrecida com a história, mas deu-lhe outro pote e mandou-a de volta ao rio. Quando a negra mergulhou o pote na água e viu novamente o rosto da môça, refletido no rio, ficou outra vez convencida da própria beleza. Atirou o pote para longe e voltou para casa, inchada de orgulho. A môça, ao ver a “pose” da Moura Torta, quase



— Ah! é você, minha pombinha? Que está fazendo aí nessa árvore? A môça contou que estava esperando o príncipe, seu noivo. Diante disso, a negra subiu até onde estava a princesa e começou a conversar com a mesma. Elogiou os lindos cabelos da môça e pediu licença para penteá-los. A princesa, sem nada desconfiar, atendeu ao seu pedido. Quando a Moura Torta, que era feiticeira, pôs a mão na cabeleira dourada da môça, aproveitou um momento de distração desta e enterrou na sua cabeça um alfinete mágico. Imediatamente a princesa se transformou numa pomba branca, que saiu voando pelo espaço.

A Moura Torta tomou então o lugar da jovem e ficou à espera do príncipe. Quando êste chegou, numa carruagem lindíssima, trazendo ricos vestidos para a noiva, ficou desapontado ao encontrar, em seu lugar, uma negra feia e caolha. A Moura Torta lhe disse que tinha ficado assim devido ao sol que queimara a sua pele e aos espinhos da árvore que haviam furado seu olho.

O príncipe ficou muito acabrunhado, mas, como havia dado sua palavra, levou a bruxa para o palácio. O rei quase morreu de desgosto quando conheceu sua futura nora, mas ficou calado para não aborrecer seu querido filho.

Começaram então os preparativos para o casamento. O príncipe enviou convites para todos os reis e príncipes dos países vizinhos. E a Moura Torta mandou fazer os mais belos vestidos e as mais ricas jóias. Mas quando os experimentava, ficava ainda mais feia e ridícula. Ninguém suportava a presença da horrível bruxa.

Aqui, temos a personagem Moura Torta, que amaldiçoa a princesa, engana o príncipe e é descrita como “uma negra muito feia, cega de um olho”. Tanto o príncipe quanto o rei são descritos como estando desapontados e desgostosos com ela. Também é dito que “ninguém suportava a presença da horrível bruxa.” Em nenhum momento é dado algum motivo que não sua aparência para tais sentimentos em relação à personagem.



outra margem. *Não-Se-Molha*, num instante, carregou o rapaz para o outro lado do rio.

Os dois companheiros seguiram juntos. Mais adiante, encontraram um homem cortando cipó para fazer um laço. — Que faz aí, homem? Como se chama você? — Meu nome é *Laça-Tudo*. Estou fazendo um laço para pegar uma boiada que está a dez léguas daqui. Nada escapa ao meu laço, seja o que fôr. — Você é dos nossos! Quer vir em nossa companhia? perguntou-lhe Manuel. — Com muito prazer! Não gosto de viajar sozinho. E lá seguiram os três companheiros, conversando alegremente.

Ao cair da tarde, encontraram uma casa abandonada, no meio da floresta, e resolveram parar aí para descansar. Combinaram então que um deles iria arranjar comida para os três. O escolhido foi *Não-Se-Molha*. No caminho, ele encontrou um moleque, preto como carvão, de olhos cor de brasa, com uma carapuça vermelha na cabeça. O moleque pediu-lhe fogo para o cachimbo. *Não-Se-Molha* não quis dar e o moleque, para se vingar, meteu-lhe o cachimbo na cabeça com tanta força que o homem caiu, desmaiado, no chão.

Quando acordou, *Não-Se-Molha* não viu mais o moleque. Dirigiu-se então correndo para a casa, onde contou aos companheiros o que lhe havia acontecido. *Laça-Tudo* riu-se muito da fraqueza do outro, dizendo: — Você é um maricas! Não agüenta brigar com um molecote. Amanhã, quem vai sou eu. Hei de dar uma lição nesse pretinho atrevido. No dia seguinte, *Laça-Tudo* foi buscar a comida. Já tinha andado um bom pedaço, quando lhe surgiu pela frente o moleque da carapuça vermelha, que pediu fogo para o cachimbo. O rapaz não quis dar e a briga começou. No meio da luta,

o moleque deu com o cachimbo uma formidável pancada na cabeça do rapaz, pondo-o por terra, sem sentidos. Quando *Laça-Tudo* voltou a si, correu para casa e, muito envergonhado, contou o que lhe havia sucedido.

Manuel deu boas gargalhadas ao saber o que acontecera a *Laça-Tudo*, e disse que o moleque teria de ajustar contas com ele. No dia seguinte, saiu à procura do audacioso pretinho. Desconfiava que ele fosse o Diabo disfarçado. Já estava longe de casa, quando encontrou o moleque. Este pediu-lhe fogo de maneira atrevida. Manuel deu-lhe um empurrão que o fez cair de pernas para o ar. O moleque levantou-se furioso e avançou para o rapaz, empunhando o cachimbo. Travaram então uma luta medonha que durou mais de uma hora. Afinal, Manuel deu, com a bengala de ferro, uma pancada tão violenta na cabeça do moleque que este ficou tonto e a sua carapuça caiu no chão. Mais do que depressa, o rapaz a apanhou.

— Pelo amor de Deus, dê-me a minha carapuça! implorou o moleque de joelhos.

— Só darei a carapuça se me entregar as princesas que você tem em seu poder, respondeu Manuel.

— Não posso dar, porque não são minhas! disse o moleque.

— Vá para o inferno, negro amaldiçoado! exclamou o rapaz.

O moleque, que era mesmo o Diabo disfarçado, saiu correndo. Manuel saiu atrás dele. De repente, o negro entrou por um buraco aberto na terra, mas o rapaz o acompanhou. Chegaram a um palácio feito de ouro e pedras preciosas, onde havia muita gente trabalhando em enormes caldeiras fumegantes. Aí chegando o moleque pensou que o

Nesta outra história do mesmo livro, é apresentado um menino sem nome, que ao ter seu pedido de fogo para seu cachimbo negado, utiliza o objeto para bater nos outros personagens. É descrito como “preto como carvão, de olhos cor de brasa”. Podemos ler ao longo do trecho, frases como “Hei de dar uma lição nesse pretinho atrevido.” ou “Vá para o inferno, negro amaldiçoado!”. Ao final da história, é dito que o garoto “era mesmo o Diabo disfarçado”, agravando a narrativa pejorativa.

De forma similar, mas tendo um “arco de redenção”, temos outra história que coloca personagens negros como assustadores ou com comportamentos negativos: *A Pata da Onça* (1956) de Jannart Moutinho Ribeiro:



cantos longos, cantos curtos, uns claros e melodiosos, outros roucos e arranhados, alguns até engraçados. Belinha tinha um galo vermelho, muito bonito, muito imponente, de grandes cristas e longas barbas escarlates, que cantava bem curtinho, assim:

— Can — canham — ô!

Antonico e a prima brincavam o dia todo. E tantas coisas faziam, tantas, que elas já nem cabiam dentro do dia — sobravam e ficavam para ser emendadas no dia seguinte, sempre esperado com ansiedade.

Uma bela tarde, quando os dois brincavam no terreiro, apareceu o Ditão rachador de lenha, com o filho, o Dito, e Antonico ficou conhecendo o famoso Dito Gaioleiro.

Dito Gaioleiro era um pretinho muito prosa, muito preguiçoso e maior mentiroso, que vivia com um estilingue pendurado do pescoço, feito um colar. O apelido ficara-lhe da mania que tinha de viver fazendo gaiolas.

As gaiolas — e a passarinhada — enchiam o casebre onde morava com o pai. Havia gaiola de todo jeito e por todo canto, dentro e fora, penduradas pelas paredes e, também, pendendo, baloiçantes, dos galhos baixos dalguma goiabeira ou pitangueira do terreirinho. E eram azulões muito azuis, ou azulões pardos, ainda novos, curiós, bigodinhos, caboclinhos, coleirinhas, papa-capins, coleirinhas-do-brejo, patativas, pintassilgos estupendos, canarinhos cabecinha-de-fogo, pixoxós barulhentos, rolinhas delicadas, sabiás maravilhosos, viras, tico-ticos e até um belo tucano de peito amarelo, que lhe fôra a caçada máxima.

Mas, judiação, aquela passarada toda, afora o sofrimento da prisão, sofria, ainda, muitas vêzes, fome e sede, porque o Dito Gaioleiro era um pretinho triste de preguiçoso e não tratava dos coitados como devia tratar. E, quem, afinal, lembrava-se, era o Ditão, o pai. E o Ditão dizia sempre:

— Isso é judiação! E judiação é pecado! Um dia você vai pagar bem caro! Você vai ver só!

Mas o Dito Gaioleiro não fazia por mal — era a preguiça. Só para uma coisa não havia preguiça: era caçar passarinhos para botar em gaiolas novas. Nem era, propriamente, o prazer da caçada, nem o passarinho que interessavam tanto — era, sim, a feitura da gaiola.

6

— Vou fazer uma gaiola para você, bem bonita, disse êle a Antonico.

— Mas eu não tenho passarinho! retrucou o menino.

— Não faz mal. Eu faço a gaiola e quando ela estiver pronta nós vamos caçar um para você botar dentro dela, quer?

Antonico entusiasmou-se:

— Vamos caçar um?

— Vamos.

— Viva! Viva! Você também vai, não vai, Belinha?

Os olhinhos azuis do menino faiscavam e o rostinho encheu-se da vermelhidão do contentamento diante daquela inesperada novidade.

— Você também vai, não vai, Belinha? repetia êle à prima. — Vamos todos juntos, não é?

— Vamos! Vamos! dizia ela, encantada, batendo palmas, toda contaminada pelo entusiasmo do primo. — Deve ser ótimo, não?

— Se é! ria o Dito Gaioleiro.

E o pretinho, todo prosa, muito falador, muito inventador de coisas, passou a dar uma idéia de como era uma caçada de passarinhos: saiam todos muito cedo, com gaiolas, alcapões, chammas, merenda...

— Chammas!? estranhou Antonico sem saber o que aquilo era.

— Então! Sem chammas não se caça nada!

— E o que é isso?

— É a negaça, ora!

— Negaça!? estranhou o menino novamente.

O Dito explicou:

— Chama ou negaça é a mesma coisa, bôbo. É o passarinho que a gente leva na gaiola para chamar, para negacear aquêle que vive solto, entendeu?

— Entendi. E depois?

— Depois, continuou o pretinho, a gente pega e vai lá para os lados da mata e...

— Para a mata? perguntou Belinha, pesarosa.

— Então! Lá é que se pega dos bons.

— Xi! Acho que papai, então, não vai deixar.

— Por quê? interrogou Antonico com o entusiasmo meio arrefecido.

E Belinha explicou que o pai não deixaria porque era perigoso, que por aquelas bandas havia onça...

7

— Não! Jurar por Deus é pecado!

— Viu? virou-se ela, triunfante, para Antonico. — Viu? É mentira dôle? Saberete é o que êle é!

— Não! portava o Gaioleiro. — Não é mentira, não!

— Então, voltou Belinha, vamos lá no curral e você fala, agora, com a Prenda, está bem?

— Está! disse êle, resoluta. — Vamos, mas depois. Primeiro vamos mas é tratar da caçada.

— Isso mesmo! apoiou-o Antonico interessadíssimo. — Tratemos da caçada!

O Dito ajeitou o estilingue no pescoço:

— Nós vamos sem Nhô João saber.

— De que jeito? perguntou Belinha deixando de lado os conhecimentos lingüísticos do Gaioleiro.

— Eu vou fazer a gaiola, vou fazer duas, emendou êle, uma para você e outra para você, disse dirigindo-se a um e a outra. — Quando ficarem prontas eu venho avisar e digo como vai ser a caçada. Está bem?

Belinha, que estava matutando, acabou por dizer:

— Mas há outra coisa.

— O quê? perguntaram os dois meninos.

— E se a gente encontrar lá pelo mato o Nêgo Véio?

O pretinho, com aquela referência ao Nêgo Véio, perdeu todo o espreitamento que até ali vinha mostrando e nada falou, meio assustado.

— O Nêgo Véio? interpelou Antonico, curioso.

— Sim, o Nêgo Véio mesmo!

E a menina pôs-se a explicar ao primo que o Nêgo Véio era um preto muito velho, diziam que dos tempos da escravidão, que vivia sozinho numa casinha de sapé, perdida no mato. Os filhos dos camaradas da fazenda contavam que êle era feiticeiro, que falava com os bichos, com as árvores e as pedras, que fazia mágicas, que andava de noite pelo mataréu tão bem como se fôsse de dia — uma porção de coisas, enfim.

— O Nêgo Véio vive mas é por outras bandas, manifestou-se o Dito, meio sem convicção. E acrescentou: — Prefiro topar dez onças juntas do que um Nêgo Véio só!



— Acho que já é meio tarde e o melhor é a gente voltar, ponderou a menina.

— É mesmo, concordou o primo. — E querem saber duma coisa? Estou ficando com uma fome danada!

— Eu também, disse o Dito.

— Então vamos comer e depois vamo-nos daqui, propôs Belinha.

A menina tirou da cestinha que levava os bolinhos feitos pela Mariana cozinheira e, ali mesmo, sentaram-se e puseram-se a comê-los, depois de repartidos entre si. E já estavam quase no fim, quando começaram a ouvir um barulhinho no mato.

— Que barulhinho será êsse? perguntou Antonico ao Gaioleiro. — Ouça!

O Dito apurou o ouvido.

— Não sei, não! disse, finalmente.

— Está cada vez mais perto! avisou a menina levantando-se, res-sabiada.

— Será algum bicho? tornou Antonico pondo-se de pé também.

Nem bem acabara de falar, quando surgiu detrás dum pé de fôlhas largas um prêto muito prêto e muito velho, de barbas brancas, de chapéu de palha e de pito na boca. Na mão, trazia um porretinho fino, brilhante, como envernizado — mas não era, não: era pelos muitos anos de uso.

— O Nêgo Véio! exclamou o Dito, amedrontado.

O prêto descobriu-se, deixando ver a carapinha branca como neve.

— Bom dia, sinhôzinhos, cumprimentou êle.

A voz era grossa, mas mansinha, mansinha.

Os três, surpresos, haviam perdido a língua por uns momentos. Afinal, retribuíram o cumprimento:

— Bom dia.

— Quê que os sinhôzinhos fazem por estas bandas, com um calorão dêstes?

— Caçando passarinhos, respondeu Belinha, meio receosa.

— Eh! Eh! fez o prêto. — Caçando passarinhos? Chê! isso é mal feito! Nosso Senhor Jesus Cristo não gosta, fica triste com criança

pre desconfiado, sentou-se no chão mesmo, bem perto da porta. Caso precisasse fugir...

Não demorou muito, o prêto velho voltou com uma mancheia de frutinhas vermelhas, redondas como bolas de vidro e as distribuiu aos meninos. O Dito, que sempre andava pelo mato, virava-o e revirava-o, nunca as vira...

— Hum! Que gostosa que é! fez Belinha saboreando uma.

— Um mel! exclamou Antonico já na segunda.

O Gaioleiro provou, gostou e pôs três duma vez na boca.

O prêto velho sentou-se no jirau, rindo:

— Eh! Eh! Eh! Isso é frutinha que só Nêgo Véio conhece! Boa que só vendo!

De repente, os três começaram a sentir uma zoadá no ouvido, um *fiuuuun* muito fininho, que foi aumentando, aumentando e parecia que o Nêgo Véio, as pedras do fogão, o caldeirão, as paredes, tudo, ia ficando longe, cada vez mais longe, até que desapareceram por completo e êles se encontravam no meio da grande mata virgem. Então...

— Nossa Senhora! exclamou Belinha agarrando-se ao primo. — Olhem!

Um bando de macacos, da altura dêles, vinha aproximando-se. Os três, medrosos, achegaram-se uns aos outros.

— Que grandes! admirou-se o Dito, que dera de tremer.

A macacada foi chegando, chegando, rodeando-os, apertando-os. As crianças, cheias de medo, nem piscavam. Em que iria dar aquilo?

Nisto, um dos macacos, muito antipático, que era um pouco maior que os demais, falou:

— Vamos! e apontou mata a dentro.

Os meninos por pouco não morreram de susto, quando viram aquêle macaco falando como gente. Seria sonho?

— Vamos! repetiu, impaciente, o símio, sempre apontando o interior da mataria.

O Dito, sempre a tremer, mal podendo falar, com os lábios desgo-vernados, gaguejou:

— A... acho b... bom a gente... a gente ir, se... senão é capaz de... de ser... ser pior!



— Coitado do Dito! lembrou-se Antonico, arfando de cansaço. — E agora? Que faremos para voltar para casa?

— Não sei, respondeu a menina. — Vamos esperar que a chuva passe e iremos com o tucano que ia com a gente. Ele deve estar aqui por perto.

E puseram-se a esperar que a chuva cessasse, bem encolhidinhos dentro do ôco.

A chuva, no entanto, aumentava cada vez mais, acompanhada de grandes trovões que rolavam assustadoramente, e eles acabaram ficando com medo de que não passasse logo, como esperavam. E o tempo foi passando, passando, e foi escurecendo, escurecendo, até que ficou noite, uma noite escuríssima. E o Dito? Que seria do Dito?

Aos poucos, a chuva foi amainando. Grandes vaga-lumes, então, de quando em quando, passavam pela entrada do ôco e a luzinha que deles saía era a única luminosidade que existia por ali. Em cima, na árvore, uma coruja, de tempo em tempo, fazia:

— Uuuuuh! Uuuuuh!

E os dois se achegavam bem pertinho um do outro, ambos a tremer, cheios de medo.

De repente, bem de longe, ouviram: *Pum! Pum! Pum!* Seria tiro de revólver? Outra vez: *Pum! Pum!* Eram tiros, sim, mas os meninos não conseguiam localizá-los. Onde viriam? *Pum!* Parecia mais perto ainda.

— Será papai? perguntou Belinha com as forças renovadas.

— Deve ser! exclamou Antonico com alma nova.

*Pum! Pum!*

— Cada vez mais perto, Belinha.

*Pum!*

Desta vez o *pum!* veio seguido dum:

— Beeliinhaaa! Toooniicooo!

— Aquii! berraram os dois ao mesmo tempo, com quantas forças arranjaram.

E aos poucos, foi clareando, clareando, e os primos viram muitos homens que vinham com tochas acesas, e foi aparecendo, a princípio muito embaçado, depois mais nitidamente, o Nêgo Véio sentado no jirau, as pedras que faziam de fogão, o caldeirão, as paredes, tudo, tudo.

Antonico e Belinha achavam-se sentados nos banquinhos, o Dito parecia cochilar, sentado perto da porta e, lá fora, forte e lindo, brilhava o sol.

Os três, meio sonolentos, voltavam, por artes do preto velho, dum mundo diferente e nem sabiam o que dizer, de tão confusos. Foi o Dito que falou primeiro, assustado:

— Vou soltar todos os meus passarinhos! Nunca mais quero caçar, nem prender passarinho nenhum! Que Deus me ajude!

— Eh! Eh! Eh! fez o Nêgo Véio levantando-se. — Assim, sim! Aposto que Nosso Senhor Jesus Cristo está alegre, alegre! Criação foi feita para viver solta, não é mesmo, Dito?

O Dito, ainda meio com sono, confirmou com um balanceado da cabeça. Pássaros presos, nunca mais! Gaiolas, então, nem é bom falar!

O Nêgo Véio acompanhou-os até perto do ribeirãozinho da fazenda e voltou, porque não gostava de ver muita gente, principalmente gente grande...

Naquele mesmo dia, os dois primos e o Dito soltaram toda a passarinhada. Foi uma alegre revoadada. Cantando, cruzaram o pasto, num bando enorme, e sumiram pela mata a dentro, para juntar-se com os irmãos livres, livres como estavam todos agora.

O pessoal da fazenda perguntava, surpreso, o que aquilo significava, e os três, rindo, diziam que o Nêgo Véio, com quem se haviam encontrado, lhes contara uma história muito comprida sobre passarinhos presos, e, então, resolveram soltar a todos eles e estavam muito satisfeitos.

A noite, comendo pipocas, os três fizeram uma grande fogueira, muito festiva, de toda a gaiolada sem fim do Dito, do Dito... Engaiolado.

O estilingue, que o pretinho sempre trazia pendurado ao pescoço, teve o mesmo destino das gaiolas: foi para o fogo. E um cheirinho de borracha queimada, por um instante, encheu o ar daquela tão gostosa noite estrelada, estrelada.

Temos dois personagens negros nesse livro, o Dito Gaioleiro, filho de um dos prestadores de serviço do sítio onde a história se passa, e o Nêgo Véio.

Dito é descrito como “pretinho muito prosa, muito preguiçoso e maior mentiroso”. Tem o hábito de fazer gaiolas e prender passarinhos, o que se torna parte principal da trama quando os 3 personagens principais encontram o temido Nêgo Véio durante um passeio.

Nêgo Véio é descrito como um “preto muito velho” e “feiticeiro”. Dito chega a falar que prefere “topar dez onças juntas do que um Nêgo Véio só”.

No meio da história, ao de fato encontrarem o senhor, este aparente os droga e as três crianças vivem uma experiência coletiva onde a Rainha Onça conduz um julgamento a respeito das ações de Dito Gaioleiro sobre os passarinhos que matou ou prendeu.

No fim da história, quando as crianças acordam, Dito se arrepende, solta todos os passarinhos e queima as gaiolas e seu estilingue.

Como podemos ver, apesar de ambos personagens acabarem em boas graças na história, suas descrições e arcos gerais passam a ideia de que são dignos de desconfiança e receio.

Outro fator é a religião, especificamente a católica, posta sob a óptica de ditar o que é certo ou errado e como guia de caráter e comportamentos. Temos Nêgo Véio falando as frases: “Caçando passarinhos? Ché! isso é mal feito! Nosso Senhor Jesus Cristo não gosta, fica triste com criança...” e quando as crianças voltam do sono causado pelas

frutas que o senhor as deu e decidem soltar os passarinhos, ele diz: “Assim, sim! Aposto que o Nosso Senhor Jesus Cristo está alegre, alegre!”.

O Brasil é Estado Laico desde 1891, sendo o exato texto nas Constituições até a de 1946: “é vedado aos Estados, como à União, estabelecer, subvencionar, ou embaraçar o exercício de cultos religiosos”.

Segundo o censo de 1950<sup>6</sup>, 93,5% dos brasileiros eram católicos; 3,4% eram protestantes e 1,6% eram espíritas. As demais categorias presentes no censo eram: Ortodoxos, Israelitas, Outras religiões e Sem religião/sem declaração de religião.

Vemos então que existia uma hegemonia católica no Brasil da época. Observa-se, com os seguintes excertos, que a laicidade do estado ficou apenas na Constituição:

“Hoje é o dia de Santa Cruz. Dia em que Brasília, ontem apenas uma esperança e hoje entre todas a mais nova das filhas do Brasil, começa a erguer-se, integrada no espírito cristão, causa, princípio fundamento da nossa unidade nacional; dia em que Brasília se torna autenticamente brasileira. Porque desde as suas origens o Brasil existe com a presença de Cristo. Este é o dia do batismo do Brasil novo. É o dia da esperança, o dia da ressurreição da esperança. É o dia da cidade que nasce. Plantamos, com o Sacrifício da Santa Missa, uma semente espiritual neste sítio que é o coração da Pátria. Seja-me permitido formular uma ardente súplica, neste momento: que Nossa Senhora da Aparecida, a Padroeira do Brasil e Madrinha de Brasília, vele por esta cidade que surge, resguarde os que a vierem habitar, volte os olhos benignos para os homens públicos que daqui deverão dirigir esta Nação, a fim de que eles honrem os nossos maiores e sirvam condignamente as gerações futuras. Que Brasília se modele na conformidade dos altos desígnios do Eterno; que a Providência faça desta nossa terrestre um reflexo da cidade de Deus; que ela cresça sob o signo da Caridade, da Justiça e da Fé”.

(Kubitschek, 1957)

Esse é o discurso do então Presidente da República, Juscelino Kubitschek, na primeira missa realizada em Brasília, em 1957. Ele diz que “desde as suas origens o Brasil existe com a presença de Cristo”; que Brasília seria o “coração da Pátria” e que “Brasília se modele na conformidade dos altos desígnios do Eterno”.

Temos então a autoridade máxima do país, desejando que a futura capital do Brasil, na qual as decisões políticas seriam tomadas, siga e se modele conforme a religião católica.

O seguinte trecho mostra algumas ações da religião enquanto instituição no Brasil:

Em 1953, a CNBB anuncia a “Campanha Nacional contra a Heresia Espírita”, mesmo ano em que se cria a Seção Anti-Espírita do Secretariado Nacional de Defesa da Fé e da Moral. Vejamos o que o diretor dessa seção pergunta no artigo “O alarmante crescimento do baixo espiritismo”, também de 1953: “Mas porque a polícia continua a registrar e legalizar estes antros de superstições, intoxicação e mistificação que levam tanta gente às práticas bárbaras de verdadeira idolatria e paganismo, e também ao manicômio?” (*apud*

---

<sup>6</sup> Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd\\_1950\\_v1\\_br.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v1_br.pdf), p.39.



Ortiz, 1978). E vejamos ainda um trecho da pastoral do arcebispo de Salvador divulgada em 1950, que protesta contra os candomblés locais, pedindo restrições “em nome de nossa Constituição, em nome da higiene moral e da sanidade mental de nossa gente; (...) pela Bahia branca e ativa, como Nosso Senhor a fez, e não por uma Bahia negra e politeísta como procuram apresentá-la nos terreiros de candomblé, irmão gêmeo da escravidão africana” (*apud* Isaia, 2003, p. 245). Em São Paulo, há indícios que apontam a interferência do arcebispo local dificultando o registro de terreiros de umbanda nos cartórios civis (Negrão, 1996, p. 82).

(Giumbelli, p. 85, 2012)

A CNBB seria a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Assim podemos ver que a Igreja ativamente se manifestava e agia contra outras religiões, chegando a cometer atos de racismo com religiões de origem afro-brasileira e afro-americana.

E não divergindo do contexto da época, na literatura infantil brasileira a religião católica aparecia com certa frequência.

No livro *Tom julga-se um grande homem* (1955), de Glória Regi, temos a história do menino aventureiro Tom, e o catolicismo aparece de forma significativa no livro também:

Pensa o pequeno: uma criança dêsse tamanho a fazer tolices... É o cúmulo!!! Papai do Céu não gosta de menino travêso e desobediente. José Carlos pode quebrar uma perna. Tomázinho já foi e ainda é bebê, mas, nunca fêz semelhante coisa. O

Tom reflete:

As sentinelas, os soldados com a espada resplandecente ao sol, não o deixarão passar.

Que lástima! Diante do irremediável, Tomázinho — menino ajuizado — resigna-se, esperando outra ocasião...

Êsses soldados, Tomás, estão às ordens do rei. Cumprem o dever. Mas, soldados existem que servem dia e noite ao Rei divino. Guardam a Jesus no coração e são sentinelas de sua própria alma. Quando o inimigo vem e quer derrotá-los, fazendo-os cair no pecado... baioneta em punho, eles lhe declaram guerra.

Soldadinhos da Santa Igreja, cruzados e pajens da Eucaristia, tomarão parte no banquete celestial que lhes prepara o Rei da Glória. Se a riqueza de um palácio fascina uma criança, que será no reino eterno onde tudo brilha, tudo é puro e infinitamente belo!

Tomázinho, olhe bem para os guardas, sentinelas do palácio. Querem dar a vida pelo Rei Alberto. Você é cristão, é soldado de Cristo. Deve estar

Quantas crianças experimentam a alegria, que enche o coração, quando inicia o tempo de férias ou voltam à casa paterna após longa viagem...

Como deve ser imensa a felicidade do cristão ao chegar no céu, em Casa do Pai Celeste, depois dos anos passados na terra em vida santa e virtuosa.

Se à nossa Pátria terrestre  
Regressar causa alegria  
Como será ao chegarmos  
À Pátria Celeste um dia?!

É notável a presença das frases “Você é cristão, é soldado de Cristo. Deve estar pronto a derramar o sangue pelo Rei Jesus.” em um livro infantil.

Não é somente nesse livro que reverência a pátria, religião e guerra se misturam, podemos ver esses temas no livro *A Horta de Juquinha* (1950), de Renato Sêneca Fleury, além de incentivo ao trabalho:







No já citado aqui, *Gente e Bichos* (1956), a história bíblica de Noé aparece servindo de base para uma anedota:



Nossa Senhora também aparece, como madrinha de alguns personagens do também já citado *Contos Maravilhosos do Brasil* (1958):

— Graças a Deus, estou salva!

Tinha ficado livre do terrível encantamento que uma bruxa lhe impusera com inveja da sua grande beleza.

Todo o mundo ficou satisfeito com a vitória do rapaz. Houve festas em todo o reino que duraram uma semana. Joãozinho casou-se com a linda princesa e nunca se esqueceu do auxílio de sua madrinha, Nossa Senhora.

Um bom rapaz, chamado Joãozinho, passando pela cidade em que morava a princesa, foi informado do misterioso acontecimento. Resolveu então decifrar o enigma, embora soubesse do triste destino que teria se fracassasse na empreza. Joãozinho era inteligente e corajoso. Além disso, muito confiava no auxílio de Nossa Senhora, sua madrinha.



Nessa festa, apareceu um rapaz simpático e muito bem vestido, que se apaixonou por Mariana. Pediu a môça em casamento e foi aceito, pois nada havia contra êle. O casamento realizou-se, pouco depois, com grande pompa.

Depois da cerimônia, quando Mariana se preparava para acompanhar o marido, apareceu-lhe Nossa Senhora, sua madrinha, que lhe disse o seguinte:

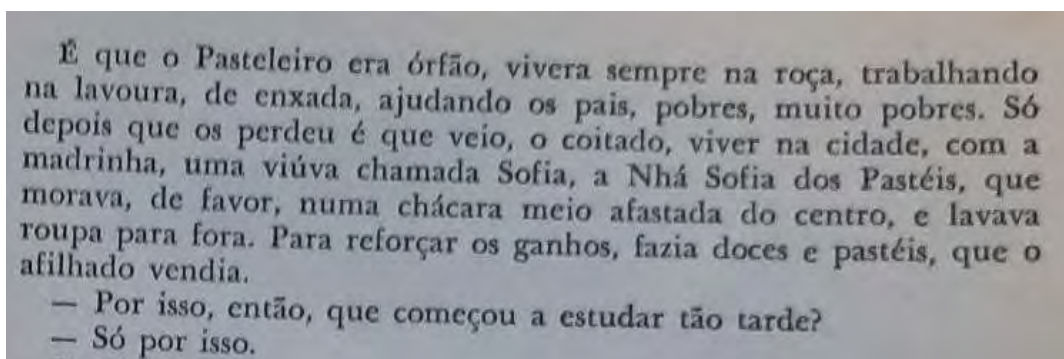
— Minha filha, fique sabendo que você se casou com o Diabo, metido na figura dêsse môço bonito. Depois da festa, quando êle quizer levá-la para casa, deverá você dizer a seu pai que prefere o cavalo mais magro e mais feio que houver na estrebaria; e, quando chegar ao lugar em que a estrada se encontra com outra, formando uma cruz, deixe seu marido seguir pela esquerda; você tomará a direita e mostrará ao Diabo o rosário, para que êle estoure e volte para o inferno.

das filhas. Mandou logo cavar a terra e encontrou suas filhas ainda vivas, por milagre de Nossa Senhora, sua madrinha. Pai e filhas abraçaram-se chorando de alegria. Quando chegaram em casa encontraram a madrasta morta. Tinha sido castigada pela sua maldade.

A presença de Nossa Senhora não é o único aspecto religioso do livro:

**U**M CASAL DE POBRES lenhadores não tinha filhos. Estavam já envelhecendo e não teriam quem os sustentasse quando não pudessem mais trabalhar. Viviam, por isso, muito tristes. Mas tanto rezaram que Deus teve pena dêles e resolveu dar-lhes um filho. Nasceu então uma criança que recebeu o nome de Manuel. Era um menino forte e sadio. Em pouco tempo, cresceu tanto que, ao completar um mês de idade, já era do tamanho do pai. Quando fêz

Como vemos no excerto acima, a pobreza aparece como tema também. Aparece também no livro *O Circo* (1958) de Jannart Moutinho Ribeiro:



É que o Pesteleiro era órfão, vivera sempre na roça, trabalhando na lavoura, de enxada, ajudando os pais, pobres, muito pobres. Só depois que os perdeu é que veio, o coitado, viver na cidade, com a madrinha, uma viúva chamada Sofia, a Nhá Sofia dos Pastéis, que morava, de favor, numa chácara meio afastada do centro, e lavava roupa para fora. Para reforçar os ganhos, fazia doces e pastéis, que o afilhado vendia.

— Por isso, então, que começou a estudar tão tarde?

— Só por isso.

Nesse único trecho, 4 pontos merecem ser mencionados:

- pobreza
- trabalho infantil
- êxodo rural
- falta de acesso à educação

O personagem Pesteleiro não é o único que saiu da área rural e foi para a cidade nos anos 50, nem a enfrentar a pobreza na época.

Em um artigo para o Jornal da Unicamp em 2015, o cientista econômico Rodrigo Luis Comini Curi desdobra sobre o assunto:

“Ele me fez voltar aos anos 1950, quando o país até então predominantemente agrário começou a consolidar sua estrutura industrial, com uma urbanização acelerada. No entanto, esta modernização da economia só fez a desigualdade crescer, pois não veio acompanhada de um projeto de inclusão social.”

(Curi, 2015)

Também diz:

“Na opinião do economista, sem a reforma agrária tão sonhada na época, o que se praticou no meio rural foi a expulsão dos trabalhadores. O fluxo migratório que foi de 7 milhões de pessoas nos anos 50”

(idem)

E por fim:

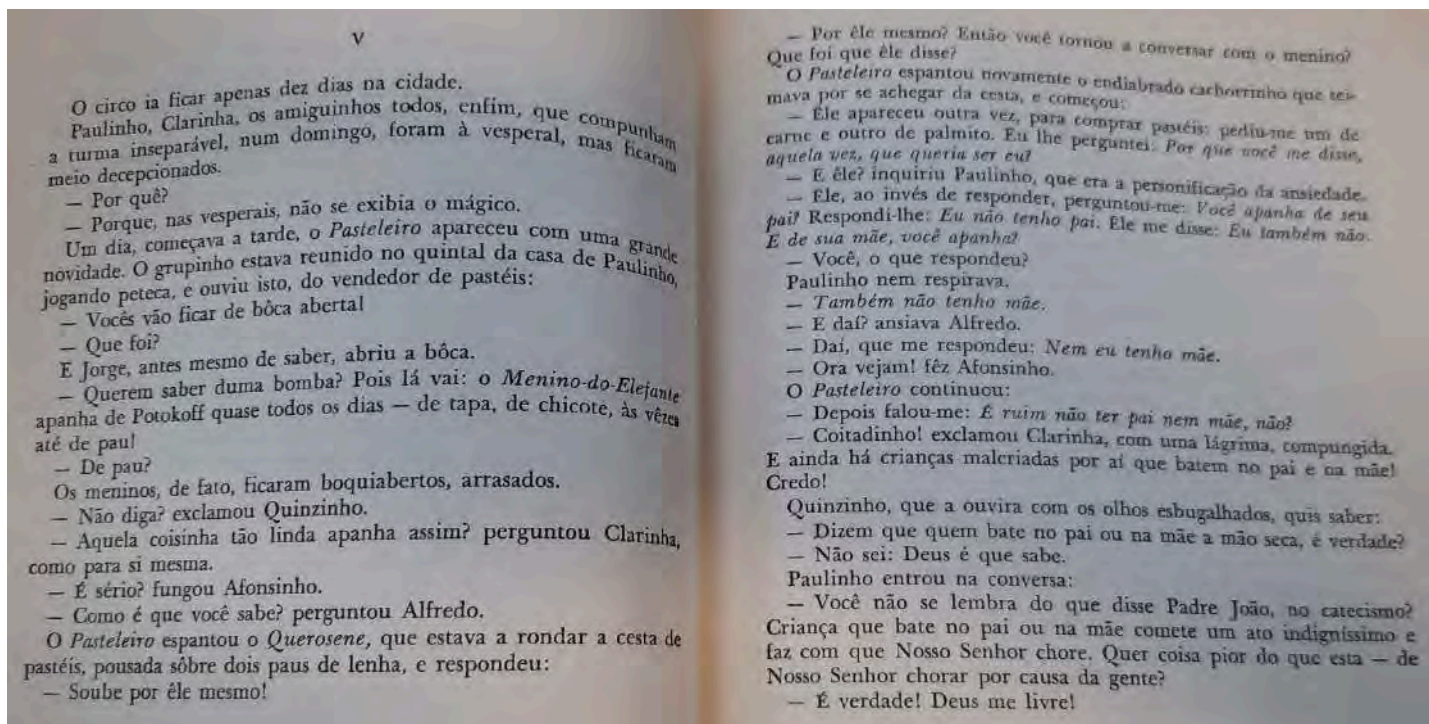
“Os migrantes acabaram gerando uma urbanização forçada e o mercado de trabalho que se formou foi concorrencial e selvagem: milhões chegaram sem emprego e sem experiência, tornando-se mão de obra barata e lucrativa para as empresas. É nesse sentido que se dá a lógica exclusão: não houve atenção do Estado para lidar com esta população – somente para modernizar a economia.”

(idem)



Como já visto anteriormente, na época a faixa de alfabetização para crianças era baixa, variando entre os 4% e chegando no máximo a 38,2%, a depender da idade e local, segundo o IBGE<sup>7</sup>. Naquele período, era permitido o trabalho como jovem aprendiz por lei à partir dos 14 anos, mas podemos ver que não é o caso da história, onde o menino de 13 anos precisa trabalhar vendendo doces e pastéis para complementar a renda familiar.

Esse mesmo livro traz outros temas, como a crueldade infantil e uma pitada de religião:

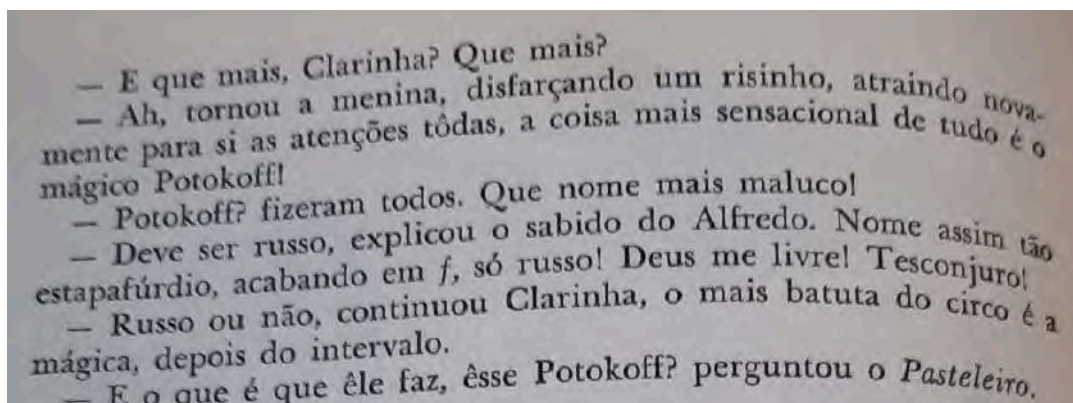


Na trama, um dos personagens sofre violência física por seu suposto tio e dono do Circo, o personagem Potokoff. O garoto, conhecido como Menino-do-Elefante trabalha no circo e é revelado ao final do livro, que além de ter um irmão gêmeo, ambos eram obrigados a trabalhar no circo como trabalhavam, sendo sujeitos a chantagens, prisão e agressões. Também é revelado que Potokoff não era tio das crianças, e as havia sequestrado.

A Unicef, Fundo das Nações Unidas para a Infância, foi criada em 1946 e chegou ao Brasil em 1950.

Outra informação interessante de se notar, é como personagem Potokoff é apresentado:

<sup>7</sup> Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd\\_1950\\_v1\\_br.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v1_br.pdf), p.119.



Em plena Guerra Fria, a possibilidade do personagem ser de origem russa é visto sob luz negativa, como mostra o trecho: “Deve ser russo, explicou o sabido do Alfredo. nome assim tão estapafúrdio, acabando em *f*, só russo” Deus me livre! Tesconjuro!”.

Por fim, outro assunto encontrado nos livros infantis literários da época foi o capacitismo.

Na década de 50, o Brasil foi atingido por uma epidemia de poliomielite, como escreve Fabio Batalha Monteiro de Barros em artigo:

Nos anos 1950, a epidemia de poliomielite atingia principalmente cidades do interior e surtos importantes ocorreram em algumas capitais como São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1953, o Rio de Janeiro registrou sua maior epidemia, atingindo a taxa de 21,5 pessoas infectadas por 100 mil habitantes.

De acordo com Nogueira e Risi, os maiores afetados pela pólio eram crianças e, segundo inquérito sorológico realizado em 1956 no Rio de Janeiro, os grupos de condição socioeconômica mais elevada correspondiam 60 a 70% dos casos paráliticos conhecidos, demonstrando menor imunidade natural à poliomielite. Tal perfil só viria a ser modificado, segundo os autores, na década de 1960, em que a cobertura vacinal dos mais pobres era mais difícil, aumentando o contágio nas camadas populares.

"A sombra da invalidez sobre uma coletividade" era o título de matéria publicada pelo jornal *Correio da Manhã* em 1953, ressaltando "a importância médico-social da paralisia infantil, que como se sabe não respeita nem raça, nem idade, nem país e nem clima, causando vítimas no mundo inteiro e levando uma grande percentagem destas à invalidez temporária ou mesmo definitiva".

(Barros, 2008)

Em 1952, a AACD foi criada, na época chamada Associação de Assistência à Criança Defeituosa. Atualmente, a palavra “defeituosa” foi substituída por “deficiente”.

Até o final de 1950, estavam em funcionamento dispositivos onde crianças indesejadas poderiam ser depositadas e receber cuidados, as Rodas dos Expostos no Brasil. Em São Paulo, como mostra a reportagem da revista VEJA, a roda dos expostos era acoplada à Santa Casa, e a diretora do museu da instituição hoje em dia, June



Arruda, aponta que “era comum também as mães rejeitarem deficientes”. Segundo também a reportagem, na época em que foi feita, 3 das 4 pessoas vivas que foram abandonadas na unidade de São Paulo, possuem algum tipo de deficiência:

Os três outros sobreviventes da roda dos expostos continuaram a vida inteira aos cuidados da Santa Casa. Eles moram em um hospital da entidade, o Dom Pedro II, no Jaçanã, devido a problemas de saúde. José Alberto (não há sobrenome em sua certidão de nascimento), 71 anos, sofre de autismo. Maria Celina Alves, 69, tem oligofrenia, um tipo de retardamento mental.

Já Damaris Felipe dos Santos, 82, sofreu paralisia infantil;

(Jr, 2016)

O capacitismo nos livros da época aparecem de diferentes formas. No livro *A história do peixinho vermelho* (1950) de Maria Lima, temos um personagem deficiente visual e auditivo:

Não se ouvia mais nada a respeito dos brilhantes afamados, quando apareceu em uma joalheria do país de Favo de Mel um moço que não falava, não ouvia e só se fazia compreender por meio de gestos e sinais.

Era um rapaz bonito, mas muito tristonho. E tão esquisito que não acreditava nas notícias dos jornais. Por isso mesmo nem os lia. Tinha ido procurar um joalheiro, porque desejava mandar fazer com os

A moça ficou encantada. Levantou-se, acendeu a luz e, esquecida de que seu irmão era surdo, foi chamá-lo para ouvir a cantiga que os brilhantes repetiam, repetiam, repetiam.

Quando o moço chegou à porta do quarto, aconteceu outra coisa espantosa. Ele, que nunca tinha ouvido nada na vida, sentiu que seus ouvidos se abriam e que escutava claramente o que os brilhantes cantavam!

Podendo ouvir, não lhe foi difícil também falar. Dessa hora em diante, deixou de ser surdo-mudo. Foi uma grande alegria! De repente perceberam que as palavras da cantiga estavam sendo modificadas, assim:

*Ô moço, que agora  
Nos escuta e nos ouve,  
Vá buscar sua noiva*

Aqui, mesmo o personagem conseguindo reunir os aclamados diamantes e encontrar sua irmã, a grande alegria é quando ele magicamente deixa de possuir deficiências.

Também no quesito “cura” temos a história do livro *Aventura no País das Nuvens* (1953) de Odette de Barros Mott:

A Rãzinha, desde êsse instante, não pensou noutra coisa. Só na grande cidade. Começou a ficar triste, sorumbática, encolhida.

— O que tens? — perguntou-lhe Dona Rã-Mãe. Conta-me, filhinha.

— Nada, mamãe, nada.

E a Rãzinha sempre pior, cada vez mais fraquinha, mais triste.

Um dia, ela contou à mãe sua tristeza: Queria viajar, rio acima, ir à grande cidade.

— Minha filhinha, um dia hás de ir. Quando fores maior, nós iremos visitar a cidade. Nós te levaremos.

Mas a Rãzinha não quis esperar e, bela manhã, fugiu.

A mãe chorou muito, o pai envelheceu. Todos nós ajudamos o casal a procurar a filhinha. Mas, nada... Nem sombra da Rãzinha.

Lá se foi ela, rio acima, alegre, feliz, vendo e admirando tudo! Chegou à cidade, viu as lavadeiras, viu os barcos e de tanta alegria começou a cantar.

Foi então que os meninos ouviram o canto da Rãzinha.

— Olhem só — disse um deles — uma Rãzinha.

Pegou-a, amarrou-lhe uma perninha com um barbante e fê-la pular. Quem contou depois foi um peixinho que passava por lá. Ele também quase caía no anzol de um pescador.

Por muito tempo brincaram com ela até que, cansados, deixaram-na meio morta. E foi assim que o Pai-Rã a encontrou, tôda ensangüentada e com a perninha quebrada. Dava dó vê-la assim.

Agora não há, por estas redondezas, filha mais obediente e melhor. É um exemplo para todos.

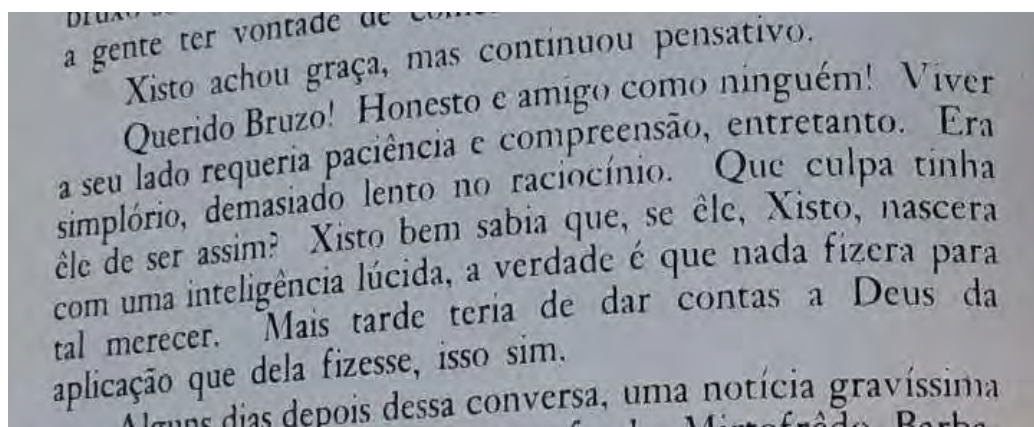
Uma pequena Rã, ao desobedecer os pais e fugir é vítima de cruéis meninos e acaba ficando manca.



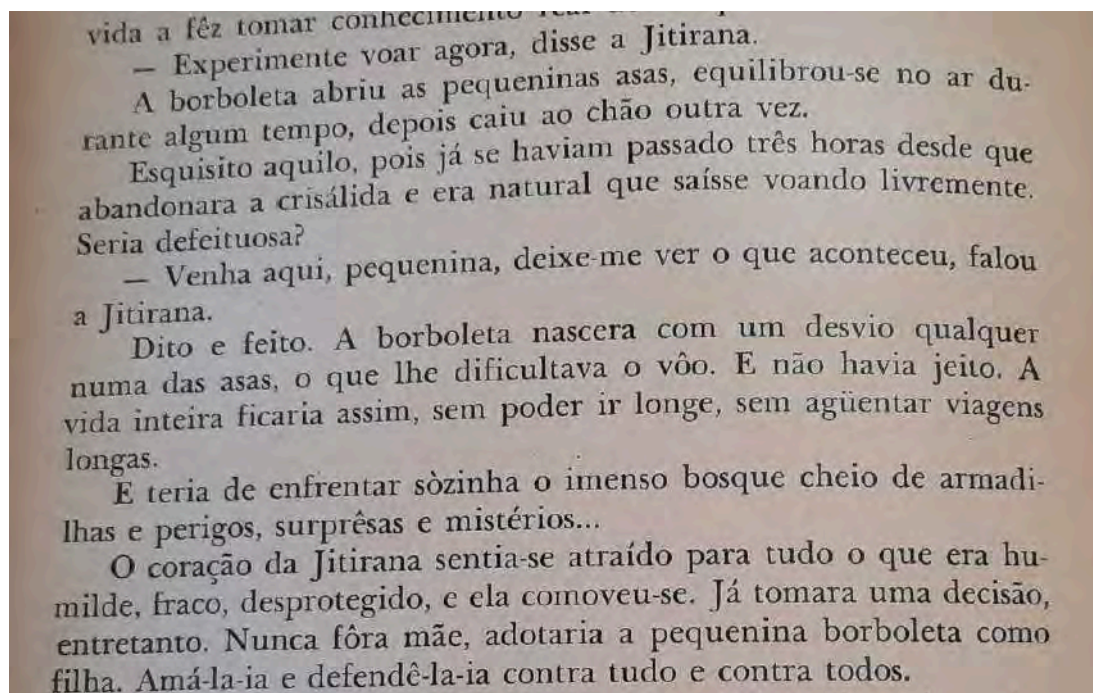


O fato da personagem ser “vesga” e ter “perna torta” é colocado como motivos para ser considerada feia. É válido pontuar também que os outros “defeitos” citados, como “nariz achatado” e lábios avantajados, são características fenotípicas associadas à pessoas negras.

Já em *As Aventuras de Xisto* (1957) e em *Atíria*, a borboleta (1951), ambos de Lúcia Machado de Almeida, temos dois personagens com deficiências. Ambos são representados de forma mais infantilizada que os personagens ao seu redor e são colocados sob uma óptica mais inocente e sendo muito queridos pelas pessoas (ou animais) que os conhecem:



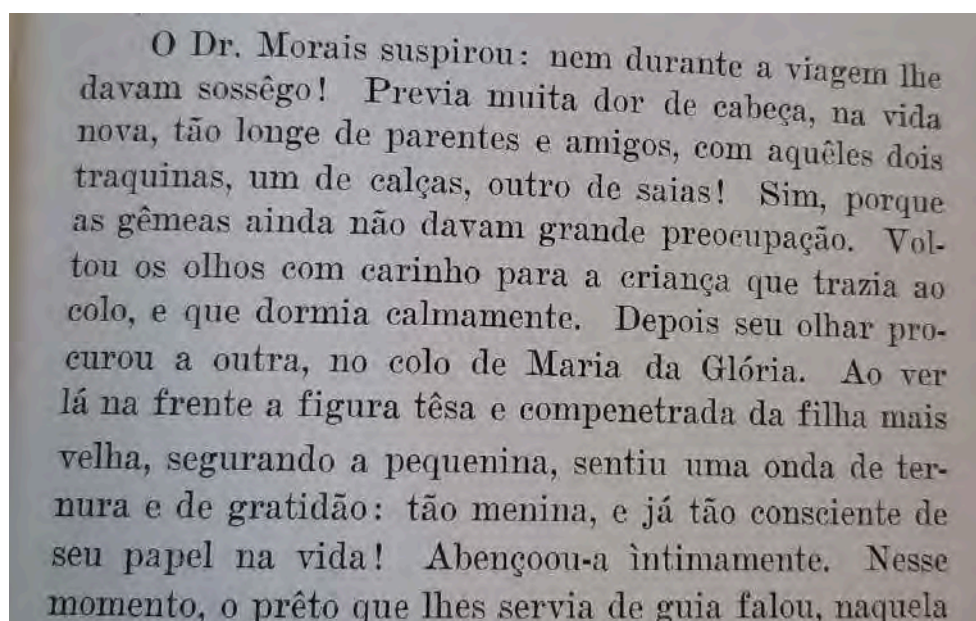
Em outro trecho, temos a seguinte afirmação sobre Bruzo: “Pena que tivesse o raciocínio um tanto confuso, mas... o que lhe faltava em inteligência, sobrava-lhe em lealdade e dedicação.”.





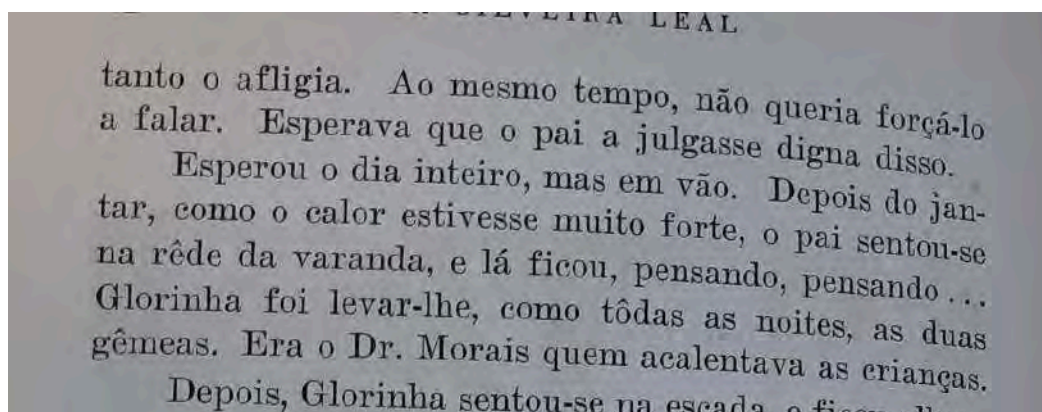
Atíria é descrita como “defeituosa”, que “nascera com um desvio qualquer numa das asas”. É querida por quase todos os moradores do bosque e até atrai um admirador, mas continua sendo representada como alguém indefesa e que deve ser protegida até o final da história.

Não poderia ser deixada de fora a forma como algumas das mulheres são escritas nos livros. Aqui já foram citados os exemplos dos livros *O Filho do Bandeirante*, com os comentários diminuindo mulheres; em *Contos Maravilhosos do Brasil* e *O destino da Bela princeza*, que mulheres tem sua aparência descritas de forma negativas e como parte central da história. Em *Glorinha*, a personagem principal de apenas 12 anos, é colocada no papel de responsável pelos irmãos mais novos.



O Dr. Moraes suspirou: nem durante a viagem lhes davam sossego! Previa muita dor de cabeça, na vida nova, tão longe de parentes e amigos, com aqueles dois traquinas, um de calças, outro de saias! Sim, porque as gêmeas ainda não davam grande preocupação. Voltou os olhos com carinho para a criança que trazia ao colo, e que dormia calmamente. Depois seu olhar procurou a outra, no colo de Maria da Glória. Ao ver lá na frente a figura tesa e compenetrada da filha mais velha, segurando a pequenina, sentiu uma onda de ternura e de gratidão: tão menina, e já tão consciente de seu papel na vida! Abençoou-a intimamente. Nesse momento, o preto que lhes servia de guia falou, naquela

O pai da personagem Glorinha, coloca que ela é “tão menina, e já tão consciente de seu papel na vida”. Papel este que seria a responsabilidade de cuidar dos irmãos, mesmo sendo uma criança ela mesma.



... ELLA LEAL

tanto o afligia. Ao mesmo tempo, não queria forçá-lo a falar. Esperava que o pai a julgasse digna disso. Esperou o dia inteiro, mas em vão. Depois do jantar, como o calor estivesse muito forte, o pai sentou-se na rede da varanda, e lá ficou, pensando, pensando... Glorinha foi levar-lhe, como todas as noites, as duas gêmeas. Era o Dr. Moraes quem acalentava as crianças. Depois, Glorinha sentou-se na escada, e ficou olhando

Apesar de por vezes ser representada como a criança que é, na maior parte do tempo é colocada no papel e no peso de adulta, e de dividir as responsabilidades de seu pai com ele.

Outra representação que pôde ser vista, é a da beleza como virtude máxima de uma mulher, no livro *A princesinha* (1951), de Odette de Barros Mott:

Naquele país reinava um rei justo e bom, pai de uma linda princesa chamada Fúlvia. Viviam muito felizes, sem preocupações, a não ser praticar o bem, espalhando a alegria. A vida ali era boa e todos viviam em grande paz. A princesinha era querida de todos, pela sua grande beleza, bondade e dedicação aos pobres.

Mas agora ela estava doente. Tão doente que seu pai, o rei Léo, prometera a metade do reino a quem conseguisse curá-la.

Num reino vizinho morava um jovem príncipe, muito corajoso, nobre e altivo. Certa vez, indo visitar o rei Léo, apaixonara-se pela princesa Fúlvia. De modo que, ao saber da sua doença, resolveu partir igualmente em busca de um remédio que a curasse, para depois pedi-la em casamento ao pai.

A princesa, é descrita como “linda”, “de grande beleza, bondade e dedicação aos pobres”, e ao longo do livro a beleza dela é citada várias vezes. Já o príncipe, como “muito corajoso, nobre e altivo”, sendo valorizado por seu caráter.

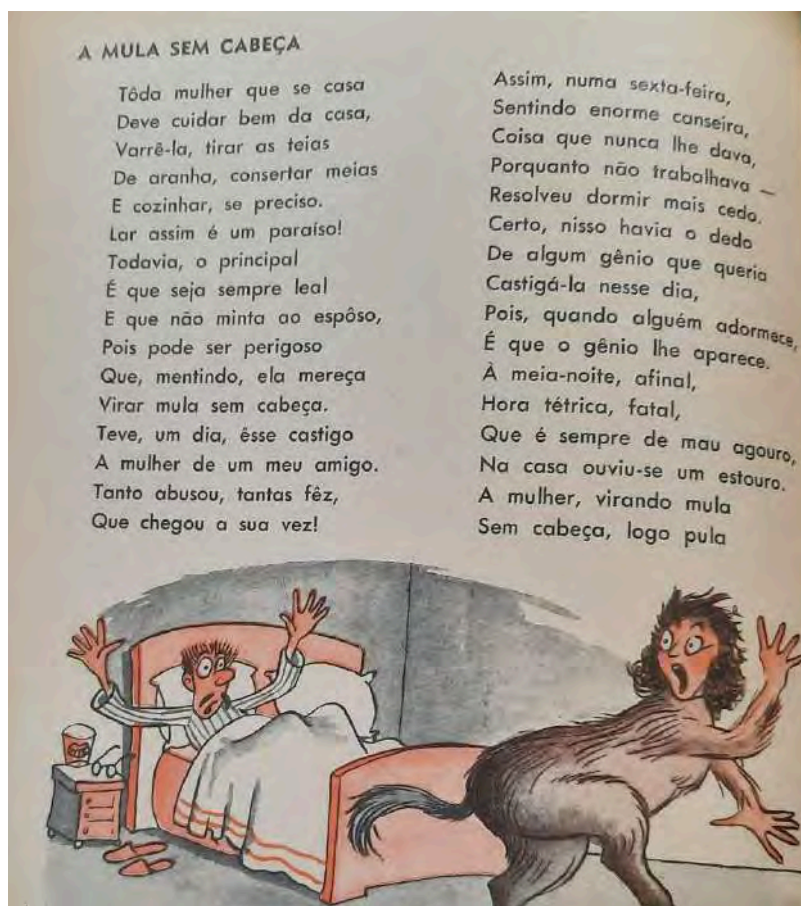
— Não — respondeu-lhe o príncipe — quero é casar-me com a princesa.

— Oh! — respirou com fôrça o vento, soprando os navios que se moveram rapidamente. — Oh! casar? Ela é bem linda mesmo. Sempre quando volto do meu trabalho, passo pelo jardim do castelo para vê-la. Vou ajudar os dois. Agora desça que vou para as nuvens. Amanhã na mesma hora encontra-te comigo a beira-mar.

Aqui, o personagem vento Norte questiona o porquê do príncipe querer salvar a princesa, e quando este responde que é porque quer casar ela, o vento responde que “ela é bem linda mesmo”, como se fosse o único motivo para que alguém gostasse dela.

Também é importante pontuar, que embora o livro se chame *A princesinha*, a personagem não tem uma única fala ao longo de toda a história.

Outra vertente, é a de mulheres transgressoras de algum modo e que devem ser punidas por isso:



Aqui, no livro *Quem contou foi Mindinho* (1950), de Antonio de Padua Morse, é contada a suposta história de como surgiria a Mula sem Cabeça:

“Tôda mulher que se casa  
Deve cuidar bem da casa,  
Varrê-la, tirar as teias  
De aranha. consertar meias  
E cozinhar, se preciso.  
Lar assim é um paraíso!  
Todavia, o principal  
É que seja sempre leal  
E que não minta ao espôso,  
Pois pode ser perigoso  
Que, mentindo, ela mereça  
Virar mula sem cabeça”

É falado que toda mulher casada tem obrigação de cuidar da casa, cozinhar e ser leal ao esposo, caso contrário, irá merecer ser castigada por isto. Vemos então em um livro infantil, a perpetuação de que mulheres possuem finalidade determinada e caso não a sigam, haverá consequências negativas.

Assim, fechamos o capítulo inicial e podemos ver que mesmo na ficção, realidade e arte se imitam.



# 1960

De modo geral, os assuntos continuam os mesmos encontrados na década passada: presença da religião católica nos livros, racismo com a população negra e indígena. Houve um aumento nos livros que incentivam o trabalho e uma queda geral nos livros encontrados que cabiam nos moldes da pesquisa. Diferentemente dos anos anteriores, os livros infantis de autores brasileiros presentes no acervo da biblioteca Monteiro Lobato diminuíram, e os livros estrangeiros, de maioria estadunidense, aumentaram.

Pode ser feito um paralelo com o momento de crise política que o país passava. Como já trazido anteriormente na década de 60 tivemos o Golpe Militar e instauração de uma Ditadura. E os Estados Unidos participaram do processo:

Em 28 de março de 1964, Gordon informou que o general Cintra ficaria encarregado de fazer uma avaliação sobre a necessidade suplementar de armas destinadas as forças golpistas e avisaria Vernon Walters; essas armas seriam enviadas por meio da *Operação Brother Sam*. A preocupação de Gordon era com os poucos recursos da polícia e do Exército Brasileiro, incapazes de resistir a grandes distúrbios internos. Desse modo, Gordon defendeu nos últimos dias antes do golpe uma participação quase militar dos Estados Unidos no Brasil, descartada por seus superiores. Ele insistia no risco do país tornar-se comunista. Durante todo o mês de março, de acordo com Fico, Gordon exerceu um papel fundamental na interpretação e convencimento do Departamento de Estado de que havia um grande risco no Brasil.

A nova polêmica levantada por Fico demonstra que a Brother Sam foi conhecida e planejada com a cumplicidade de brasileiros, como o general Ulhoa Cintra, auxiliar de Castello Branco, que também estava informado sobre a operação. Assim, conclui o autor, ocorre uma sucessão de erros por parte do governo dos EUA, desde o financiamento secreto nas campanhas governamentais de 1962, a inútil e embaraçosa *Operação Brother Sam*, o reconhecimento do novo governo militar com Goulart ainda no Rio Grande do Sul, assim como a aceitação do AI-2, sintetizam o rol de desastres por parte do governo estadunidense com atuação central de Gordon.

(Lara, 2016)

Gordon, seria Lincoln Gordon, embaixador estadunidense no Brasil na época. Como é sabido, havia um medo na época da ascensão do comunismo no mundo, com a Guerra Fria acontecendo e Estados Unidos de um lado e União Soviética do outro.

Tais medos não ficaram de fora da literatura infantil. Um ano antes do golpe, em 1963, Maria José Dupré publicava o livro *O cachorrinho Samba na Rússia*, parte de uma coleção onde o personagem Samba e sua dona visitam diversos locais, principalmente, mas não exclusivamente no Brasil. No livros, vários assuntos valem ser pontuados, há

diálogos sobre a guerra, sobre o regime comunista, religião, recortes machistas, elitistas, entre outros:

Naquela terra, ninguém se esquecia das aves. Como era bonito isso, como era sentimental e delicado. Eles se lembravam sempre dos animaizinhos, do meu *irmão pombo*, do meu *irmão pardal*, como diria São Francisco de Assis.

Havia muitos cachorros na cidade. Todos levados por seus donos e donas, todos com alegria nos olhos porque estavam passeando com as pessoas que mais amavam.

O cachorrinho Samba pensou como seria bom morar numa cidade onde toda a gente tratava bem dos animais.

De início, podemos observar dois pontos, a defesa dos animais e um santo católico que é conhecido por proteger os animais. Na época já existiam Decretos-Leis contra a crueldade animal, como o Decreto-Lei nº 3.688, de 03 de outubro de 1941.

O coração do cachorrinho saltou dentro do peito. Um senhor veio falar com a dona. Perguntou para brincar:

— Não está com medo?

— Medo de quê? ela perguntou.

— Medo de chegar à Rússia. Prisões, perseguições, gente escutando, gente espiando. Aqui matam crianças, não sabia? E fazem lingüiça de cachorro...

Ele riu olhando o Samba. A dona respondeu:

— Eu sabia, por isso é que vim ver, quero ter certeza, falam tanto...

Samba ouviu-a depois resmungando, quando ele se afastou: que bôbo!

Aqui, há um vislumbre do que vem pela frente, mesmo que apresentado em forma de “piada” que foi recebida com desdém.

Atrás do hotel havia uma barbearia. Môças faziam a barba dos homens que estavam sentados na frente dos espelhos, esparramados nas poltronas, enquanto elas, as

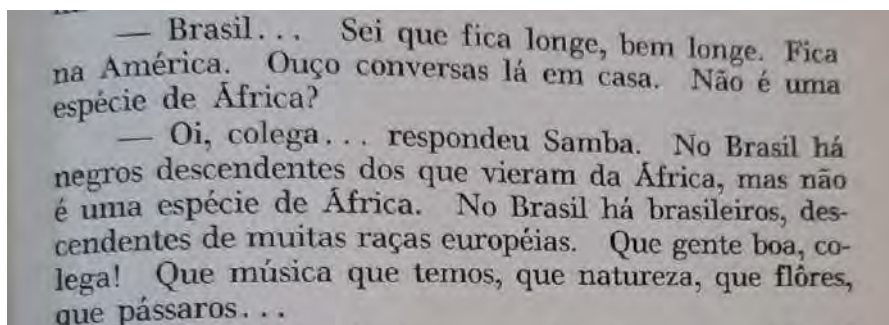
44

mulheres, raspavam-lhes as faces. Algumas conversavam.

— Que engraçado! Aqui a mulher faz tudo, pensou Samba. Às velhas varrem as ruas de madrugada, as môças são barbeiras. Com quem ficam as crianças?

A dona parou para olhar um rapaz...

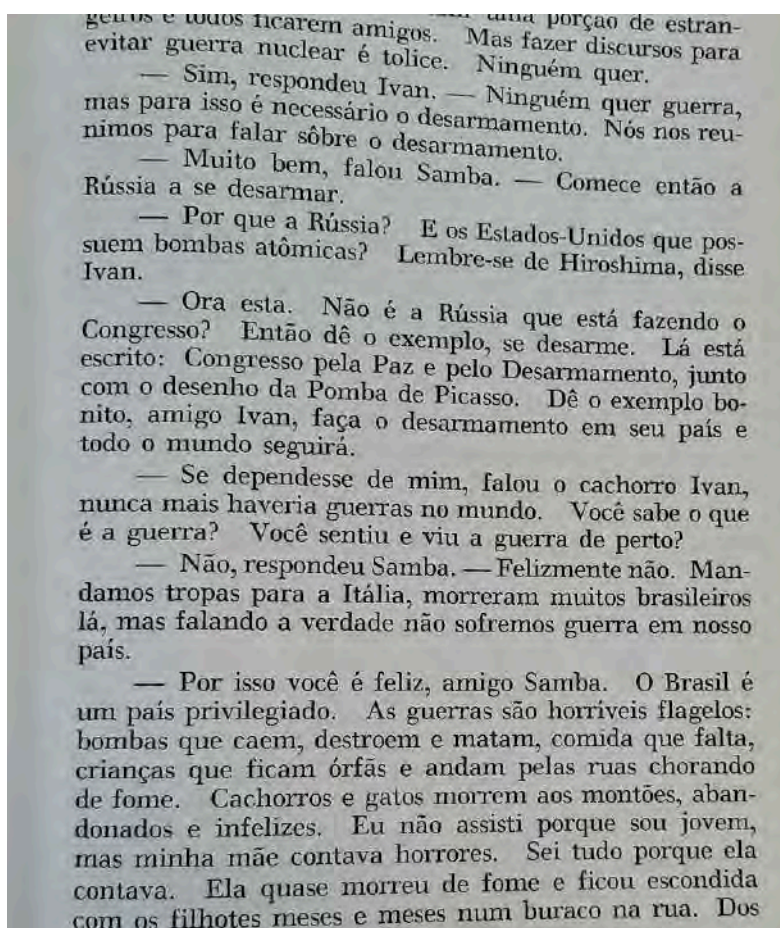
Também pode-se observar os primeiros comentários de cunho machista. Embora a própria dona de Samba seja uma mulher jornalista, que está viajando a trabalho, a pergunta de Samba ao ver mulheres trabalhando como barbeiras e garis é “Com quem ficam as crianças?”, continuando a noção de que esse seja o papel das mulheres.



— Brasil... Sei que fica longe, bem longe. Fica na América. Ouço conversas lá em casa. Não é uma espécie de África?

— Oi, colega... respondeu Samba. No Brasil há negros descendentes dos que vieram da África, mas não é uma espécie de África. No Brasil há brasileiros, descendentes de muitas raças européias. Que gente boa, colega! Que música que temos, que natureza, que flores, que pássaros...

Intencionalmente ou não, a autora diz que no Brasil existem os “negros descendentes dos que vieram da África” e “há brasileiros, descendentes de muitas raças européias.”, como se houvesse uma diferença entre a população negra e quem seria “brasileiro de fato”.



gentes e todos ficarem amigos. Mas fazer discursos para evitar guerra nuclear é tolice. Ninguém quer.

— Sim, respondeu Ivan. — Ninguém quer guerra, mas para isso é necessário o desarmamento. Nós nos reunimos para falar sobre o desarmamento.

— Muito bem, falou Samba. — Comece então a Rússia a se desarmar.

— Por que a Rússia? E os Estados Unidos que possuem bombas atômicas? Lembre-se de Hiroshima, disse Ivan.

— Ora esta. Não é a Rússia que está fazendo o Congresso? Então dê o exemplo, se desarme. Lá está escrito: Congresso pela Paz e pelo Desarmamento, junto com o desenho da Pomba de Picasso. Dê o exemplo bonito, amigo Ivan, faça o desarmamento em seu país e todo o mundo seguirá.

— Se dependesse de mim, falou o cachorro Ivan, nunca mais haveria guerras no mundo. Você sabe o que é a guerra? Você sentiu e viu a guerra de perto?

— Não, respondeu Samba. — Felizmente não. Mandamos tropas para a Itália, morreram muitos brasileiros lá, mas falando a verdade não sofremos guerra em nosso país.

— Por isso você é feliz, amigo Samba. O Brasil é um país privilegiado. As guerras são horríveis flagelos: bombas que caem, destroem e matam, comida que falta, crianças que ficam órfãs e andam pelas ruas chorando de fome. Cachorros e gatos morrem aos montões, abandonados e infelizes. Eu não assisti porque sou jovem, mas minha mãe contava horrores. Sei tudo porque ela contava. Ela quase morreu de fome e ficou escondida com os filhotes meses e meses num buraco na rua. Dos

Já na frente da história, Samba conhece um cachorrinho russo, Ivan, e viram amigos. Eles conversam sobre a guerra nuclear, que era um medo na época. Em 1962 houve a crise dos mísseis de Cuba, após os Estados Unidos tentarem invadir Cuba em



1961 e a União Soviética demonstrar seu apoio à ilha. O pesquisador pela FFLCH e professor do Instituto Federal de São Paulo, José Rodrigues Mao Júnior, trata do assunto em seu doutorado e também em entrevista concedida à FFLCH:

Em abril de 1961, a tensão entre EUA chegou ao seu ápice, com a tentativa de invasão de Cuba a partir do desembarque de tropas mercenárias nas *Playas Larga* e na *Playa Girón*, ambas situadas na Bahía de Cochinos. O plano consistia em estabelecer um *Gobierno em Armas* nessas praias, que seria imediatamente reconhecido pelo governo dos EUA. Este, por sua vez, solicitaria a intervenção dos EUA, dando legitimidade à invasão estadunidense.

(Mao, 2023)

Assim, as negociações para a instalação dos mísseis começaram e após se iniciaram de fato, a situação se acirrou:

No dia 22 de outubro, os EUA decretaram o bloqueio naval contra Cuba e a sua força de bombardeiros estratégicos foi colocada em alerta máximo. As aeronaves B-47 e B-51 eram mantidas permanentemente no ar, prontas para atacar – com artefatos nucleares – os alvos pré-determinados.

(idem)

Porém, felizmente houveram negociações de paz:

A determinação do governo soviético em negociar evitou que a humanidade mergulhasse numa imprevisível catástrofe. No dia 28 de outubro, Nikita Kruchóv anunciou a sua intenção em repatriar os mísseis instalados, sob a condição de que Cuba não fosse objeto de invasão por parte dos EUA. As negociações se estenderam até 31 de outubro, e os EUA também se comprometeram a retirar os mísseis Júpiter instalados na Turquia.

(idem)

O acordo que evitou que se chegasse a um evento nuclear foi triunfante, mas podemos notar que os Estados Unidos também possuíam armamento nuclear em outros territórios, antes inclusive da União Soviética e ao alcance do território desta:

Em 1958 e 1959, sob o comando do presidente Dwight D. Eisenhower e no auge da Guerra Fria, Washington colocou mísseis balísticos com ogivas nucleares na Itália e na Turquia, ambos estados membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), procurando proteger seu território da expansão soviética.

Eles eram os mísseis Júpiter SM-78, com um alcance de 2.400 quilômetros, de acordo com o Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS).

A ogiva nuclear transportada por cada míssil tinha um poder destrutivo de 1,44 megatoneladas ou a potência equivalente a 100 “Little Boy”, a bomba atômica lançada sobre Hiroshima no final da Segunda Guerra Mundial.

Esta implantação colocou as principais cidades soviéticas, incluindo Moscou e São Petersburgo, no alcance de mísseis nucleares capazes de destruí-las.

(López, 2021)

Samba diz que a Rússia deveria dar o exemplo se desarmando primeiro e Ivan reconta coisas que sua mãe presenciou na guerra.

filhos só eu cresci, os outros morreram de inanição. Quando ela saía para procurar ratos para comer, assistia a cenas de desespero entre as gentes. . .

— Ratos? Vocês comiam ratos?

— Que fazer, amigo Samba? Para sobreviver comíamos de tudo: ratos, baratas, lagartixas.

Samba fez cara de nojo e deu um espirro:

— Tchim, que horror!

— Horror mesmo. É por esse motivo que fazemos tudo o que é possível para que não haja mais guerras. Morriam crianças aos montes, por bombas, por fome, por abandono. Todos que assistiram a essas cenas ficaram com a marca da tristeza no olhar. Marcados para a vida inteira.

Ficaram silenciosos uns instantes. A dona do Samba passeava entre os canteiros e olhava as rosas.

Mulheres varriam as aléias, podavam as flores, arrancavam herva má dentre os canteiros. Passavam o ancinho, juntavam montes de folhas secas, depois varriam.

— Mulheres jardineiras? perguntou Samba.

— Há mulheres condutoras de bondes também. Outras asfaltam as ruas. Não as viu ainda?

— Asfaltar ruas? Isso é serviço de homem. Na minha terra são os homens que fazem esse serviço.

— Quando os há, respondeu Ivan. — Mas quando morrem os homens na guerra e os moços precisam estudar, as mulheres têm que trabalhar duro e fazer trabalho de homem.

— Mas a guerra já acabou há muito tempo. Os rapazes que eram meninos já cresceram. Eles é que deviam fazer esse serviço, lembrou Samba.

— E o que farão as mulheres? perguntou Ivan. — Elas têm que trabalhar também, fazem qualquer serviço.

— Elas criam os filhos, falou Samba. — No Brasil as velhas ficam em casa fazendo tricô para os netos. Aqui eu vi velhas varrendo as ruas de madrugada. Elas não têm netos para tratar, tomar conta?

58

— Ora, amigo Samba, você diz cada coisa. . . Sei lá se elas têm ou não têm netos. Decerto têm. Mas varrem ruas também.

— Isso é demais, falou Samba. — Quase não vejo crianças, vai ver que estão nas creches, não ficam com os pais nem com os avós.

Nos trechos acima, temos a continuação dos retratos de como é a vida na guerra, mas a seguir, novamente o personagem Samba tem um problema com as mulheres que trabalham. As expressões “serviço de homem” e “trabalho de homem” são usadas. É citado que por conta da guerra (2º Guerra Mundial), as mulheres começaram a ingressar em serviços que antes eram ocupados por homens, mas Samba diz que a guerra acabou faz muito tempo. Daí temos o seguinte diálogo:

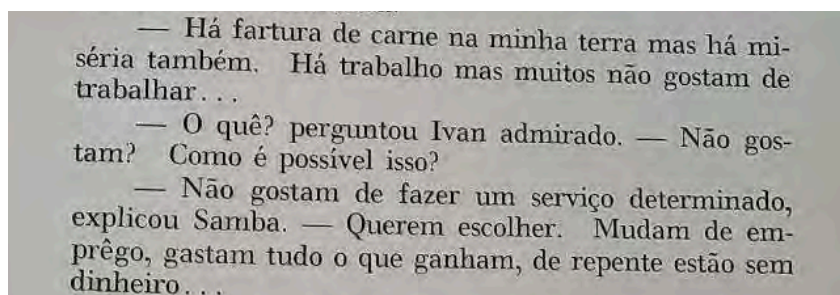
- E o que farão as mulheres? perguntou Ivan. - Elas têm que trabalhar também, fazem qualquer serviço.
- Elas criam os filhos, falou Samba.

Vale a pontuação de que mulheres negras sempre estiveram trabalhando, seja domésticas, como babás e entre outros:

As mulheres negras, pagaram um preço alto pelas forças que adquiriram e pela relativa independência de que gozavam. Embora raramente tenham sido “apenas donas de casa”, elas sempre realizaram tarefas domésticas. Dessa forma, carregaram o fardo duplo do trabalho assalariado e das tarefas domésticas”

(Davis, 2016)

E a trama vai se complicando de outras formas:



— Há fartura de carne na minha terra mas há miséria também. Há trabalho mas muitos não gostam de trabalhar. . . .

— O quê? perguntou Ivan admirado. — Não gostam? Como é possível isso?

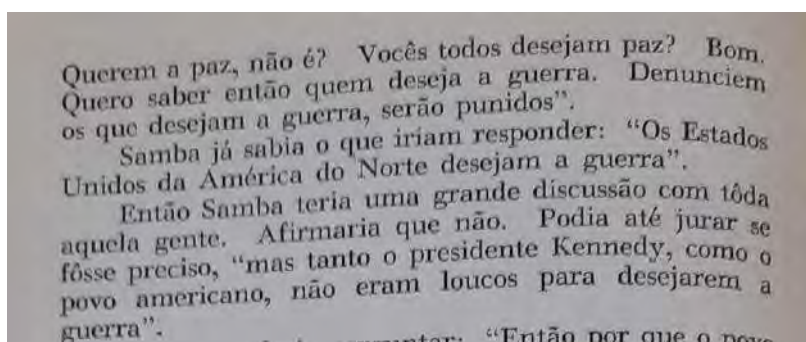
— Não gostam de fazer um serviço determinado, explicou Samba. — Querem escolher. Mudam de emprego, gastam tudo o que ganham, de repente estão sem dinheiro. . . .

Samba diz “muitos não gostam de trabalhar” no Brasil. Na época, o desemprego aumentava, e os salários diminuam:

No Brasil a posição dos pobres deve ter sido exacerbada pela política repressiva de salário mínimo, dado que não só o desemprego cresceu dramaticamente — um fato a ser colocado abaixo — mas os que permaneceram empregados viram o real valor de seus salários cair em 20% entre 1964 e 1967.

(Morley, S.; Williamson, J., p.110, 1975)

A defesa explícita dos Estados Unidos continua, Samba “podia até jurar se fôsse preciso”:



Querem a paz, não é? Vocês todos desejam paz? Bom. Quero saber então quem deseja a guerra. Denunciem os que desejam a guerra, serão punidos”.

Samba já sabia o que iriam responder: “Os Estados Unidos da América do Norte desejam a guerra”.

Então Samba teria uma grande discussão com toda aquela gente. Afirmaria que não. Podia até jurar se fôsse preciso, “mas tanto o presidente Kennedy, como o povo americano, não eram loucos para desejarem a guerra”.



Começa nos trechos abaixo uma conversa sobre a situação social nos dois países, e junto a isso, falas questionáveis:

— Bem, amigo Samba. Agora que estamos conversando eu gostaria de saber se no seu país há analfabetos.

— Há, respondeu. — E muitos.

— Isso não temos aqui. Tôda a gente sabe ler e escrever.

— Isso é formidável, Ivan.

— No seu país há crianças abandonadas? perguntou Ivan, o peito arqueado de orgulho.

— Há sim. Você compreende, muitos pais abandonam os filhos, outros não se importam com as crianças e deixam sôltas nas ruas, aí crescem cheias de vícios, ver-

dadeiros taradinhos. Há os órfãos, coitados. Mas há aqueles que tratam dessas crianças.

— Pois aqui não há crianças abandonadas, replicou Ivan.

— Desculpe, amigo. E os que perderam os pais na guerra? Não ficaram abandonadas?

— Não, o govêrno trata delas. Nosso govêrno toma conta de tudo.

Ivan deu uma volta no canteiro. Sentia-se orgulhoso, andava com a cabeça levantada, o focinho no ar, parecia levar medalhas no peito peludo.

— No meu país o govêrno também toma conta dessas crianças, explicou Samba. — Fundou asilos, instituições, faz tudo para evitar êsse mal. Há asilos particulares também; faz-se o que se pode.

— Muito bem. Agora me diga uma coisa: no seu país há mendigos pedindo esmolas nas ruas? perguntou Ivan. — Gostaria muito de saber...

Samba baixou a cabeça, meio encabulado. Sentia-se humilhado.

— Sim, Ivan. Isso é bem triste, não é mesmo? Em nossas cidades existem mendigos pedindo esmolas nas ruas. Como isso é feio e triste!

— Pois fique sabendo que aqui na Rússia não há mendigos.

— Maravilhoso! falou Samba. — Isso é maravilhoso. Mas o que fazem com êles? Matam? Ou são despachados para a Sibéria?

— Nada disso, estou falando sério. Aqui o govêrno trata dos velhos e dos mendigos.

— No meu país também há Casas para Velhos fundadas pelo govêrno, sustentadas pelo govêrno, apressou-se a explicar o cachorro Samba. — Mas os velhos mendigos não gostam de ficar nessas casas, preferem pedir esmolas nas ruas, dizem que rende bom dinheiro, você compreende, o coração do brasileiro é mole...

— Você me desculpe, mas isso é vergonhoso, respondeu Ivan. — Que impressão horrível deve causar men-

digos soltos nas ruas? Pedindo dinheiro aos que passam? Essas cenas são próprias de países atrasados...

— Eu sei que é muito feio, respondeu Samba. — Horrível mesmo. Mas alguns ganham tanto que não querem desistir. Conheço velhos e velhas que até fogem dos asilos; só ficam internados quando não podem mais andar. Preferem viver pedindo nas ruas a viver entre quatro paredes. Preferem a liberdade.

— Oh, oh, oh, exclamou Ivan horrorizado. — Liberdade? Que palavra é essa? Liberdade? Aqui não há escolha, são obrigados a viver nos asilos. Compreendeu?

— Compreendi, respondeu Samba. — Você perguntou que palavra é liberdade? É a palavra mais importante do dicionário: é a que faz viver, que faz os escritores escreverem, os artistas criarem, é a que faz crescer a planta, que faz o bicho doméstico feliz. É a que faz as crianças rirem e os grandes viverem em paz. É a que permite que o povo reze e que as igrejas se conservem abertas. É a que faz a alegria de um povo, se quiser trabalhar trabalha, se quiser pedir nas ruas, pede. Agora que estou aqui vejo que essa palavra é sinônimo de felicidade...

Falando assim Samba deu uma corrida num pardal que saltitava sôbre um canteiro.

O cachorro Ivan ficou olhando o amigo correr.

\* \* \*

Nessa tarde visitaram o túmulo de Lênine.

— Como é bonita a Praça Vermelha, observou Samba. — Tão grande, com essas muralhas altas, tôdas da mesma côr.

— Sim, disse Ivan, o Kremlin era a residência dos aristocratas. Hoje tem escritórios. A parte administrativa dos soviéticos está instalada aqui. Ali fica o mausoléu de Lênine, aqui a Catedral de São Basílio. Veja as tôrres coloridas como são bonitas. A construção foi ini-

O cachorro Samba diz que há crianças que os pais “deixam sôltas nas ruas, aí crescem cheias de vícios, verdadeiros taradinhos”. Em 1964 foi criada a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, FUNABEM. Antes disso existia o Serviço de Assistência ao Menor, SAM, que foi extinto por polêmicas e Marinho e Galinkin (2017) descrevem como:

conhecido como um usurpador de direitos das crianças e adolescentes, atuava no sentido de considerar as crianças e adolescentes pobres como potenciais "marginais". Já na década de 1960, era considerado uma escola do crime. O objetivo então era o de prevenir o perigo de algum desvio e educar os meninos no comportamento social, por meio da disciplina e treinamento militar. Utilizava-se, para isso, de instituições chamadas educandários, patronatos, centros de reeducação ou recuperação, mas que, na verdade, eram internatos que repetiam os mesmos problemas das instituições anteriores, como superlotação, violência e falta de recursos.

(Marinho; Galinkin, 2017)

Sobre a FUNABEM elas dizem:

Dois objetivos principais foram elencados pela Fundação: ao menor de conduta antissocial, ou seja, que infringia normas éticas e jurídicas na sociedade, destinava-se o tratamento; ao menor carente, àquele em situação de abandono ou exploração, a prevenção. No entanto, vale salientar, tais problemas só eram reconhecidos quando afetavam a ordem pública e a segurança nacional (Vogel, 2009).

(*idem*)

Assim, pode-se ver que naturalmente, a situação era muito mais complexa do que simples “taradinhos” ou “coitados”, apesar de terem sido apresentados assim no livro. Como já trazido anteriormente, na época o êxodo rural estava acontecendo e as cidades não estavam preparadas para isso, faltando estruturas para todos, como trazem novamente Marinho e Galinkin:

Nesse período, tornou-se evidente a questão do problema social dos marginalizados. O êxodo rural estava em plena ascensão e com ele o crescimento das periferias nas cidades e a expansão da pobreza. Diante dos problemas gerados pela falta de acesso a bens e serviços básicos e do prognóstico negativo advindo de tais circunstâncias, o projeto a ser realizado era visto como de última importância. Surge uma nova preocupação com a família pobre, agora não mais vista puramente como algoz, mas também como vítima dos processos de exclusão, assim como uma crítica à questão do internamento.

(*idem*)

Samba também fala que “os velhos mendigos não gostam de ficar nessas casas, preferem pedir esmolas nas ruas”, se referindo a supostos asilos e abrigos destinados à população de rua e idosos. Samba também pergunta o que os russos fazem com a população de rua, se os “matam”. Ironicamente, isso aconteceu no Brasil:



Uma denúncia publicada pelo jornal carioca *Última Hora*, em janeiro de 1963, tornou público o extermínio de “mendigos” por policiais do Serviço de Repressão à Mendicância (SRM), vinculado ao Departamento Estadual de Segurança Pública (DESP) [...]

Olindina Alves Japiassu sobreviveu a uma tentativa de homicídio na ponte do rio da Guarda e denunciou as arbitrariedades à imprensa, o que criou certo estigma na gestão do então governador Carlos Lacerda (1960-1965). O episódio ficou conhecido como “Operação mata-mendigos”, havendo a participação de sete indivíduos – entre policiais efetivos e emprestados para o SRM, seu chefe e motoristas – e um total de vinte vítimas, após confissão dos envolvidos.

(Antonio, 2021)

E a situação específica do idoso também era complexa:

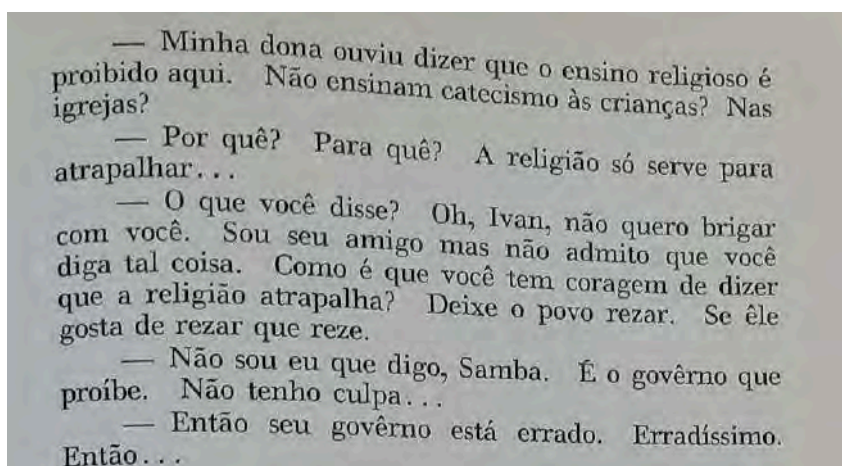
Quando não existiam instituições específicas para idosos, estes eram abrigados em asilos de mendicidade, junto com outros pobres, doentes mentais, crianças abandonadas, desempregados. Em fins do século XIX, a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo dava assistência a mendigos e, conforme o aumento de internações para idosos passou a definir-se como instituição gerontológica em 1964.

(Araújo; Souza e Faro, p. 253, 2010)

E em um toque sensacionalista, Ivan não conhece a palavra “liberdade”. Samba para explicar a ele, cita vários exemplos do que seria a liberdade, inclusive “se quiser trabalhar trabalha, se quiser pedir nas ruas, pede”.

Samba também se refere ao analfabetismo no Brasil. A situação na época estava melhor do que na década seguinte, mas ainda com níveis ruins: entre crianças de 5 a 9 anos, a taxa de analfabetismo era de cerca de 80%, segundo dados do IBGE, através do censo de 1960<sup>8</sup>. Já entre as crianças de 10 a 14 anos, a taxa cai para cerca de 40% de analfabetos.

Mais a frente do livro, temos diversos trechos que tratam sobre religião, e em especial, a católica:



— Minha dona ouviu dizer que o ensino religioso é proibido aqui. Não ensinam catecismo às crianças? Nas igrejas?

— Por quê? Para quê? A religião só serve para atrapalhar...

— O que você disse? Oh, Ivan, não quero brigar com você. Sou seu amigo mas não admito que você diga tal coisa. Como é que você tem coragem de dizer que a religião atrapalha? Deixe o povo rezar. Se ele gosta de rezar que reze.

— Não sou eu que digo, Samba. É o governo que proíbe. Não tenho culpa...

— Então seu governo está errado. Erradíssimo. Então...

<sup>8</sup> Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd\\_1960\\_v1\\_br.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_br.pdf) p.59.



— Muito bem. E onde iremos amanhã? perguntou Ivan. — Que tal um passeio no rio Moskova?

— Amanhã é domingo. Minha dona vai querer assistir à missa, depois quem sabe iremos passear. Onde é a igreja católica?

— Igreja católica? Aqui não existe, respondeu Ivan.

— Existe que eu sei, disse Samba. — A intérprete falou que vai haver missa às dez horas. No *hall* do hotel está o aviso para quem quiser ir à missa. Desejava saber onde é essa igreja: São Ladislau. Sabe de uma coisa? Pensei que os russos fôssem mais religiosos.

— Já foram, explicou Ivan. — Hoje está ficando tudo tão difícil, o povo vai perdendo pouco a pouco a fé religiosa.

— Está difícil porque um dos seus antigos chefes, êsse que está na Praça Vermelha, Lênine, disse que a religião é o ópio do povo. Ora, o povo sabendo que entrando numa igreja está procurando ópio, desiste de rezar. Têm até medo, pode se envenenar...

Ivan ficou silencioso ouvindo o cachorrinho Samba. Êste continuou:

— Afinal, amigo Ivan, acho que não há mal que um povo queira ser religioso, sinta a fé, reze, vá à igreja, procure consôlo entre os Santos e os Anjos. O fato é que êles consolam aquêles que precisam ser consolados, por causa da fé.

nes, sempre  
zavam.

— Pois que continuassem a rezar. Por que proibir? Meu amigo, por isso é que eu digo e repito mais uma vez: êsse regime nunca vingará no mundo. Mesmo os países satélites que foram tomados com tanques e não com flôres, no dia em que puderem, vão se livrar do jugo. Não se proíbe uma pessoa, um povo, de acreditar, de rezar, de confiar, não nos homens que são falhos, mas em Deus Todo-Poderoso, que nos vê e nos julga. Agora compreendo porque essa adoração por Lênine fizeram dêle um Deus, o povo precisa adorar um Deus. Compreendo também porque êsses homens e essas mulheres que passam nas ruas, que desfilam no planetário, que fazem compras, que vendem nas lojas, que dirigem os veículos, que asfaltam as ruas, que varrem as calçadas, que servem as mesas, agora compreendo porque são tristes: porque não podem rezar. São vazios, perderam as almas.

Nos trechos podemos ver Samba debatendo com Ivan sobre os méritos da religião, e ao mesmo tempo que diz que a própria dona irá numa missa católica, ele faz questão de falar que acreditar em Deus ou rezar não deveria ser proibido. Diz as frases “o povo precisa adorar um Deus” e “agora compreendo porque são tristes: porque não podem rezar. São vazios, perderam as almas”.

Lembrando que no Brasil, o Estado já era laico. E o que é dito no livro não bate com as informações de brasileiros que viajaram para a União Soviética na época. Raquel Mundim Tôrres, Doutora em História, organizou obra que reúne relatos de 54 brasileiros que estiveram URSS entre 1951 e 1963. Segundo ela, foram sindicalistas, operários, médicos, juízes, jornalistas, escritores, políticos, jovens etc, homens e mulheres das mais diversas ideologias (Tôrres, 2019).

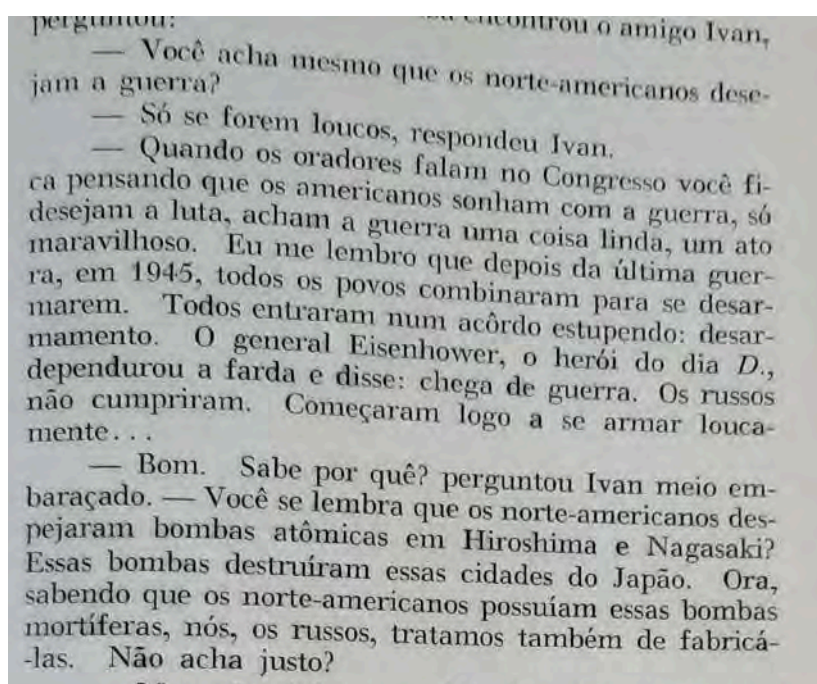
Em seu trabalho, a autora traz viajantes comunistas, simpatizantes e os anticomunistas que foram até lá, todos concordando em encontrar as igrejas abertas e frequentadas, apesar de diferenças nos relatos e opiniões. Tôrres comenta:

O fato de [os anticomunistas] encontrarem igrejas abertas nas URSS não foi o suficiente para que afirmassem a liberdade de culto no país. O que seus olhos e suas mentes permitiram observar do cotidiano soviético foi um contraste absoluto com o que estavam acostumados a vivenciar no cotidiano cristão brasileiro, onde as igrejas possuíam forte influência, inclusive nas pautas políticas.

(Tôrres, p. 239, 2019)

A impressão que fica tanto da conclusão de Tôrres, quanto do discurso em *O Cachorrinho Samba na Rússia*, é que não se enxergava ou não se respeitava a possibilidade de não se seguir uma religião. Inclusive, a única religião que Samba é visto defendendo, é a católica.

Seguindo, a defensoria de Samba sobre os Estados Unidos continua, mas agora com uma virada desrespeitosa e absurda:



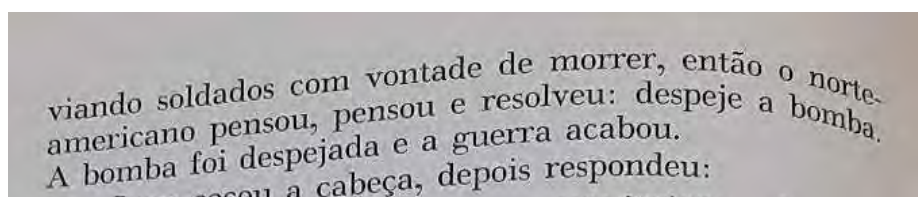
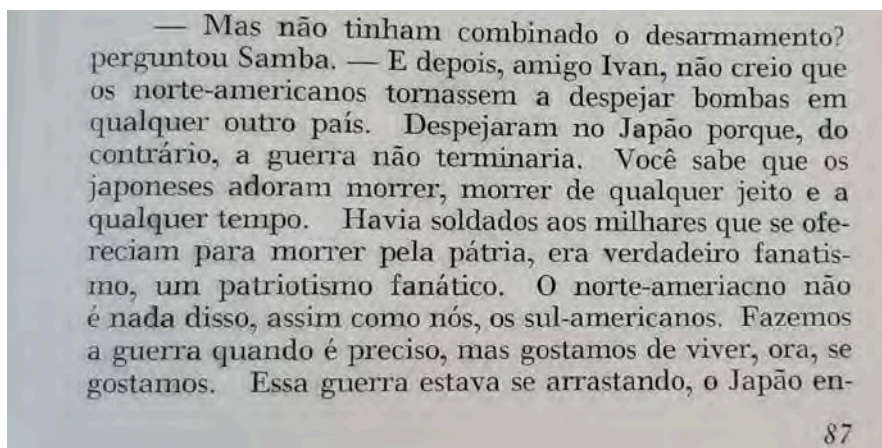
perguntou: — Você acha mesmo que os norte-americanos desejam a guerra?

— Só se forem loucos, respondeu Ivan.

— Quando os oradores falam no Congresso você fica pensando que os americanos sonham com a guerra, só desejam a luta, acham a guerra uma coisa linda, um ato maravilhoso. Eu me lembro que depois da última guerra, em 1945, todos os povos combinaram para se desarmarem. Todos entraram num acordo estupendo: desarmamento. O general Eisenhower, o herói do dia D., dependurou a farda e disse: chega de guerra. Os russos não cumpriram. Começaram logo a se armar loucamente...

— Bom. Sabe por quê? perguntou Ivan meio embaraçado. — Você se lembra que os norte-americanos despejaram bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki? Essas bombas destruíram essas cidades do Japão. Ora, sabendo que os norte-americanos possuíam essas bombas mortíferas, nós, os russos, tratamos também de fabricá-las. Não acha justo?





Samba diz “Você sabe que os japoneses adoram morrer, morrer de qualquer jeito e a qualquer tempo.” e “Essa guerra estava se arrastando, o Japão enviando soldados com vontade de morrer, então o norte-americano pensou, pensou e resolveu: despeje a bomba.”

Antônio Sérgio Ribeiro, advogado e pesquisador, traz em publicação para a Alesp:

Tudo em um raio de dois quilômetros foi destruído pela explosão equivalente a 13 mil toneladas de TNT. Morreram imediatamente 70 mil pessoas. Uma enorme nuvem em forma de cogumelo de poeira cinza, marrom e negra subiu pelo céu. Hiroshima ficou às escuras, o sol tinha desaparecido, e uma chuva negra radiativa. Até o fim do ano de 1945, outras 60 mil morreram vítimas das sequelas da explosão nuclear.

Após três dias de aguardo de um pronunciamento do governo japonês, e sem nenhuma resposta, os americanos estavam prontos para usar a segunda arma atômica, agora de plutônio, mais potente do que a primeira. Eram 11h02 de 9 de agosto de 1945. Tudo em uma área de 3 por 5 km foi destruído, Perto de 35 mil pessoas morreram na hora, e mais de 100 mil, nos anos seguintes, vítimas da radiação.

(Ribeiro, 2010)

Apesar de óbvio, opto por relembrar que bombas lançadas não mataram ou feriram só os soldados japoneses, mas todos os civis que ali estavam, incluindo crianças. *O Cachorrinho Samba na Rússia* ganhou o Prêmio Jabuti em 1964.

A professora do Instituto de Física da USP, Okuno Emico, traz em artigo sobre o tema a história de Sadaka Sasaki:



A menina-símbolo, vítima inocente de bomba atômica lançada em Hiroshima, é Sadako Sasaki (Figura 7), que tinha pouco mais de dois anos quando recebeu alta dose de radiação em Hiroshima e morreu de leucemia aos doze anos em outubro de 1955. Ela conseguiu fazer 644 origamis (dobraduras) de cegonha até a sua morte, inclusive com papel que continha remédio em forma de pó, que segundo uma lenda, seu desejo de se curar se realizaria ao dobrar um total de mil cegonhas.

(Okuno, 2015)

Temos outros diálogos mais a frente:

Samba perguntou:  
— Ouvi dizer que as cozinhas que vocês têm são coletivas, é verdade?  
— Sim. Cada 3 andares têm uma cozinha só. Os banheiros também são coletivos.  
— Isso é mau, Ivan. Então há filas para ir ao banheiro?  
— Há.  
— Isso é péssimo.  
O sol passava entre as folhas dos arbustos e punha manchas claras nos pêlos dos cachorros. Samba falou depois de um silêncio:  
— Pensei que aqui não houvesse favelas, mas há.  
— O que é favela? Uma dança? perguntou Ivan.

— É casa de pobre. Casa de miserável. É de madeira coberta de zinco com um buraco na parede que serve de janela. Vi várias casas desse gênero não muito longe da Universidade. E gente morando nelas. Só que não eram cobertas de zinco, mas eram de madeira. Imagine no inverno, hein?

— Eu já disse a você que estamos construindo muito mas não há residências suficientes para todos. Estou pensando numa coisa... você e sua dona têm uma casa, têm um jardim, têm pássaros e flores, têm tudo de bom na vida, mas como podem ser felizes se existem pessoas vivendo em casas miseráveis cobertas de zinco?

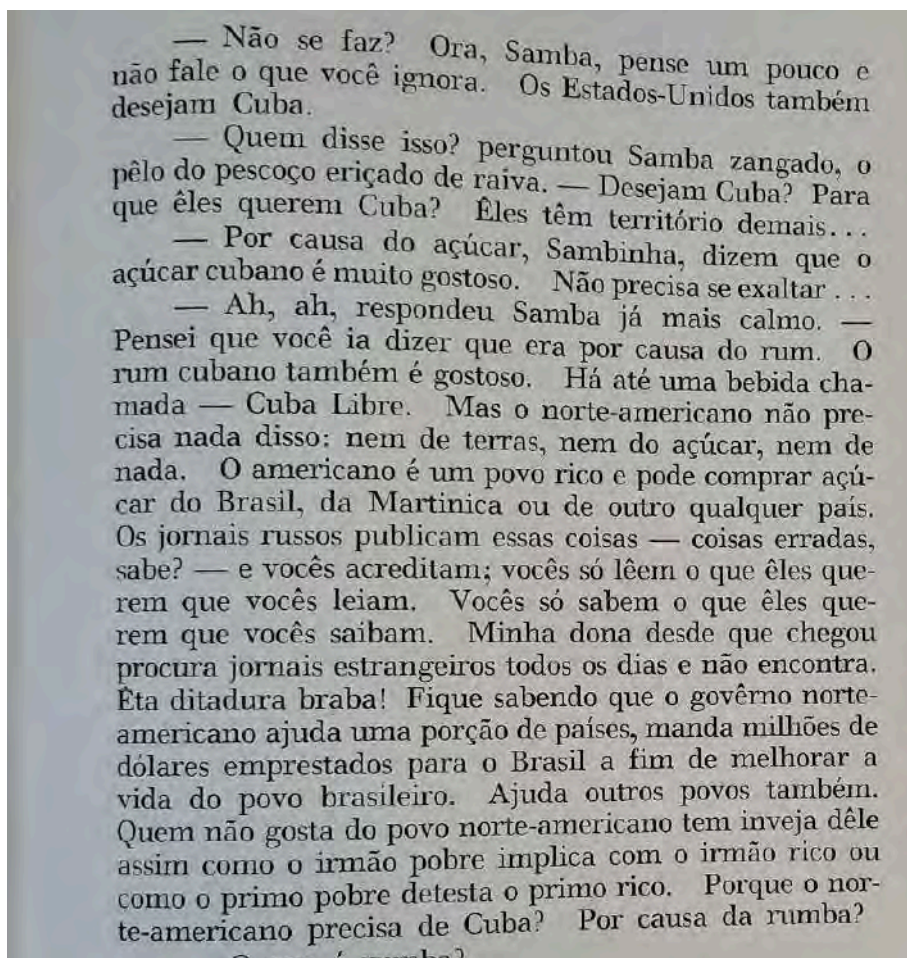
— É o mesmo problema seu, falou Samba. — O mesmo problema. Há muita gente que aqui ainda mora em casa de madeira. Há porém uma diferença: o nosso favelado pode um dia melhorar de vida e ter casa melhor enquanto o seu pouco pode mudar. O mais que pode alcançar é um apartamento de 3 metros por 3 como o seu, com cozinha e banheiro coletivos. Porque na minha terra a forma de governo é — *democracia* — e um vendedor de jornais pode chegar a presidente da República... Enquanto que aqui... acho bom nem pensar, é difícil subir do nada e chegar ao máximo... Aqui nem há vendedores de jornais.

— O que você pensa? perguntou Ivan. — Muitos homens que nos governam ou que nos governaram foram filhos de camponeses, plantadores de batatas... também vieram do nada.

— Porque fizeram a revolução, falou Samba. — Subiram pela revolução, enquanto que no meu país subiram por esforço próprio, subiram de manso...

No trecho acima, Samba chama favelas de “casa de pobre; casa de miserável”. Mas defende ainda que viver em condições precárias é melhor do que as moradias coletivas ou filas da URSS: “o nosso favelado pode um dia melhorar de vida e ter casa melhor enquanto o seu pouco pode mudar. O mais que pode alcançar é um apartamento de 3 metros por 3 como o seu, com cozinha e banheiros coletivos.”

Continuando a história, Samba novamente toma partido dos Estados Unidos, fica com raiva quando Ivan diz que o país deseja Cuba e fala de empréstimo estadunidenses ao Brasil.



— Não se faz? Ora, Samba, pense um pouco e não fale o que você ignora. Os Estados-Unidos também desejam Cuba.

— Quem disse isso? perguntou Samba zangado, o pêlo do pescoço erigido de raiva. — Desejam Cuba? Para que eles querem Cuba? Eles têm território demais...

— Por causa do açúcar, Sambinha, dizem que o açúcar cubano é muito gostoso. Não precisa se exaltar...

— Ah, ah, respondeu Samba já mais calmo. — Pensei que você ia dizer que era por causa do rum. O rum cubano também é gostoso. Há até uma bebida chamada — Cuba Libre. Mas o norte-americano não precisa nada disso: nem de terras, nem do açúcar, nem de nada. O americano é um povo rico e pode comprar açúcar do Brasil, da Martinica ou de outro qualquer país. Os jornais russos publicam essas coisas — coisas erradas, sabe? — e vocês acreditam; vocês só lêem o que eles querem que vocês leiam. Vocês só sabem o que eles querem que vocês saibam. Minha dona desde que chegou procura jornais estrangeiros todos os dias e não encontra. Éta ditadura braba! Fique sabendo que o govêrno norte-americano ajuda uma porção de países, manda milhões de dólares emprestados para o Brasil a fim de melhorar a vida do povo brasileiro. Ajuda outros povos também. Quem não gosta do povo norte-americano tem inveja dêle assim como o irmão pobre implica com o irmão rico ou como o primo pobre detesta o primo rico. Porque o norte-americano precisa de Cuba? Por causa da rumba?

O que é rumba?

Tais empréstimos ocorreram, mas tiveram seu preço e momentos de mais ou menos efetividade, a depender do alinhamento com as demandas americanas:

Na realidade, outros motivos embasaram a negativa da ampliação da ajuda financeira do governo norte-americano ao Brasil. A visita de Moreira Salles e de Goulart aos Estados Unidos em abril de 1962 foi interpretada por muitas autoridades da administração Kennedy como uma oportunidade para tentar convencer Goulart a mudar sua abordagem diante dos comunistas, principalmente no meio sindical. Organizaram-se, por causa disso, reuniões entre Goulart, Clodsmith Riani (sindicalista janguista e presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria, CNTI) e lideranças sindicais norte-americanas com o objetivo de argumentar junto ao presidente



brasileiro sobre os "perigos" da penetração comunista em sindicatos. Ao final da visita, apesar de o governo Kennedy ter mostrado otimismo quanto à possibilidade de fortalecimento da "ala democrática" entre os trabalhadores no Brasil, Washington decidiu manter uma postura cautelosa: queria ver, primeiramente, mudanças políticas por parte de Goulart.

(Loureiro, 2013)

Como mostra a pesquisa de Loureiro, a "ajuda" estadunidense vinha com o custo de sua intromissão na política e soberania do Brasil.

Em outra parte do livro, Samba demonstra elitismo ao questionar se os operários que lá frequentavam os espetáculos, os entenderiam tão bem quanto os nobres e ricos.

treiaçaram e o bosque todo se fechou, abandonado.  
No segundo intervalo Samba e Ivan foram ao bar comer caviar.  
— Que gente simplesmente vestida, observou Samba. — Não se vê ninguém bem vestido aqui. Só os estrangeiros. Os homens não têm gravata, as camisas abertas no pescoço, as mulheres parecem operárias ou camponesas. E um teatro tão bonito.  
— É porque o teatro é para o povo apreciar, falou Ivan. — Antes do etecétera os espetáculos eram só para os nobres, os ricos.  
— E será que êstes entendem tanto quanto os outros? perguntou Samba.  
— Se não entendem hoje ficarão entendendo um dia, explicou Ivan.

Aqui chegamos ao final do livro, e novamente temos a mensagem passada de que a normalidade ou civilização seriam mulheres cuidando de crianças e pessoas frequentando a igreja:

**FIM**

A dona do Samba parou numa praça. Nessa praça havia uma Catedral.  
A Catedral tinha as portas escancaradas como um convite para o passante entrar.  
Moços, môças, meninos e meninas entravam e saíam da Catedral.  
Pombos pousavam em suas tôrres.  
A senhora francesa, tôda de prêto, magra, apoiada numa bengala, entrou na Catedral com os dois netos.  
Rezaram e saíram. As crianças foram correr na praça e comprar pirulito.  
Os pombos voaram.  
A senhora continuou segurando a bengala, olhando os netos que corriam.  
A dona do Samba murmurou em voz baixa uma frase que só êle ouviu:  
**OBRIGADA, VELHA FRANÇA!**



Esse não foi o único livro de Maria José Dupré encontrado na pesquisa, temos também *As histórias de Vera, Lúcia, Pingo e Pipoca* de 1965. Nele podemos ver novamente a religião cristã presente:

falar, só a abraçou com força; depois é que disse: "Graças a Deus é minha filhinha!"

Lúcia nem soube como voltou para casa; ouvia vozes estranhas misturadas com a voz de seu pai e, quando chegou, viu a família toda no jardim; mamãe chorava, vovó ria, Vera batia palmas, Brasa dizia "Graças a Deus!" E a cozinheira acrescentava: "E ao Senhor Bom Jesus de Copacabana!"

À noite, à hora de ir para a cama, ajoelhou-se ao lado de Vera para rezar como fazia todas as noites antes de dormir; mas nessa noite, Lúcia prometeu ao Papai do Céu nunca mais sair sozinha, sem licença do papai e da mamãe.

Rezaram uma Ave-Maria e fizeram o Nome do Padre; Lúcia errou, errava sempre. Dizia:

— Em nome do Padre, do Filho, do Espírito Santo, Amém! Mas punha o Espírito Santo num ombro e o Amém no outro. Brasa reclamou:

— Faça direito, Lúcia. Não aprendeu ainda? Em nome do Padre, do Filho, do Espírito (o Espírito fica num ombro), Santo (o santo fica no outro), Amém!

Lúcia virou-se, aborrecida:

— Mas se eu fizer assim, onde é que ponho o Amém?

— Ponha o Amém na ponta do dedo, bôba. Assim, quer ver?

E beijou a ponta dos dedos.

(A partir desse dia, Lúcia não esqueceu mais e quando dizia "Amém" era com uma beijoca na ponta dos dedos).

Brasa saiu do quarto e as duas ficaram deitadas, cada uma em sua caminha. Começou a briga. Vera falou primeiro:

— Você faz o Nome do Padre, reza Ave-Maria e não tem pena dos passarinhos. Pensa que Deus não viu você prender o bico-de-lacre?

Lúcia respondeu:

— Não me amole. Papai me deu o passarinho e você nada tem com isso.

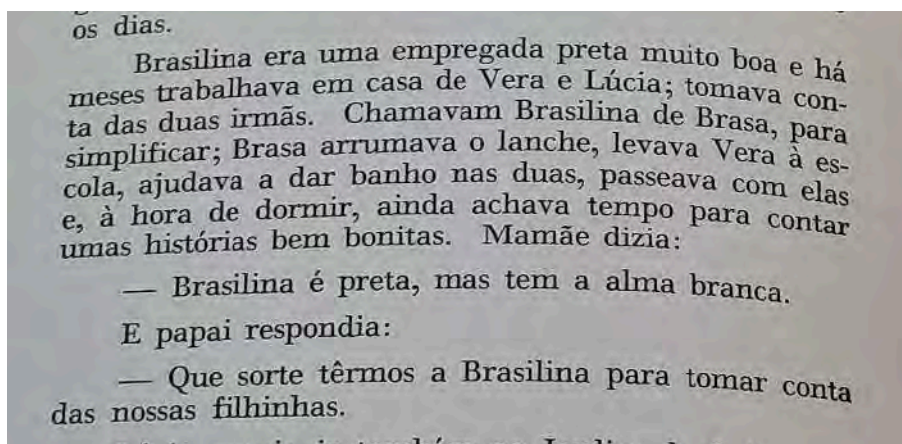
Vera continuou:

— Mamãe disse que só gente sem coração prende os pássaros. Papai deu o passarinho porque você estava chorando como uma louca, mas não deu de boa vontade. Não viu a cara dele como estava triste? E mamãe? E vovô? Pensa que também não ficaram tristes?

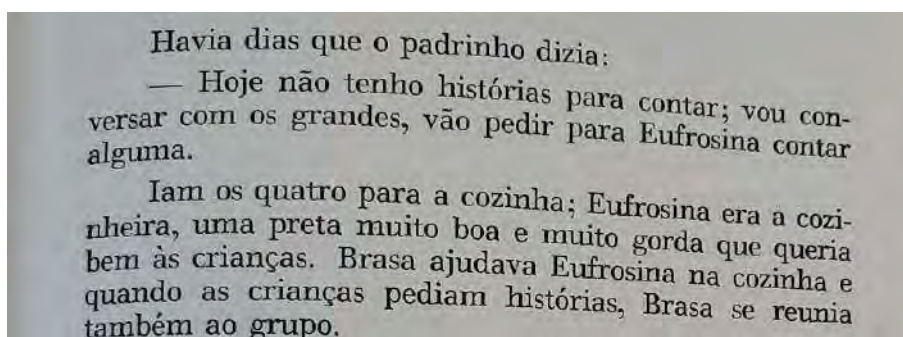
Lúcia tornou a responder, já zangada:

Novamente podemos ver a religião católica sendo transmitida como guia moral e de comportamento: “Você faz o Nome do Padre, reza Ave-Maria e não tem pena dos passarinhos. Pensa que Deus não viu você prender o bico-de-lacre?”.

Tem-se também novamente o racismo com pessoas negras e estas aparecendo somente na posição de serviçais:



No trecho acima, podemos ler a frase “Brasilina é preta, mas tem a alma branca.” Como se ter uma “alma branca” lhe desse mais valor.



Novamente temos a descrição de personagens negras ligadas a sua cor e função: “Eufrosina era a cozinheira, uma preta muito boa e muito gorda que queria bem às crianças”. Não diferente de outras representações já trazidas aqui anteriormente, coloca mulheres negras na posição de amáveis serviçais, que ficam alegres em cuidar de seus patrões.



E continuava:

— As senhoras, as escravas e as crianças viajavam ali dentro e os homens a cavalo. Viajavam de quatro da madrugada até quatro da tarde; a essa hora paravam para dar tempo de armar as barracas e fazer o jantar enquanto era dia. Não podiam acender luz porque havia perigo de atrair os índios. Meu avô contava que tinha um camarada muito bom chamado João Pica-pau; era intrépido, forte e valente para essas viagens. Uma vez, vinham minha avó, duas crianças e algumas escravas, de Goiás para cá; João Pica-pau era o chefe dos camaradas. Vinham vindo muito bem e já haviam feito quase metade do caminho. Um dia, às quatro da madrugada, Pica-pau acordou todos; tomaram café, comeram carne, arroz e ovos porque depois só paravam para jantar. Desarmaram as barracas, arrumaram tudo na tropa e tocaram; o banguê tinha que andar devagar, não podia correr. Andaram, andaram, sob um sol abrasador e de repente meu avô viu um sinal de índios no caminho; árvores derubadas, sinal de fogo numa clareira no meio da mata e até uma flecha enfiada numa árvore. Meu avô não gostou nada disso, chamou Pica-pau e disse: “Olhe, João, avise os camaradas de que temos novidades; fiquem todos prevenidos com as espingardas prontas para o que der e vier e prestem atenção. Desconfiando de qualquer coisa de anormal, imitem o pica-pau e eu já fico prevenido”. O

Aqui em uma de histórias do podemos ver a presença de mulheres escravas, que sequer são nomeadas. Podemos observar também a população indígena colocada como inimiga e elemento a ser combatido novamente:

cantar alegremente; meu avô viu uma flecha enfiada no meio das moitas e apontou a espingarda; nisso ouviu uma voz conhecida falando baixo: “Sou eu, Sinhô. Não atire”. Era um dos camaradas, que chegou mais perto e disse: “É melhor o senhor entrar na barraca; os índios andaram por aqui esta noite. Mataram o Pica-pau”. Meu avô levou um susto medonho: “Mataram o João? Como assim? O que houve?” Então o camarada contou que o João Pica-pau tinha acendido a vela um minuto só para ver se era cobra que estava fazendo barulho na barraca... Foi a conta. Todos viram uma flecha furar o pano e zzzzz... cravar-se no peito do Pica-pau, pois ele estava com a vela acesa; parecia que os demônios dos



índios enxergavam de longe. Quando viram isso, apagaram a luz imediatamente e passaram a noite sentados, vigiando as barracas, as espingardas prontas para atirar; não ouviram, nem viram mais nada. Mas o Pica-pau lá estava morto, com uma flechada no coração. Meu avô ficou tristíssimo; foi ver o Pica-pau e depois de dar umas voltas e certificar-se de que os índios tinham ido embora, deu ordem para enterrarem o pobre homem. Enquanto os outros camaradas abriam a cova para enterrarem o João, meu avô, minha avó e duas escravas que atiravam muito bem, ficaram com as espingardas prontas, vigiando a entrada da mata. Felizmente os índios não voltaram e João teve um entêrro digno; até fizeram uma cruz de madeira para o túmulo dêle e rezaram antes de continuarem a viagem, como despedindo. Depois arranjaram tudo, montaram e lá foram acompanhando o banguê vagarosamente, enquanto o Pica-pau ficou sòzinho no meio da mata; meu avô chorou e disse antes de partir: “Descanse sossegado, João Pica-pau. Nunca esquecerei seus bons serviços, pois você foi um bom camarada que soube sempre cumprir seu dever. Durma em paz”.

Assim terminou a história de João Pica-pau e os viajantes chegaram a S. Paulo sem outra novidade. As crianças gostaram muito e queriam mais histórias como aquela, mas padrinho disse que ficava para o dia seguinte. Perguntaram porque os índios não atacavam durante o dia. Padrinho disse que eles tinham medo porque sabiam que todos os homens viajavam armados de espingardas e esperavam sempre a noite para atacar os viajantes. Pediram:

— Conte outra, conte outra.

— Amanhã; por hoje chega e vocês vão dormir e sonhar com os índios.

Na história contada às crianças, os indígenas matam um dos homens que participa da expedição e são chamados de “demônios”. Temos também ao final do capítulo, as crianças pedindo outras histórias e o padrinho respondendo “Amanhã; por hoje chega e vocês vão dormir e sonhar com os índios.”

A partir dessa história, fica mais clara a construção da imagem dos personagens indígenas nas histórias infantis como seres das histórias de aventuras, vilões do imaginário que devem ser derrotados, ao invés de pessoas e grupos reais.

Ao final do livro, as crianças têm uma ideia de brincadeira:

## O ACAMPAMENTO NAS SELVAS AFRICANAS

Não sei onde as crianças leram isso; resolveram então organizar nesse mesmo dia uma brincadeira sôbre essa história. Desde cedo prepararam os vestuários apropriados; Brasa foi designada para representar uma tribo da África; passou riscos brancos no rosto, amarrou penas de galo na cabeça, embrulhou-se num chale vermelho da Eufrosina e assim fantasiada, com um cabo de vassoura fingindo de lança e uma lata velha fingindo de escudo, ficou de meter medo. Oscar e Bento eram os bandidos que saqueavam os viajantes; Quico, Vera e Lúcia eram os viajantes e exploradores. Tupi, o cachorro da fazenda era o leão feroz, Pingo e Pipoca seguiriam os exploradores para defendê-los do perigo. Não havia mulheres na expedição, de modo que, Vera e Lúcia prepararam barbas e bigodes de milho verde e vestiram as calças do Quico. Muniram-se de armas para a defesa: punhais, espingardas, arco e flecha. Só Oscar levava revólver e disse logo que não emprestava para ninguém; os outros fingiram que tinham revólver também.

Foram depois do almoço para o pomar e organizaram a brincadeira; Vera e Lúcia ficaram muito engraçadas: uns bigodes muito grandes, barbas, chapéus de papel para dizer que eram chapéus de cortiça e na

115

No trecho acima, podemos ver novamente um grupo sendo trazido como sob a perspectivas de aventuras e combates. A personagem Brasa, a cuidadora das crianças, é colocada para interpretar uma integrante de “uma tribo da África” e ao final de sua caracterização, é descrito que “ficou de meter medo”.

Em outro parágrafo, podemos ler “Não havia mulheres na expedição, de modo que, Vera e Lúcia prepararam barbas e bigodes”. Vemos a indicação explícita que mulheres não se encaixariam nas viagens, explorações e aventuras, chegando no ponto de Vera e Lúcia terem que se “fantasiar” de homens para de que alguma forma a brincadeira ficasse mais crível.

Para contexto histórico do momento e de como os direitos humanos e sociais estavam existindo ou não, a Ditadura Militar já estava em curso, tendo se iniciado em 1964. Então um cenário de repressão e perseguições já estava acontecendo e isso afetava também os movimentos sociais. O movimento negro, antes começava a se intensificar aqui, por exemplo com o projeto Teatro Experimental do Negro (TEN), de Abdias Nascimento. Esse projeto, além de fazer um trabalho inovador no teatro brasileiro, se propunha a alfabetizar seus integrantes e foi um importante projeto político, cultural e social:

Para além da dramaturgia como meio de conscientização do negro, o TEN desempenhou atividades de caráter social e artístico. Assim, a atuação do TEN alcançou outros palcos, revelando a militância e o engajamento feminino nas lutas contra a discriminação. A atuação das mulheres foi uma base importante de suas realizações.

[...]

Duas organizações de mulheres negras fizeram parte do TEN: a Associação das Empregadas Domésticas e o Conselho Nacional de Mulheres Negras.

(Ipeafro)

O TEN continuou atuante até 1968, quando Abdias foi submetido ao exílio político.

Pereira traz sobre o Movimento Negro na época:

Domingues (2006) salienta que o golpe militar de 1964 representou uma derrota temporária para a luta do Movimento Negro, uma vez que desarticulou uma mobilização em crescimento. A reorganização do movimento ocorre apenas no final da década de 1970, devido a abertura política da ditadura e da ascensão de vários movimentos contestatórios em prol da democracia – como o movimento estudantil, sindical, popular, etc.

(Pereira, 2019)

Isso não ocorreu somente com o Movimento Negro. Na época, havia a repressão a todo setor e tipo de manifestações sociais: a União Nacional dos Estudantes, a UNE, era considerada ilegal, havia censura nos jornais, televisão, músicas etc, protestos eram combatidos com violência extrema, além da perseguição política. Barbosa traz alguns dos jeitos que os jornalistas da época tentavam escapar da censura:

Escamotear informações, usando para isso as técnicas mais modernas do jornalismo; conseguir burlar a ação da censura com o conhecimento dos meandros da profissão, tais como, por exemplo, alterar apenas na aparência as provas do jornal; deixar o espaço em branco no lugar em que entraria a matéria que fora censurada; publicar (no lugar do que fora retirado) outros textos que poderiam deixar claro para o leitor a ação da censura, como, por exemplo, cartas dos leitores, poesias ou receitas.

(Barbosa, 2014)



Outro tipo de coibição, era a de manifestações contrárias ao regime. A despeito da perseguição significativa a este setor, o movimento estudantil nunca deixou de existir de atuar de fato. Em 1966, a UNE, que continuava atuando clandestinamente, cravou o dia 22 de Setembro Dia Nacional de Luta contra a Ditadura e convocou passeatas. A pesquisadora Pauliane Braga retrata o que se sucedeu e foi denominado de Massacre da Praia Vermelha:

No Rio de Janeiro, homens da Polícia Militar (PM) e do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) ocuparam as ruas da cidade, a fim de impedir as manifestações. Os estudantes, prevendo o confronto, realizaram a passeata no campus da Praia Vermelha da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O ato saiu da Faculdade de Economia e foi acompanhado por mais de 600 secundaristas e universitários. Quando chegaram ao prédio da Faculdade de Medicina, decidiram ocupá-lo.

Tropas da PM e do Dops já se concentravam no local, quando começaram a chegar pais e professores dos manifestantes. Preocupados com um possível embate, eles formaram uma comissão de apoio e negociação. Tentavam convencê-los a sair do prédio, ao mesmo tempo em que levavam comida e agasalhos aos estudantes. As tratativas foram em vão, e a faculdade foi invadida pelas forças policiais durante a madrugada. Acuados, os jovens se refugiaram no último andar, mas foram forçados a sair pelas bombas de gás lacrimogêneo.

Havia, contudo, um único trajeto pelas escadas. Ao chegarem lá, perceberam a emboscada: munidos de cassetetes, os policiais formaram um corredor polônês pelo qual os alunos tinham, obrigatoriamente, de passar. Homens e mulheres apanharam indiscriminadamente, e muitos foram presos; os laboratórios, salas de aula e anfiteatros da escola foram totalmente destruídos pela PM. A violência empregada no que ficou conhecido como Massacre da Praia Vermelha levou ao arrefecimento das manifestações estudantis de massa, que só voltariam a acontecer em 1968.

(Braga)

Como mostrado, os meios repressivos tiveram sucesso em abrandar os grandes protestos. Em 1968, com o assassinato do estudante Edson Luís, a situação mudou:

O nível de tensão entre o governo e o movimento estudantil ganhou nova dimensão em 28 de março de 1968, quando o estudante secundarista Edson Luís Lima Souto, de 18 anos, foi morto a bala pela polícia no Rio durante uma manifestação contra o fechamento do restaurante do Calabouço, que atendia sobretudo a estudantes pobres oriundos de outros estados. Cerca de 20 estudantes saíram feridos da agressão policial.

[...]

No dia 29 de março, cerca de 60 mil pessoas participaram do cortejo fúnebre até o cemitério São João Batista, em Botafogo. A manifestação transcorreu normalmente, sem a intervenção policial. No resto do país, entretanto, ocorreram demonstrações e marchas de protesto. Em Salvador, Belo Horizonte, Goiânia e Porto Alegre, estudantes e populares entraram em choque com as forças policiais. A UNE decretou greve geral dos estudantes.

[...]

Promovida pelo movimento estudantil — na época o principal núcleo de oposição ao regime militar instaurado no país em março de 1964 —, a marcha contou também com a participação de intelectuais, operários, profissionais liberais e religiosos, além da adesão maciça de populares. As principais reivindicações dos manifestantes eram o restabelecimento das liberdades democráticas, a suspensão da censura à imprensa e a concessão de mais verbas para a educação.

(Lamarão)

Em dezembro de 1968, o AI-5 foi instaurado, deixando a situação ainda mais crítica e talhando ainda mais direitos:

o Ato Institucional nº 5 dava poderes absolutos a generais e abria o capítulo mais violento do regime militar brasileiro

[...]

Por meio dele, os militares atribuíram para si poderes de exceção, abrindo um período de repressão política marcado pela perseguição a adversários políticos, prisão, tortura, execuções e censura à imprensa e às artes.

[...]

Com o AI-5, foram decretados toques de recolher em todo o Brasil. Reuniões consideradas políticas só podiam acontecer com autorização dos militares, e a concessão de habeas corpus para prisões políticas foi suspensa.

(Charleaux, 2018)

Com essa visão inicial do que se passou na década, se levanta a questão do que era encontrado nos livros infantis da época.

Outra autora e seus personagens que também apareceram nesta pesquisa anteriormente, são Isa Silveira Leal e a Glorinha. Nesta nova história - *Glorinha e a Sereia*, de 1969 - Glorinha já está mais velha, apresentando um trabalho acadêmico. No trabalho resolve escrever a história no ponto de vista dos jesuítas:

— Padre, eu vi uma sereia.  
 José fingiu maior atenção ao ofício de sapateiro que à força aprendera ali, com a mestra-necessidade. Deixou cair o silêncio, meditando:  
 — Virgem Santa, ajudai vosso servo a vencer mais uma vez o inimigo!  
 E durante alguns minutos o silêncio permaneceu entre os dois. Não mais estava José na choupana que os jesuítas haviam levantado com suas mãos, auxiliados pelos índios, em Piratininga. Lá, os ofícios de carpinteiro, de pedreiro e de ferreiro haviam sido ensinados aos jesuítas pela mestra-necessidade. Naquela choupana tinham doutrinado os curumins, precisando escolher entre o frio de fora ou a fumaça de dentro. Preferiam eles o frio. Bastava-lhes a noite passada com a fogueira que lhes servia de cobertor. Bem mais fácil era ali o trabalho com os curumins, ainda não imbuídos das superstições e credences, almas novas em folha, sobre as quais era possível escrever o Evangelho. Mas estes homens-crianças, que vinham de Portugal com a mente povoada de seres imaginários! Que vinham em busca de te-

melhor narrar apenas, com o auxílio da imaginação, fatos essenciais a inegável santidade de Anchieta e de Nóbrega, a piedade incansável do apóstolo do Brasil? Não é melhor ressaltar apenas que os catequistas desejavam, acima de tudo, uma vida cristã para os povoadores iniciais de nossa terra, e que se preocupavam, muito especialmente, com povoar cristãmente esta terra, que era a sua empresa?

Nos trechos acima, pode-se ver que a religião original de povos indígenas são consideradas superstições ou credences. Como já mostrado anteriormente, continuava sendo uma época de perseguição indígena e aos seus territórios. Também podemos observar que tal catequização é vista como algo correto e nobre.

Nos anos 60, as religiões tiveram atuações distintas e em momentos distintos:

As instituições religiosas, bem como suas lideranças e os movimentos sociais de caráter religioso, não passaram ilesos a esse período, fosse apoiando, denunciando, combatendo ou, simplesmente, silenciando diante do regime ditatorial.

(Almeida; Gomes, 2024)

Especificamente a religião católica, teve posicionamentos diferentes no pré-golpe e em seu início e depois durante:

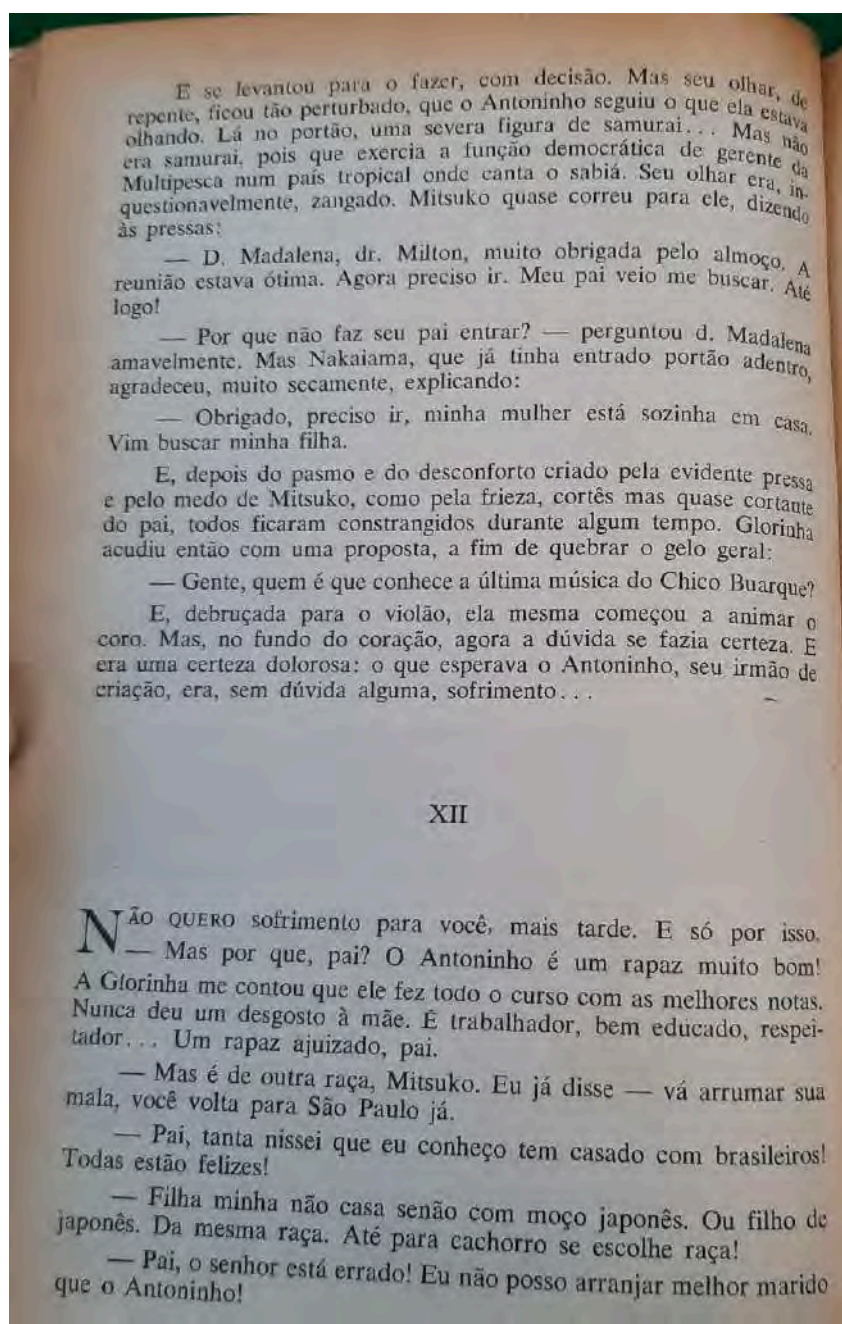
Apesar de todo o trabalho desenvolvido pela Igreja Católica nas áreas da educação e do sindicalismo e, por mais que concordasse com a política estatal, a relação entre o Estado e a Igreja sofreu sério desgaste no começo dos anos 60. O distanciamento fez com que a Igreja Católica optasse pelo apoio aos golpistas militares de 1964, selando uma das mais trágicas opções do episcopado brasileiro.

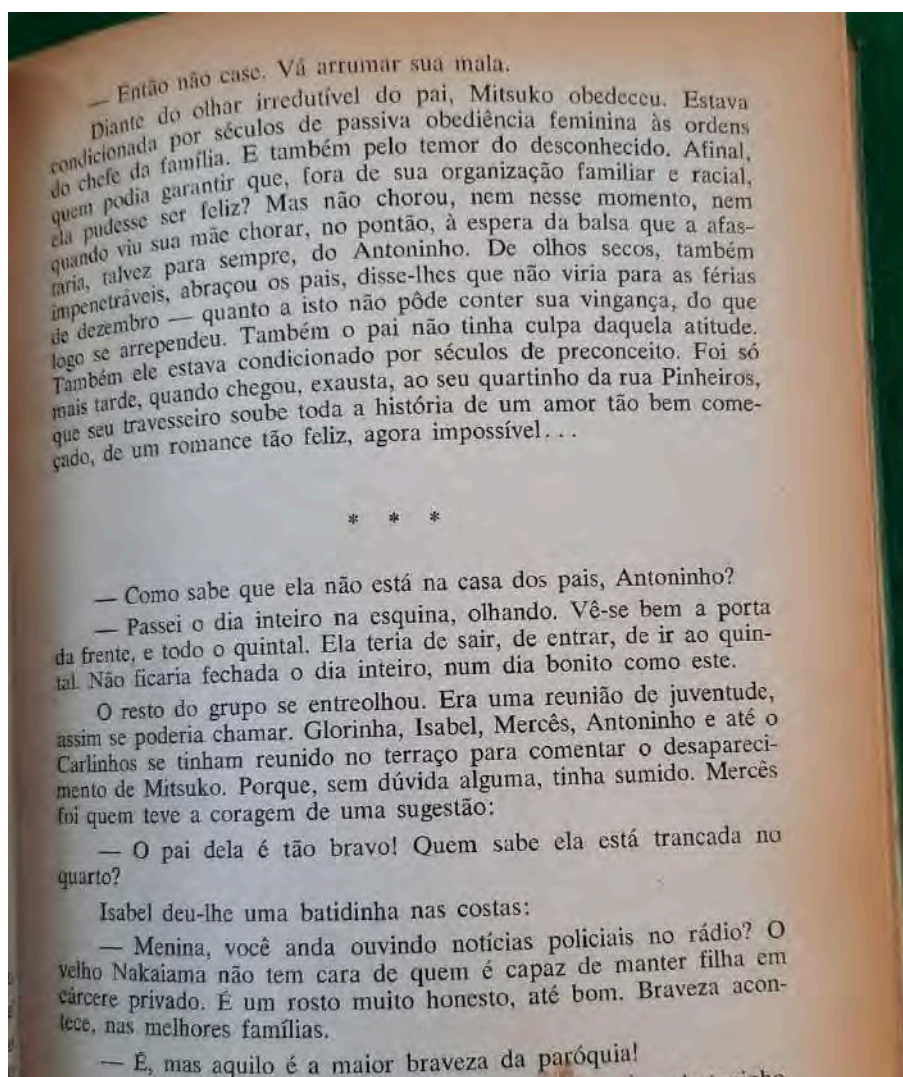
(Debald, 2007)



Porém, como visto em outros trechos, mais adiante a igreja católica estava entre os grupos que denunciava os crimes da ditadura e participava em seu combate.

Já mais a frente no livro, temos outras tramas, incluindo a de o irmão de Glorinha começar a namorar Mitsuko, que é descendente de japoneses:





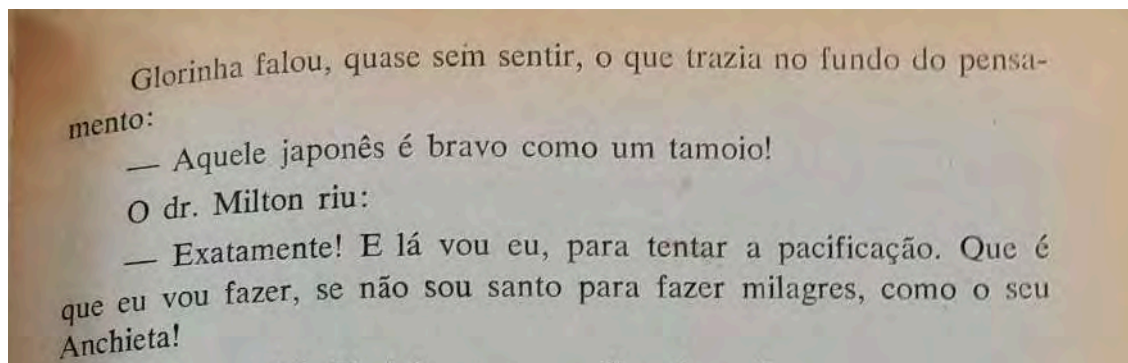
Desde o início do século XX, houve a Imigração Japonesa para o Brasil, inicialmente para o trabalho na agricultura, porém desenvolvendo importantes laços culturais, econômicos e sociais entre os dois países. Segundo o censo do IBGE, em 1960<sup>9</sup>, a população japonesa ou descendente no Brasil, já passava dos 400 mil habitantes.

É notável, porém, como foi escolhida a representação de tal grupo étnico na literatura infantojuvenil, primeira encontrada nesta pesquisa.

Tem-se na história que, inicialmente, é inaceitável para o pai de Mitsuko que ela se case com Antoninho, deixando claro para ela que é por conta dele não ser japonês também, gerando a frase “Até para cachorro se escolhe raça”.

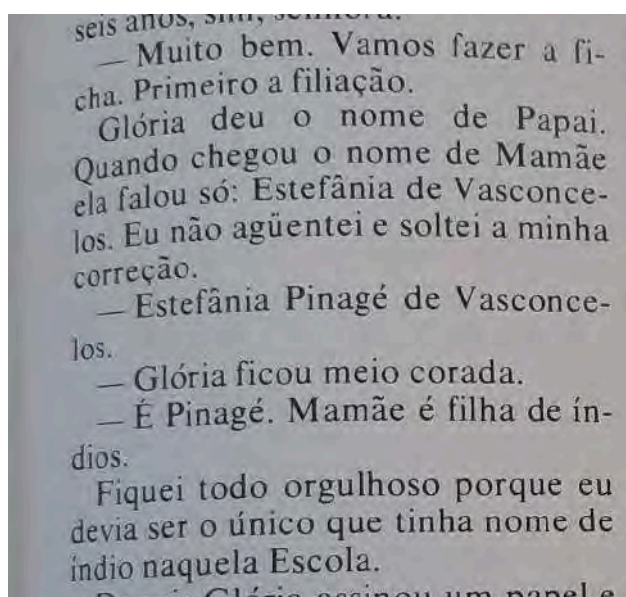
No outro excerto, vemos a autora colocando o embate dos dois como o pai de Mitsuko “condicionado por séculos de preconceito”.

<sup>9</sup> Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd\\_1960\\_v1\\_br.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_br.pdf), p.53

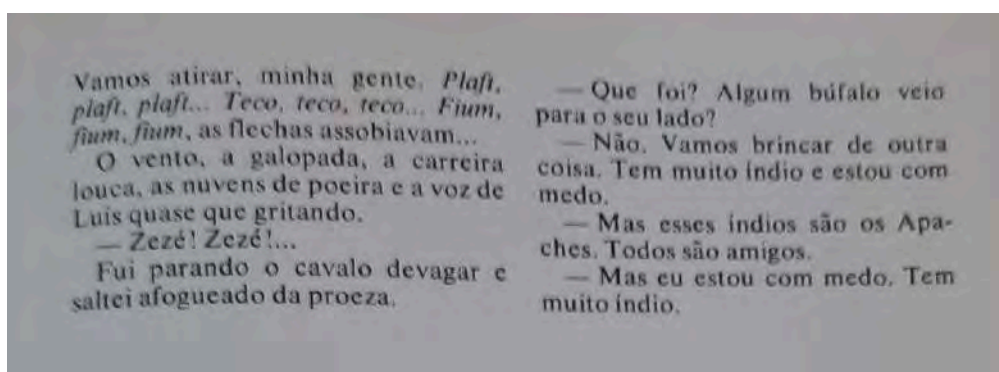


Nesse excerto, Nakaiama, pai de Mitsuko, é comparado com um tamoio, por sua “braveza”, perpetuando a ideia de indígenas como violentos.

Outro livro que retrata a complexidade sob a qual indígenas eram vistos e tratados, é *Meu Pé de Laranja Lima* (1968), de José Mauro de Vasconcelos:



Zezé, uma criança de 5 anos e personagem principal da história, tem orgulho de ter um nome indígena, ao passo que sua irmã mais velha tenta esconder a informação.





Em outro trecho, Zezé e seu irmão estão brincando de caçada e apesar de Zezé descrever o grupo Apache como “amigos”, Luís ainda diz ter medo deles. É notável que pela primeira vez temos um personagem que não diminui indígenas, apesar de outros ao ser redor o fazerem.

Meu Pé de Laranja Lima traz outros temas sensíveis e relevantes. A trama principal é de Zezé e sua família, que enfrentam uma dura realidade econômica, e os efeitos disso em suas vidas. Apesar de publicada em 68, a história se passaria no meio da década de 20.

Ela falava com uma voz cansada, cansada. E eu estava com muita pena dela. Mamãe nasceu trabalhando. Desde os seis anos de idade quando fizeram a Fábrica que puseram ela trabalhando. Sentavam Mamãe bem em cima de uma mesa e ela tinha que ficar limpando e enxugando ferros. Era tão pequeninha que fazia molhado em cima da mesa porque não podia descer sozinha... Por isso ela nunca foi à Escola e nem aprendeu a ler. Quando eu escutei essa história dela fiquei tão triste que prometi que quando fosse poeta e sábio eu ia ler minhas poesias para ela...

No início do livro, Zezé conta que sua mãe teve que trabalhar desde os 6 anos, e por isso nunca aprendeu a ler ou a escrever.

— E como é que você faz?  
— Não espero nada. Assim a gente não fica desapontado. Mesmo o Menino Jesus não é essa coisa tão boa que todo mundo fala. Que o padre conta nem que o Catecismo diz...  
Fez uma pausa e ficou indeciso se contava o resto do que pensava ou não.  
— E como é então?  
— Bem, vamos dizer que você foi muito levado, não mereceu. Mas Luís?  
— É um anjo.  
— E Glória?  
— Também.  
— E eu?  
— Bem, você às vezes é... é... meio pegador das minhas coisas, mas é muito bonzinho.  
— E Lalá?  
— Bate com muita força, mas é boa. Um dia vai costurar minha gravata de laço.

— E Jandira?  
— Jandira é daquele jeito, mas não é ruim.  
— E Mamãe?  
— Mamãe é muito boa; só me bate com pena e devagar.  
— E Papai?  
— Ah! Esse eu não sei. Ele nunca tem sorte. Eu acho que ele deve ter sido como eu, o ruim da família.  
— Pois então. Todo mundo é bom na família. E por que o Menino Jesus não é bom pra gente? Vai na casa do Dr. Faulhaber e veja o tamanho da mesa cheia de coisas. Na casa dos Villas-Boas, também. Na casa do Dr. Adauto Luz, nem se fala...

Pela primeira vez eu vi que Totoca estava quase chorando.

— Por isso que eu acho que o Menino Jesus só quis nascer pobre para se mostrar. Depois Ele viu que só os ricos é que prestavam... Mas não vamos mais falar disso. Pode ser até que o que eu falei seja um pecado muito grande.

Já no trecho acima, a desigualdade social e a fome são apontadas, além de uma crítica religiosa pela visão infantil: Zezé questiona o porquê de, apesar de ele e sua família serem bons, Jesus não os provê com comida na mesa para o Natal, como faz com os ricos.

Um pé bateu na minha caixa e uma voz conhecida e amiga me chamou.

— Eh seu engraxate, quem dorme não ganha dinheiro.

Suspendi o rosto sem acreditar. Era seu Coquinho, o porteiro do Cassino. Colocou um pé e eu primeiro passei o pano. Depois molhei o sapato e enxuguei. Depois é que comecei a passar a graxa com cuidado.

— O senhor pode, por favor, levantar um pouco a calça.

Ele obedeceu ao pedido.

— Engraxando hoje, Zezé?

— Nunca precisei como hoje.

— E o Natal como foi?

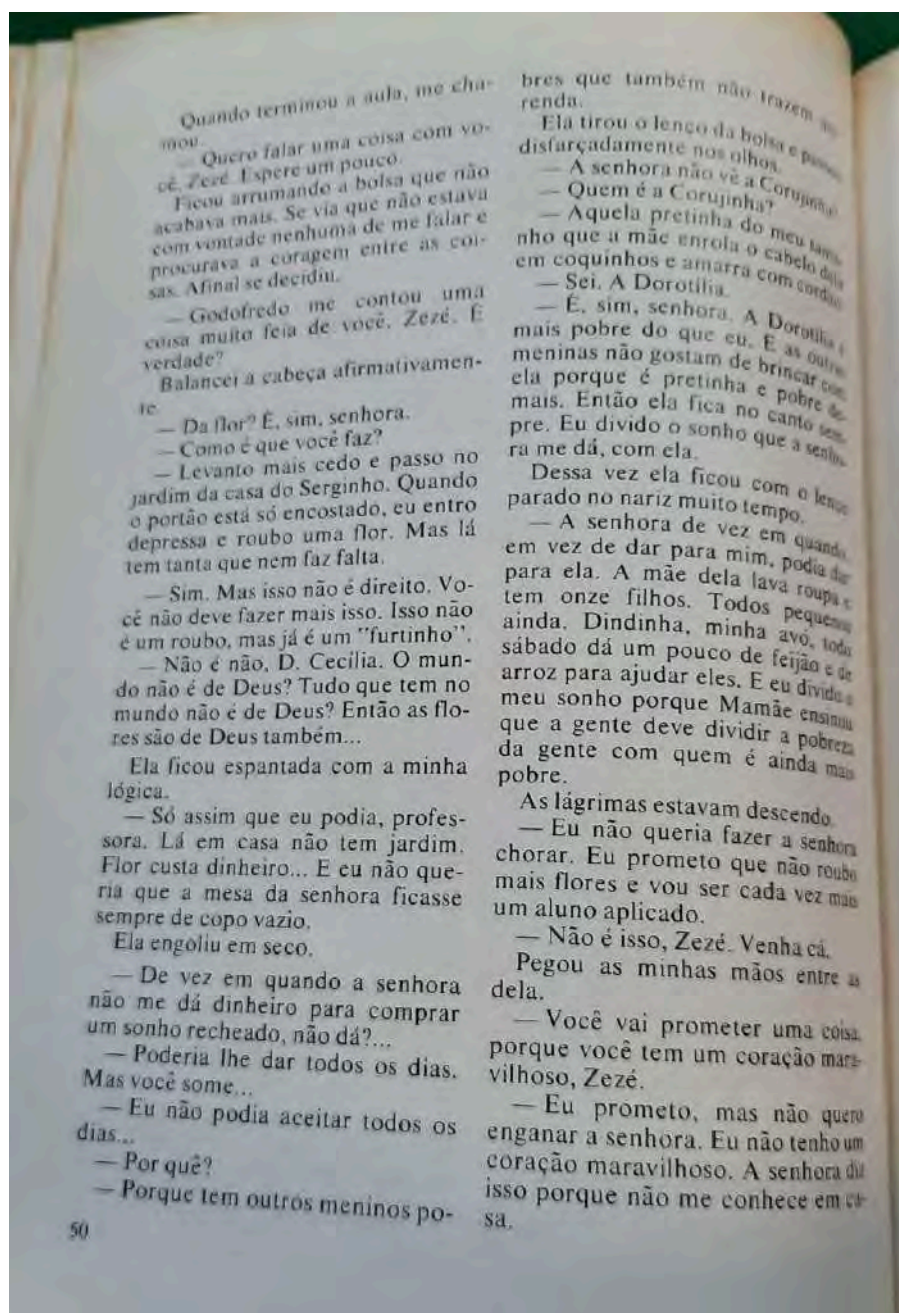
— Foi regular.

Bati com a escova na caixa e ele trocou de pé. Repeti a manobra e comecei então a lustrar. Quando acabei, bati na caixa e ele retirou o pé.

— Quanto, Zezé?

— Duzentos réis.

Zezé, mesmo tendo somente 5 anos anos, também trabalhava ocasionalmente, como engraxate e vendendo folhetos musicais, para conseguir algum dinheiro.



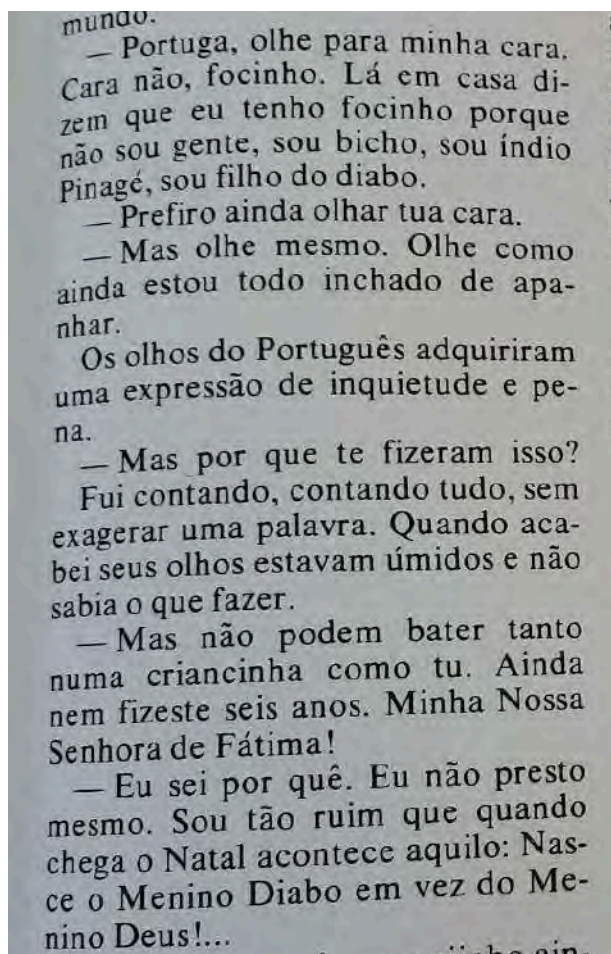
Já neste trecho, muito pode ser notado: Zezé defendendo que todos deveriam ter acesso à natureza; a pobreza de sua família, que resulta que fique sem merenda na escola; a professora que lhe paga sonhos para que tenha o que comer e a personagem Dorotília.

Dorotília é uma colega de Zezé, e é descrita vivendo uma pobreza ainda maior que ele, além de sofrer racismo: “as outras meninas não gostam de brincar com ela porque é pretinha e pobre demais”.

Outro ponto de conflito no livro é o pai de Zezé, Paulo. Paulo está desempregado, com a esposa Estefânia tendo que trabalhar em uma fábrica para que a família tenha



sustento. Paulo é descrito recorrendo à bebida, e em momentos em que Zezé “apronta”, o agride como “ensinamento” e punição:



Além dos comentários sobre a descendência indígena, de forma desumanizadora, Zezé ainda está inchado de ter apanhado.

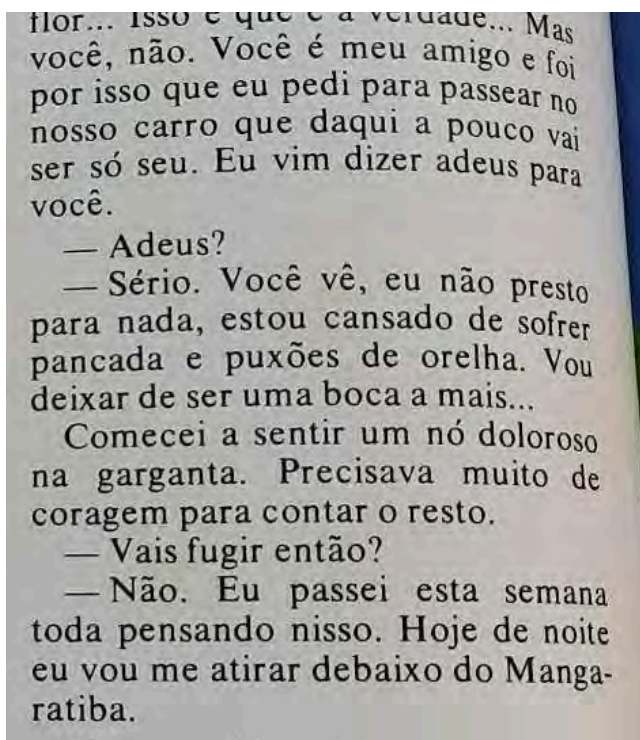
Pelo Código Penal brasileiro, tal situação se enquadraria como maus tratos, no artigo 136, de 1940:

#### Maus-tratos

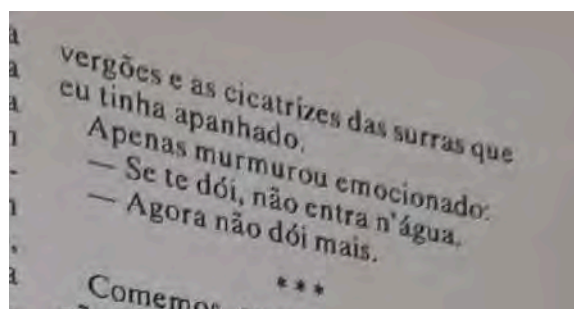
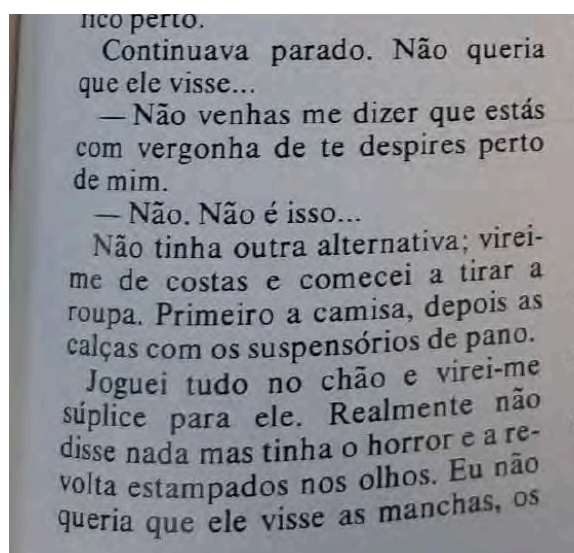
Art. 136 - Expor a perigo a vida ou a saúde de pessoa sob sua autoridade, guarda ou vigilância, para fim de educação, ensino, tratamento ou custódia, quer privando-a de alimentação ou cuidados indispensáveis, quer sujeitando-a a trabalho excessivo ou inadequado, quer abusando de meios de correção ou disciplina

(Código Penal - Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940)

Na história, Zezé faz amizade com Portuga, um senhor mais velho e rico, que o trata muito bem, chegando a tratar como filho.

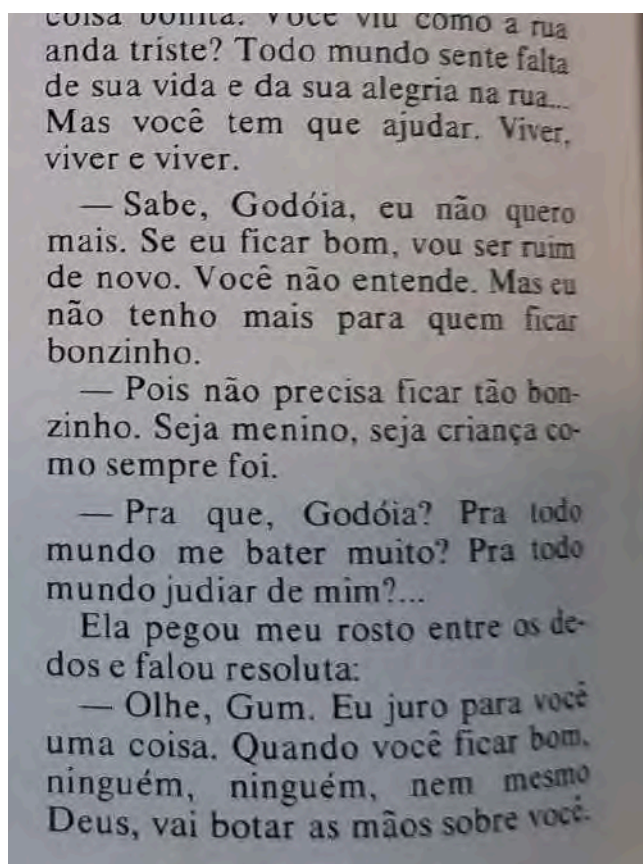


Após sofrer tantas agressões e estar ciente demais da situação complexa da sua família, Zezé cogita cometer suicídio se atirando em baixo de um trem.



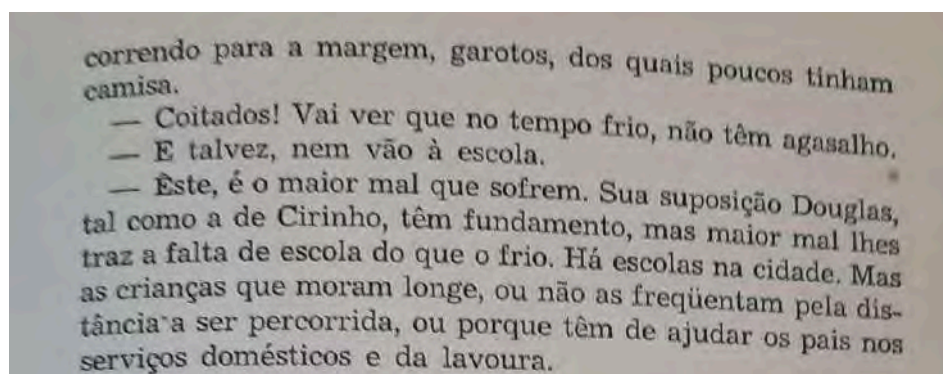
Mais a frente, Portuga consegue com sucesso fazer com que Zezé desista da sua ideia de acabar com própria vida, mas podemos o trecho onde a criança está com receio de mostrar “as manchas, vergões e as cicatrizes das surras que eu tinha apanhado”.

No final da história Portuga falece, e Zezé fica profundamente afetado, chegando a ficar doente e quase morrer também:



Zezé diz que “não tem mais para quem ficar bonzinho” e fala sobre apanhar, e sua irmã “jura que quando ele ficar bom, nem Deus botará mais as mãos nele”. Meu Pé de Laranja Lima é considerado um clássico brasileiro, e se destaca muito entre os livros infantojuvenis pela sua profundidade e complexidades retratadas.

O trabalho infantil, a pobreza e a falta de acesso a educação aparecem de novo, dessa vez em *Três escoteiros de férias no Rio Aquiduaana* (1964) de Francisco de Barros Júnior:





Em outro aspecto, temos livros infantis que incentivam o trabalho:



O Pintinho Amarelo, admirado, continuou:

— Por que a senhora não fica em casa descansando? É bem melhor que trabalhar...

— Não, meu amiguinho. Em minha casa vivem muitas formigas, todas trabalham e aquela que não quer trabalhar é logo expulsa da sociedade. E você, que faz na vida?

— Não faz mal. Sou feio, mas sou útil, êsse é o meu consolo, disse o Sapo.

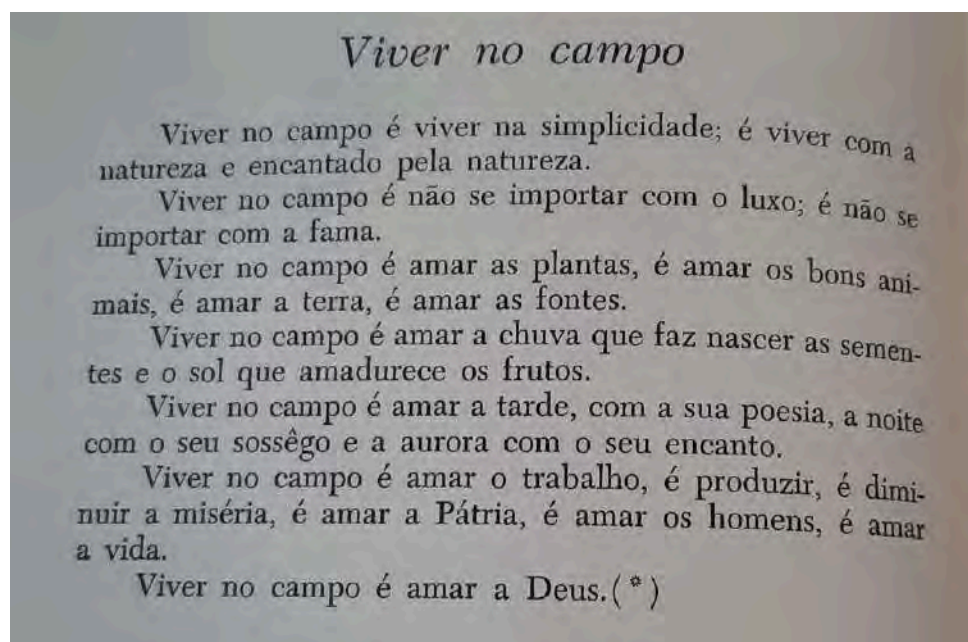
— Útil? que faz o senhor? Por acaso trabalha?

— Noite e dia, defendo as plantações do homem, comendo as lagartas, os insetos e, quando tenho um tempinho, venho tomar um pouco de sol, sentado nesta pedra. E você, está na

Ele criou alma nova! Não dera volta ao mundo, como planejara, mas aprendera muitas lições. Resolveu então tomar juízo e prometeu a si mesmo ser estudioso e trabalhador. Com essa decisão, tomou o rumo de casa.

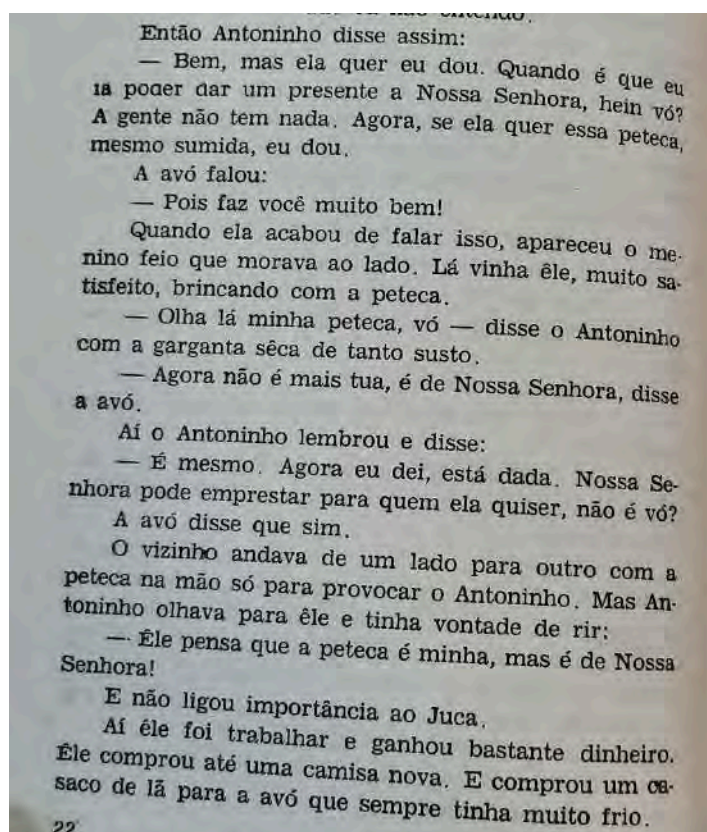
Os trechos acima são do livro *Pintinho Vadio* (1960) de Gilda Figueredo Padilla. No livro, é repetido a história inteira os méritos e importância de trabalhar, e mesmo se tratando de um livro infantil, trabalho e estudos são colocados no mesmo patamar.

Já em *O Campo e a Cidade* (1964) de Tales de Andrade, podemos ler:



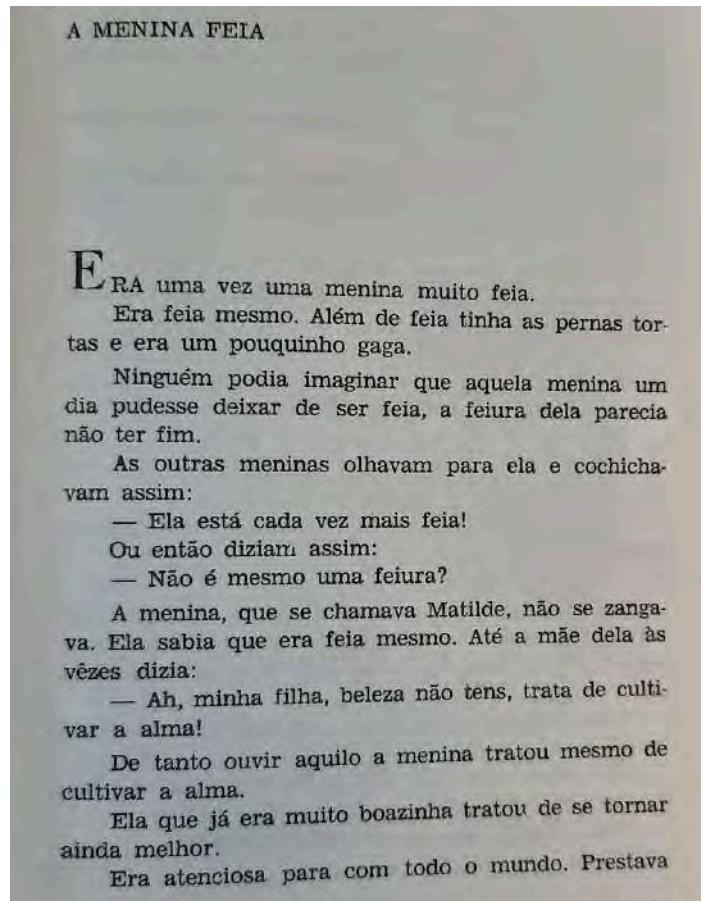
Além da valorização do campo, temos também a valorização do trabalho, patriotismo e presença da religião católica.

Outra história onde religião e trabalho se misturam é *O espelho que vê por dentro* (1965) de Lúcia Benedetti:

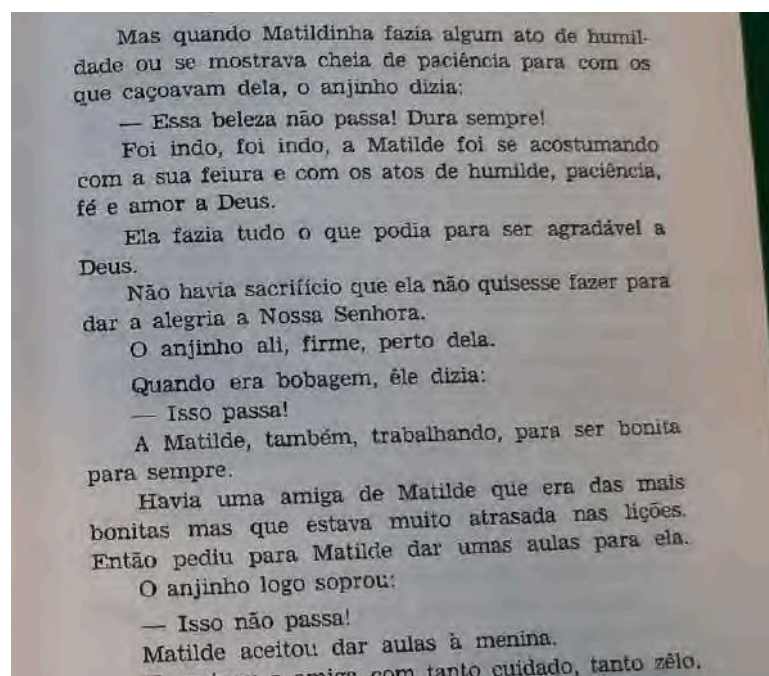




Em uma das histórias que aparece no livro, Antoninho é descrito como sendo tão pobre que não tem nada além de sua peteca, mas quando Nossa Senhora a pede a ele, ele lhe dá. E ao final da história, mesmo ele sendo uma criança, é dito que ele “foi trabalhar e ganhou bastante dinheiro. Ele comprou até uma camisa nova. E comprou um saco de lã para a avó que sempre tinha muito frio.”



Já nessa história, além de caracterizarem a criança como feia e citarem negativamente que tenha pernas tortas e seja um pouco gaga, também é colocado o trabalho como virtude, e a religião novamente como guia moral.





É dito a ela que sendo uma pessoa humilde, paciente, com fé e amor a Deus, alcançaria a beleza eterna. E Matilde não mede esforços nem sacrifícios para isso.

Na história seguinte do livro, nos é apresentada uma menina sem nome, sendo tratada apenas como menina. A professora a ensina que atos de sacrifícios e de amor a Deus e a Jesus lhe rende moedas no céu, e a menina começa a trabalhar em prol disso:

A bem dizer, ela não tinha nenhuma necessidade de levantar cedo. Quando ia dormir já havia feito grande parte das lições. No dia seguinte sempre tinha muito tempo para terminar e estudar bastante até a hora do colégio.

O serviço de casa era feito por empregados.

Sendo assim, porque razão ela havia de levantar cedo?

Só mesmo para fazer sacrifício.

A menina lembrou desse sacrifício, mas também pensou:

— Eu me levanto cedo e depois o que é que eu fico fazendo pela casa?

Se eu fizer barulho vão brigar comigo. Se eu ficar andando de um lado para outro, também.

Tanto ela pensou que acabou achando um trabalho.

— Eu me levanto cedo e arrumo direitinho a mesa do café.

Assim, ela faria um sacrifício muito grande e a empregada ficaria aliviada de um trabalho.

E tinha que ser tudo no maior silêncio, para não incomodar ninguém.

Assim foi.

Arrumou a mesa muito bem arrumadinha, dizendo:

— Isto eu faço pelo amor de Deus!

Ah, meninos!

Mal ela acabou de dizer isso, escutou um barulho assim:

— "Telemmm!"

Era o barulho da primeira moeda caindo no cofre.

Ela ficou muito satisfeita e pensou.

— Bem, a primeira já foi.

Naquele dia, quando a empregada acordou ficou muito admirada por encontrar a mesa já posta.

Mas era uma empregada que costumava falar mentiras. Assim, quando foi mais tarde, ela estava contando para todo mundo:

— Eu estou tão acostumada a trabalhar que agora dei para trabalhar até dormindo. Imagine que levantei à meia noite, botei a mesa para o café!

A menina ouviu aquilo e ficou assombrada. Como é que a empregada tinha coragem de dizer tamanho disparate?

Mas, não falou nada, na frente dos outros.

Ela não queria que a empregada passasse vergonha.

Mais tarde, quando as duas estavam sòzinhas, ela falou:

— Olha aqui, vou te avisar. Quem bota a mesa do café para você sou eu, que tenho me levantado mais cedo todos os dias. Não fique dizendo aos outros que agora deu para trabalhar até dormindo, que é feio!

A empregada ficou meio sem graça, mas disse:

— Bom, eu pensei que fôsse mesmo. Quem havia de dizer!

Mas ficou muito contente porque a menina não a desmentira na frente dos outros.

Nisso, quando a empregada estava dando graças a Deus por não ter passado aquela vergonha, a menina ouviu barulhinho:

— “Telemmm...”

Era a moedinha do amor ao próximo caindo no cofre do céu.

A menina sabia que não poderia estar pondo moedas grandes todos os dias.

Será que ela poderia botar algumas moedas pequeninas?

Foi perguntar à professora.

— Quem não bota moedas grandes no cofre pode botar pequeninas?

Aí a professora falou:

— Toda moedinha que é posta no cofre do amor vira logo moeda grande.

A menina disse:

— Ah, bom, eu queria saber porque às vezes eu tenho só moedinhas.

E era verdade. Eram moedinhas pequenininhas, mesmo. Às vezes ela se lembrava de Jesus e dizia assim:

— “Para mostrar a Jesus que lhe quero bem, vou ficar cinco minutos sem olhar meus sapatos novos.”



Quem bota a mesa do café para você, sou eu, que tenho me levantado mais cedo todos os dias.

Depois de escolher levantar mais cedo e colocar a mesa do café como sacrifício para Jesus, a menina teria demonstrado amor ao próximo ao não desmentir a empregada da casa que disse que foi ela que estava trabalhando até dormindo. A empregada é negra.

A menina ficou escutando.

— Se você quiser sarar logo, tire uma moedinha deste cofre. Se quiser sofrer um pouco mais pelos pecadores, ganha outro igual a este! Eu sei que é uma resposta difícil. Não precisa responder logo. Quando decidir mande um recadinho para o céu...

A menina acordou e ficou o tempo todo pensando naquele negócio.

Ela não podia pensar em perder a oportunidade de ganhar outro cofre grandão.

Mas também ficar doente muito tempo era horrível. Tudo era ruim. As dores, os remédios, as injeções. As injeções então, doíam tanto!

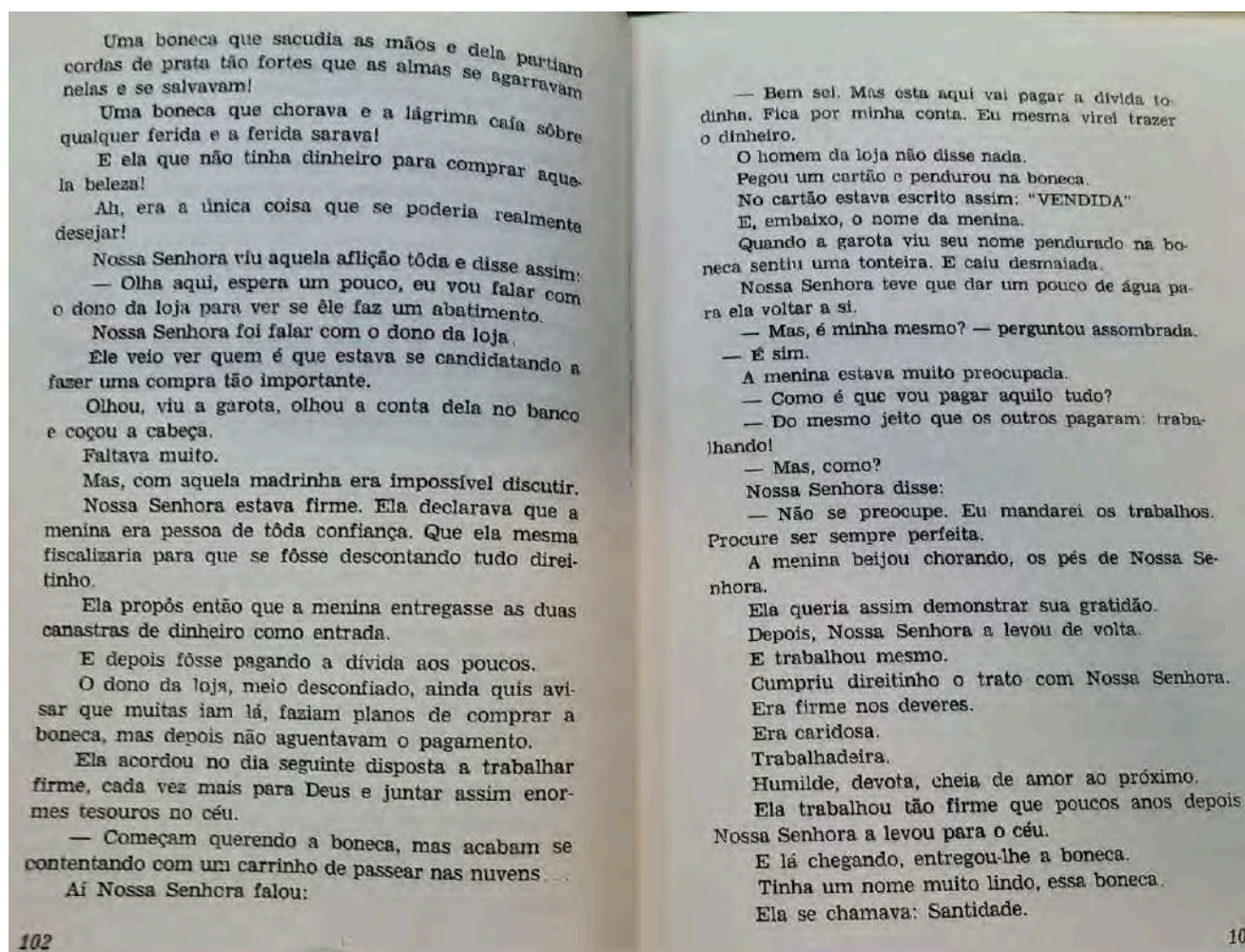
Tinha hora que ela achava que era mais negócio tirar uma moeda do cofre e sarar logo.

Mas, ao mesmo tempo ela pensava assim:

— Se eu quiser sofrer pelos pecadores, em lugar de uma canastra terei duas!

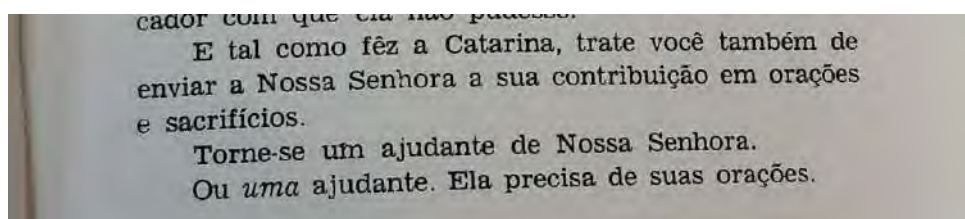


Mais adiante na história, a menina fica muito doente e Nossa Senhora a visita, e mostra todas as moedas que a menina já conquistou. É oferecido a ela o dobro de moedas caso escolha ficar sofrendo pelos pecadores.



Quando Nossa Senhora leva a menina para passear pelo céu, lhe mostra também tudo que pode comprar quando estiver lá. A menina se encanta por uma boneca, que acaba sendo muito cara. Para pagar a boneca, terá que trabalhar e ser perfeita.

É contado que trabalhou mesmo: "ela trabalhou tão firme que poucos anos depois, Nossa senhora a levou para o céu".



Ao final do livro, os leitores são diretamente instruídos a fazerem sacrifícios por Nossa Senhora.



No seguinte livro, *O menino e o raio de sol* (1967) de Maria Nunes de Andrade, é contada a história de Daniel, que está em dúvida sobre qual profissão seguir. Assim ele é levado por um raio de sol mágico para conhecer vários profissionais. Um deles, seria um missionário que mora na África:

### O MISSIONÁRIO

E ele ouviu, de novo, a voz do **Raio de Sol**.

— Estamos chegando à etapa final de nossa peregrinação. Passaremos pela África, de regresso ao Brasil. Lá você conhecerá um santo missionário, possuidor dos mais valiosos dons da vida.

— Que bom! exclamou o menino, contente. Vou ter ainda outra aventura!

Ao mesmo tempo que dizia essas palavras, sentiu que pousava no solo arenoso de uma estrada, no meio da floresta.

Olhou em volta. Viu à beira do caminho um môço sacerdote que meditava, sentado numa pedra. E aproximou-se confiante.

O padre olhou-o com fisionomia serena e bondosa, perguntando-lhe:

— Quem é você e de onde vem, meu filho?

— Chamo-me Daniel e venho de longe, trazido por um **Raio de Sol**, respondeu o menino. E o senhor mora aqui?

— Moro junto àquela igrejinha, no fim da estrada.

E o sacerdote apontou uma capela muito branca que se avistava ao longe, numa elevação do terreno.

— O senhor vive sozinho lá? indagou a criança, com ingênua curiosidade.

53

— Não, Daniel, respondeu o padre, sorrindo. Vivo na minha Missão com Nosso Senhor Jesus Cristo. E lá moram também criaturas nascidas nesta região selvagem e que aos poucos vou civilizando e encaminhando para Deus. Dedico a elas minha existência, curando-lhes os males do corpo e do espírito.

— E isso dá felicidade? quis saber o menino.

— Uma felicidade que só compreendem os que têm muita fé, meu filho.

— Que é ter fé? indagou ainda a criança.

— É acreditar numa coisa que não se vê, mas que a gente sabe que existe e é verdadeira.

Daniel refletiu durante alguns instantes.

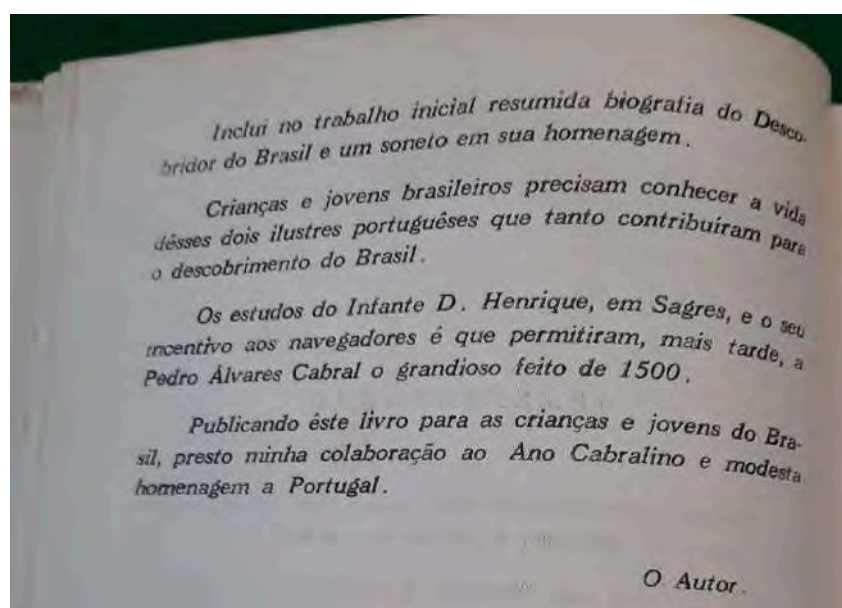
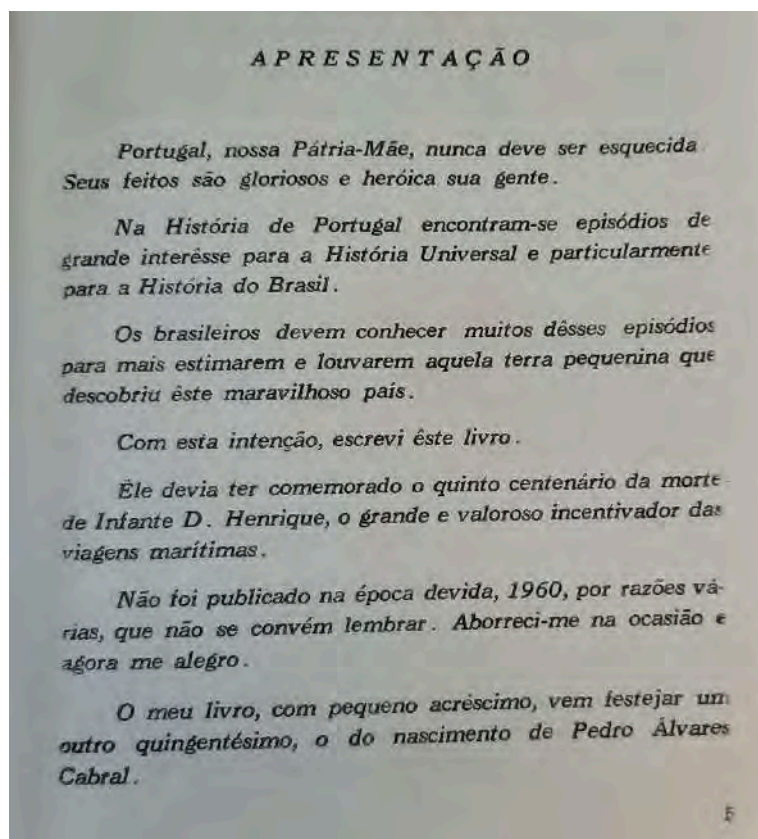
— Crer em Deus, por exemplo? aventurou-se a perguntar.

— Crer em Deus é ter fé, concordou o missionário. É a crença maior de todas, porque, sem ela, a vida se torna vazia e sem sentido.

— Eu creio em Deus, afirmou o menino, com convicção. Foi Ele que criou o mundo e fez a gente. E acredito também no **Raio de Sol** que me trouxe até aqui.

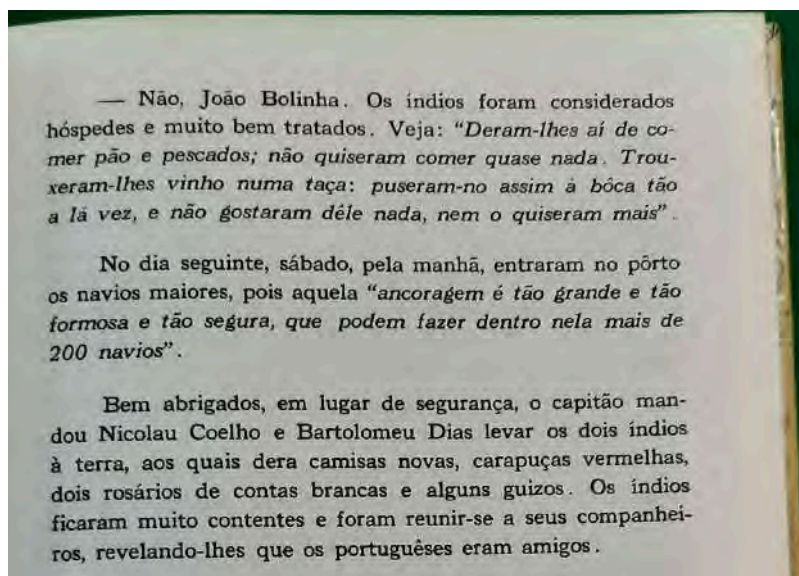
O padre diz a Daniel que: "Vivo na minha missão com Nosso Senhor Jesus Cristo. E lá moram também criaturas nascidas nessa região selvagem e que aos poucos vou civilizando e encaminhando para Deus". Além de se referir a pessoas como criaturas, e não civilizadas, coloca a conversão religiosa como algo muito nobre.

Tal feito é repetido de forma semelhante no livro *História de um Bravo* (1968) de Vicente Guimarães. Neste livro, feito para crianças brasileiras, é contada a história do Rei de Portugal Dom Henrique:



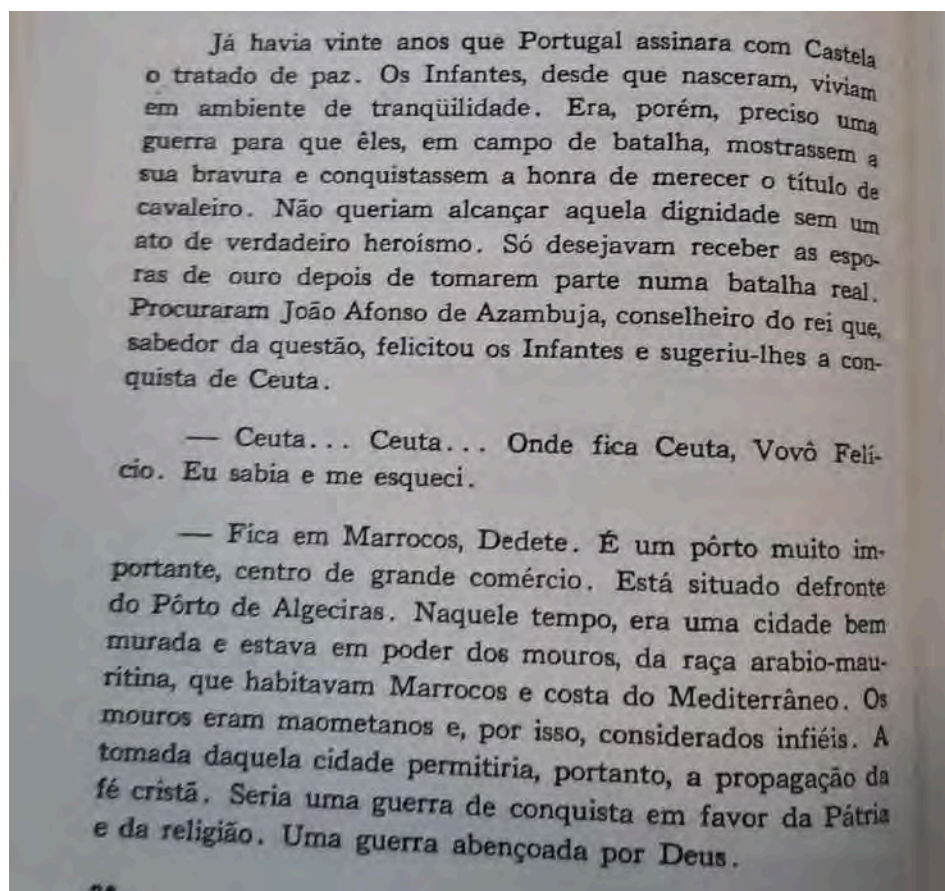


O autor diz que “crianças e jovens brasileiros precisam conhecer a vida dêsses dois ilustres portugueses que tanto contribuíram para o descobrimento do Brasil”.



No livro, as histórias são contadas através de um avô para os seus netos. Se passa brevemente pelo “descobrimento do Brasil”, sendo dito que os “índios foram considerados hóspedes e muito bem tratados” e que “os portugueses eram amigos”.

Mais adiante, é contada a história de Dom Henrique, que viveu e reinou anteriormente em Portugal. Mas no livro, temos glorificação da guerra e preconceito religioso tremendo sendo normalizado:





Os infantes ficaram animados. D. Henrique era o mais entusiasmado de todos.

Resolutos, dirigiram-se ao pai, comunicaram-lhe o que pretendiam e solicitaram a sua autorização para tal feito.

Depois de ouvir os argumentos dos filhos, respondeu-lhes D. João I:

— “Hei de perguntar ao meu confessor se uma guerra assim será realmente uma guerra santa.”

— E que disse o padre?

— Concordou, Maria Angelina. Achou que aquela guerra seria abençoada por Deus.

— Que absurdo! Nenhuma guerra é abençoada por Deus, Vovô Felício! Ainda mais uma guerra de conquista! Deus nunca autoriza a matar.

— Hoje é que pensamos assim, minha netinha. Antigamente não realizavam as Santas Cruzadas? Se a guerra tivesse por finalidade a conquista de almas para Deus, novos crentes para a religião, seria considerada nobre e abençoada.

— E D. João I topou a guerra?

— Sim, João Bolinha. Mas não foi logo após a resposta do padre.

Mesmo sabendo tratar-se de uma luta santa, ele ficou indeciso. O País não estava militarmente preparado para tal empreendimento e a situação financeira não era lá das melhores. O rei, procurando estudar o problema, reuniu o conselho em Torres Vedras e dele, depois de bem discutido o assunto, obteve opinião favorável. Mesmo assim, ainda continuou indeciso. Mas, logo depois, conversou novamente com

37

D. Henrique. Este, que já sonhava com a conquista de Ceuta, soube convencer o pai, dizendo-lhe, entre outras coisas, que aquele feito daria grande prestígio a Portugal e faria morrer de inveja o rei de Castela. Com a conquista de Ceuta, os portugueses ficariam mais fortes que os castelhanos e a amizade dos fortes é sempre requestada.

Com esse argumento final, D. João I resolveu definitivamente preparar-se para a guerra e tomar Ceuta aos mouros.

D. Henrique, com a final decisão do pai, tomou-se de grande alegria e, de joelhos, beijou-lhe as mãos, agradecendo-lhe a oportunidade que oferecia aos Infantes. Entusiasmado, correu a dar a alvissareira notícia aos irmãos. Estes, contagiados pelo contentamento de D. Henrique, saíram, arrebatados, à procura do pai, de quem queriam ouvir a confirmação da nova.

Faltava ainda a aprovação da Rainha.

— Será que D. Felipa vai desmanchar o prazer dos filhos?

— Não seja afobado, João Bolinha. Não tire conclusões precipitadas. Escute: D. João I falou aos filhos que seria necessária a aprovação da rainha e que eles fossem obtê-la.

— E conseguiram? Estou torcendo.

— Pois fique torcendo e escute: Astutamente, resolveram não contar à mãe que já contavam com a permissão do pai. Dirigiram-se a ela e pediram-lhe que intercedesse junto ao rei a fim de conseguir a sua aprovação para aquela guerra justa e abençoada, que iria aumentar o prestígio da Pátria e divulgar a Fé entre os mouros, além de lhes permitir conquistar galhardamente as esporas de ouro e a espada de cavaleiro.

D. Felipa, mãe amantíssima, ficou muito honrada com o pedido dos filhos e não hesitou em tomar o partido deles e pedir o consentimento de D. João I.

O rei fingiu ignorar o assunto e, com toda delicadeza, como sempre tratava a esposa, despachou favoravelmente. Aproveitou-se, porém, da oportunidade em que concedia um favor, a fim de obter também um outro, da rainha: a sua aprovação para que ele seguisse juntamente com os filhos.

A rainha levou grande choque. Esperava que o marido ficasse em sua companhia. Por isso, procurou convencê-lo a desistir de tal intento. Argumentou que ele não precisava novamente participar de cruentos combates, pois sua honra de valente cavaleiro já estava solidamente estabelecida.

O rei, porém, retrucou que não iria combater em defesa da honra, mas, como no passado havia sujado suas mãos em sangue de cristãos, precisava, agora, redimir-se, combatendo os infiéis. Queria prestar esse grande serviço a Deus, fazendo com que Seu nome fosse adorado numa cidade onde se servia a Satanás por intermédio de Maomé.

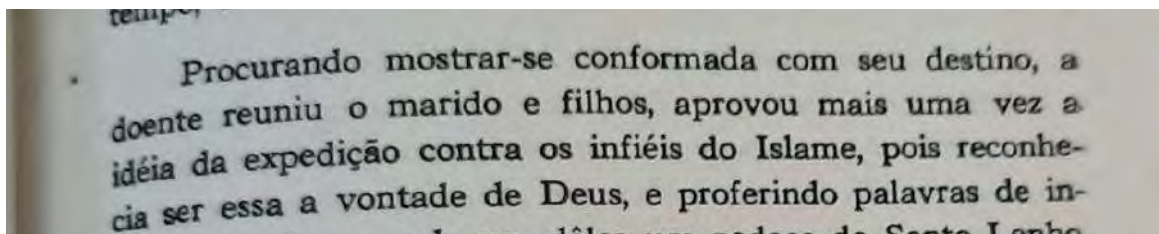
Para esse argumento D. Felipa não teve refutação. Não podia impedir D. João I de servir a Deus.

E, assim, a tomada de Ceuta ficou completamente resolvida. Cumprida, agora, iniciarem os preparativos.

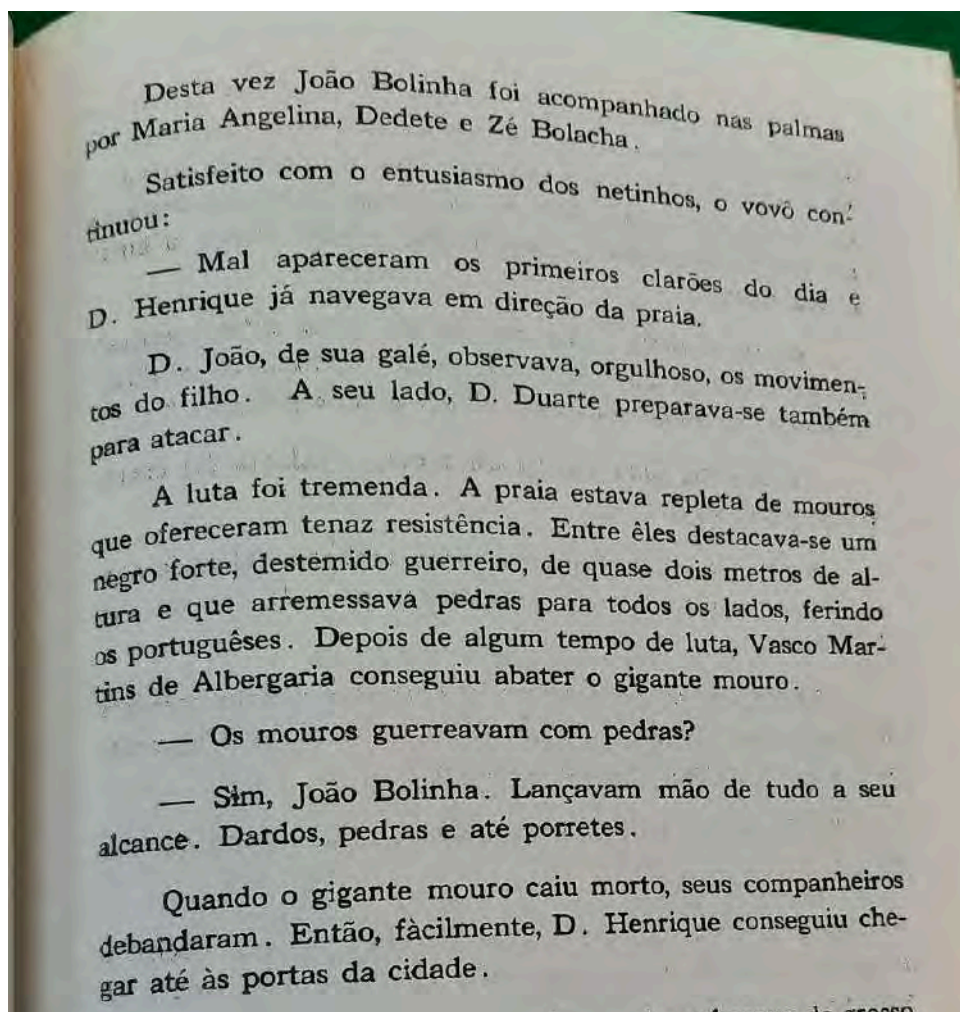


O autor escolhe colocar que a realeza portuguesa “Queria prestar êsse grande serviço a Deus, fazendo com que Seu nome fôsse adorado numa cidade onde se servia a Satanás por intermédio de Maomé”.

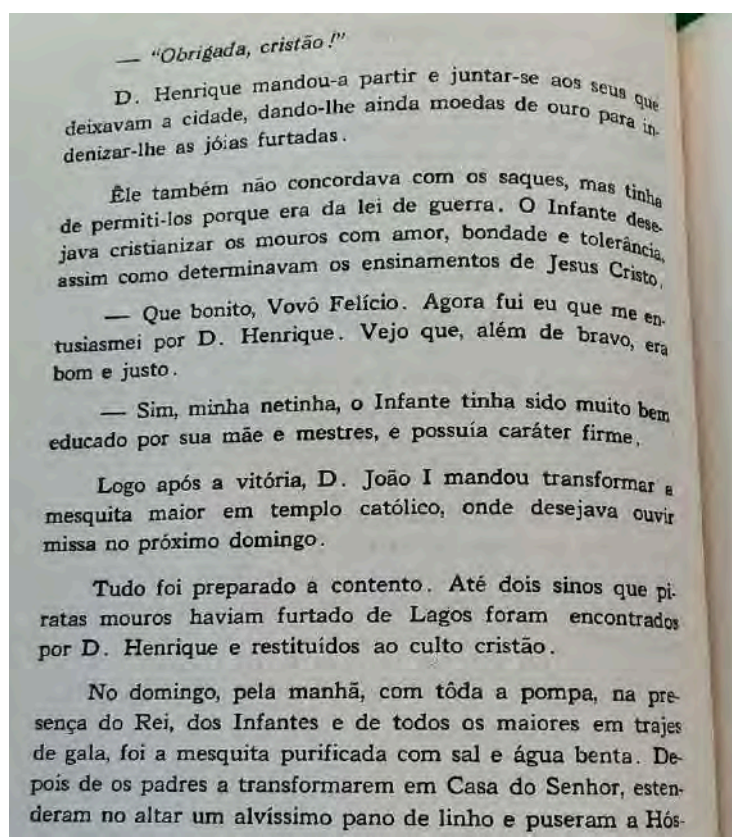
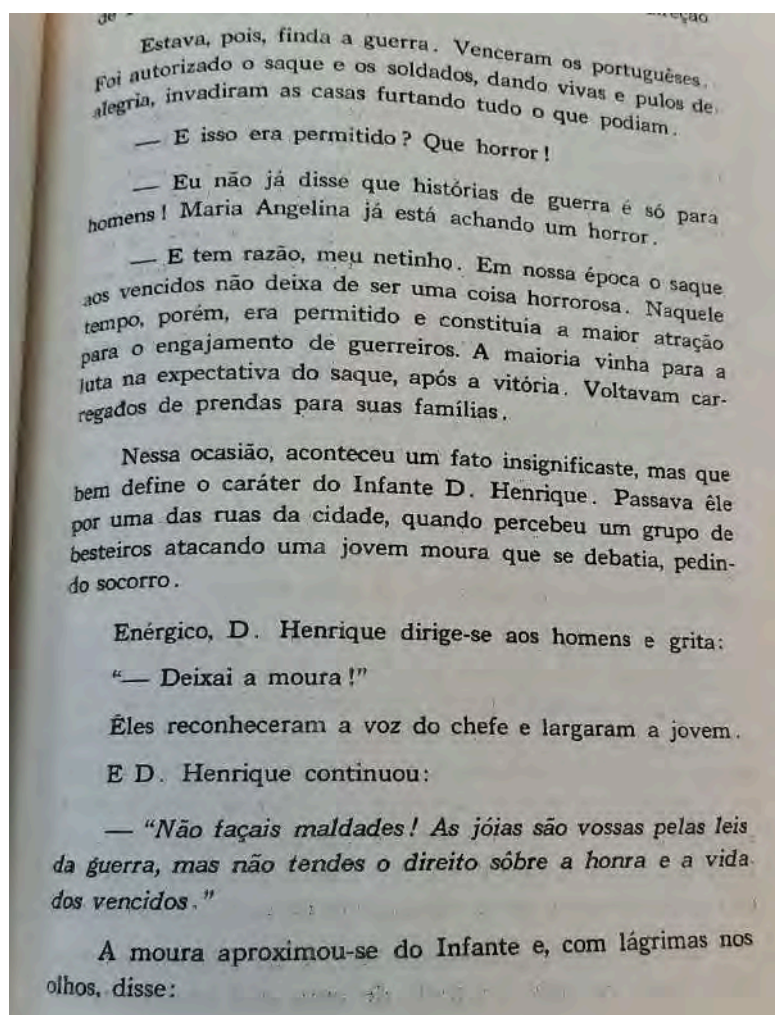
Assim, por prestígio e se julgando detentores da religião correta - algo que em momento algum do livro foi posto como incorreto - se inicia a narração da guerra.



Aqui, a rainha coloca que uma guerra contra “os infiéis do Islame” seria a vontade de Deus.



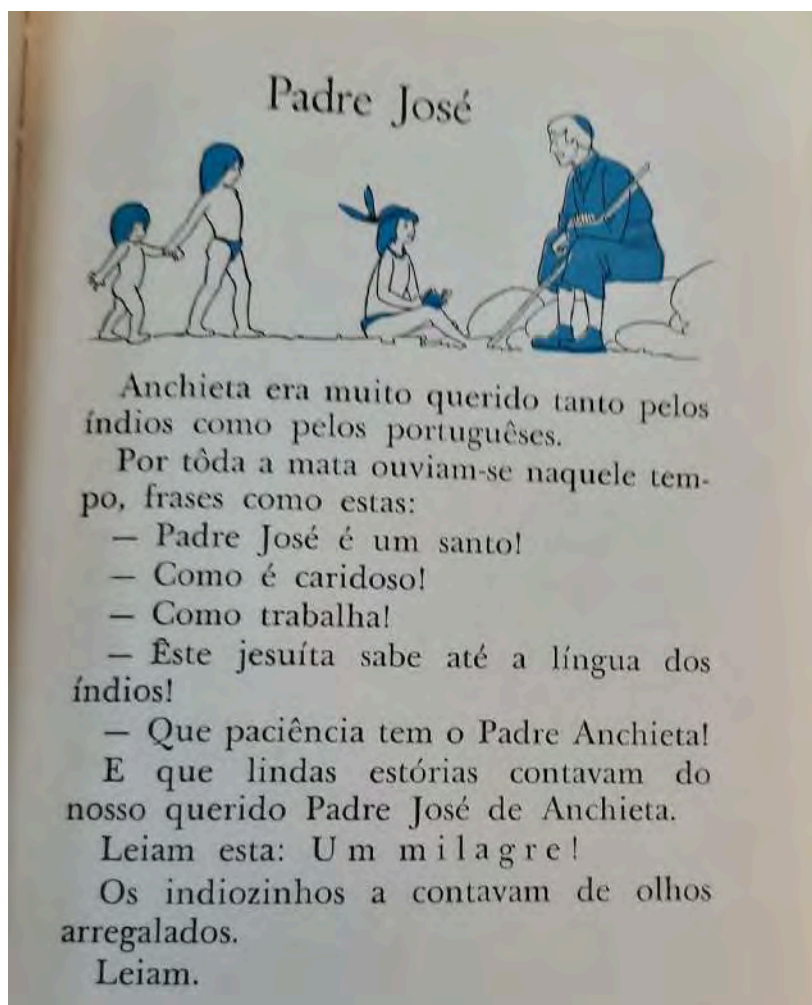
Neste trecho, podemos ver que as crianças já admiram a história contada, e a descrição de um dos mouros é “um negro forte, destemido guerreiro, de quase dois metros de altura e que arremessa pedras para todos os lados”.



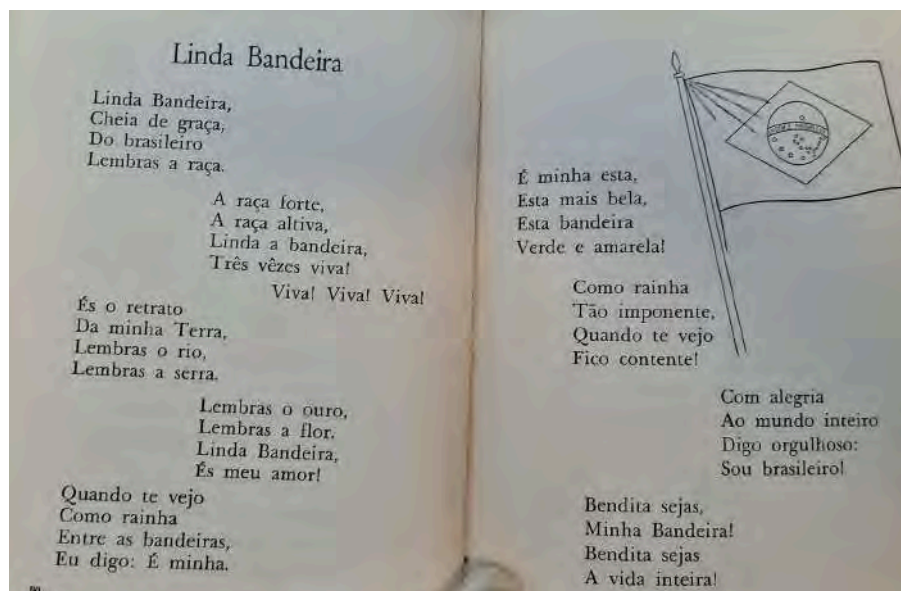
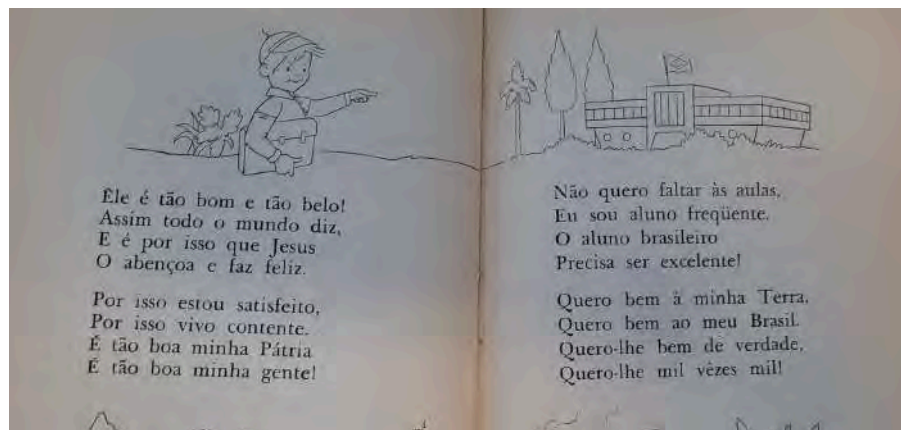


Dom Henrique é descrito como um herói. Pós guerra diz, que “desejava cristianizar os mouros com amor, bondade e tolerância”. É dito também que “foi a mesquita purificada”.

Para fechar esse capítulo, temos um livro de 1969, *No Castelo da Fada*, de Celso Bentim, que reúne a cristianização, cristianismo e o patriotismo:

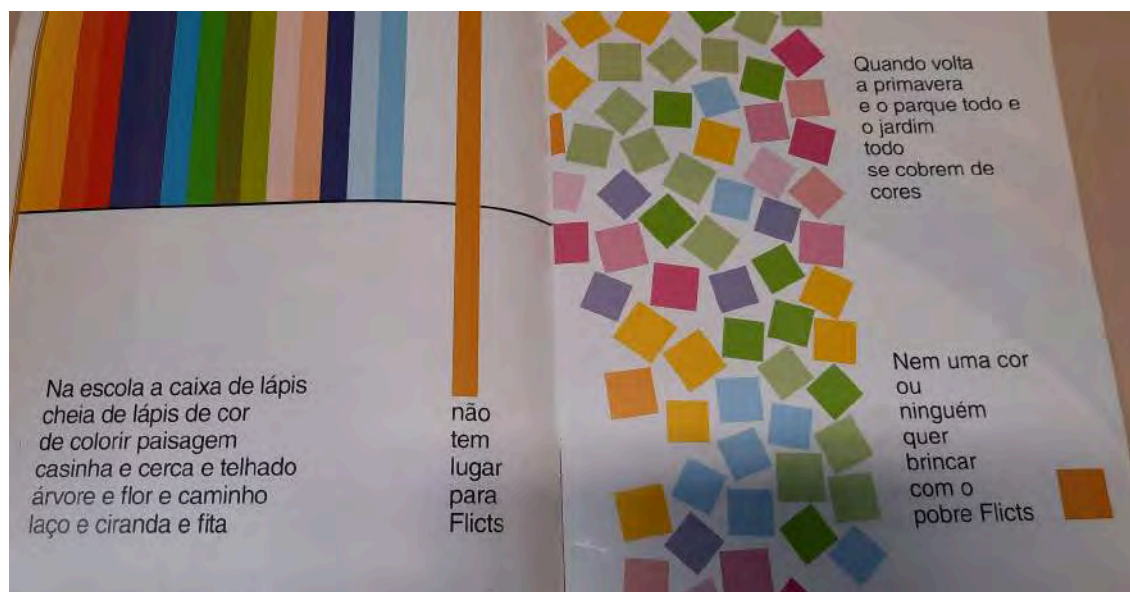
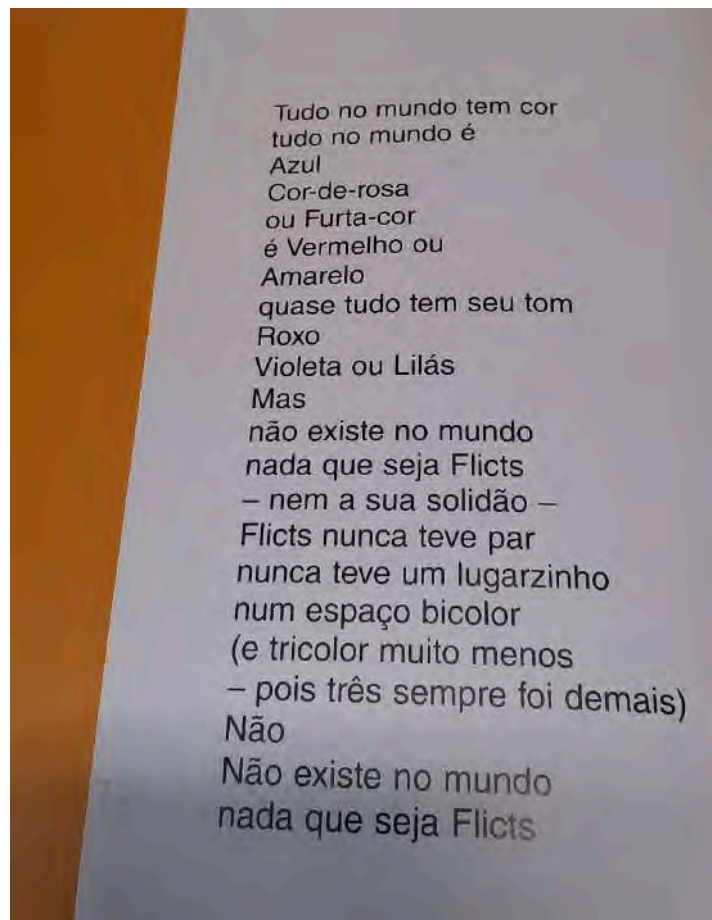


As boas ações agradam a Deus, enaltecem a família e a pátria.  
Compreenderam agora?  
Pensem em tudo de bom que vocês fizeram nestes doze meses e vejam quantas bolas novas vocês poderão colocar em nossa árvore para oferecer a Jesus.  
E ao contemplá-la no dia 25, a nossa alegria será muito maior!  
Quando Dr. João acabou de falar, as crianças entusiasmadas, bateram palmas.



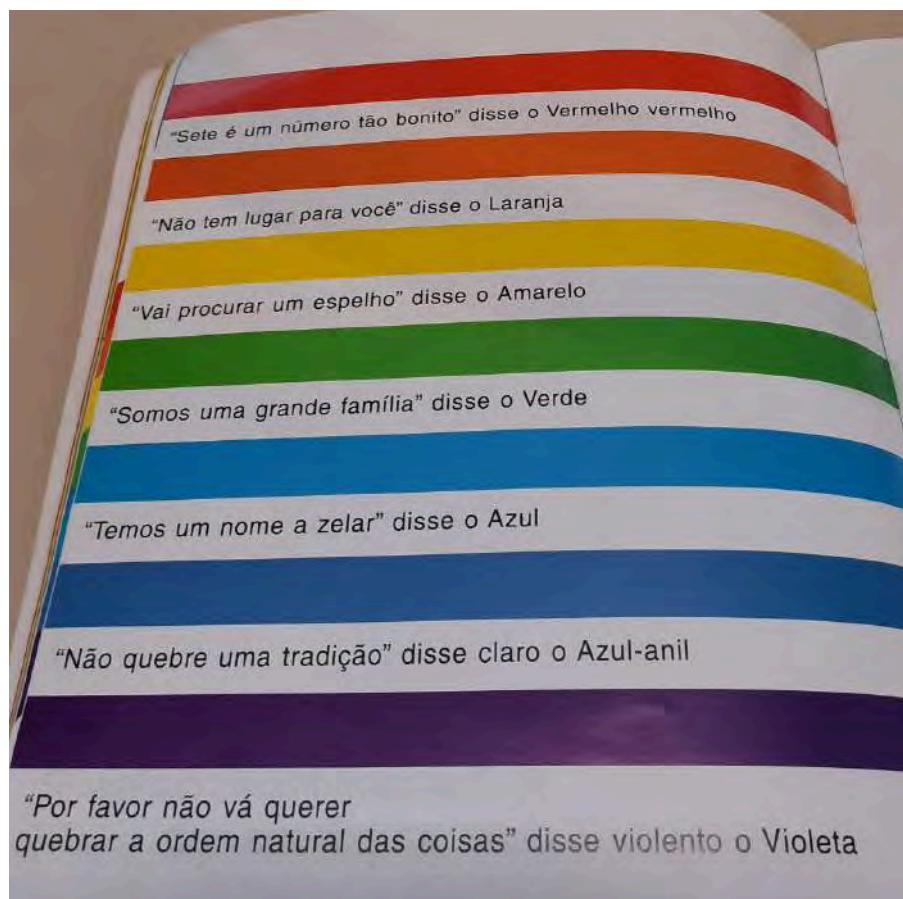
Neste livro, pode-se perceber uma intensa exaltação ao Brasil, ao patriotismo e à religião católica, acompanhando muito do que se viu da década.

Porém, em 1969, temos um livro que foge do encontrado até então: Flicts, de Ziraldo. A história é sobre uma cor diferente e seus desafios:

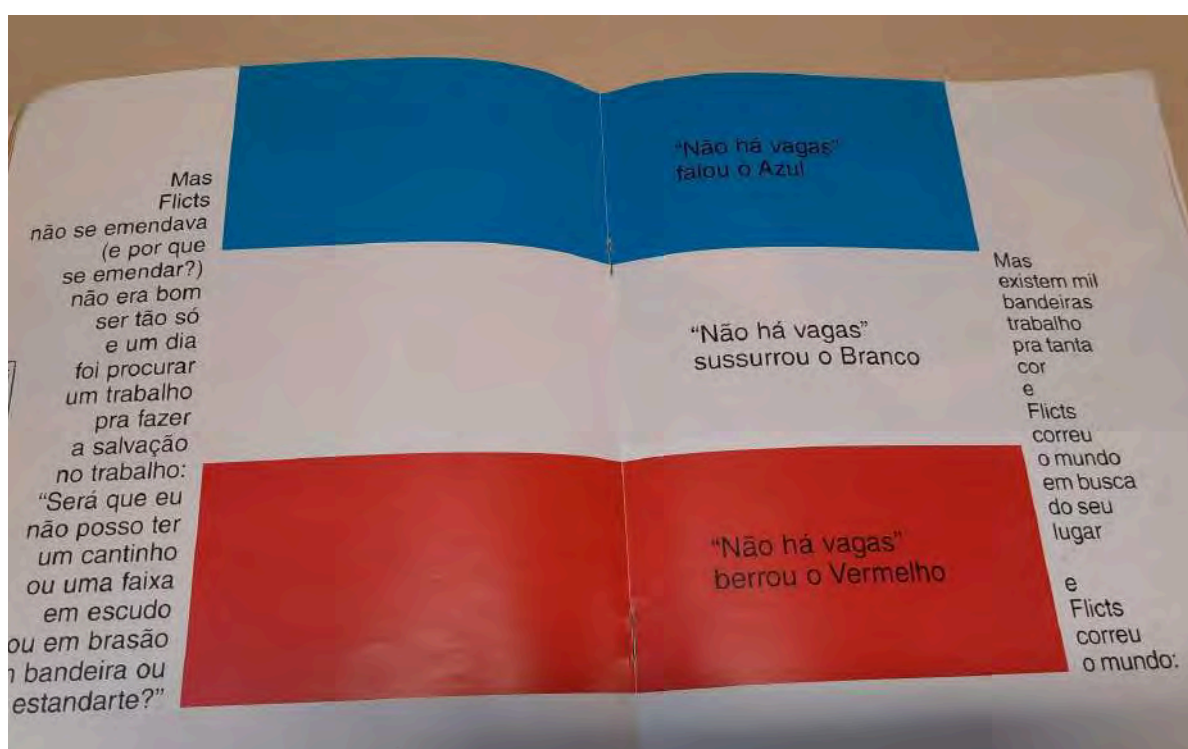


Na obra, Flicts não se sente pertencente e é excluído e maltratado por ser diferente.

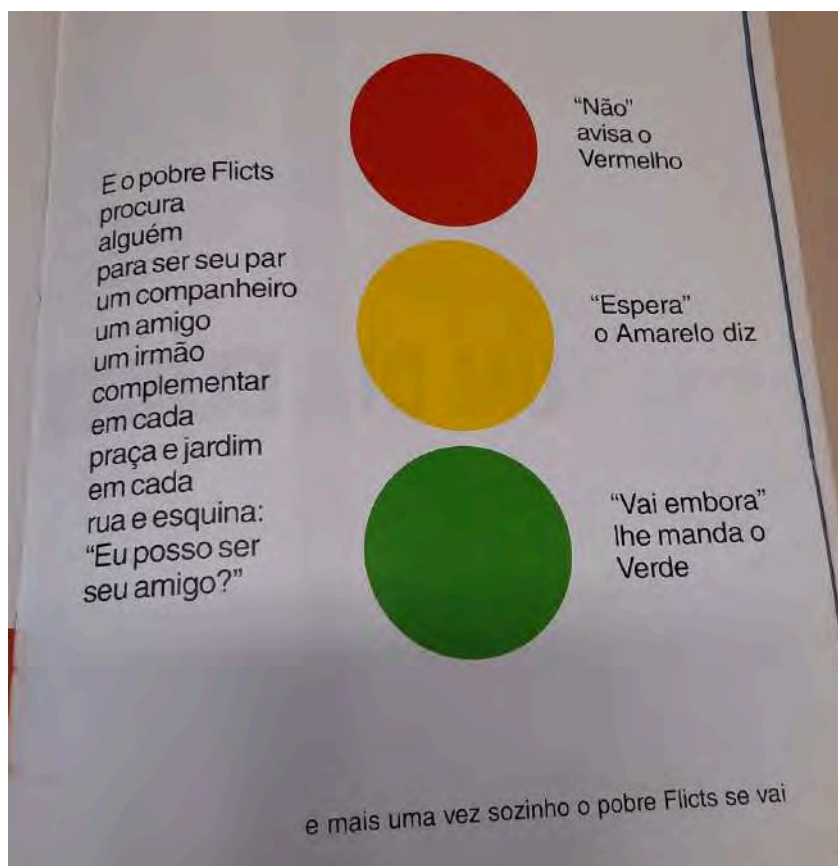




Uma de suas tentativas de se encaixar é encontrada com as frases "Temos um nome a zelar", "Não quebre uma tradição" e "Por favor não vá querer quebrar a ordem natural das coisas".



Em sua empreitada, buscou um emprego como uma possível forma de salvação.



Sua dedicação em encontrar uma comunidade continuava em vão.



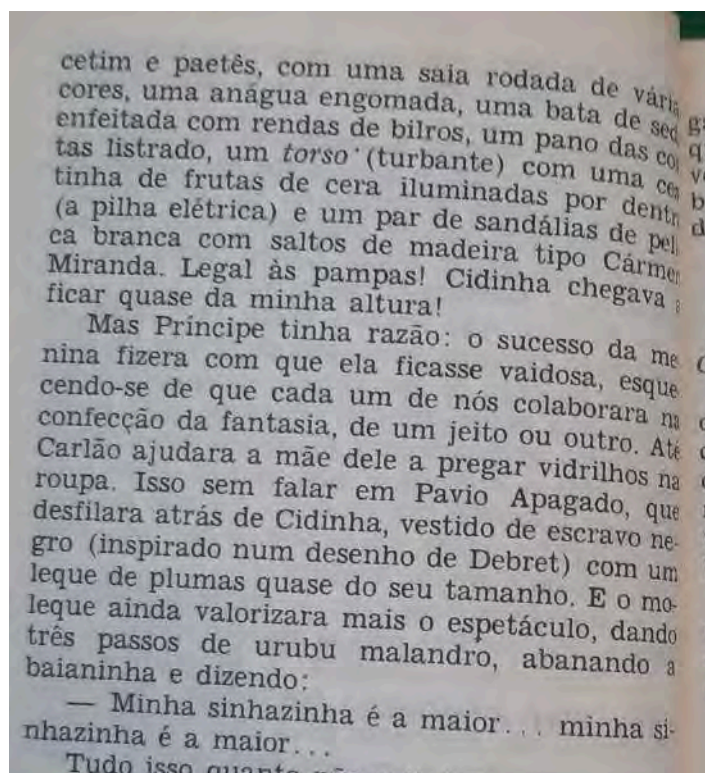
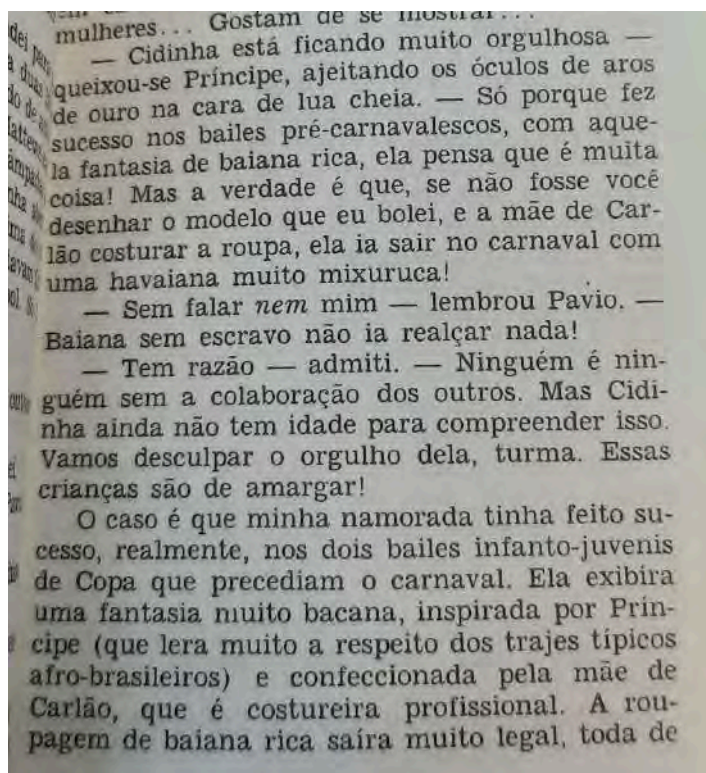
No final da história, a Lua também era Flicts. Uma importante e pioneira obra sobre diferenças e inclusão, ou a falta dela.

# 1970

No início da década de 70, o Brasil estava no meio dos “Anos de Chumbo”, época mais severa da Ditadura militar que durou de 1968 até 1974. Muito do que já foi visto no presente trabalho até agora, continua aparecendo na literatura infantil brasileira.

Hélio do Soveral, sob o pseudônimo de Luiz de Santiago, escreveu a série de livros: *A Turma do Posto 4* a partir dos anos 70, sobre uma turma de amigos que investigava mistérios e crimes. Nesses livros, dois foram encontrados na pesquisa e podemos observar alguns dos temas relevantes para esse trabalho.

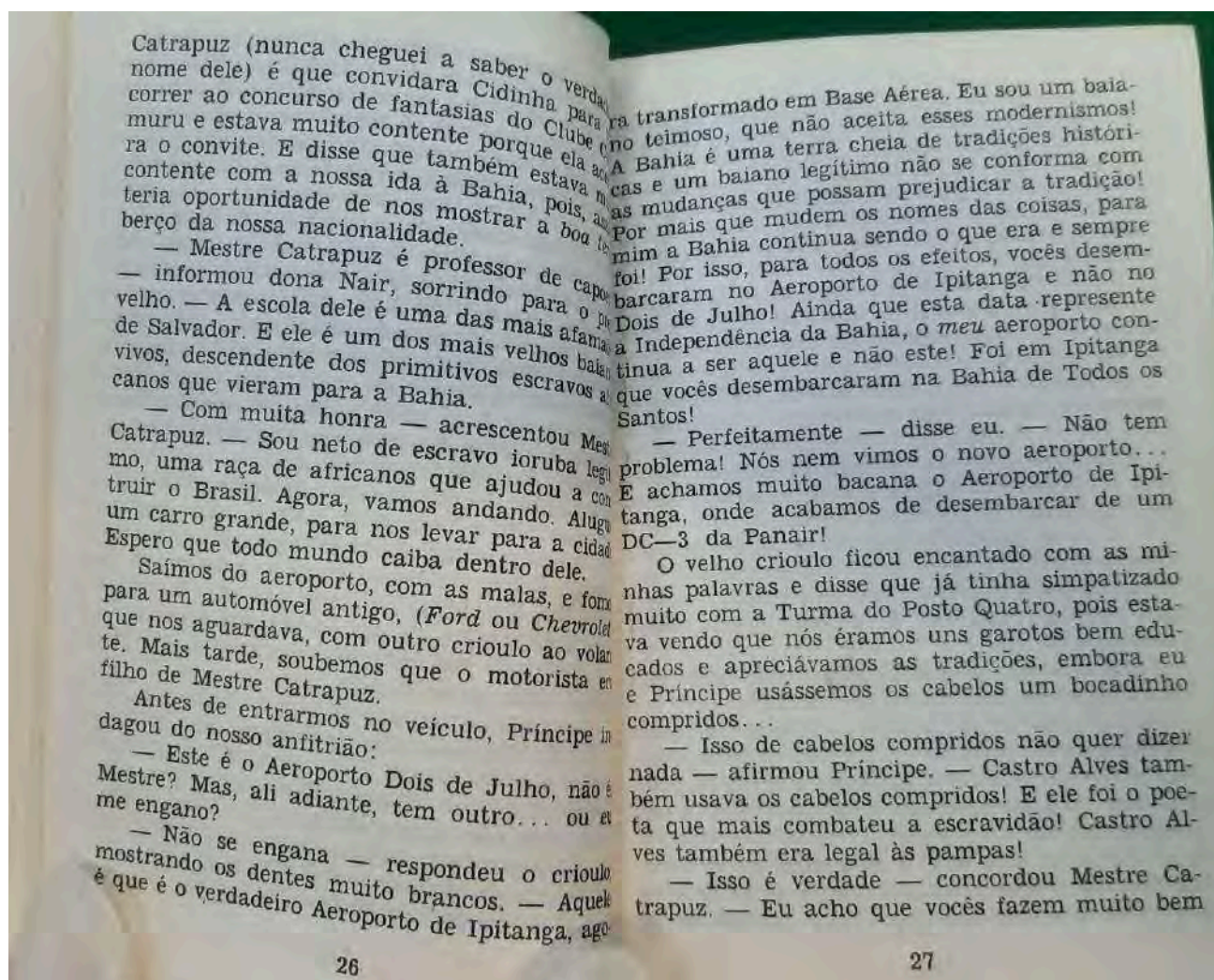
O primeiro deles é a *Operação Falsa Baiana*, de 1973. Na história, os amigos do Posto 4 viajam até a Bahia e entram em contato com as religiões afro-brasileiras umbanda e candomblé. Observa-se, então, o racismo e preconceito religioso, e novamente é colocado a religião católica como correta.



Logo no início, é contado que a personagem Cidinha fez sucesso no carnaval ao usar uma “fantasia de baiana rica”, e como complemento de tal caracterização, teve o personagem Pavio Apagado, que é negro, desfilando como escravo negro e a chamando de sinhazinha.



Cidinha ao ser convidada para participar de um concurso de fantasias na Bahia, é acompanhada por todo o grupo.



Neste trecho, a mãe de Cidinha, Dona Nair, apresenta Mestre Catrapuz, professor de capoeira que os acompanha em Salvador, como “descendente dos primitivos escravos africanos”. Catrapuz rebate dizendo “com muita honra”. Pode-se notar também, que os personagens negros são referidos como crioulos. A historiadora Celda Rejane, nos mostra que é um termo racista:

se referir às pessoas negras como ‘crioulos e crioulas’ é, por si só, racista. A expressão, bem como a palavra mulata, é uma forma desrespeitosa de se referir a comunidade negra, através de um processo de inferiorização do grupo. Pessoas negras frutos de uma relação interracial, isto é, de uma pessoa negra com uma pessoa branca, eram chamadas de ‘crioulas’ para que fossem identificadas como inferior às brancas.

“Tem a ver com a ideologia de branqueamento, que foi uma política de estado aqui no Brasil do período escravocrata até meados da década de 1940. Palavras

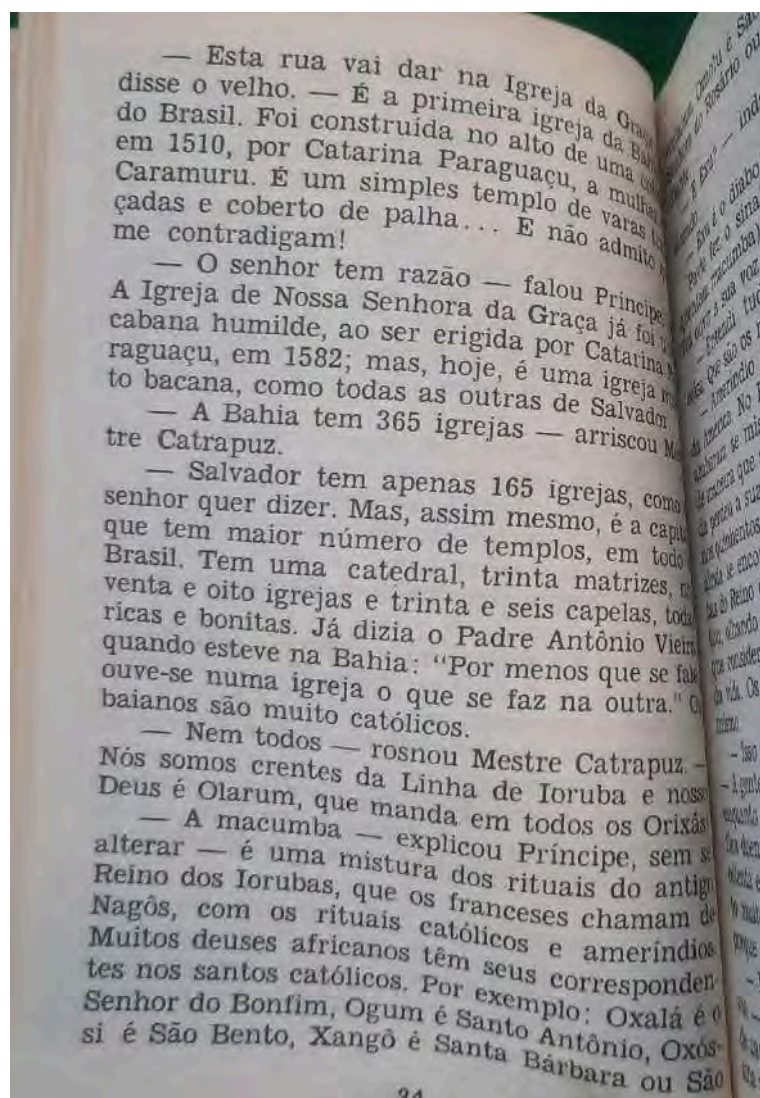
como ‘mulato’ e ‘crioulo’ foram utilizadas como forma de hierarquizar os descendentes de africanos”, explicou a historiadora Celda Rejane.

A especialista explica que o termo ‘crioulo’ coloca o negro numa espécie de “limbo” racial. “Uma tentativa de afirmar que não somos negros, mas também estamos longe de ser brancos. Era uma forma de separação. Na época crioulo era tido como um escravizado com uma péssima índole (desordeira). Por trás do termo há toda uma construção do racismo estrutural”, diz a pesquisadora.

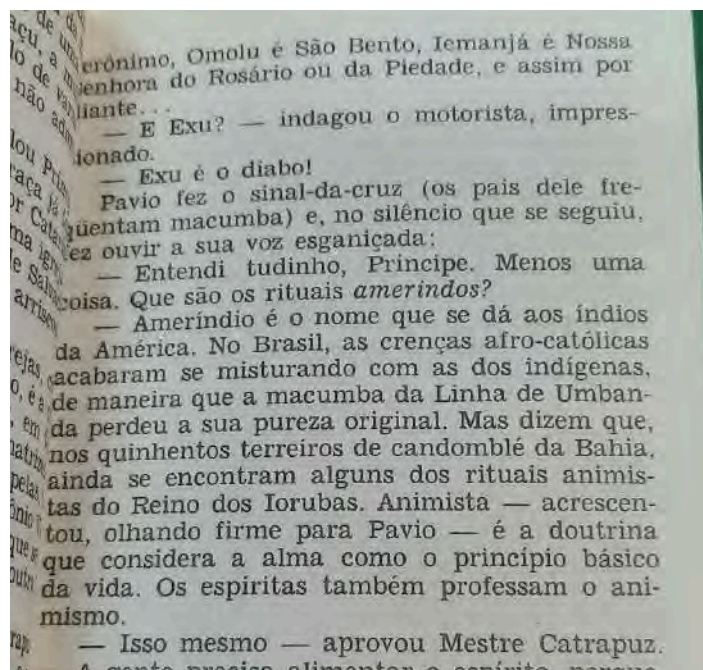
A expressão carrega, ainda, diferentes conotações a depender dos países das américas. O contexto aqui explicado cabe na realidade brasileira, que foi forjada pelos quase quatro séculos de período escravocrata. A historiadora Celda conta que, no início, ‘crioulo’ era o negro nascido no Brasil, em contraposição ao originário de países africanos.

(Jornal da Paraíba, 2022)

Ve-se mais uma vez personagens negros que tem muito da sua história e representação resumidos a serem negros, além da utilização de palavreado ofensivo.





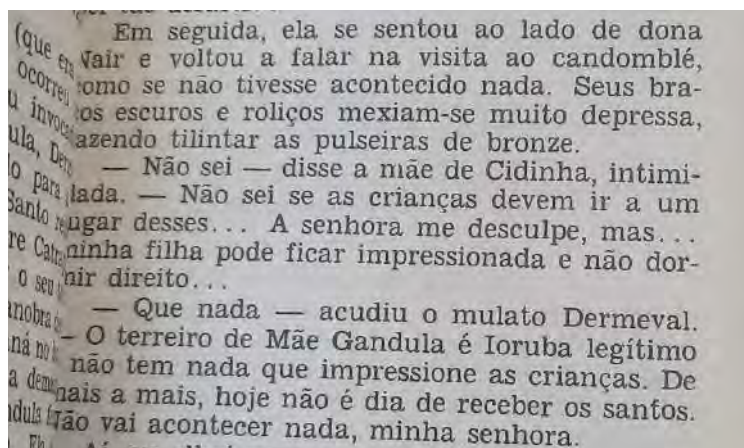


Já nesses trechos, pode-se ler que Mestre Catrapuz teria “rosnado” que nem todos na Bahia são católicos. E a descrição do personagem Príncipe, inclui dizer que Exu seria o Diabo. O pesquisador Rodney William Eugênio, em entrevista à BBC, fala sobre tal visão passada sobre Exu, que é um importante elemento das religiões de matriz africana:

Eugênio diz que predicados negativos atribuídos ao orixá são resultado de uma série de deturpações promovidas por religiosos cristãos europeus em uma tentativa de subjugar a espiritualidade dos africanos.

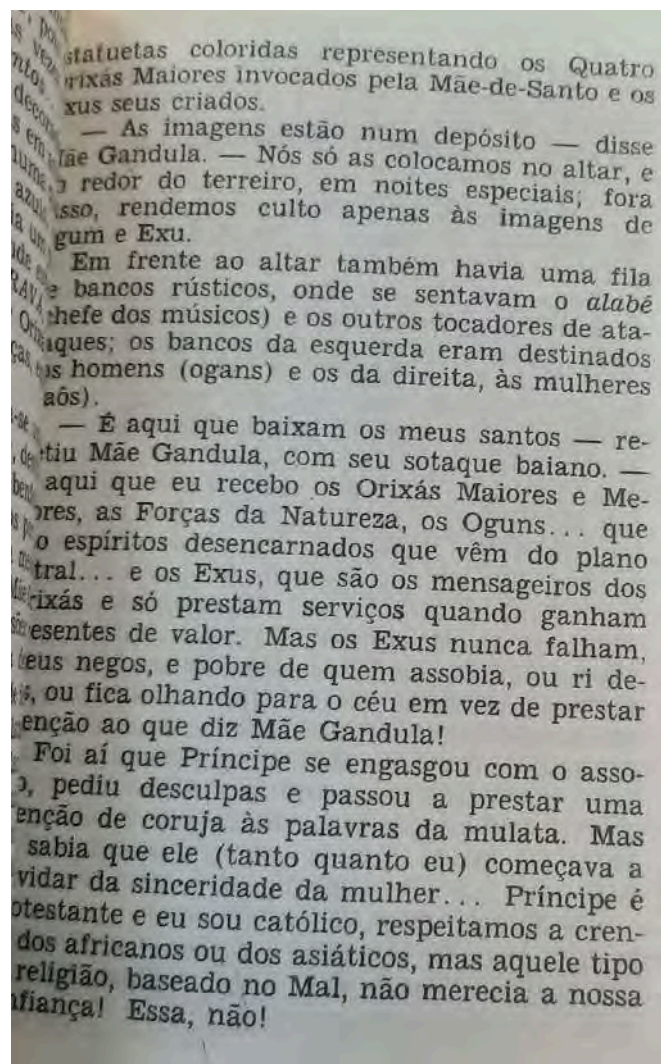
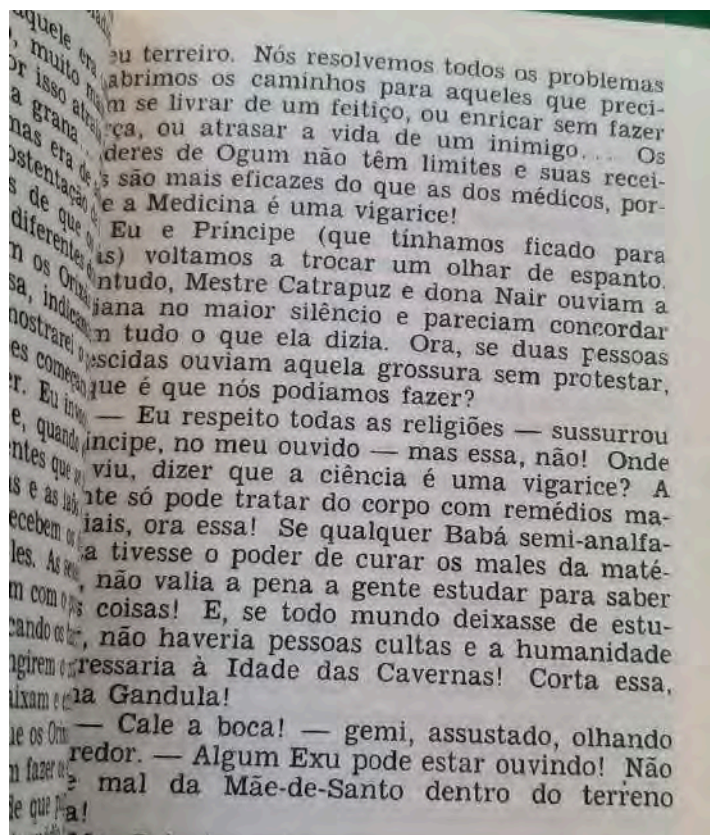
“A demonização de Exu é uma síntese da demonização da cultura negra e do próprio negro enquanto pessoa”, diz o pesquisador.

(Eugênio, 2024)





Mais adiante, somos apresentados à Mãe Gandula, que convida os personagens para conhecer seu candomblé, a Nair diz que não sabe se as crianças “devem ir a um lugar desses”.



Mãe Gandula diz que a Medicina seria uma vigarice, provocando revolta em Príncipe que por sua vez diz: “Se qualquer Babá semi-analfabeta tivesse o poder de curar os males da matéria, não valia a pena a gente estudar para saber as coisas!”. Babá seriam os sacerdotes do Candomblé. Então além de representar praticantes do candomblé como negacionistas científicos, o autor ainda coloca Príncipe associando Babás ao semi-analfabetismo.

Segundo o censo de 1970<sup>10</sup>, dos aproximadamente 25,3 milhões de crianças e jovens de 5 a 14 anos, somente 12,2 milhões sabiam ler e escrever. Ou seja, somente pouco mais de 48% desta parte da população.

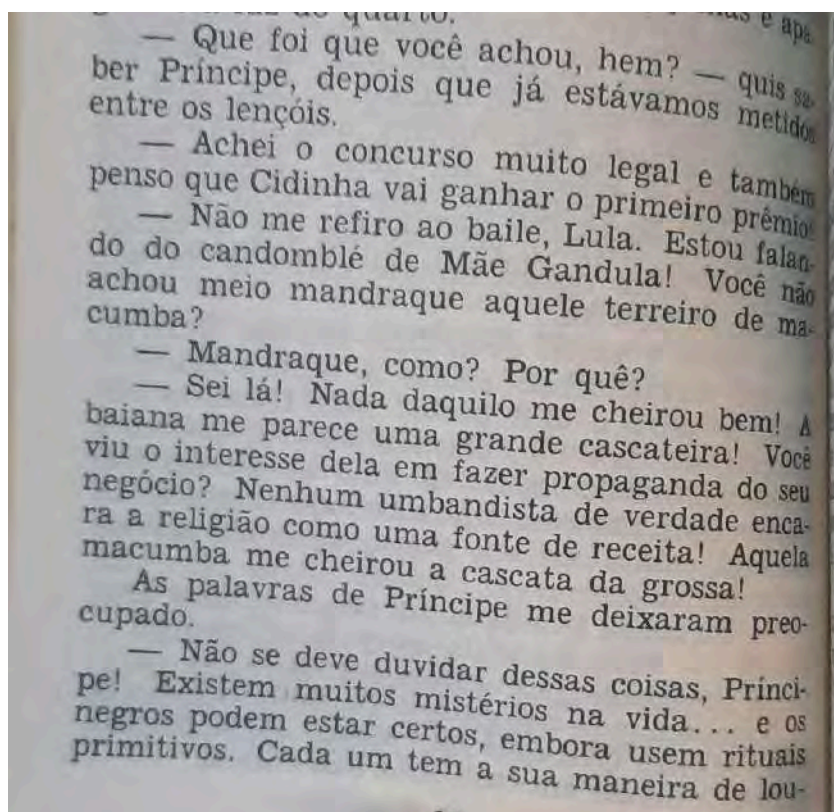
No outro trecho, Lula, um dos personagens, diz respeitar todas as religiões, “mas aquele tipo de religião baseado no Mal, não merecia a nossa confiança”, se referindo a

<sup>10</sup> Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd\\_1970\\_v1\\_br.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_br.pdf), p.85.

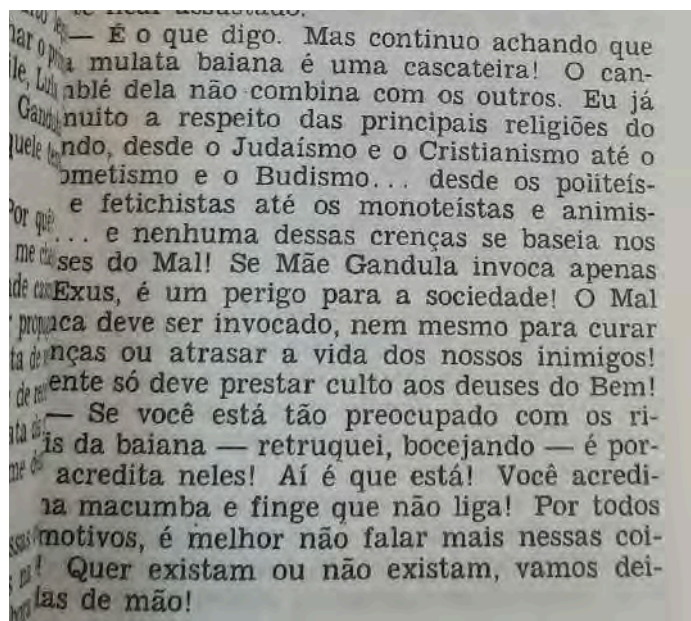
cultuarem Exu. As religiões de matriz africana foram e são perseguidas de muitos jeitos no Brasil:

Em 1942, o regime do Estado Novo criou as delegacias de costumes, responsáveis pelo registro de templos e o combate de atividades não autorizadas pelo estado. Assim, para realizarem seus rituais, sacerdotes afro-brasileiros precisavam da seletiva autorização dos policiais. Aqueles que não conseguiam o registro não podiam exercer sua religiosidade. Caso o fizessem, eram presos, tinham seus templos fechados e objetos religiosos apreendidos. Em alguns estados do Brasil essas repartições funcionaram até 1976.

(Christ, 2023)



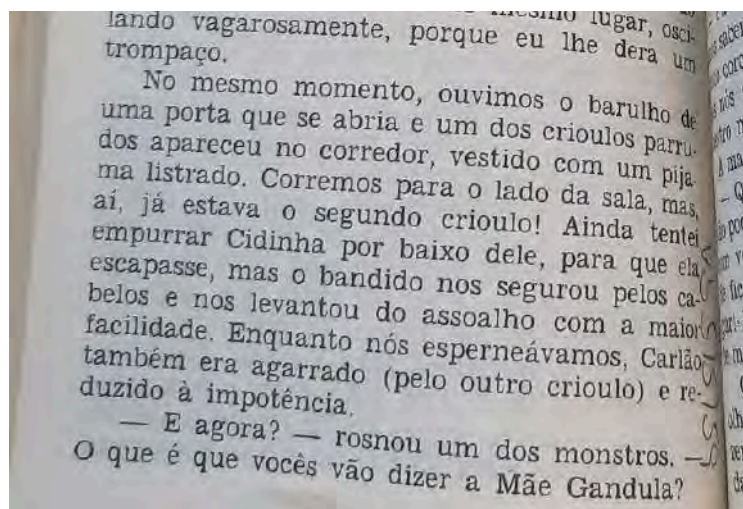
Mais a frente, Príncipe desconfia da honestidade de Mãe Gandula e Lula fala: “os negros podem estar certos, embora usem rituais primitivos”.



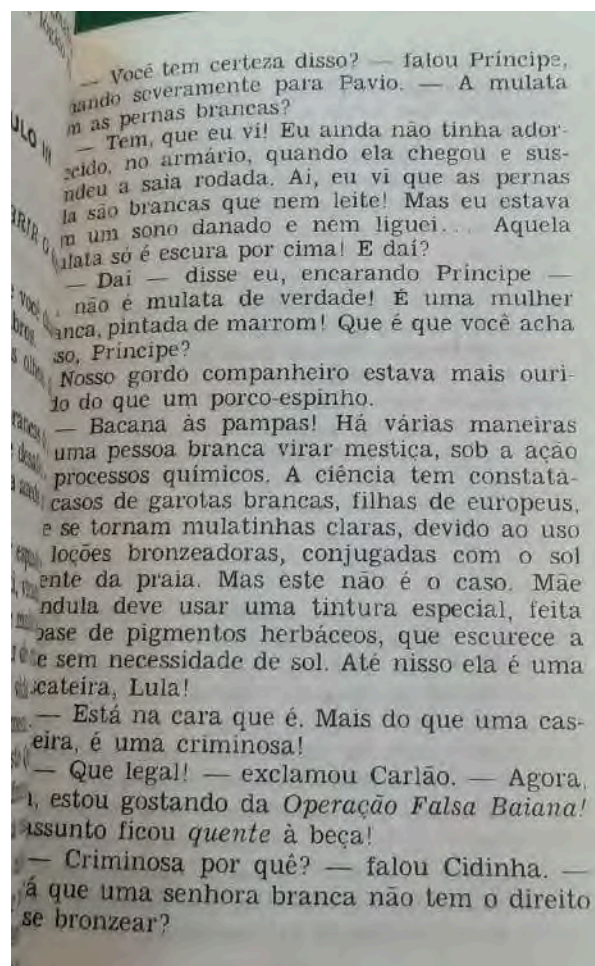


Pode-se ver novamente a demonização de Exu e o uso de termos referentes à cor e origem de pessoas negras para se referir a elas, com a utilização da palavra “mulata”, que é ofensiva como já mostrado.

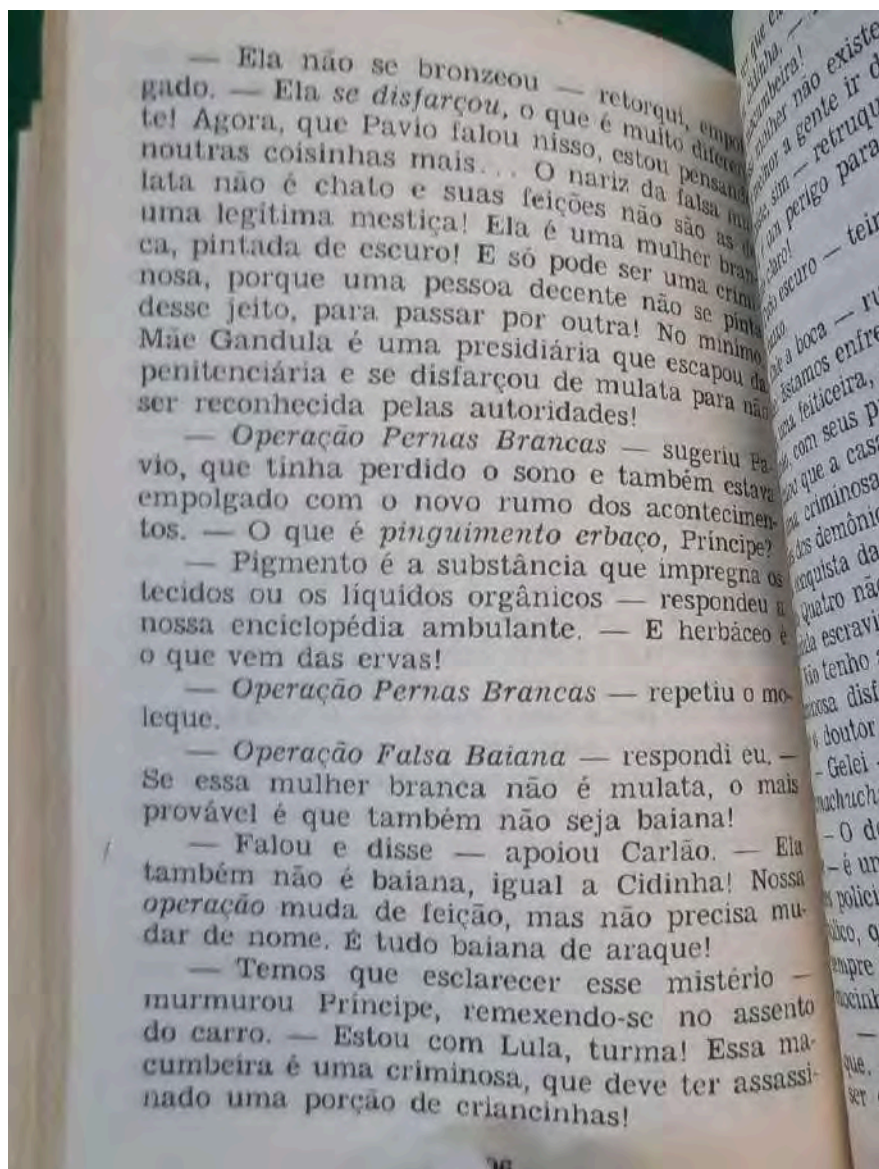
Mais adiante da história, as crianças descobrem de fato que Mãe Gandula é fajuta e lutam contra seus ajudantes:



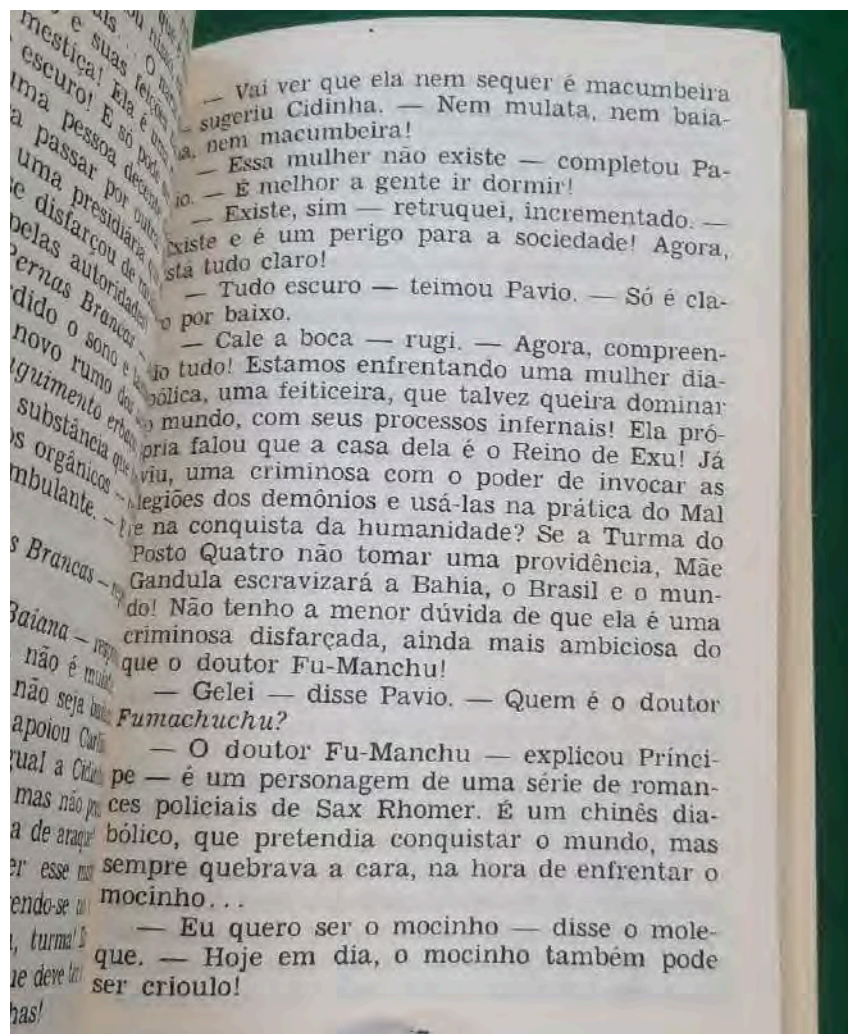
O termo “crioulo” é novamente utilizado, assim como “monstros”.



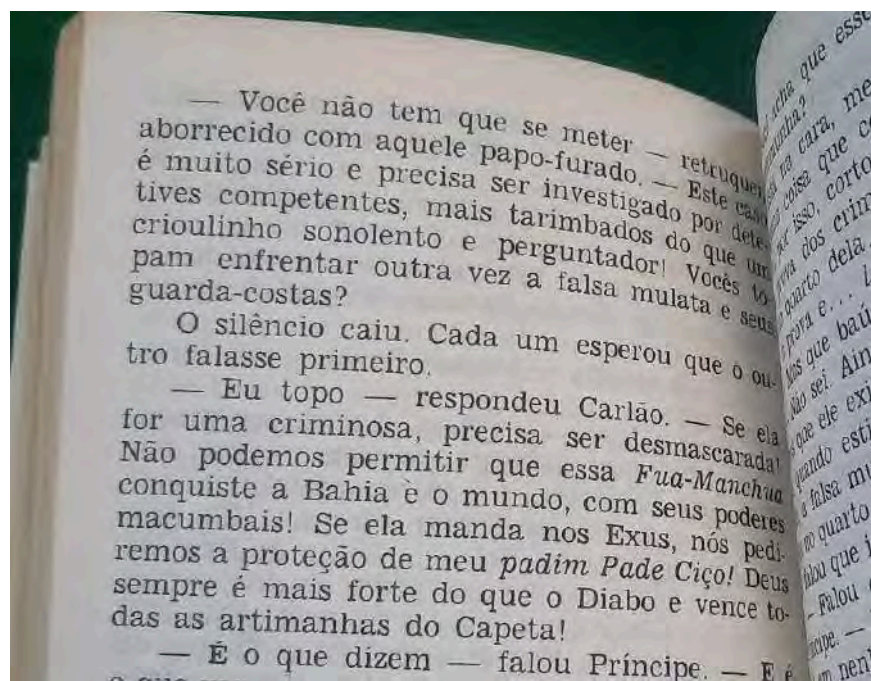




É mostrado que Mãe Gangula é uma mulher branca, que se “disfarça” como negra, mas os ataques a ela se misturam, chegando a ser dito que “essa macumbeira é um criminoso, que deve ter assassinado uma porção de criancinhas!”.



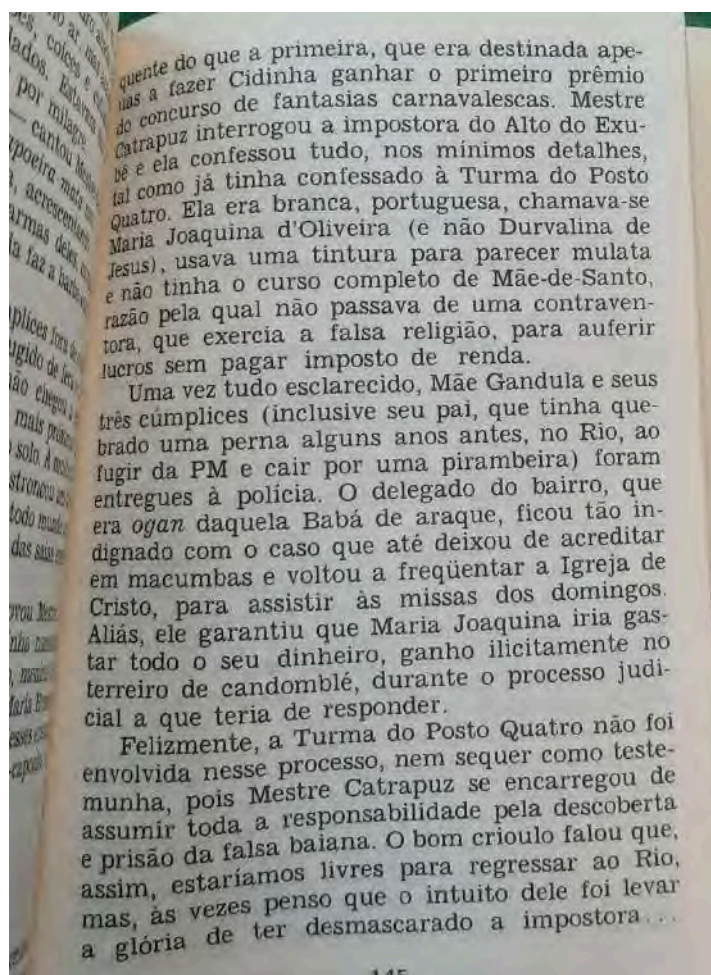
A intolerância religiosa continua. Mas temos também Pávio falando que “hoje em dia, o mocinho também pode ser crioulo!”.





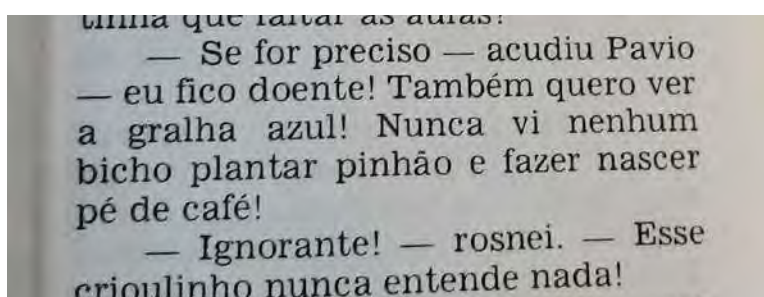
Ao ponto que Lula diz que o caso é sério demais e precisa de mais competência do que ele teria, sendo um “crioulinho sonolento e perguntador”.

Nas falas temos a colocação da religião católica como mais forte que o culto a Exu.



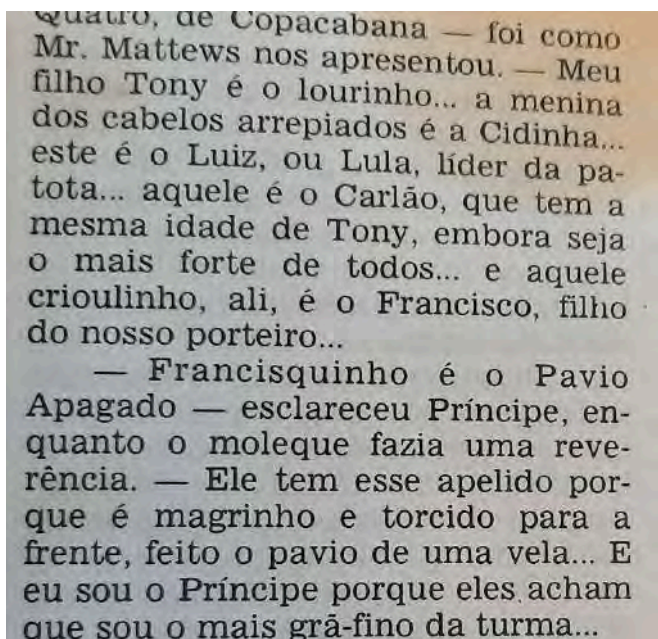
Ao final da história, nem mãe de santo de verdade Mãe Gandula era, mas a visão negativa das crenças foi passada de qualquer forma, incluindo o delegado envolvido na investigação do caso deixando “de acreditar em macumbas e voltou a frequentar a Igreja de Cristo”.

O outro livro da coleção é *Operação Café Roubado*, de 1976. Nele, a Turma do Posto 4 viaja até o Paraná, para conhecer uma fazenda cafeeira.





Logo no início do livro, temos novamente Lula destratando Pávio e usando insultos raciais para isso.



quatro, de Copacabana — foi como Mr. Matthews nos apresentou. — Meu filho Tony é o lourinho... a menina dos cabelos arrepiados é a Cidinha... este é o Luiz, ou Lula, líder da patota... aquele é o Carlão, que tem a mesma idade de Tony, embora seja o mais forte de todos... e aquele crioulinho, ali, é o Francisco, filho do nosso porteiro...  
— Francisquinho é o Pávio Apagado — esclareceu Príncipe, enquanto o moleque fazia uma reverência. — Ele tem esse apelido porque é magrinho e torcido para a frente, feito o pávio de uma vela... E eu sou o Príncipe porque eles acham que sou o mais grã-fino da turma...

Aqui, onde todos são apresentados junto a uma característica sua, Pávio é apresentado como o “crioulinho filho do porteiro”.

As questões raciais estavam especialmente complexas nessa década, a Ditadura perseguiu especialmente a população e o movimento negro:

Durante o regime, 41 líderes negros morreram ou desapareceram após supostas ações militares, segundo dados da Comissão da Verdade de São Paulo. Há ainda relatos por todo o país de centenas de prisões políticas e casos de tortura envolvendo integrantes de lutas contra o racismo.

[...]

o dia 7 de fevereiro de 1975, um primeiro informe expedido pelo Exército foi encaminhado ao SNI (Serviço Nacional de Informações) e ao Dops (Departamento de Ordem Política e Social) com informações de um grupo no Rio de Janeiro "liderado por jovens negros de nível intelectual acima da média".

O documento cita que havia influência norte-americana para os jovens, que, inspirados, estariam "com pretensões de criar no Brasil um clima de luta racial entre brancos e pretos". O movimento negro dos Estados Unidos é citado em vários desses documentos como responsável por "inspirar" negros no país. A partir dali, a ditadura abriu os olhos e passou a espionar possíveis grupos.

Em um extenso relatório assinado pelo SNI em 25 de julho de 1978, o órgão do governo afirma que a observação começou de fato em 1976, quando "os órgãos de

informações tiveram suas atenções despertadas para a proliferação, nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, de associações culturais destinadas à propagação da cultura negra no Brasil".

O documento pede uma observação especial para evitar a adesão de mais pessoas. "Embora não se constitua, no momento, em um 'movimento de massa', o nível alcançado lhe confere evidente importância, com possibilidades de evoluir com proporções prejudiciais à ordem política e social."

Em agosto de 1978, um documento da Polícia Federal do Rio Grande do Sul mostra como os órgãos de investigação da ditadura tiveram preocupação. "Esses movimentos revelam o incremento das tentativas subversivas de exploração de antagonismos raciais em nosso país, merecendo uma observação acurada das infiltrações no movimento 'black', tendo em vista que, se porventura houver incitação de ódio ou racismo entre o povo, caberá a Lei de Segurança Nacional", dizia num trecho

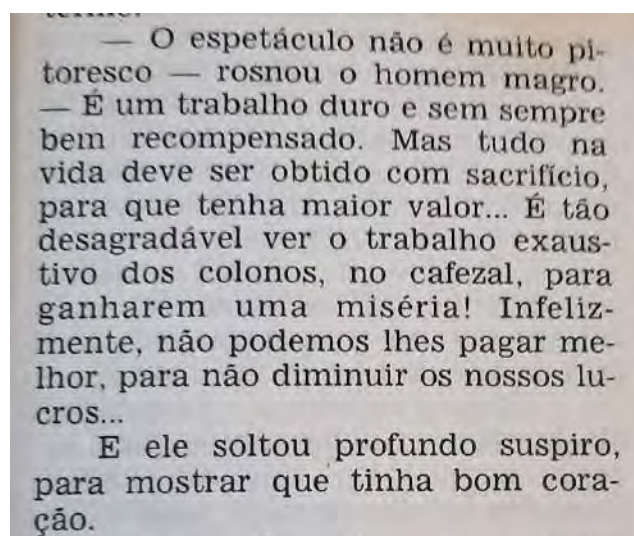
(Madeiro, 2019)

Frente às repressões, os ativistas negros criam em 1978 o Movimento Negro Unificado - MNU.

Secreto por muitos anos, um outro documento do Ministério do Exército de outubro de 1979 mostra como os militares infiltraram pessoas dentro do recém-criado MNU (Movimento Negro Unificado). "O método utilizado foi a infiltração em entidades dedicadas ao estudo da cultura negra, por meio de palestras em reuniões e simpósios"

(Madeiro, 2019)

No censo de 1970, a categoria raça foi excluída da pesquisa.

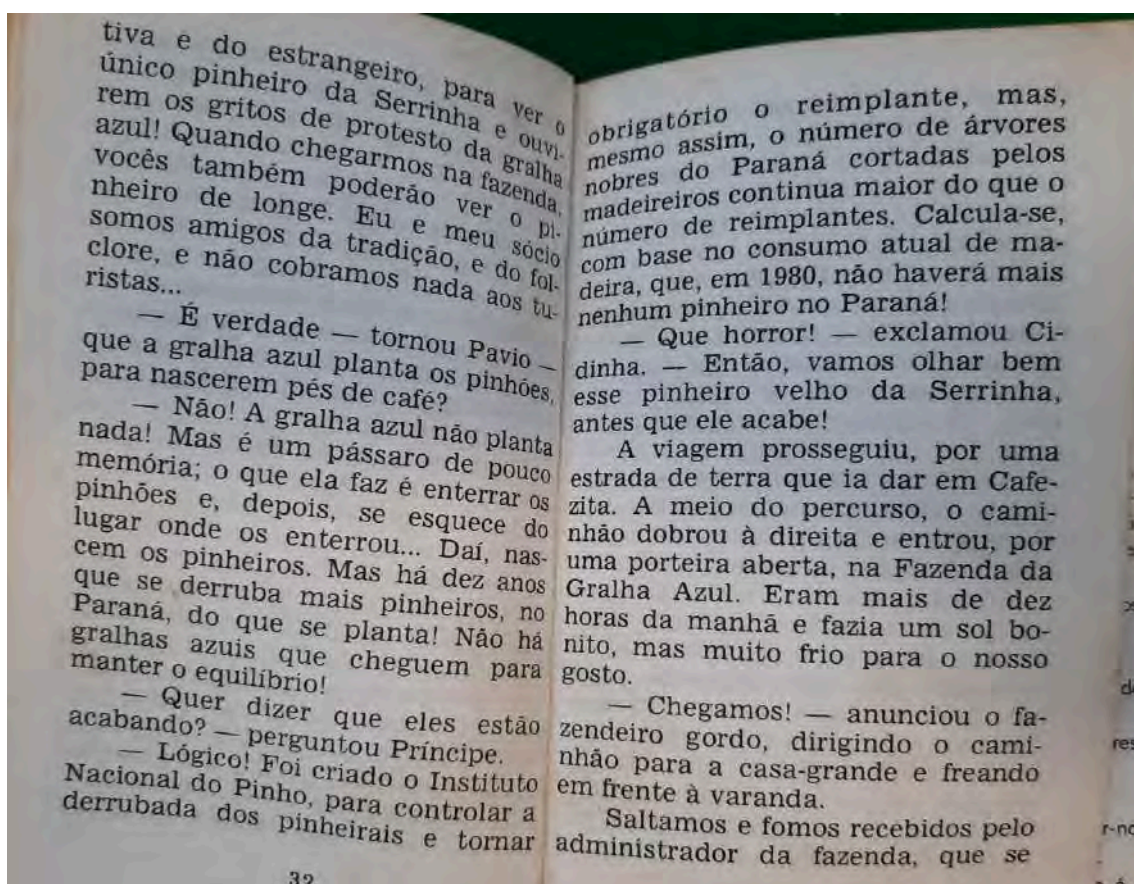


Neste outro excerto, pode-se observar um retrato da desigualdade social e de classe. Um dos donos da fazenda diz: "É tão desagradável ver o trabalho exaustivo dos

colonos, no cafezal, para ganharem uma miséria! Infelizmente, não podemos lhes pagar melhor, para não diminuir os nossos lucros...”

aqui, há seis anos, depois de comprarmos as terras de seus legítimos proprietários. Quando chegamos, só encontramos uma roça de milho e feijão, embora a terra roxa seja excelente para o plantio do café. O terreno estava ocupado por um grupo de posseiros, que tinha expulsado os índios para a Serrinha da Gralha Azul, nos fundos da fazenda. Aí, con-

Já aqui, aprendemos que a região da fazenda era originalmente terra indígena, e que esses foram expulsos por posseiros.



Nos trechos acima, pode-se observar o desmatamento sendo discutido e é dito que “calcula-se, com base no consumo atual de madeira, que, em 1980, não haverá mais nenhum pinheiro no Paraná.

Ao decorrer da história, as crianças ficam sabendo que sacas de café da fazenda estão sendo roubadas e decidem investigar.

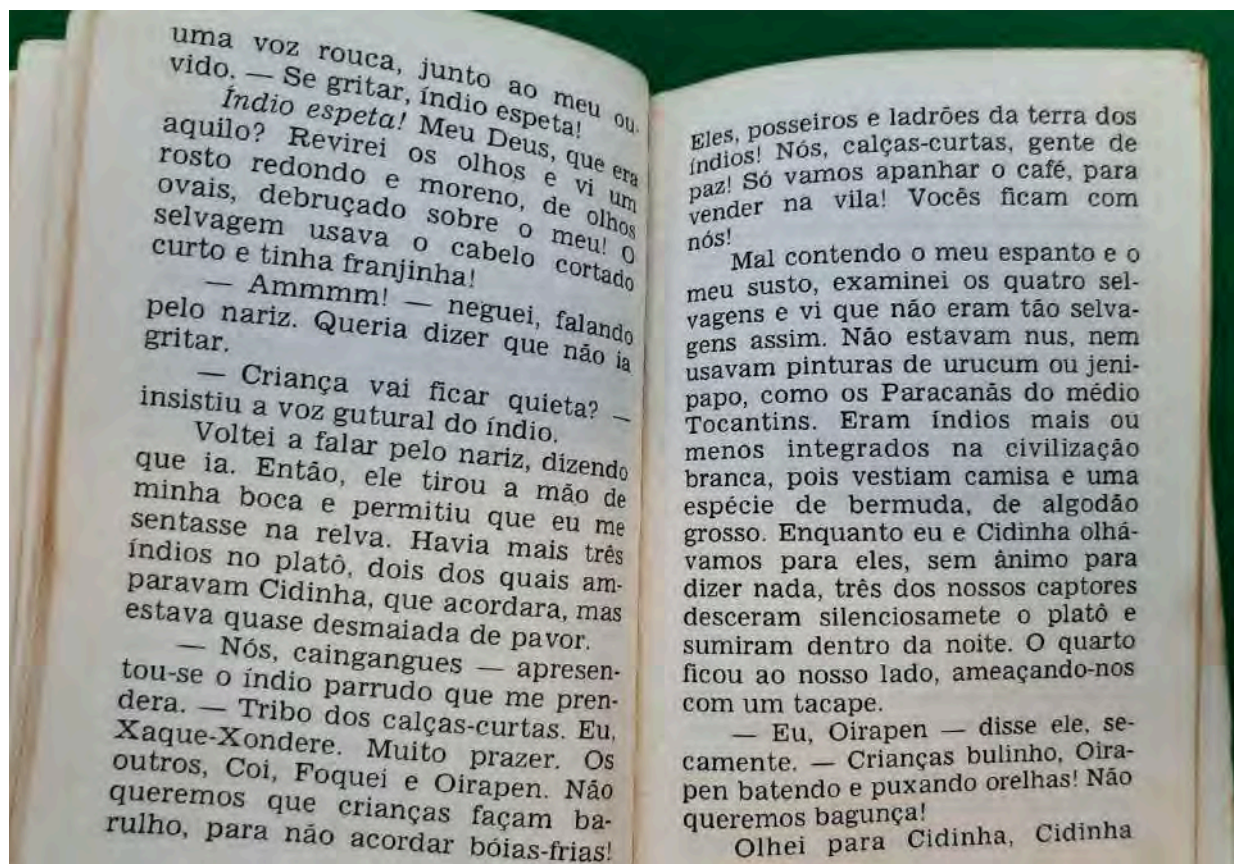


— Ai, meu Deus! — gemeu Cidinha.

Não havia dúvidas: o rangido era proveniente de duas rodas mal lubrificadas, que vinham girando pela passagem secreta!

— Depressa! — sussurrei. — Vem alguém aí! Não temos tempo de escapar pela porta! Vamos nos esconder atrás daqueles sacos de café! Não há outro jeito! E que Deus nos proteja, com sua mão santíssima!

Podemos observar que a religiosidade continua aparecendo nos livros.



Aqui, Cidinha e Lula conhecem e são sequestrados pelos indígenas que antes viviam naquelas terras. Lula diz que eles “não eram tão selvagens assim”.

Agora, podemos ir para a aldeia!  
*Curi-tin?*

Os outros calças-curtas entenderam, mas eu não.

— Prontos para a marcha? — traduziu o índio do tacape.

— Sim, senhor — respondi, num fio de voz. — Estamos prontos para tudo! E que Deus Nosso Senhor nos proteja, nesta hora amarga de nossas vidas!

— Amém — concluiu o índio, em coro com Cidinha.

Então, os quatro caingangues nos obrigaram a levantar e partiram, conosco e com a saca de café, para a beira do rio. Tudo no maior silêncio. Só então reparei que Xaque-Xonderre tinha um arco e uma flecha nas mãos.

— Vocês vão conhecer nosso cacique e nosso capitão Ceroulas — comentou ele, enquanto me espetava o traseiro com a ponta da flecha. — Cacique João do Nascimento gosta muito de crianças!  
*Muna-xó!*

E lambeu os beijos grossos, de uma maneira tão horrível que eu e minha namorada já nos víamos dentro de um caldeirão com água fervente, pendurado por cima de uma fogueira de canibais!

“Não é possível!”, pensava eu, no meu desespero. “Os caingangues estão civilizados e devem saber se comportar em sociedade! Se eles ainda comem crianças, com certeza usam talheres e guardanapo...”

Mas isso não me servia de consolo.

Nesse trecho, é implicado que os indígenas poderiam comer as crianças.

A situação dos povos indígenas era especialmente complexa nessa época também. Além da visão de que eles seriam selvagens ou os inimigos, que é apresentada

constantemente nos livros encontrados nesta pesquisa, outras ideias negativas estavam sendo difundidas em âmbito nacional no Brasil:

Colonos, boias-frias até fazendeiros e políticos, tinham uma visão muito mais visceral e passional sobre o tema, evidenciado nos discursos de Jorge Teixeira de Oliveira, prefeito de Manaus (Porantim, 1979) que os chamava “bobalhões parasitas”; ou Luís Paes Leme de Sá, secretário de governo do território de Rondônia (O Globo, 1 de julho 1973) “não pode parar [o desenvolvimento] só para resguardar uma raça já em extinção”; ou do fazendeiro de Barra das Garças Geraldo Figueiredo (O Globo, 14 de setembro de 1973) “esses índios estão entravando o desenvolvimento nacional”. Ao mesmo tempo, o General Frederico Rondon (O Estado de São Paulo, 26 de abril 1972) propunha pôr a produzir os indígenas de forma efetiva. Ou como declarava o governador de Roraima, Fernando Ramos Pereira (O Estado de São Paulo, 1 de março 1975), que “não se pode dar o luxo [Roraima] de conservar meia dúzia de tribos indígenas atravancando o desenvolvimento”.

(Trinidad, 2018)

Não só isso, mas várias violências cometidas inclusive pelo governo e pela FUNAI:

Ou ainda o uso de indígenas escravos, seja como prostitutas ou como escudos humanos (como aconteceu com os indígenas Suruí e Aikewara) pela Força Armada Brasileira (FAB) na sua luta contra a Guerrilha do Araguaia. Outro caso interessante foi quando um indígena da Guarda Rural Indígena (GRIN) foi disciplinado por prender um branco: “Índio não pode prender branco” (Veja, 15 de abril 1970), lembrando-lhe sempre que a autoridade emanava do branco para o índio, ou seja, o índio era subalterno da comunidade nacional dominante. Havia a “coisificação” do índio, que deixava o plano humano para ser visto como paisagem nas conversas informais entre servidores da FUNAI, à hora de classificá-los segundo o recurso cobiçado na sua terra. Assim, chamavam “cassiteritas” aos indígenas que senhoreassem um território rico nesse cobiçado mineral (sinalando o fatal destino que lhes esperava), ou “bois”, se suas terras tinham sido designadas para ser exploradas pelo negócio agropecuário (Veja, 25 de maio 1971).

“Morriam de dez a vinte índios por dia”, relatava Tiuré (José Humberto do Nascimento), funcionário da FUNAI que resolveu se exilar no Canadá, mostrando a realidade dos Parkatêjé sob a tutela dos militares da FUNAI. A realidade desta tribo do Pará, localizada no município de Bom Jesus do Tocantins, é expositiva da terrível realidade vivenciada por muitos dos povos indígenas sob a tutela da FUNAI e das instituições oficiais. O escrito de Liliam Milena (2012) segue o rastro deste mesmo grupo indígena, que desde 1966 vivia em regime de escravidão sob a autoridade da FUNAI, com o monopólio do comércio da castanha-do-pará que os indígenas recolham, numa lógica de dívida eterna. A morte dos Parkatêjé era constante e agônica, em pouco mais de uma década passaram de mais ou menos duas mil e duzentas pessoas. O fato de seu território ancestral ficar sobre um dos maiores depósitos de ferro do mundo à época pode esclarecer um pouco o porquê.

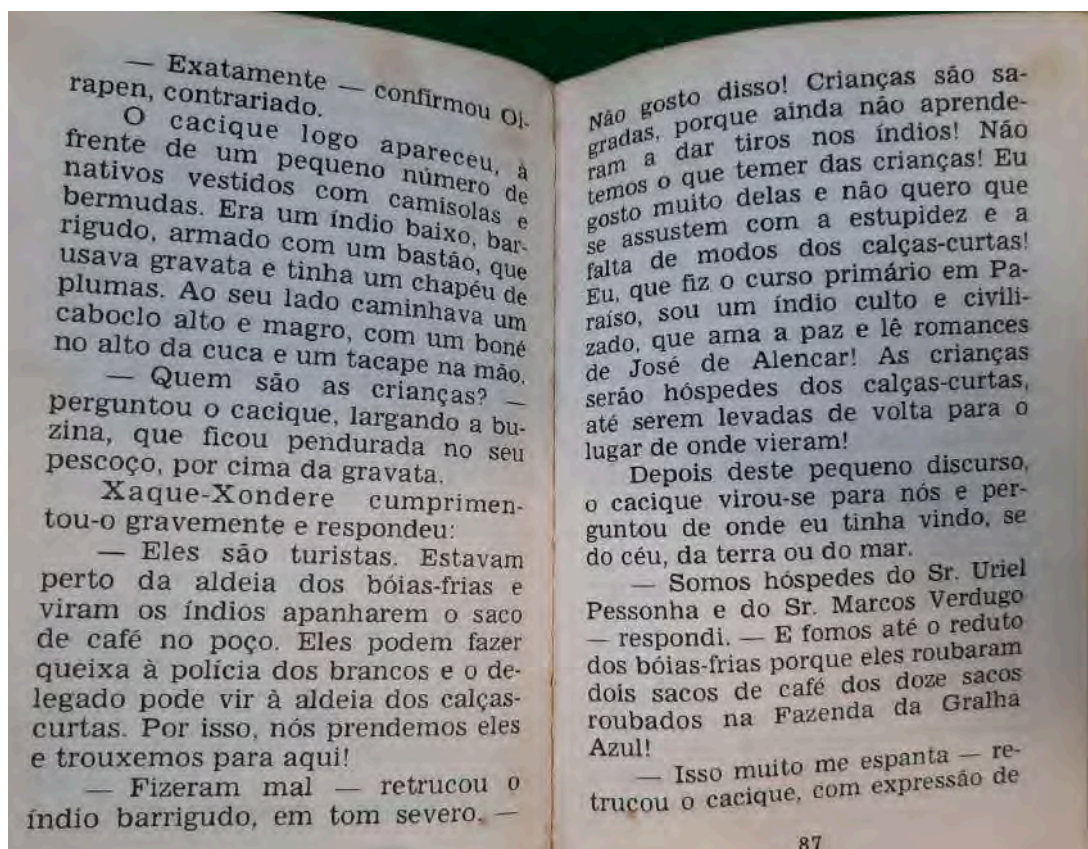


(idem)

Podemos que muitas violências eram cometidas, e de forma institucional também chegando a ser objetivo que os indígenas fossem “integrados completamente”:

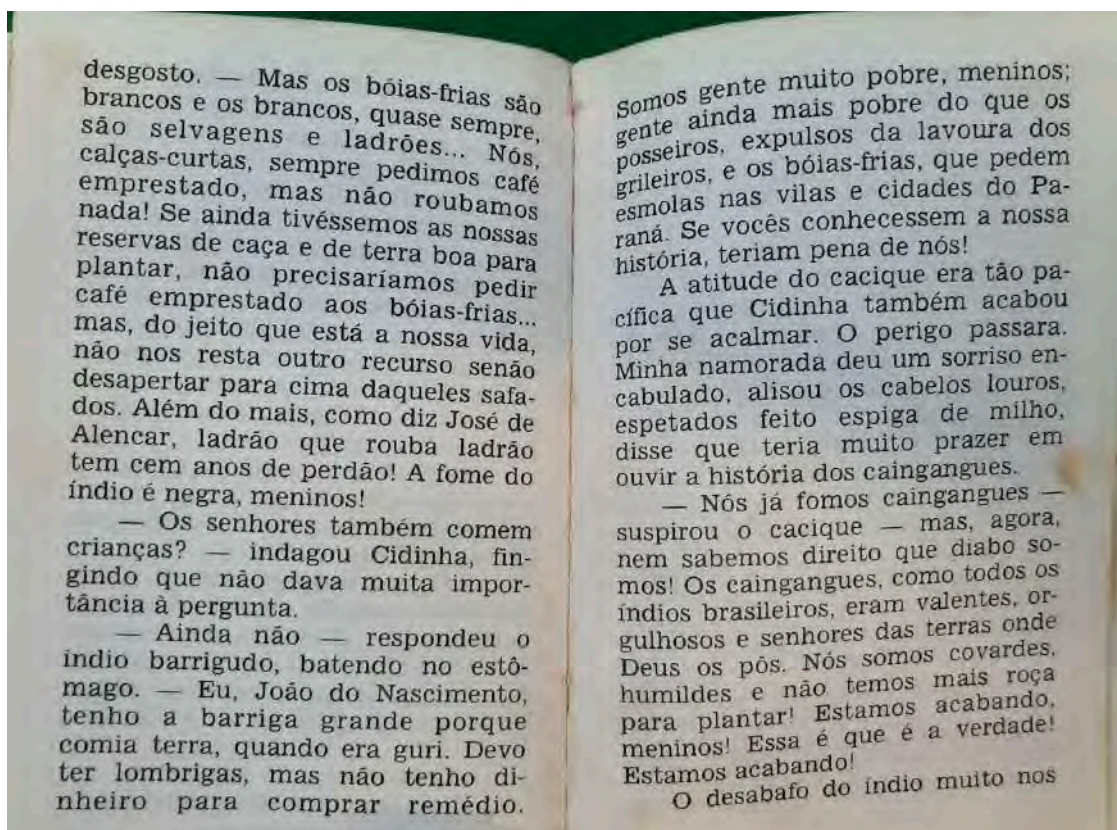
Durante a gestão do ministro do Interior Mauricio Rangel Reis e Araújo de Oliveira, como presidente da FUNAI (1974 e 1978), foi gestado o já falado projeto de emancipação que pretendia liberar da tutela os povos indígenas que demonstrassem “não ser mais índios”. Este foi um conceito que se consolidou no horizonte político dos dirigentes militares, sobretudo a partir da criação do mecanismo legal que estabeleceu o Estatuto do Índio de 1973, que outorgava a capacidade aos povos indígenas de se “emancipar” da tutela do Estado, quando sua integração fosse completa. Com a “liberalização” do indigenismo durante sua época militar, foi crescendo entre os dirigentes da FUNAI, ao longo da década de 1970, a ideia de que já tinha chegado a hora de que o índio deveria se desfazer do jugo tutelar e se converter em cidadão da “União”. Foi uma ideia que gerou uma forte oposição em amplos setores da opinião pública nacional e internacional. Durante o ano de 1978, a luta entre o ministro e a FUNAI contra indigenistas, antropólogos, missionários e lideranças indígenas foi feroz, acabando com o projeto engavetado, com o fortalecimento do movimento indígena e pró-indígena e a confirmação definitiva do desprestígio da FUNAI que ainda hoje não recuperou totalmente.

(idem)

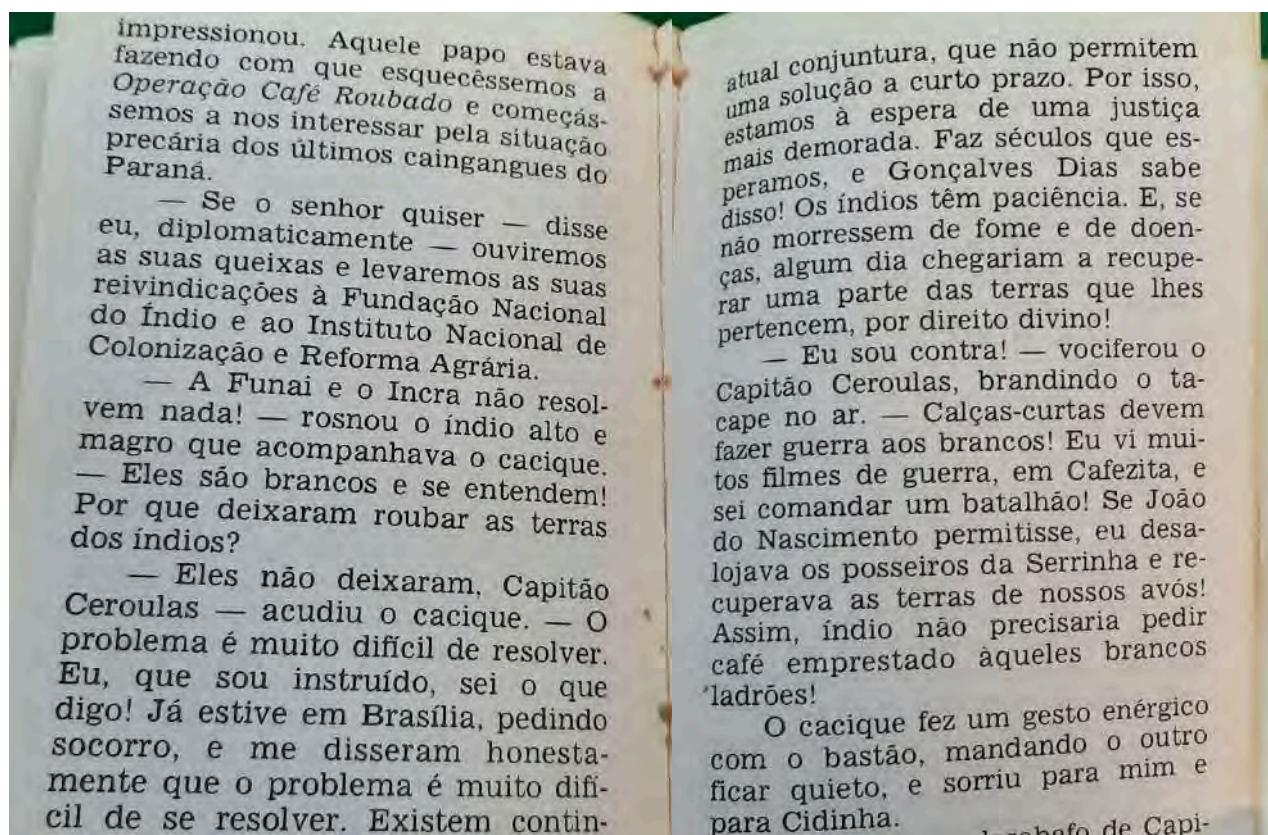




Quando chegam na aldeia indígena, o cacique diz que “crianças são sagradas, porque ainda não aprenderam a dar tiros nos índios” e que ele seria um “índio culto e civilizado”.



O cacique conversa com as crianças a respeito de não terem condições dignas para viver, já que não tem terras para caça ou plantio e diz que estão “acabando”. É mostrado que pegam parte do café roubado para venderem e conseguirem sobreviver.





Nas páginas acima, o cacique faz uma defesa à Funai e cita a “atual conjuntura” como empecilho. O Estatuto do Índio, criado em 1973, estabelecia a demarcação das terras indígenas, mas isso não ocorreu.

tão Ceroulas — disse ele, amavelmente. — Às vezes, os índios perdem a calma e dão umas bordoadas nos brancos invasores... mas, depois, se arrependem, porque os brancos são mais civilizados e têm armas de fogo. Antigamente, a nação cain-gangue era independente e comia do bom e do melhor, mas, hoje em dia, todos os seus descendentes vivem na miséria. Já fomos milhões, e estamos reduzidos a quatro mil, em todo o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Paraná! Nós, calças-curtas, que já fomos caçadores e lavradores, vivemos agora de fazer vasilhas de massapê e cestas de palha. Não sei se isto é vida, mas é tudo o que nos resta. Já fomos mil e duzentos calças-curtas; agora, somos apenas quarenta e sete, incluindo as mulheres e as crianças. Amanhã, não seremos mais nenhum! Mas, venham — acrescentou, animando-se. — Venham até a minha oca e bebam comigo uma rumbiá de congonha, à maneira dos

O cacique - João do Nascimento - fala a respeito da queda da população: ali naquela região já foram 1200 e restam apenas 47.

folclórico, ganhamos algum dinheiro. Os guias nos vestem com penas de pássaros e nos obrigam a dançar ao som de minha *ooquire*. As crianças também são fantasiadas e obrigadas a sorrir para as máquinas fotográficas. Mas, depois que os turistas vão embora, os guias nos tiram as penas e nós voltamos a ser tristes como sempre somos...

Eu e minha namorada sentamo-nos no chão, de pernas cruzadas, e aceitamos uma cuia de mate que o cacique nos ofereceu. O mate era tão ralo que mais parecia água choca.

— Nossa história é muito simples — continuou o índio barrigudo, que se sentara também. — Há cinquenta anos, toda a Gleba da Serrinha, onde está a Fazenda da Gralha Azul, ainda pertencia aos calças-curtas. Então, no ano de 1926, apareceram os posseiros brancos, armados com garruchas, e expulsaram os nossos pais para a floresta da Serrinha. Ali, onde não há lugar para a roça, os antigos calças-curtas

passaram a viver da caça e dos frutos da natureza. Mas, depois, em 1956, vieram os grileiros, armados com carabinas, e expulsaram os posseiros para a Serrinha, onde uns passaram a cortar as árvores e outros se tornaram bóias-frias. E uns e outros expulsaram os índios para as Voçorocas, que é o lugar onde estamos agora. Aqui, a terra é seca e não tem vegetação, nem caça. Se não fosse o massapê, que é um barro muito bom para fazer vasilhas, teríamos morrido de fome e de sede!

— Os donos da fazenda são grileiros? — indaguei, desconfiado.

— Não. Grileiros são os brancos que falsificam documentos de propriedade. Os dois sócios, donos da Fazenda da Gralha Azul, compraram as terras do governo, vieram para aqui, com a polícia armada de metralhadoras, e expulsaram os grileiros, em 1970, transformando-os em lavradores. Os colonos da fazenda são os antigos grileiros, que não conseguiram expulsar os posseiros



Nestes fragmentos, é falado sobre o turismo indígena e como foi o processo de tomada das terras caingangues.

da Serrinha. Se os proprietários expulsassem os grileiros para a Serrinha, e estes expulsassem os posseiros para as Voçorocas, os índios não teriam mais para onde ir, a não ser para debaixo da terra!

— Que coisa! — lamentou Cidinha, que tem um coração de ouro.

— A situação é esta — concluiu o cacique, com voz sonolenta. — Agora, cada vez que os grileiros roubam doze sacas de café dos fazendeiros, os posseiros roubam duas dos grileiros e nós pedimos uma, emprestada, aos posseiros. No total, depois das colheitas, são roubadas vinte e cinco sacas dos fazendeiros, cinco dos grileiros, e duas dos posseiros. São estas duas sacas, vendidas em Cafezita, que aliviam a nossa miséria. Amanhã à noite, por exemplo, vai haver uma nova série de roubos e nós vamos pedir emprestada mais uma saca de café. E é assim que vamos sobrevivendo, pela vontade de Deus! Eu, João do Nascimento, sou cristão, pois fui bati-

zado por Padre Jesuino Vollenbach. Meu padrinho está atualmente no xadrez, porque provocou uma revolta de caingangues no Rio Grande do Sul. Tomem outra cuia de mate e deem-se, guris! Amanhã de manhã, mandarei o Capitão Ceroulas levar vocês para a fazenda... e, de passagem, pedir emprestada uma pá e uma enxada. É hora de dormir! Boa noite!

Dizendo isto, o cacique deitou-se no chão, todo encolhido, e logo estava mergulhado no mais profundo sono.

— E agora? — ciciou Cidinha, no escuro, com o olhão azul arregalado.

— Não tem perigo — respondi. — Esses caingangues não são de nada! Vamos descansar. Amanhã, quando voltarmos para a fazenda, contamos tudo para Mr. Matthews, para seu Uriel e para seu Verdugo!

Mas eu me enganava. De repente, sentimos uma porção de mãos ágeis nos agarrarem, na pe-

É mostrado que o cacique foi convertido ao cristianismo e um padre teria sido preso por auxiliar uma revolta caingange.

Vamos levar vocês para as Voçorocas! Lá é muito bom para dançar! Faz de conta que este pedaço de pau é uma faca!

Cidinha parou de se lamentar e olhou para mim, piscando como um farol da barra. Também ela acabara de perceber que aquilo não passava de uma brincadeira de mau gosto.

— Não reaja! — sussurrei. — Depois eles nos soltam. Eu não disse que esses caingangues não são de nada?

A multidão de indiozinhos tristes ria às escondidas, tapando a boca com a mão, antegozando o espetáculo. Eu e minha namorada fomos arrastados para fora da oca e empurrados através do terreno seco e gretado. Enquanto nos afastávamos da oca, no silêncio da noite, a indiazinha da cabeça de cuia falava animadamente:

— Eu sou Naipi e gosto de vocês. Papai me levou no cinema, em Cafezita, e eu vi um filme assim. Os índios, que se chamavam peles-

vermelhas, prenderam os brancos, que se chamavam caras-pálidas, e cortaram os cabelos deles com pele e tudo, deixando o osso à mostra. Foi um filme muito instrutivo, que me deu certas idéias... Vocês são os caras-pálidas e nós somos os peles-vermelhas! Meus irmãos gostam tanto de brincar de índio!

Chegamos à beira de uma fenda, na terra árida e deserta, onde havia um toco de pau estorricado. Os pequenos selvagens nos amarraram no toco e puseram-se a dançar, ao nosso redor, correndo e gritando, tapando e destapando a boca com a mão espalmada:

— Uá... uá... uá... uá...

Era uma cena tão impressionante que Cidinha, apesar de saber que éramos prisioneiros de mentira, estava pálida como uma virgem de cera.

— Morte aos caras-pálidas! — berrava Naipi. — Morte aos brancos que tomaram a terra dos índios! Uá... uá... uá...



Depois, Lula e Cidinha são “sequestrados” pelas crianças caingangues, que querem “brincar de índio” como teriam visto em um filme.

tavam brincando — retruquei, em tom depreciativo. — Esses selvagens não são de nada! Se vocês não nos salvassem, nós nos salvaríamos por nossos próprios meios. Eu já estava quase me soltando, quando Pavio apareceu com o seu canivete. Quer fazer o favor de se vestir decentemente, Pavio? — acrescentei, fulminando o negrinho com um olhar terrível. — Esses não são trajes para você se apresentar diante de uma senhorita!

Ao serem “salvos” por seus amigos, Lula continua revoltado, chama os caingangues de “selvagens” e Pavio é referido como “negrinho”.

bandidos. Eram as esposas dos colonos, armadas com foices, picaretas, enxadas, pás e ancinhos! Antes que os três pudessem fazer uso de suas espingardas, foram dominados, desarmados e empurrados para fora do barraco. Eu estava tão surpreso que parecia um zumbi, olhando para a frente com um olho só e andando sem saber onde punha os pés. Foi Cidinha quem me fez voltar à realidade:

— Ei, Lula! Acorde! Os bandidos foram presos!

Esfreguei um olho — porque o outro estava preto e inchado — e murmurei:

— Como é que pode? Logo as mulheres!

Carlão também voltara a si e alisava um calombo que o soco de Zé do Caixão fizera na sua testa.

— Nós seguimos você, Lula — explicou Príncipe, muito do vaidoso.

— Um detetive como eu não ia perder uma pista dessas... Além disso, é lógico que não íamos deixar você

cair numa cilada, igual a Cidinha! Viemos atrás de você, no rastro dos jagunços, e chegamos na hora! De passagem pela colônia, dissemos a Pavio para pedir a ajuda dessas gentis senhoras lavradoras e, pelo que vejo, elas toparam a parada. Uma delas, aliás, falou que já desconfiava de que esses vigilantes noturnos é que eram os ladrões do café. No que chegamos aqui, dei um tiro no olho daquele careta e... você sabe do resto. Por sorte, minha espingarda não se quebrou!

Os três protestavam, cercados pelas mulheres. A alaúza era tremenda.

— Vamos levá-los para a casa-grande! — propôs uma das lavradoras, ameaçando Zé do caixão com uma foice.

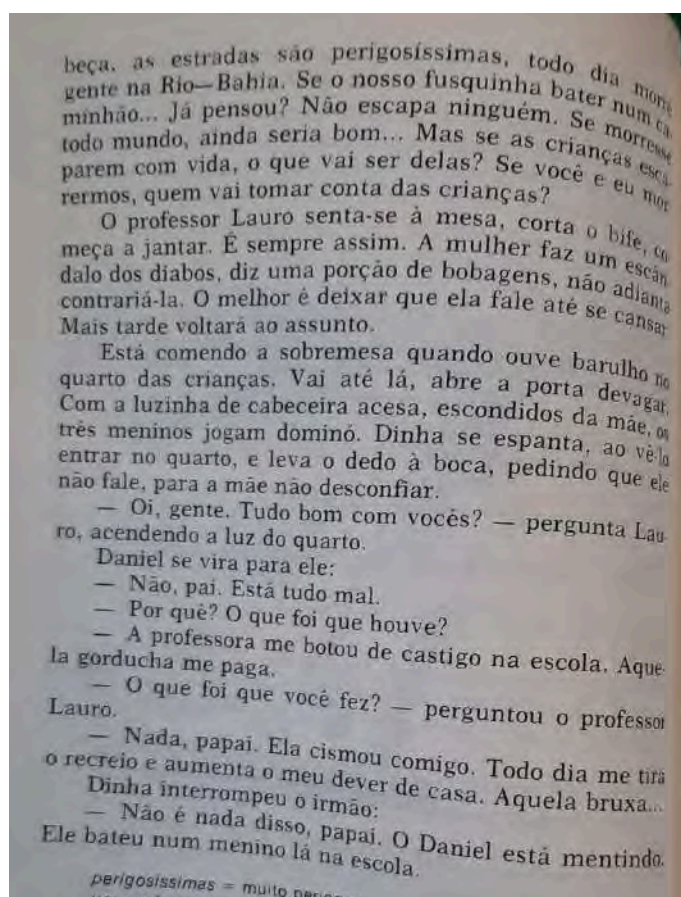
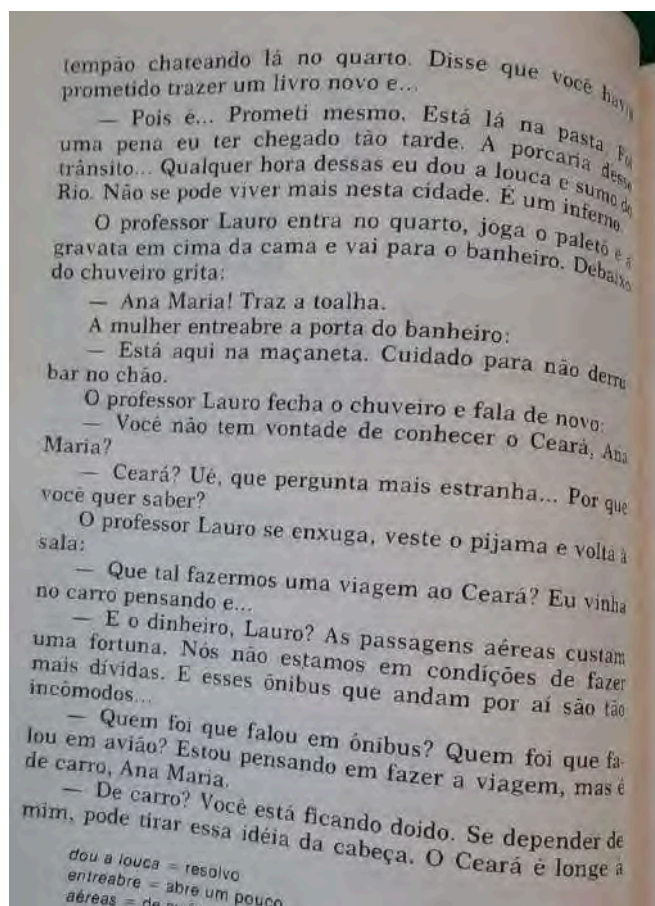
Foi o que fizemos. Dessa vez, com o testemunho das mulheres — que tinham visto os bandidos nos baterem — havia esperanças de convencermos Mr. Matthews da culpabilidade dos falsos guardas noturnos.



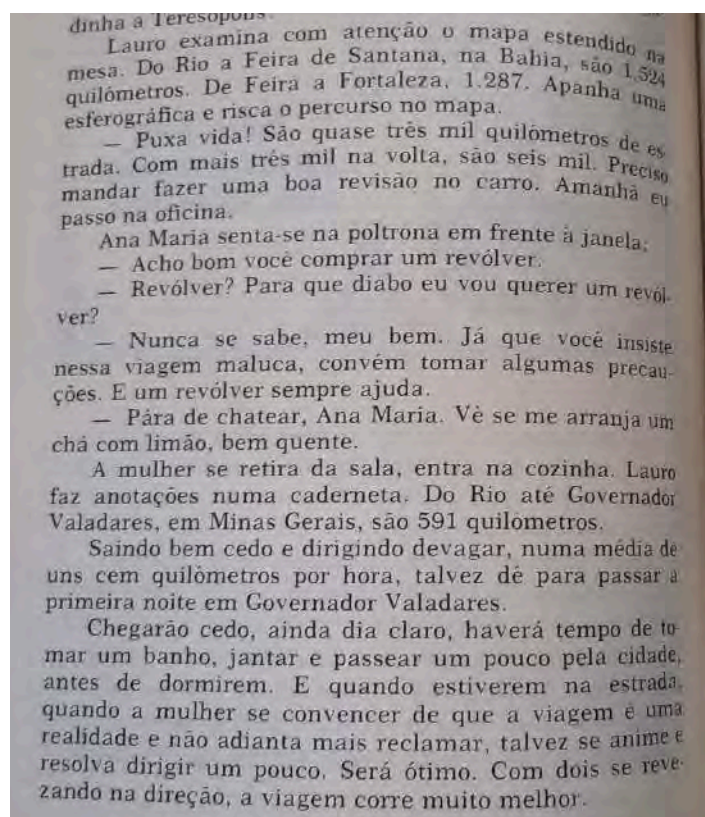
Por fim, descobrem que quem realizava os roubos eram os guardas noturnos, a mando de um dos donos da fazenda. Quando tentam escapar armados, as lavradoras os cercaram e os desarmaram. Lula fica chocado que um grupo de mulheres que realiza tal feito: “Logo as mulheres!”.

Chegando a história ao fim, podemos ver que mesmo em um livro que aparentemente se dispõe a contar os maus-tratos e perseguição indígena, a visão geral passada sobre eles ainda é negativa, além da presença de racismo e as pitadas de machismo, com Cidinha sendo a única menina e sempre descrita direta ou indiretamente como “medrosa” e a descrença de Lula com as ações das lavradoras.

Outro livro da década em que é retratado o machismo da época e a visão de indígenas como inimigos, é *Quatro num Fusca* (1974) de Esdras do Nascimento. Conta a história de uma família que resolve fazer uma viagem de carro.

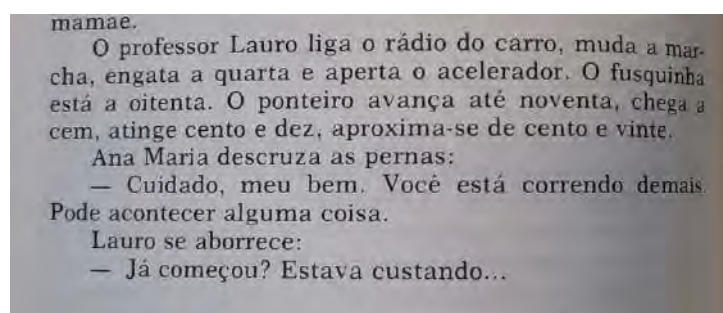






Nesses trechos, podemos notar algumas coisas. A mulher, Ana Maria, é colocada como escandalosa, reclamona, falante e que diz várias bobagens e chateações. O marido dela, Lauro, lhe dá ordens como “trazer a toalha” ou “arranjar chá com limão” sem um por favor ou obrigado. Daniel, uma das crianças, chama a professora de “bruxa” e também “gorducha”, como ofensa.

Também é notável a sugestão de Ana Maria para que Lauro compre um revólver. O porte de armas era legal no Brasil até 2003.

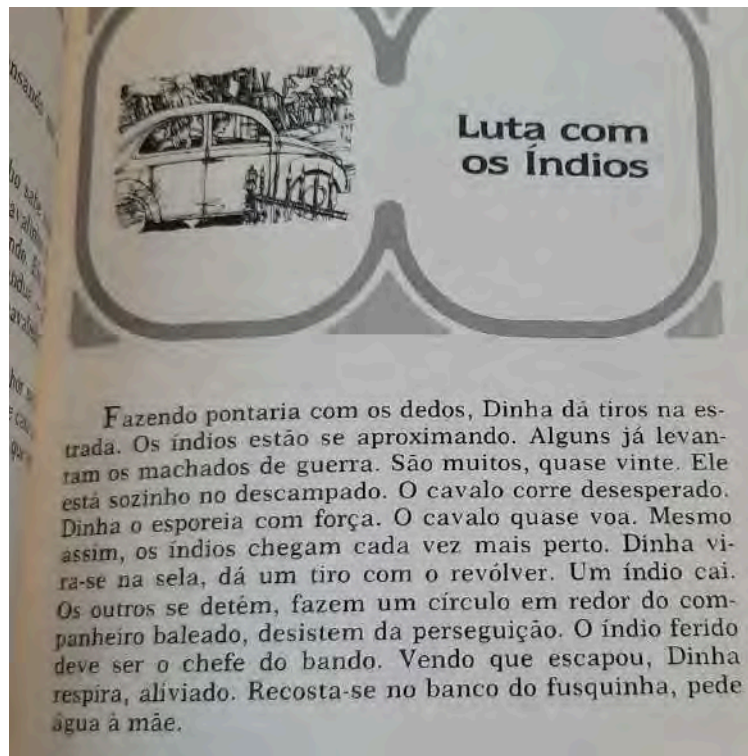


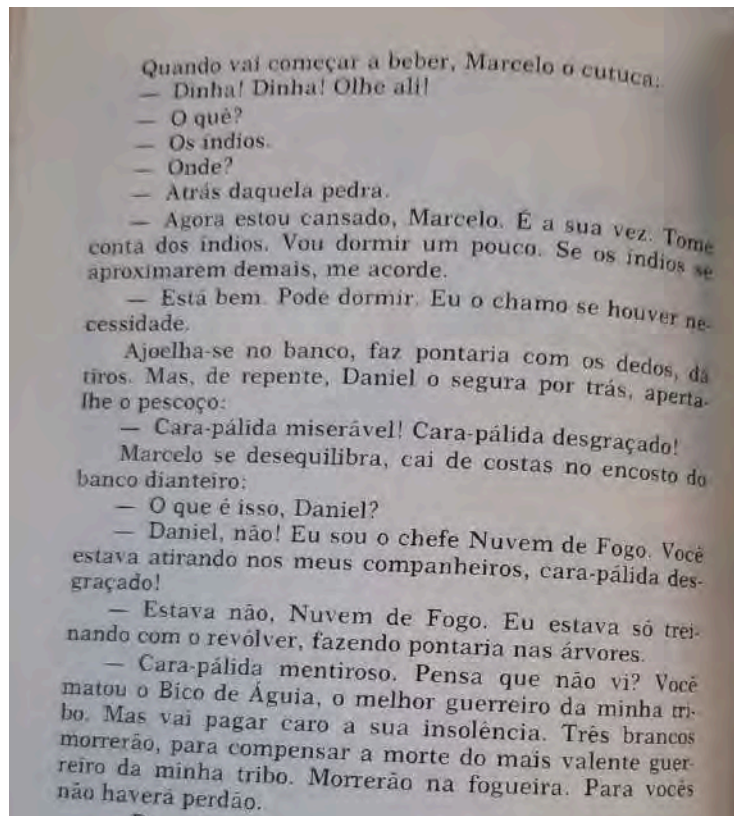
Já na viagem, o pedido de Ana Maria para que Lauro tenha cuidado e dirija mais devagar é respondido com aborrecimento: “Já começou? Estava custando...”, como se ela incomodasse.

— Esse padre era legal, heim? — comenta Marcelo.  
 — Pois eu vou ser o Lampião — diz Daniel. — E você, Dinha, quer ser quem?  
 — Eu fico sendo o Padre Cícero.  
 — E eu? — pergunta Andrea. — E eu?  
 — Você fica de fora. Mulher não pode entrar nessa brincadeira. Não havia nenhuma mulher cangaceira; havia, papai? — pergunta o Dinha.

Ao aprenderem sobre Lampião e o cangaço e começarem uma brincadeira sobre, Dinha, um dos irmão, diz para Andrea, a única filha menina, que: “Você fica de fora. Mulher não pode entrar nessa brincadeira. Não havia nenhuma mulher cangaceira”.

O pai diz que havia sim e que “lutavam como se fossem homens”, como se isso as fizesse ter mais valor.





Em outra parte da história, as crianças decidem “brincar de índio”. Dinha “atira” contra eles e “acerta um”. Em seguida Daniel, finge ser um dos indígenas perseguidores, que vai se vingar dos “cara-pálidas”. Em mais uma história é possível observar a população indígena colocada sob a óptica de fantasia de guerra e como agressivos.

Voltando ao quesito religião, não foram somente nos livros da *Turma do Posto 4*, que o assunto apareceu. O primeiro da década de 70 encontrado na pesquisa que contém conteúdo religioso, é *As duas velinhas de aniversário* (1971) de Abgair Ramos. Na história, que de fato tem duas velinhas de aniversário, a menina para qual as velinhas são acesas, fica doente:



Lela e Lila pressentiram que alguma coisa de anormal acontecia no quarto de Terezinha. Sem conversar, as duas se aproximaram da cama de sua amiguinha e ouviram alguém dizer:

— Minha querida filhinha, não vai embora não. Você precisa sarar, você precisa viver, meu anjinho...

As duas velinhas cômicas de rosa, com a tristeza no fundo da alma, perceberam que Terezinha estava muito doente. Ouviram, depois, a mesma voz pedindo e implorando a Deus pela salvação da menina tão amiga, tão boa, tão meiga, tão bonita. Choraram abraçadinhas querendo fazer alguma coisa à Terezinha. Ouviram ainda outra voz diferente, pedindo a Deus pela saúde da criança. E a voz rezava tristemente:

— Oh! Deus que estais lá em cima, lá no céu, ajudai a nossa querida filhinha.

Lela e Lila, chorando, desorientadas, não conseguiam pensar.

— Que vamos fazer, minha boa irmã? — perguntou, em soluços, Lila, a mais nova.

— Temos que pensar, temos que pensar muito para salvar aquela que nos tem salvo sempre quando dela precisamos. — respondeu tristemente Lela.

Puseram-se, então a meditar, a meditar.

Eis quando, na cabecinha de Lela surge, brilhantemente uma idéia:

— Minha boa irmã, só Deus poderá salvar Terezinha. Não ouviste aquelas vozes implorando a Ele?

— Sim, mas onde está Deus? — perguntou Lila.

— Eu, também não sabia, agora já sei: está lá em cima, lá no céu. Foi o que eu ouvi daquela voz triste e amargurada, acrescentou Lela.

— E como faremos para chegar até o

E, assim, tudo acabou bem, **GRAÇAS A DEUS**, nesta historinha. As duas fumacinhas moram até hoje lá no céu. Lela e Lila ganharam, com o passar dos tempos, muitas irmãzinhas, tôdas bonitas, cômicas de rosa e boazinhas.

As velinhas, querendo que Teresinha seja salva, pedem a ajuda de Deus, e no final da história é dito que “tudo acabou bem, **GRAÇAS A DEUS**”.

Outro livro em que seres celestiais salvam algum personagem é *O bicho-folhagem* (1976) de Sônia Robatto:

“Vocês já ouviram contar a história da Festa do Céu? Não? Puxa vida! Também, foi há muito tempo atrás... No tempo em que os bichos ainda falavam... Imagina! (Agora, não sei por que os bichos deixaram de falar...) Mas foi uma festa linda! Só vocês vendo que beleza! Foi no mês de junho. Os anjinhos é que tiveram a idéia. Resolveram comemorar três aniversários de uma só vez: o aniversário de São Pedro, Santo Antônio e de São João. Vocês sabem que estes santos são muito festeiros, não sabem? Pois são! São santos muito alegres. Gostam de música, dança, comida, quadrilha. (Quem não gosta de uma festa, me diga?)”

“Mas, como eu ia dizendo . . .  
Os anjinhos começaram a trabalhar logo.  
O Céu andava meio sujo, encardido.  
E eles resolveram dar uma boa lavada em tudo.  
Lavaram todas as estrelinhas, com escovão.  
Limparam todas as nuvens, com água e sabão.  
Deram um bom banho de espuma na Lua.  
Passaram aspirador de pó no Sol.  
Lavaram o azul do Céu com sabão em pó.  
Foi uma trabalhadeira, meninos.  
Foi um Deus-nos-acuda . . .  
Mas ficou bonito, meninos. Ficou lindo!  
Tudo novinho, bonitinho.  
Parecia que tinha saído da loja naquele dia!”

38

“As anjinhas começaram a fazer comidas divinas.  
Fizeram papo-de-anjo . . . toicinho-do-céu . . .  
pastel de Santa Clara . . . sonho . . . suspiro.  
Licor-de-rosa, licor-de-violeta, licor-de-genipapo.  
(Comidas celestiais, que pouca gente sabe fazer!)  
Depois, arrumaram tudo em bandejas de ouro e prata.  
Cobriram as mesas com toalhas de renda bordadas.  
Tudo ficou muito fino, muito celestial, muito divino!”

“Tanto o jabuti quanto o violão ficaram em pedacinhos.  
O casco do jabuti ficou todo partidinho.  
E o coitadinho ficou lá no chão, chorando, chorando.  
Todo partidinho, todo acabadinho . . .  
O choro do jabuti era tão grande e tão forte, que foi subindo ao Céu,  
como uma fumacinha. E dizem que o pessoal da Festa do Céu ouviu.  
Eles acharam aquele choro tão triste, tão desconsolado, que desceram  
do Céu à Terra.  
Então, Nossa Senhora, com o seu coração de mãe, resolveu ajudar o  
coitadinho.  
E colou o casco do jabuti, pedacinho por pedacinho.  
(Foi uma trabalhadeira, meninos, um quebra-cabeça.)  
Mas o jabuti ficou com o casco todo inteiro de novo.  
Só que não era mais liso. Era cheio de quadradinhos.  
(Assim, como é hoje em dia.)”



Porém percebe-se a religião aparecendo de formas diferentes também. Em *Coisinha-sem-nome* (1979) de Jazon Freitas Alves, o personagem Coisinha-sem-nome passa por uma jornada para entender quem ele é e para o que ele serve, e uma das pessoas que tenta o responder é um padre:

— Então você não sabe quem é você, para que serve e por que serve?

— Por que você diz isto?

— Porque se o vovô ainda não sabe...

Aquelas perguntas fizeram com que o Coisa-pai, a Coisa-mãe e o Coisa-avô tivessem uma conversa enquanto Coisinha-sem-nome dormia. Conversaram, conversaram, conversaram e viram que não tinham resposta para dar às perguntas do Coisinha-sem-nome.

Manhãzinha. Sol forte brilhando no céu. Passarinhos cantando nas árvores, o rio cantando seu canto de água caindo, passando nas pedras, lá foram Coisinha-sem-nome, Coisa-pai, Coisa-mãe e Coisa-avô à procura do velho Coisa-sábio, que tinha na igreja dos Coisas. Lá chegando, o Coisinha-sem-nome foi logo perguntando:

— Seu sábio, quem sou eu, para que sirvo e por que sirvo?

O velho Coisa-sábio, que estava pensando, deu um pinote. Franziu a sobrancelha de fazer olhares profundos e perguntou aos Coisas-pais do Coisinha-sem-nome:

— Quem mandou este Coisinha-sem-nome fazer-me tal pergunta?

O velho Coisa-avô explicou ao velho Coisa-sábio que o Coisinha-sem-nome é quem tinha feito a

pergunta. O Coisinha-sem-nome balançou a cabeça afirmando as palavras do Coisa-avô. O velho fez aquela cara de quem está olhando longe, para o país do nunca-mais, e começou a falar:

— Você é um filho de nosso Deus, foi feito para servir a Ele porque Ele ama a todos nós.

O Coisinha-sem-nome ficou olhando, olhando, e depois perguntou:

— As plantas também foram feitas pelo nosso Deus?

— Foram — respondeu o velho Coisa-sábio. — Tudo foi feito por nosso Deus.

— Até os Coisa-nenhuma?

O velho Coisa-sábio, que vivia na igreja dos Coisas-sem-nome, franziu a testa e ficou perturbado. Os Coisas-nenhuma eram os inimigos dos Coisas-sem-nome. Viviam brigando com eles.

— Não. Os Coisas-nenhuma não são filhos do nosso Deus.

— Como foi que eles nasceram? Para que eles nasceram?

— Eles nasceram do espírito mau para fazer maldades com a gente.

— Então a gente devia acabar com eles. Jogar uma bomba lá e... bum! Acabar com todos eles.

— Isto seria guerrear! — falou o Coisa-pai do Coisinha-sem-nome, apreensivo. — Isto é fazer a



guerra! Trazer sofrimentos para os Coisas-sem-nome. Isto é feio!

— E o que é que a gente faz então? — perguntou o Coisinha-sem-nome. — Se eles fazem maldade com a gente, a gente faz maldade com eles também.

— Não! — falou o velho Coisa-sábio. O nosso Deus disse que a gente não deve ser vingativo, tem-se que ter resignação.

— O que é resignação? — perguntou o Coisinha-sem-nome.

— Resignação é sofrer sem se queixar — respondeu o velho Coisa-sábio. — Assim a gente ganha o reino do céu.

— Ah, então os Coisas-nenhuma servem para fazer a gente ganhar o reino do céu?

— Mais ou menos — disse, sem jeito, o velho Coisa-sábio.

— Agora, me diz uma coisa: A mamãe disse que, antes de nascer, eu vivia com os anjinhos no céu. É verdade?

— Sim — respondeu o velho Coisa-sábio.

— Se eu vivia no céu para que vim sofrer? Eu já não estava lá, ué?

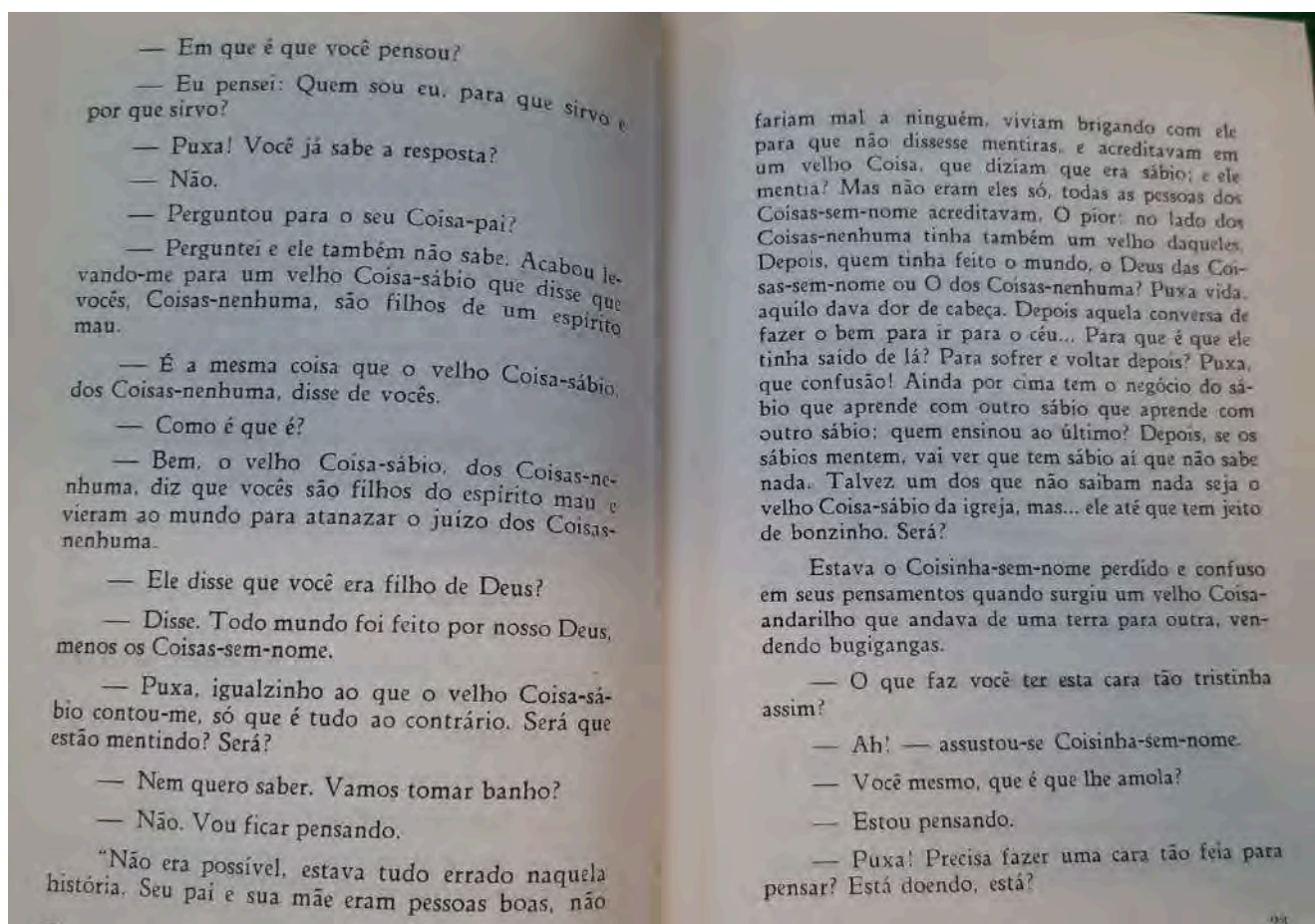
— Bem... quer dizer...

O velho Coisa-sábio ficou vermelho, coçou a barba branca e preta que os Coisas-sem-nome têm. Balançou a cabeça. Andou para lá e para cá. Fez cara de zangado. Bateu com a ponta do pé acompanhando

Após Coisinha-sem-nome ouvir que foi feito para servir a Deus e que ele teria criado tudo e a todos, Coisinha questiona se Deus também criou então os inimigos de seu povo, e não concorda com a resposta.

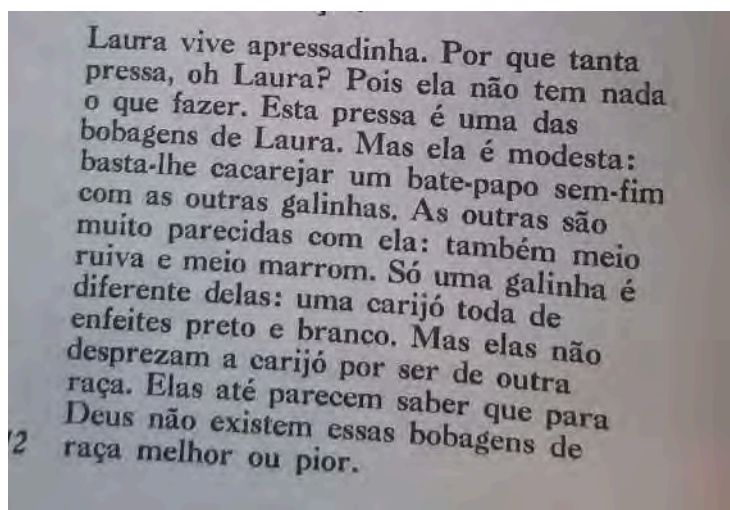
...muito confusa. E pensava:

“Como é que pode, eu pensava que minha mãe soubesse tudo e ela não sabe. Meu avô e meu pai também não sabem e me trazem para um velho, que eles dizem saber de tudo, e também o velho não sabe. Mas como é que pode, eu só quero saber quem sou eu, para que sirvo e por que sirvo. Então o vaso de flores é mais que eu, eu sei quem é ele, para que serve e por que serve, foi mamãe e papai quem disseram-me. Mas eles não sabem quem sou eu. Papai, pelo visto, não sabe nem quem ele é. Como é que pode? Depois vem o velho Coisa-sábio com uma conversa de que os Coisas-nenhuma não são filhos de nosso Deus. Ora, se foi nosso Deus quem fez o céu, a terra, tudo, como foi que deixou o espírito mau fazer os Coisas-nenhuma? Então nosso Deus não fez tudo. Fez tudo, menos os Coisas-nenhuma. O gozado é que eles são iguaizinhos a mim. Eu sei. Sei porque sempre encontro os Coisinhas-nenhuma lá para os lados do riacho em que a gente toma banho. Amanhã volto lá e pergunto aos Coisinhas-nenhuma, que eu encontrar, como é o espírito mau.”



As crianças dos dois lados conversam e descobrem que foram ensinadas as mesmas coisas, o que significa que alguém não está falando a verdade. Além de gerar uma reflexão sobre honestidade, Coisinha se pergunta novamente por que teria sido tirado do Céu e trazido para a Terra para sofrer. É possível observar então que apesar da presença da religião nos livros infantis ser comum ainda, alguns questionamentos começam a aparecer.

Além das reflexões acerca da religião que foram encontradas, algo que também foi visto foi a religião como meio de combate a um preconceito, novamente sendo guia moral, mas de um jeito não encontrado antes. Tal vertente foi encontrada no livro *A vida íntima de Laura* (1974) de Clarice Lispector:

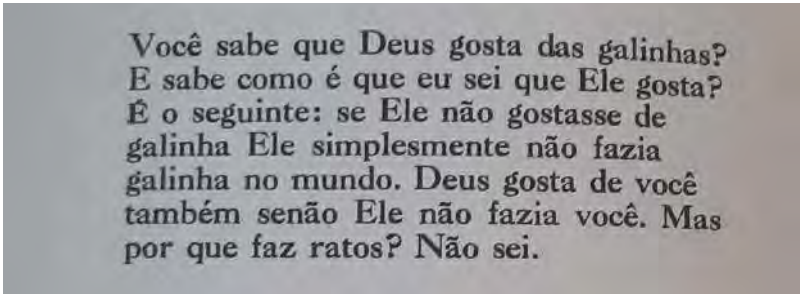




Laura, é uma galinha que convive com outras galinhas, incluindo uma diferente das demais, e Lispector escreve: “Mas elas não desprezam a carijó por ser de outra raça. Elas até parecem saber que para Deus não existem essas bobagens de raça melhor ou pior.”

E pela primeira vez podemos observar algum discurso anti-racismo nos livros infantis e infanto juvenis.

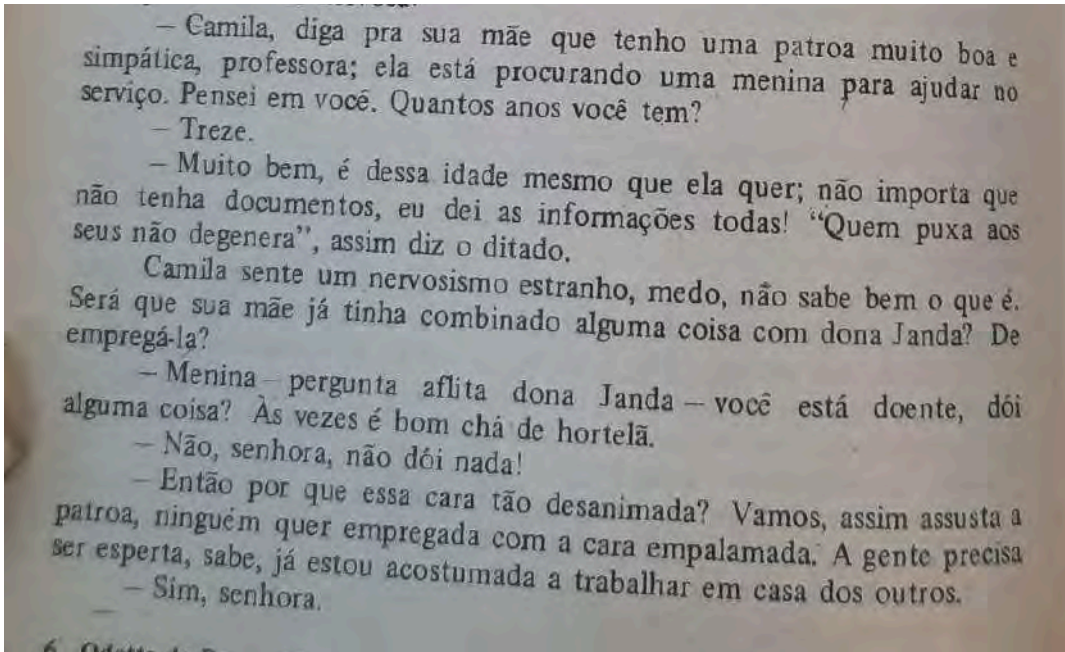
Deus aparece mais uma vez na história e Lispector fala diretamente com os leitores, com uma mensagem positiva:



Você sabe que Deus gosta das galinhas?  
E sabe como é que eu sei que Ele gosta?  
É o seguinte: se Ele não gostasse de  
galinha Ele simplesmente não fazia  
galinha no mundo. Deus gosta de você  
também senão Ele não fazia você. Mas  
por que faz ratos? Não sei.

Tal manifestação contra o racismo se faz necessária, porque como já visto na conjuntura histórica e nos livros desta pesquisa, o racismo continua sendo praticado.

Outra obra que traz o assunto é *E agora?* (1974) de Odette de Barros Mott, além de trazer também trabalho infantil, falta de acesso à educação e machismo.



— Camila, diga pra sua mãe que tenho uma patroa muito boa e simpática, professora; ela está procurando uma menina para ajudar no serviço. Pensei em você. Quantos anos você tem?

— Treze.

— Muito bem, é dessa idade mesmo que ela quer; não importa que não tenha documentos, eu dei as informações todas! “Quem puxa aos seus não degenera”, assim diz o ditado.

Camila sente um nervosismo estranho, medo, não sabe bem o que é. Será que sua mãe já tinha combinado alguma coisa com dona Janda? De empregá-la?

— Menina — pergunta aflita dona Janda — você está doente, dói alguma coisa? Às vezes é bom chá de hortelã.

— Não, senhora, não dói nada!

— Então por que essa cara tão desanimada? Vamos, assim assusta a patroa, ninguém quer empregada com a cara empalorada. A gente precisa ser esperta, sabe, já estou acostumada a trabalhar em casa dos outros.

— Sim, senhora.

6. Odette de B.

No início da história, é oferecido um emprego para Camila, que tem apenas 13 anos.

a do pai, e olhos azuis cor do céu. Ainda bem que não puxou pela cor da mãe, pensa, olhando-se no espelho. Examina-se com atenção. Que horror se tivesse saído preta, nem gosta de pensar nisso! As duas irmãs mais velhas, Marta e Marina, são bem escuras: uma preta e a outra mulata! Puxaram pela mãe, pela família dela, todos pretos, descendentes de escravos! E pretos de nariz esborrachado, carapinha e lábios grossos! Daí a briga entre elas. Estão sempre cutucando-a, não se conformam com a diferença da cor, a caçula de pele morena, cabelos lisos. “Puxou pelos avós paternos, pelo pai,” explica a mãe, sempre que alguém nota a diferença. “Eles eram portugueses, e Camila tem a cor e o nome da avó. Marina e Marta os nomes das tias, somente os nomes, porque a cor é da minha família. Meu avô era negro, da Costa do Marfim, não sei onde é esse lugar, só sei que é na África. Ele veio como escravo, foi criado na casa da família Nogueira, fazendeiros de cacau, na Bahia. Meu pai e minha mãe já nasceram livres! Só Camila teve a sorte de herdar nome e cor da avó portuguesa.

As irmãs não ousavam comentar isso perto dos pais, mas a sós não escondiam o sentimento pela situação, pela “desigualdade de sorte, maldade do destino”, como diziam.

Enquanto se prepara no quarto, ouve a mãe servir o café ao pai e contar-lhe as novidades.

— Pedro, vou levar Camila pra ver um serviço. O que você e as meninas ganham não está dando pras despesas. A gente teve que pagar dois meses adiantados de aluguel, comprar os trastes. Muito gasto. Ela está no ponto bom de arranjar um empreguinho e ganhar nem que seja para o sustento. É magrinha, quem sabe se comendo melhor engorda.

— Está bem, onde é? É bom o lugar?

— Na casa de uma professora, que dona Janda conhece muito bem e é lavadeira dela faz dez anos. Disse que é muito boa, uma solteirona.

— E a menina, quer ir?

— Nunca se sabe o que ela pensa, mas a gente não está pra isso, não, de querer ou não querer. O dinheiro anda curto.

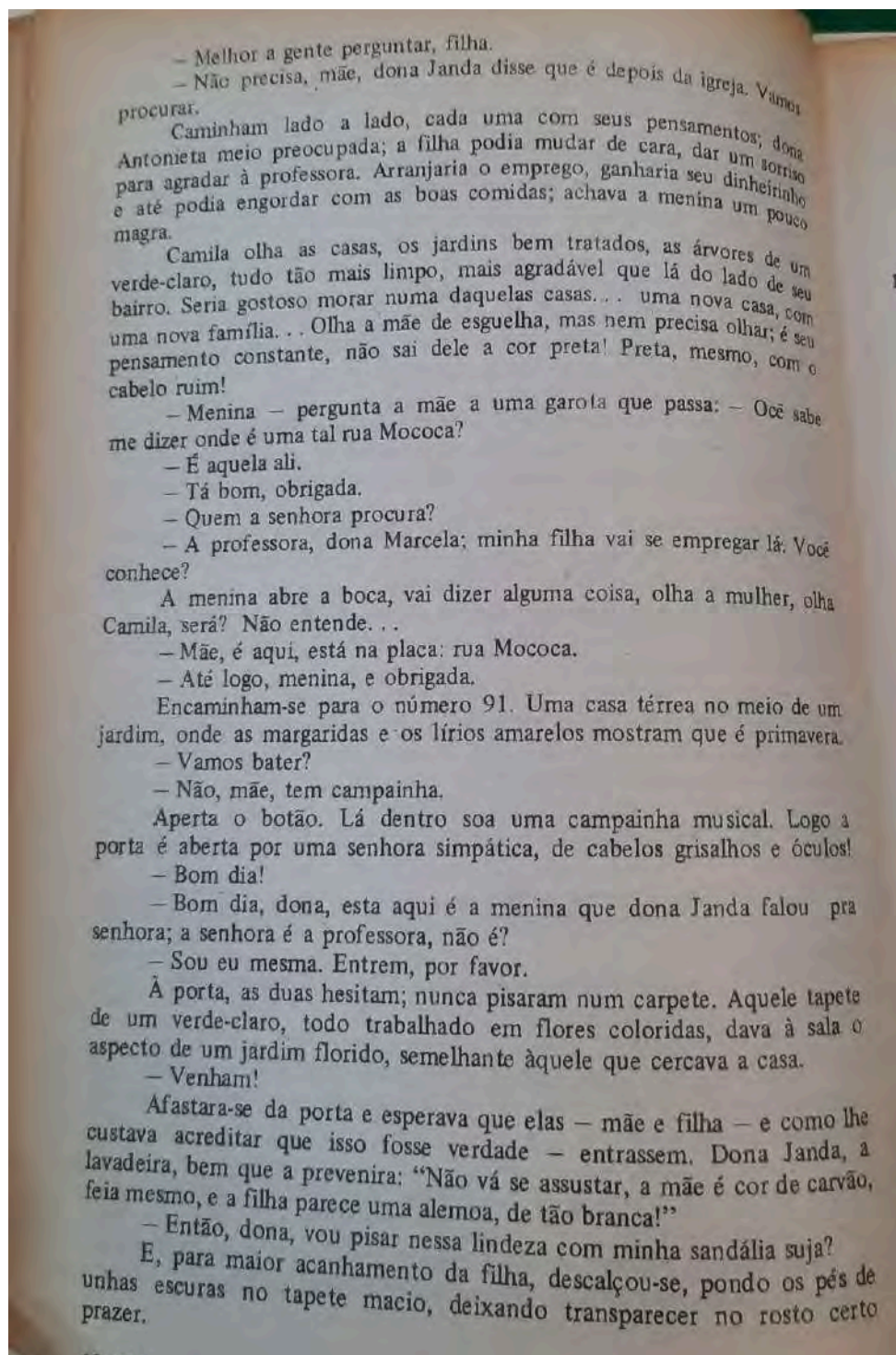
— Creio que o patrão hoje me vai dar uma gorjeta pelas horas extra,

Ainda no início do livro, é dito que Camila tem o pai branco e a mãe negra, e se sente sortuda por ter nascido branca como o pai: “Que horror se tivesse saído preta, nem gosta de pensar nisso! As duas irmãs mais velhas, Marta e Marina, são bem escuras: uma preta e a outra mulata! Puxaram pela mãe, pela família dela, todos pretos, descendentes de escravos! E pretos de nariz esborrachado, carapinha e lábios grossos!”.

A própria mãe de Camila diz que ela “teve a sorte de herdar nome e cor da avó portuguesa”.

No excerto também é dito que a situação financeira da família não é boa, e por isso Camila terá que trabalhar, já que juntando os ganhos de todos, as contas ainda não fecham.





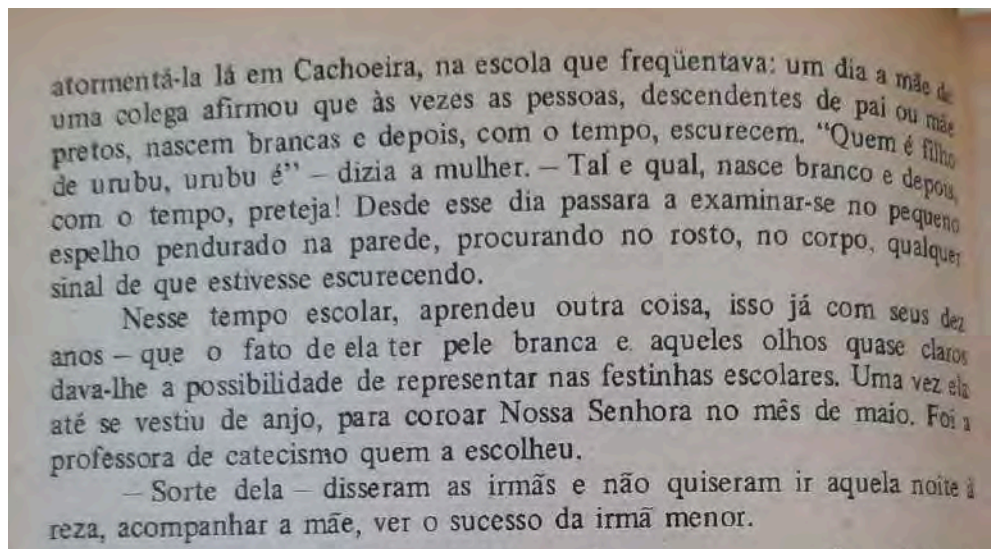
Na página acima, algumas coisas se destacam: a mãe espera que a filha possa comer melhor no novo emprego, assim até podendo engordar um pouco, mostrando que a família não tem acesso a uma alimentação tão boa. E não uma, mas duas pessoas ficam chocadas ao ver mãe e filhas juntas pela diferença de cor.

“Afastara-se da porta e esperava que elas - mãe e filha - e como lhe custava acreditar que isso fosse verdade - entrassem. Dona Janda, a lavadeira, bem que a prevenira: “Não vá se assustar, a mãe é cor de carvão, feia mesmo, e a filha parece uma alemoa, de tão branca!”

— Então, dona, vou pisar nessa lindeza com minha sandália suja?  
E, para maior acanhamento da filha, descalçou-se, pondo os pés de unhas escuras no tapete macio, deixando transparecer no rosto certo prazer.

prevenira: ‘Não vá se assustar, a mãe é cor de carvão, feia mesmo, e a filha parece uma alemoa, de tão branca!’”.

Assim, Antonieta, a mãe de Camila, é alvo de ofensas racistas, sendo chamada de “feia mesmo”, por sua pele escura e que teria o “cabelo ruim”, pela própria Camila.



É mostrado mais uma vez racismo externo, quando dizem a Camila que a pele dela poderia escurecer, como se fosse algo ruim, “Quem é filho de urubu, urubu é”, e ela assim passa a ter medo disso.

Vemos também o racismo na estrutura da escola, onde Camila é escolhida para interpretar um anjo no teatro já que é branca, dando a entender que foi uma oportunidade que as irmãs de Camila não tiveram, por serem negras.

Com Camila já trabalhando na casa, a sua patroa, Dona Marcela, começa a lhe dar aulas e quer a inscrever na escola. Camila teve acesso somente ao primário, e de início Antonieta nega deixar a menina estudar porque acha que a escola seria paga e não teriam dinheiro para pagar.

Segundo o INEP<sup>11</sup>, na década de 70, somente 67% das crianças e jovens de 7 a 14 anos frequentavam a escola. Isso totalizaria mais de 6 milhões da população desta faixa etária que não tem acesso a educação.

Antonieta também diz que não pode fazer nada sem conversar com o marido antes, “a senhora sabe, o marido é quem manda”.

---

<sup>11</sup> Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/estatisticas\\_da\\_educacao\\_basica\\_no\\_brasil](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/estatisticas_da_educacao_basica_no_brasil).



Ao chegar à casa não encontrou o pai, o que a entristeceu um pouco. A mãe recebeu com muita alegria a notícia de que conseguira vaga na escola.

— Ao menos, você, a caçula, vai estudar; mais tarde, quem sabe, as outras também. Camila, a gente também tem novidade; vamos s'imbora, a fábrica vai se mudar para a Rodovia Castelo Branco, numa cidadezinha chamada... é um nome difícil, está aqui no papel.

— Araçariguama.

— Isso, "tá" certo, seu pai vai ajudar a armar as máquinas, vai ganhar mais, a gente tem casa com luz e água. Ah, "s'isqueci" de contar, a fábrica vai pra lá porque aqui "tava" poluindo o ar, é isso, não é? Suas irmãs estão contentes; elas querem ir pra trabalhar na fábrica. Pagam bem. Seu pai falou pra elas estudar, mas o fim da moça pobre é casar e criar filhos.

Camila ouve a explicação meio inquieta. Também ela terá que ir? Largar tudo, os estudos, seu quarto, a professora e as amigas que iria arranjar na escola? A mãe continua e ela presta atenção.

Camila consegue a vaga na escola e recebe a notícia que sua família vai se mudar de cidade por conta da fábrica onde trabalham. A mãe cita a poluição como o motivo da mudança de local da fábrica, e mais uma vez a falta de acesso à educação, e questões de gênero, classe e raça ficam visíveis: "Suas irmãs estão contentes; elas querem ir pra trabalhar na fábrica. Pagam bem. Seu pai falou pra elas estudar, mas o fim da moça pobre é casar e criar filhos."

Leo fazia parte de seus planos e o céu continuava azul. Somente quando de raspão lhe passava pela memória a lembrança de sua família, é que se fechava e tornava a ser ilha!

— Você deve ter um segredo para mim, parece-se de vez em quando com uma tartaruguinha assustada! O que você tem?

— Nada — e sorria feliz. Procurava disfarçar, mudar a conversa.

— Não há motivo para você se preocupar com sua madrinha, ela está sob a direção de ótimos médicos.

— Eu sei, não estou preocupada, não!

— Então, querida, ainda não sei ler na mente dos outros, mesmo sendo o pensamento da minha "Camélia".

— Não tenho nada, Leo querido, não se preocupe, sempre fui assim um pouco evasiva, um pouco lelé da cuca.

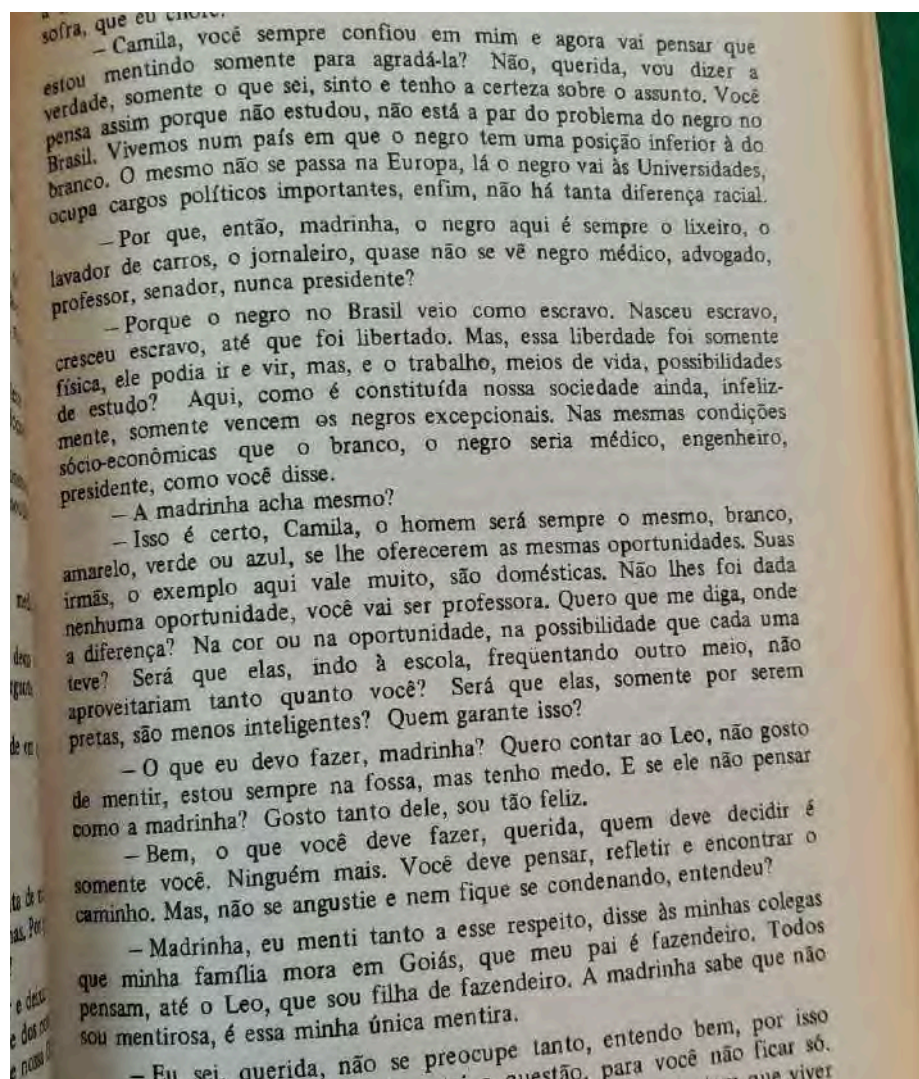
Entretanto, quando se achava só em seu quarto, muitas vezes a lembrança de sua mentira a torturava. Como podia enganar ao Leo, tão reto, tão honesto, com aquela simplicidade franca a fazê-la participar de seus problemas, sem orgulho...

Se lhe contasse... sim, ia contar-lhe e depois se calava; conhecia sua opinião a respeito do negro. Já conversaram muitas vezes sobre a questão racial, e ele sempre opinara a favor dos negros, que era falta de humanidade marginalizá-los assim. Isso ele afirmara depois de assistirem a um filme sobre o negro nos Estados Unidos.

Discutiram o assunto e Camila se colocou de fora, como se não participasse do problema, e ouvira com atenção o que Leo falara a respeito. Mais tarde, só em seu quarto, rememorara a conversa, ponto por ponto; ele fora sincero em suas afirmações, mas ela, Camila, poderia confiar-lhe seu segredo?

Leo era contra a segregação racial; então, por que não aproveitara a ocasião para contar-lhe a verdade? O medo tampara-lhe a boca, era muito

Mais a frente, Camila arranja um namorado, mas mente sobre suas origens com medo de seu parceiro ser intolerante, mesmo ele se colocando “contra a segregação racial”.



No excerto, a questão racial do país é discutida mais a fundo e a situação de Camila e suas irmãs é usada como exemplo para mostrar a diferença de oportunidades.



mas delicada ao mesmo tempo.

— Não, não sabe, não tive coragem de contar a verdade. Minto, você entende? Vivo na mentira.

Sentou-se numa pedra e chorou; soluços sacudiam seus ombros delicados. Toda ela dava a impressão de abandono e solidão. Léia nada disse, nem fez um gesto sequer de carinho, de consolo. Esperou que a jovem se recuperasse por si. Finalmente ela secou os olhos e falou.

— Vou contar tudo, nem sei porque, talvez por você ser moça assistente social, acostumada a entrevistar pessoas ou então... simplesmente porque eu esteja muito necessitada de me abrir. Nunca tratei deste assunto e sinto medo.

— Por que, Camila, você não tem sua madrinha, não tem Leo?

— Madrinha e Leo... você não vê, Léia, que isso me... envergonha? Ser filha de preta, "filha de urubu, urubu." Ouvir sempre frases assim: "Negro somente serve para escravo e outros serviços simples." "O negro se não suja na entrada, suja na saída;" "O negro de pega." "Negra de alma branca," como dizem à minha mãe. Há mais ainda, o caso de pessoas que têm sua entrada barrada em clubes.

Nunca falei disso a ninguém, guardei sempre esse segredo, conto para você porque depois não nos veremos mais, vou embora, graças a Deus, para longe, onde não terei mais medo de conhecerem minha origem. É isso mesmo. Falar ao Leo? Teoricamente, ele não tem preconceitos, mas na realidade, sei lá. Ele trata bem os colegas negros, e daí? Todos tratam, é tão fácil a gente bancar o bom, mas bem poucos dão a mancada

E Agora? 71

que meu pai deu. Quase ninguém faz isso. O costume é branco com branco, preto com preto. Quer saber mais alguma coisa? Aposto que qualquer um se importaria se estivesse na minha pele — sou branca, não sou? E meus filhos podem nascer mulatos mesmo eu me casando com Leo, que é branco.

Camila estava quase com raiva, seu rosto adquiriu um colorido forte, suas palavras saíam entrecortadas. Prosseguiu no mesmo tom de quem se desabafa nervosamente: — Todos que me vêem chamá-la de mãe se admiram e não é para admirar? Que você diz? Está achando que sou criança ou má? Ou quem sabe se me dá razão...

— Com a mesma honestidade que fiz a pergunta se você se importa de ter mãe e irmãs pretas e com a mesma que você usou para responder mostrando abertamente seu problema, esse problema que a angustia e isola, vou expor o que penso da situação.

Camila, o negro no Brasil é um marginalizado, apesar de se falar e jurar que aqui não há racismo, não há diferença entre ser branco e preto. Você mesmo ainda criança encontrou o desmentido na mãe que ameaça a filhinha, chamando o negro para pegá-la, os empregos melhores são para os brancos, branco e preto dificilmente se unem em casamento. Por quê? O que há de melhor, de superior, na raça branca? Há? Os sociólogos que fazem estudos comparativos afirmam que essa diferença é somente uma questão sócio-econômica. O negro no Brasil tem sua origem na escravidão, depois, livre, não teve vez nenhuma, Camila, sempre marginalizado.

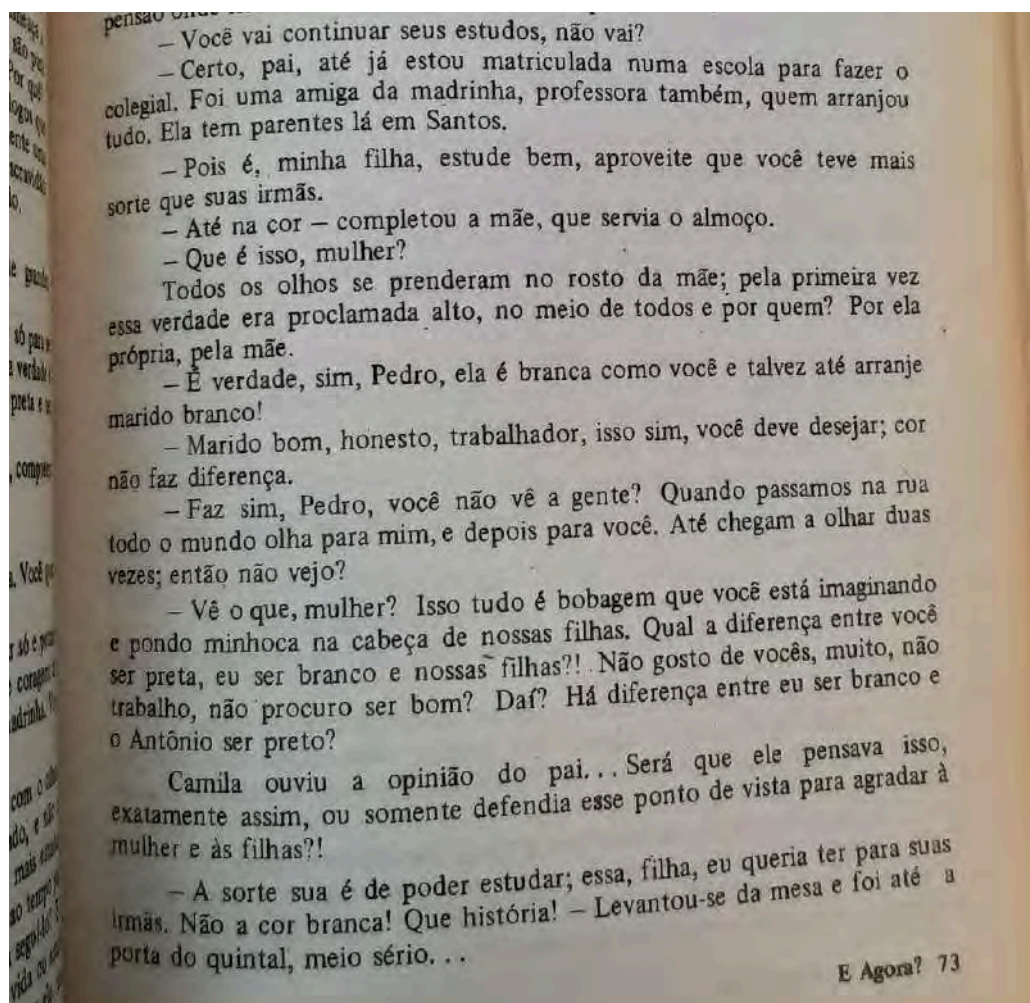
— Você crê nisso? É verdade o que está falando?

— Sim, é tudo estatisticamente demonstrado depois de grandes pesquisas.

A jovem se calou, não sabia o que pensar, precisava ficar só para se encontrar. Seria exato... sim, verdade deve ser, mas por que a verdade é aceita? Leo, por exemplo, aceitaria o fato de ela ser filha de preta e ter

A continuação acerca do racismo no Brasil continua. Camila conta algumas das coisas que já ouviu e que a fizeram acreditar na inferioridade da família: “Negro somente serve para escravo e outros para serviço simples”.

Léia, uma assistente social com quem Camila se abre, fala sobre pesquisas sociológicas que comprovam que a única diferença entre os negros e os brancos é a “questão sócio-econômica”, para informar Camila que o que ela cresceu escutando negativamente sobre pessoas negras não era verdade.

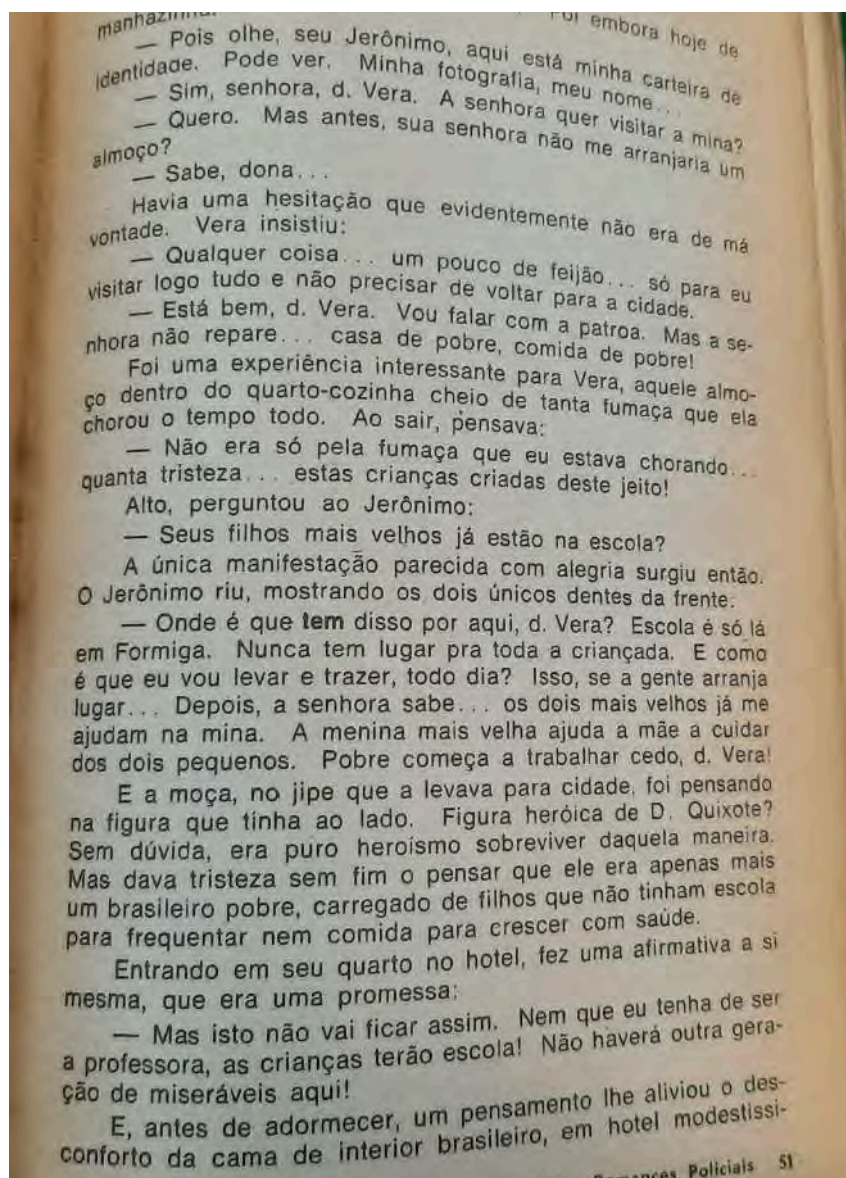


Finalmente, a discussão direta que nunca antes havia acontecido em família, acontece. Pedro, pai de Camila, diz que os olhares que Antonieta percebe são da imaginação dela, parecendo não ver o racismo que a mulher e duas das filhas sofrem.

Ele defende a posição de que a única sorte de Camila é ter tido acesso aos estudos e não ter nascido branca.

Fica claro então que a pauta da luta contra o racismo chega aos livros infantis e infantojuvenis. Assim como o aumento do diálogo sobre a falta de acesso à educação e desigualdade social, que aparecem novamente, em outro livro: *Elas liam romance policiais* (1975) de Isa Silveira Leal.





Na história, Vera herda uma mina e vai visitá-la, conhecendo alguns funcionários, incluindo Jerônimo e sua família. Ao almoçar com eles, Vera percebe que eles têm pouco acesso à alimentação e que as crianças não têm acesso à educação:

“- Onde é que tem disso por aqui, d. Vera? Escola é só lá em Formiga. Nunca tem lugar pra toda a criançada. E como é que eu vou levar e trazer, todo dia? Isso, se a gente arranja lugar... Depois, a senhora sabe... os dois mais velhos já me ajudam na mina. A menina mais velha ajuda a mãe a cuidar dos dois pequenos. Pobre começa a trabalhar cedo, d. Vera!”.

É possível observar também novamente o trabalho infantil e as diferenças por gênero.

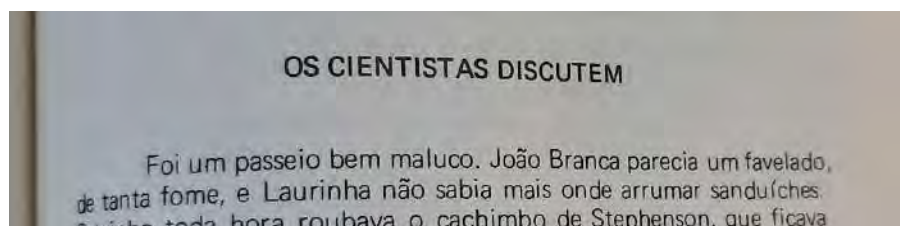
Na época, o Brasil tinha altos índices de fome, segundo os dados obtidos pelo IBGE e organizados pelo grupo da Faculdade de Saúde Pública da USP, Geografia da Fome:

Em 1975, o percentual de desnutrição era de aproximadamente 24% no Centro-Sul, 48% no Nordeste e 39% no Norte – este último provavelmente subestimado, já que dados foram coletados apenas nas zonas urbanas.

Nesse momento histórico, a desnutrição e a insegurança alimentar eram muito elevadas. Uma parcela grande da população não tinha acesso à alimentação suficiente — e, quando tinha, a comida era pouco diversa.

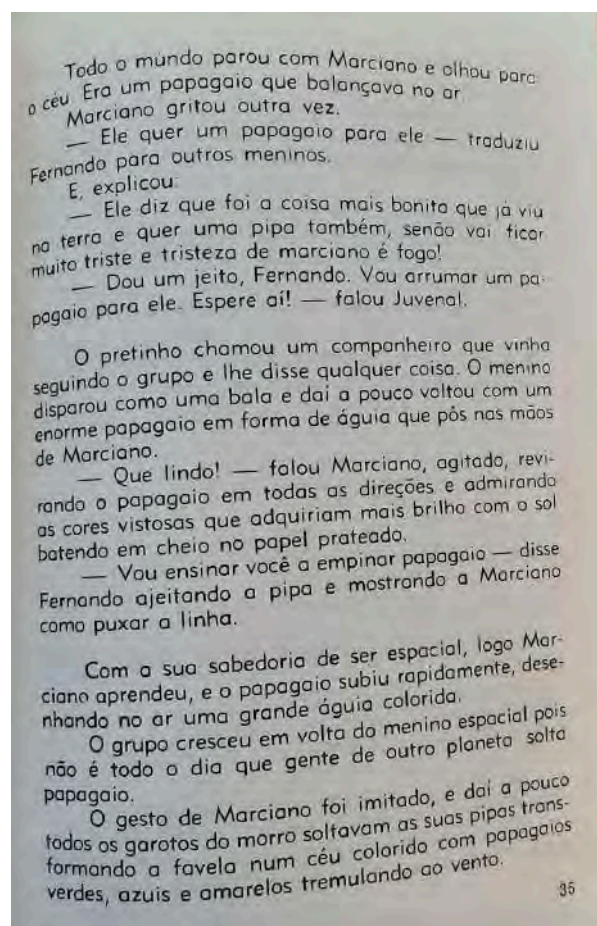
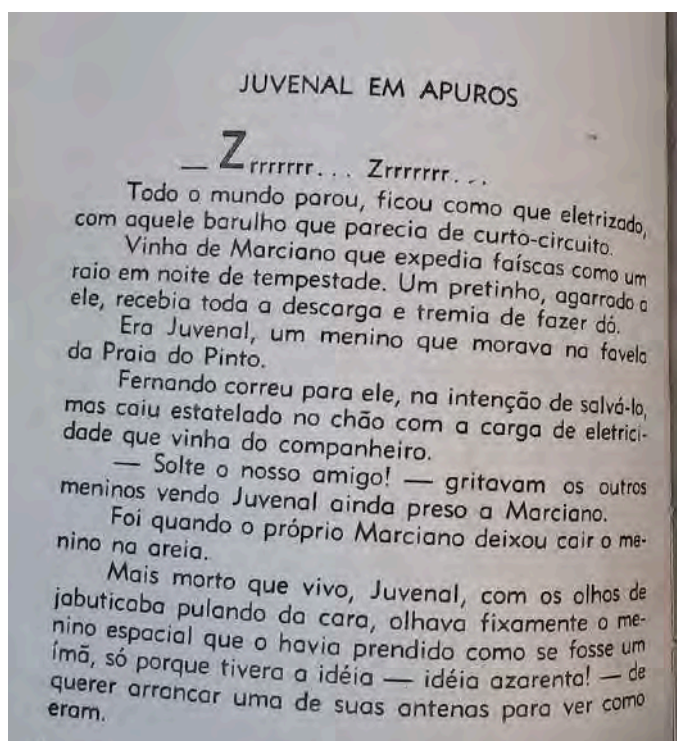
(Geografia da Fome)

Em outra história, podemos ver a fome sendo associada às favelas: *Tusuca e Larinha descobrem o progresso* (1976) de André Carvalho.



E favelas são citadas também em outros livros, que acompanham racismo ou a denúncia deste em suas histórias.

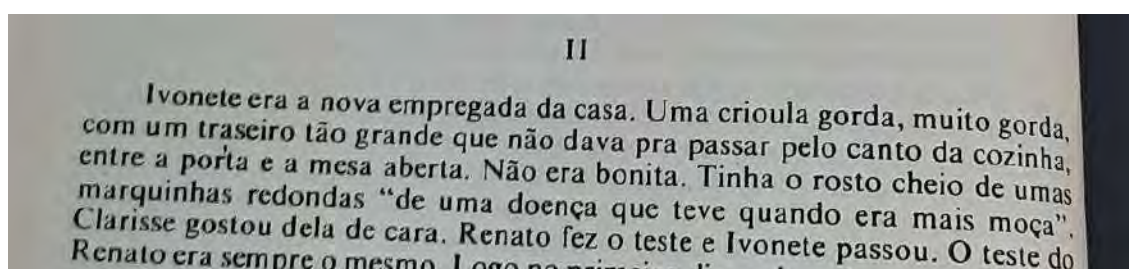
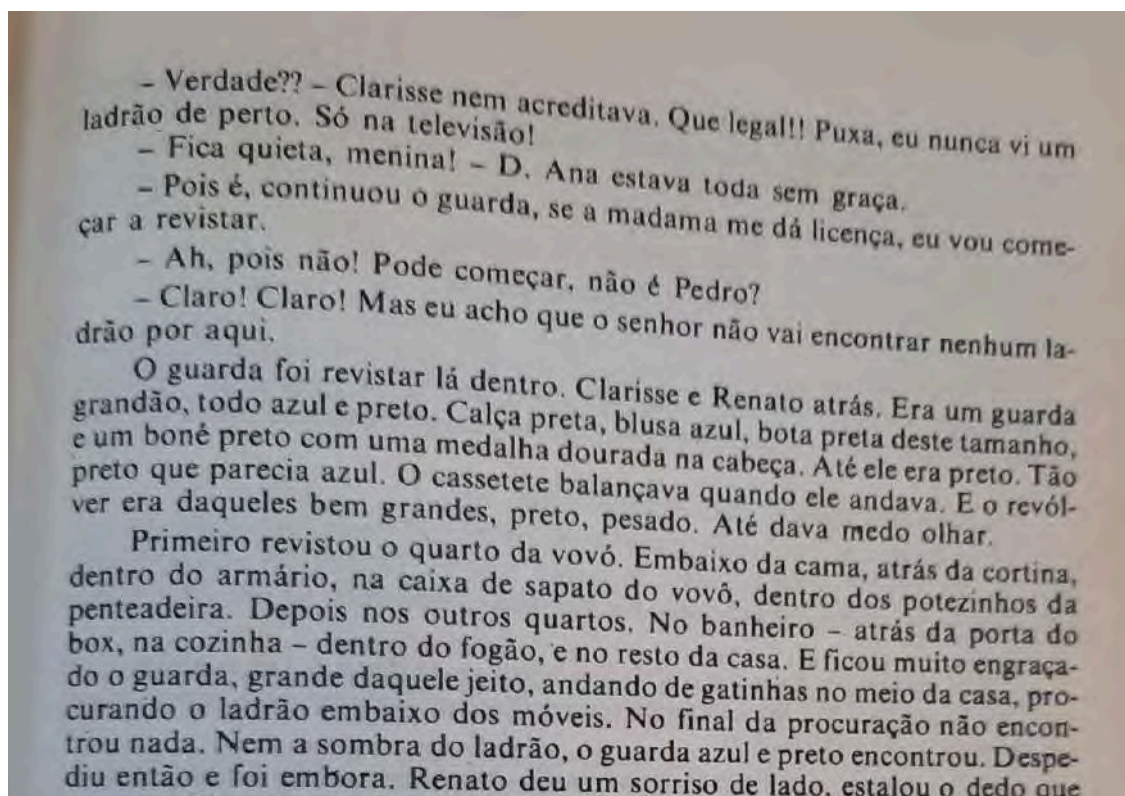
Em *Marcianos no Rio* (1976) de Maria Lúcia Machado, dois alienígenas vêm à Terra e conhecem e interagem com crianças brasileiras:





Apesar do progresso visto até agora, o personagem negro continua sendo referido como “pretinho”.

Já em *Coisas de Menino* (1979) de Eliane Ganem, as discussões se aprofundam. A história acompanha a menina Clarisse. Gira em torno de sua família de classe média, o assalto que houve em seu prédio que ela deseja investigar, a vontade que ela tem de conhecer o morro perto de sua casa e as pessoas de lá que de fato acaba conhecendo.



Aqui dois personagens são apresentados, um policial que investiga o caso de assalto no prédio, e a empregada Ivonete.

Ele é descrito como “um guarda grandão, todo azul e preto” e “até ele era preto. Tão preto que parecia azul”.

Ela, como “uma crioula gorda, muito gorda, com um traseiro tão grande que não dava pra passar pelo canto da cozinha, entre a porta e a mesa aberta. Não era bonita”.

com atenção na mão da preta; a dor que começava a diminuir. O rosto es-  
curo, diferente do da D. Ana. Até que ela não é tão feia – pensou – É que não  
anda o dia inteiro pintada como a mamãe. Ela é, sei lá, maltratada. Tem a mão  
grossa, mas eu gosto dela. É diferente de uma porção de gente que eu conhe-  
ço. É parecida com as outras empregadas que a mamãe já teve, só que é mais  
carinhosa, não sei. E tem sempre os olhos brilhando. Deve ser de tanto des-  
revista de moda. A receita mandava espremer um pouco de cebola nos olhos  
antes de sair. Dava um olhar penetrante, claro como o dia, tentador. E riu  
com vontade.

– Que é, menina? Passou a dor?

– Não!!! – ficou emburrada outra vez.

– Tá rindo, é porque passou!

Nesse instante a porta da frente bateu.

– É teu pai chegando! Olha, tá te chamando! Vai lá!

Foi pra sala e encontrou Seu Pedro carregado de presentes.

– Ôba!! Presente??

– O Renato pediu, aí eu trouxe pra você também! Cadê seu irmão? – nem  
perguntou direito e o danado chegou por trás. Agarrou o embrulho maior e  
foi sentar no sofá.

Clarisse ficou chateada. A caixa do irmão era grande, cheia de laços de  
fita azul em cima, imitando flor. A sua não, era pequena, embrulhada com o  
mesmo papel da outra caixa. Só a fita é que era cor-de-rosa. Abriu depressa:

– Essa não! Uma “Cutelaria Igualzinha à da Mamãe” pra fazer as unhas  
em casa?

– E!! Seu Pedro estava todo sorridente. Olhou então o pacote do Renato.  
Ele abria devagarinho, aí parava um pouco, olhava pra Clarisse com o rabo  
do olho, e só então continuava. Até que abriu de vez.

– Ôba! – e saiu pulando pela sala – Um laboratório completo de detetive  
particular! Ôba!!!

– Não foi o que você pediu? – Seu Pedro respondeu feliz.

Clarisse ficou emburrada. Ela só conseguia pensar. Onde já se viu eu fi-  
car em casa fazendo a unha enquanto o Renato descobre o ladrão?!?! Não  
tem nem graça!

Seu Pedro virou pra Clarisse:

23

– Gostou?

– Eu não gosto de fazer unha!

– Pois já tá na idade. Já viu a unha da sua mãe como é bonita? Uma mo-  
cinha como você precisa ficar bonita também.

– Mas eu não quero! Não gosto de fazer unha! – e foi ficando com a gar-  
ganta fechada, com vontade de gritar, pra ver se ela abria outra vez. Seu Pe-  
dro foi ficando sério. O riso frouxo sumiu. Começou a ficar nervoso, balan-  
çando a perna sentado na poltrona. Falou mais alto do que antes.

– O que é que você gosta? Posso saber?

– Eu só sei que não gosto de fazer unha!

– Tá certo! Então eu troco o presente. Que tal um cabeleireiro completo?

– Não!

– Ah, já sei. Um jogo de chá e panelinhas!?

– Não e não!

Seu Pedro atravessou de vez o papo:

– Ora bolas, menina, o que é que você quer?

– Eu quero um laboratório igual do Renato!

– Invejosa! – Renato gritou.

– Não tô falando com você! – Clarisse gritou mais alto ainda.

– Não grita, menina! Isso é maneira de falar com seu irmão? – Seu Pedro  
gritou mais alto que todo mundo. D. Ana chegou na sala, e então é que a coi-  
sa ficou feia. – Que é que tá acontecendo aqui? – quis saber.

– É a sua filha! Anda com umas idéias esquisitas. Ficou de olho no pre-  
sente do Renato e nem quis saber do presente que eu trouxe pra ela. E foi ca-  
ro! Mais caro que o dele!

– Essa não! Isso é coisa que se faça, menina? Deixa ver!

– Olha só! – Seu Pedro mostrou – Um jogo completo pra unha. Com li-  
xa, tesourinha...

– Que lindo! – e riu um riso meloso só pra ver se adoçava o mau humor  
da Clarisse. A gente vai poder fazer a unha juntas. Que tal?

Clarisse então lembrou das mãos grossas da Ivonete. Mãos cheias de ca-  
los. E olhou pras mãos da D. Ana. Mão colorida de esmalte vermelho – cor  
da crioula. Achou então que fazer as unhas não devia ser tão ruim assim. Fi-  
cou na dúvida. Olhou pro Renato. Ele mexia na caixa. Já tinha tirado quase



todo o material pra fora, e brincava num canto da mesa. Ela sentiu que ser detetive devia ser muito legal. Podia ser detetive até de unha pintada, não fazia mal. Mas, não podia esperar. Tinha que ser detetive agora, antes do Renato descobrir o ladrão. Resolveu.

- Não, eu não gosto de fazer unha! Não gosto de pentear cabelo! Não gosto de brincar de comidinha. Gritou - Que merda!!

- Não diz palavrão, menina!

- Não diz palavrão pro seu pai!

Clarisse berrou bem alto, pro mundo inteiro ouvir:

- Eu quero um jogo de detetive particular igual do Renato!!!

- Pois eu não dou! - Seu Pedro estava bufando de raiva. Isso não é coisa pra você. Detetive é coisa de menino.

- Por quê??

- Ora, porque é! - virou pra D. Ana, acalmando a voz, falando mais baixo

- Você já viu algum detetive mulher?

- Não, querido... nunca!

- Eu já vi! - Clarisse não perdia uma chance.

- Aonde?

- Na televisão!!! Tem uma porção de mulher detetive!

- Só podia ser... Na televisão!! Isso é que dá!!! - e a voz voltou a ficar alta. Fica vendo besteira o dia inteiro na televisão!!! Isso é que dá! Pois fique sabendo de uma coisa, a senhora vai ficar de castigo sem ver televisão uma semana... pra... pra aprender a me respeitar. E tem mais, ou você fica com o presente que eu te dei, ou fica sem nenhum. E ponto final!

As lágrimas chegaram forte. Clarisse saiu correndo pro quarto, pra ninguém ver, e abriu a boca no mundo. Agora o Renato ia descobrir o ladrão com os pés nas costas, e ela ia ficar chupando o dedo... pintado de esmalte. "Não e não e não!" Bateu a porta do quarto com força e deitou na cama pra chorar melhor. Caprichou que só vendo. Chorou bem alto, berrou. "Tá legal! Eu vou ficar sem o detetive particular, mas todo mundo vai ficar sabendo" abriu o pulmão e deixou o choro sair.

Nesses trechos, podemos ver Clarisse se referindo a Ivonete como "a preta" e que ela não é tão feia assim, mas é "maltratada". Clarisse quer ser detetive e investigar o assalto ao prédio, mas seus pais dizem que isso é "coisa de menino".

sunto.

- Eu não gosto dessas coisas não!

- Mas você já tá na idade de começar a gostar, de ficar bonita, de se arrumar. Daí a pouco você arranja namorado. E aí? Homem não gosta de mulher desarrumada, com cara de menino, como você sempre anda. Ontem, seu pai trouxe a cutelaria, e que escândalo. Parece até que ele tava te batendo!

- Pô, é chato papai ficar se metendo no que eu gosto. Eu queria o presente que o Renato ganhou.

- Não adianta conversar com você. Renato é menino! - gritou.

Ficou na dúvida. Ela queria arranjar namorado, casar, mas fazer aqueles troços todos, era dose pra leão. Olhou a mãe espichada na cama, cheia de

Pensou na cutelaria. Resolveu.

A diferenciação por gênero continua. A mãe de Clarisse diz a ela que ela tem que começar a se arrumar, que "homem não gosta de mulher desarrumada", e repete novamente que existem coisas para meninas e coisas para meninos.

- Ela quer bancar o detetive!
- Vai quebrar a cara. Isso não é coisa pra mulher.
- A mesa dos mais velhos começou a rir.
- Vocês tão com inveja!! - Clarisse ficou azul de raiva.
- Inveja? Vê lá se a gente tem inveja de você. A gente é que vai descobrir o ladrão.
- Vocês também? - tia Isabel cutucou o marido. Quer dizer que todo mundo agora quer ser detetive?! Isso é mau!
- Por que, mãe? Por que que é mau?
- Ora, porque eu pensei que você fosse ser engenheiro.
- E eu?
- Você tem pinta de advogado. E o Edu? O Edu tem cara de médico.
- Pois eu vou ser detetive quando crescer - Clarisse respondeu.
- Mas os meninos têm razão. Detetive não é coisa pra menina - tio Celso era muito parecido com o Carlinhos. Nariz pequeno, boca grande e um sorriso sempre no canto de cá da boca.
- É sim! - Clarisse lembrou do dia da cutelaria.
- Não é não! Mulher tem que ser bonita, é o principal. Não tá vendo sua tia como é bonita? Quando eu casei com ela era mais bonita ainda. Mulher feia não tem vez - e o sorriso do canto levantou orgulhoso, chegou até quase à orelha e parou, ficou parado um tempão. Seu Pedro completou:
- Pois é! Eu já disse isso pra ela. Mulher não pode ser muito inteligente não. Tem que ser um pouquinho burra pra poder casar. Arrumar um bom partido, ser dona-de-casa, criar os filhos...
- Logo que eu casei ainda tentei trabalhar - tia Isabel falou olhando pro prato - depois fiquei grávida do Edu, parei. Acho que foi bom. Já pensou ter que trabalhar e ainda criar três filhos? Levar pra escola, cuidar da casa, da roupa, da comida...? Mesmo tendo empregada, não dá. Filho tira muito a liberdade da gente... - aí ficou pensando. Emendou - Mas, não me arrependo não...
- Ah é! Não sei como é que tem esse monte de mulher que trabalha e ainda cuida de casa e de criança.
- Envelhecem cedo, isso sim! Dão um duro desgraçado. Eu ainda acho melhor ficar em casa.
- É claro! Já pensou entregar o filho da gente na mão de empregada?

Em um almoço da família estendida, a situação fica pior, seu tio comenta que o principal para uma mulher é ser bonita, e seu pai completa: "Mulher não pode ser muito inteligente não, Tem que ser um pouquinho burra pra poder casar. Arrumar um bom partido, ser dona-de-casa, criar os filhos..."



- Não, não dá certo! E não tem saída. Que saída a gente pode arrumar?  
- Pode até fazer faculdade - tio Celso falou - estudar, pra poder conversar, pra poder acompanhar o marido nas reuniões, nas festas - e virou pra Clarisse - sua tia fez até o segundo ano de Direito - e continuou - mas, depois que casa, que tem filho, é bom ficar em casa, senão nada dá certo.  
Foi então que tia Vera entrou na conversa:  
- E eu? O que é que vocês dizem de mim?

A mesa ficou quieta. A gente ouvia até mosca voando. Tia Vera era sempre muito calada, quase não falava. Deixava o papo pros outros e ficava ouvindo. Até parecia que não fazia parte da família. Chegava na casa da vó com a Paula, via um pouco de televisão, almoçava, e ia logo embora. Às vezes deixava a Paula brincando e passava mais tarde pra pegar. Ela era a filha mais moça da vó. E não tinha marido. Quer dizer, tinha até dois anos atrás. Mas, "não deu certo". Como diz vó Cacilda pras amigas - Vera era muito infeliz. Luiz era péssimo marido. Viviam brigando. Eu sou contra esse negócio de desquite. Agora então com o divórcio, nem se fala, mas o pessoal hoje em dia acha isso muito natural. Eu não. No meu tempo as coisas não eram assim. Mas, a Verinha, coitada, foi uma santa. Não agüentou. Eu até chego a achar que hoje ela tá muito melhor de vida. Trabalha, vive só pra filha. Nem pensa em casar. Mas, mesmo que pensasse, ela não pode mais, mesmo com o divórcio. Eu continuo achando que casamento é pra toda a vida. Uma pena, tão moça ainda...

Tia Isabel deu uma tossidinha e falou:

- Ora, você é diferente, Vera! Tem filha pra sustentar...

- É! E além do mais a Paula já é grande, já tá criada...

Tia Vera deu um sorrisinho de lado como se dissesse "eu já conheço esse papo". E o almoço terminou. Já tinha terminado há muito tempo, mas só agora o pessoal levantou e foi pra sala de visitas esperar o café do vó Honório. Clarisse levantou também, com raiva. Ela era menina, gostava de ser mulher. Mas era tanta gente falando, Mulher não pode fazer isso! Mulher não pode fazer aquilo!, que às vezes dava vontade de virar a casaca, passar embaixo do arco-íris, fazer qualquer coisa, só pra ver por que é que homem pode fazer tudo e mulher não pode fazer nada.

O Tio Celso continua, dizendo que mulher pode até fazer faculdade: "estudar, pra poder conversar, pra poder acompanhar o marido nas reuniões, nas festas - e virou pra Clarisse - sua tia fez até o segundo ano de Direito - e continuou - mas, depois que casa, que tem filho, é bom ficar em casa, senão nada dá certo".

A Tia Vera, que é separada e trabalha, pergunta se é isso que dizem dela, e eles dizem que é diferente porque tem a filha para sustentar e ela já é mais velha.

Clarisse resolveu sair de perto. O papo estava tão enrolado que nem com esforço ela conseguia entender. Voltou com Seu Pedro pra casa da avó. No meio do caminho ficou sabendo que puxar carro é o mesmo que furto com arrombamento. Dá até perícia na história. Ficou então pensando no garoto. Ele devia ser mais garoto que ela. Como é que ele ia poder puxar carro, pequeno do jeito que era. Pensou então no morro que o delegado falou... na favela. Ela lembrou da Ivonete então. Ela sabia que a crioula morava no morro, mas nunca tinha falado nada de lá.



Aqui, Clarisse começa a pensar sobre o morro que tem perto da casa dela, e nas pessoas que moram lá.

Mais a frente, alguns personagens que moram no morro são apresentados e acrescentados na história:

Deixaram Olho de Boi e Neguinho no lugar de sempre, perto do supermercado. Altanir subiu primeiro, os três atrás. No ônibus, antes da roleta. Sentaram. Tudo combinado. Ninguém ia pagar um tostão. Silêncio. O trocador olhando, esperando o pessoal passar, desconfiado. "Cum esses garoto a gente temos de tomar cuidado" – o pensamento parado no mesmo lugar. Per-na de Pau começou a batucada. Baixo, só pra disfarçar. Zezé entrou com o papo. Um pouco de futebol pro trocador não ficar tão desconfiado. Quinze, vinte minutos assim. O ponto de descer, perto. Uma multidão esperava o ônibus em frente à Central. O motorista parou, a porta de trás abriu. A multidão entrou, empurrando, se espremendo, pagando e passando. A fila comprida que não acabava. O ônibus lotou. O trocador ainda olhou, procurou. Nada. Os quatro já estavam do outro lado da rua, correndo. Tinham saído pela porta de trás.

Coruja ia na frente. Magrinho, alto, espichado pra cima. Parecia um sorvete de limão, liso, branco quase amarelo, comprido. Olhos escuros, nariz comprido também. Corria sem pressa. Apenas pela vontade. O resto atrás andando ligeiro. Uma corridinha, uma parada, esperando o carro passar na pista escura. Onze horas da noite.

Deram a volta pela calçada do outro lado, por causa do conserto na rua. Esburacada. Sem luz. Qualquer um podia cair. Entraram. O relógio, grande, lá em cima. Só dois iam de trem na volta pra casa. Pra perto de Realengo. Altanir morava no morro do Andaraí, atrás do Borel e o Coruja em São Cristóvão, não precisavam de trem. Pararam no bar. Tomar um café com leite. O dinheiro do dia no bolso de cada um. A mulher ria. Um homem e um velho perto dela. O homem cochichava, a mulher ria. O velho ria sem saber porquê. Zezé encostou perto. Era folgado. O mais folgado dos quatro. Tinha 14 anos que nem o Coruja, só que era preto e truncado. Parecia ter a idade. Diferente do Neguinho, do resto. Gostou da mulher. Era uma da vida, uma mulher à toa. Pela roupa, pela pintura carregada, pelo jeito de olhar, a gente percebia. Ali na Central era comum gente da vida que nem ela, àquela hora da noite. Encostou. Os outros de longe. Principalmente Altanir, que não gostava de mulher. A jogada dele era outra. O jeito, o trejeito. Altanir tinha suas transas. Escondia, pra não cair na gozação. Mas os outros sabiam. A coisa ficou clara naquele dia em Botafogo. O homem que chegou perto prometendo mundos e fundos. A ida de Altanir no apartamento do homem. A volta, cheio do dinheiro. Disse que tinha acertado um servicinho pro cara. O pessoal riu. Altanir disse desaforo, xingou, e a coisa ficou mais clara ainda. No final todo mundo respeitou. Não fizeram gozação, só ficaram olhando com vontade de



saber como é que deve ser. Com mulher já era difícil saber. Só Zezé é que tinha mais experiência. Contava os casos da vida de homem que já sabe ganhar mulher. Os três esperavam. O café. Zezé pediu uma cerveja. Olhava a mulher. A mulher olhava também. O homem não cochichava mais e o velho não sabia se ria. Zezé ofereceu cerveja pros três. A mulher aceitou. Zezé chegou mais perto. O homem não se mexeu. Continuou de costas. O olhar duro. A raiva nas abas do nariz. A boca apertada com gosto de briga. O corpo sentido, parado junto ao balcão. Dez minutos, a garrafa vazia. Mais uma - Zezé gritou. Novos olhares. Um carinho. Os outros sem jeito. O café com leite no fim. Saíram.

Altanir e Coruja deixaram Perna de Pau na estação. Hoje ele tinha que ir sozinho sem o Zezé pra Realengo. Um pouco de medo. Estava acostumado com a companhia do amigo. A perna esquerda, dura, meio aleijada, atrapalhava. Se alguma coisa acontecesse ia ter que apelar pra sorte. As vezes, dez anos de idade é muito pouco pra se bancar a vida. Ele era o mais novo de todos. O mais bobo também. Não entendia essas coisas de mulher e homem. Achava tudo isso besteira. Não dizia nada pra ninguém rir dele, mas no fundo, no fundo mesmo, não entendia. Nem sabia direito como é que acontecia. Como é que mulher tinha filho também não sabia. Quase não parava em casa por causa da madrasta. Depois da morte da mãe, ficava por lá porque não tinha pra onde ir. O pai não se importava. Fosse pra onde fosse, só não queria briga em casa. Ela era ruim. Não gostava dele. Quando chegava não encontrava nada, nem um prato de comida. Dividia o dinheiro com os irmãos de verdade. Era o mais velho dos três. Dos outros irmãos nem queria saber. Era tudo filho dela. Da madrasta. Ruim, peste é o que ela é - pensava. Cumo é que a gente faz cum mulhé - pensava ainda mais. Achava que devia ser bom. Pra todo mundo querer, tem de ser. E o pensamento imaginava muita coisa. Muita coisa que sentia, às vezes, sozinho. Uma vontade imensa de abraçar um corpo, de fazer carinho. Coisas que sentia quando era pequeno ainda. Quando a mãe brincava, beijava ele todinho. Não conseguia entender.

O trem vazio a essa hora da noite. Sentou. Um bêbado do lado. Um casal de namorados. Uma mendiga. Mais dois ou três que voltavam de uma conversa esticada num bar, discutiam, falavam da vida. Não ouvia. O sono pesado. O sonho. A mãe. O Zezé que conseguia todas as mulheres. A vontade de dormir num cantinho quente, numa cama quente cheia de cobertas.

Eles, apesar de serem descritos tendo entre 10 e 14 anos, vivem uma vida mais complexa. Zezé que tem 14 anos, já têm relações sexuais. Pela primeira vez a homossexualidade aparece em uma história infantojuvenil na pesquisa. Mas infelizmente, vem acompanhada de uma implícita prostituição infantil.

Embora sejam crianças ou adolescentes, é visível que têm contato com situações que não deveriam, sendo privados de uma infância saudável.

Mesmo assim Seu Pedro e tio Celso reclamaram. Disseram que isso não era papel de gente educada. Era papel de moleque, de menino de morro. O pessoal ficou calado, achando que o pai tinha razão por um lado, por outro não. Que estava gozado estava aquele pé calçado de preto-marron e o resto da dona de bege-cetim. Só Clarisse não prestava atenção à ralhação. Ficou pensando se rir dos outros era mesmo coisa de menino de morro. Pensou no Nezinho, sério, raspando a parede. Ficou na dúvida. A vontade de saber aumentava todo dia um pouquinho. Resolveu conversar com o avô, só pra ver o que ele achava.

Às onze horas da noite, a festa no fim. Vó Cacilda não conseguia dar mais um passo. Estirou o corpo e ficou olhando o restinho das pessoas que ainda circulavam, contando piada, falando do passado. Tio Celso chegou perto da Clarisse, passou o braço pelo ombro da sobrinha, e falou:

- Que história é essa de subir o morro?
- Uê, quem foi que te contou?
- O vovô!
- É só pra saber como é que é! - e ficou com raiva do avô.
- Você não tem medo? Lá em cima a coisa é muito diferente...
- Tenho medo não!
- Ah, já sei! Quer bancar o detetive, não é?
- Mais ou menos! - Clarisse não queria abrir o jogo. Não queria que ninguém soubesse, senão iam começar a falar, a botar medo, a torcer tudo.

120

- Sabe que no morro tem gente da sua idade que já é ladrão?
- Sei, claro que sei. São pivetes!
- Isso mesmo! São ruins mesmo. Roubam, matam, não querem nem saber.
- Clarisse ficou calada. O resto da festa agora estava por perto. Uns prestavam atenção no papo do tio Celso, outros não.
- Sua tia outro dia foi assaltada - o tio continuou - Sabia?
- Puxa, é?! - aí Clarisse ficou interessada. Aonde?
- Na feira! Um menino... Não devia ter mais de dez anos. Tirou a bolsa da sua tia, e saiu correndo.
- Verdade??
- Claro!

O primo do primo da vó Cacilda entrou no meio:

- Uma pouca vergonha! Agora não se pode mais andar sossegado na rua, tranquilo, seguro. Quando menos se espera vem um moleque desses e rouba a gente.

- E às vezes matam! - vó Cacilda falou arrastado.

Seu Pedro sentou no sofá:

- É, eu já falei com a Clarisse. Ela pensa que é invenção. Já mostrei até no jornal. Lembra daquela advogada que mataram ali no Posto Seis?

- Aquela do ônibus?

- É... aquela mesmo! Eles nem conversaram. A moça reagiu, levou dois tiros. Morreu na hora. E foram dois pivetes!

- Uma violência!

- Falta policiamento!

O que sobrou da festa agora estava na sala, conversando, dando palpites.

- Acho que não é falta de policiamento não. Em alguns lugares pode ser, mas... eu acho que é falta de dinheiro! Tudo caro! - tia Vera falou.
- Que nada! É pouca vergonha mesmo! Trabalho não falta. E o brasileiro tem mania de gastar. Não faz economia não!?

- Ah, isso é mesmo. Gasta tudo que ganha. Aí quando passa aperto tem que roubar.

- Eu vejo pela Ivonete, minha empregada. Gasta todo o dinheiro que ganha lá em casa. Não sobra nada. Já falei com ela pra abrir uma caderneta de poupança... Que nada! Não quer nem saber!

121



- Eu é que quero distância. Quando vejo um menino desses, seguro bem a bolsa. E se der pra desconfiar mesmo, atravesso a rua.

- É, não se pode facilitar. As coisas como andam hoje em dia são de meter medo.

- O governo devia tomar providências...

- Estão tomando! Já removeram muitas favelas lá pro subúrbio. Ouvi dizer que a favela do Catumbi também vai sair.

- É boato. Aliás, é boato antigo, igual ao da Rocinha.

- Rocinha já virou até ponto turístico!?

- Eu acho que eles não têm mais pra onde levar!

- Têm sim, espaço é que não falta. O que falta é dinheiro pra remover aquela gente toda. Já pensou? Milhares de famílias!? Um problema sério. Tem que ter dinheiro de sobra pra dar um jeito na situação.

- E o pior é que quem paga o pato é a gente, que trabalha, que dá duro o dia inteiro, que paga imposto e não tem segurança.

- Eu acho que o maior problema do Brasil é falta de educação. O sujeito, às vezes não arruma emprego porque é analfabeto. A educação é importante. Em vez de só removerem as favelas, deviam dar educação pro povo.

- Ah, mas já tem tanta escola pública. Só não estuda quem não quer...

- E dizer que o pessoal não estuda porque tá de barriga vazia, é mentira. A escola dá comida, não dá? Dá a merenda escolar, não é? É obrigatória!? Pois então!

- É falta de vergonha mesmo! - o primo do primo insistia.

- É preguiça, que o brasileiro é preguiçoso! Ô bicho preguiçoso!

- Ah, isso é verdade!

Clarisse foi pra dentro. Cortou um pedaço da sobra do bolo e ficou pensando. Até parecia que todo mundo tinha combinado falar aquelas coisas todas só pra mexer com ela. Pra botar mais minhoca na cabeça do Seu Pedro e atrapalhar a subida no morro de vez. Achou também que esse negócio de remover favela não tava com nada. O próprio Nezinho contava que ele conhecia um monte de menino que morava no subúrbio e só roubava em Copacabana. Que pivete, que é pivete pra valer, não rouba perto do lugar onde mora. Que é que adiantava remover então?! No final chegou à conclusão que aquelas pessoas todas não entendiam nada de pivete, que era tudo papo furado de gente que pensava que sabia, mas na verdade não sabia de nada. E engoliu de uma dentada o resto do bolo que tinha na mão.

122

Nestas três páginas, a família de Clarisse diz muitas falas preconceituosas e elitistas: que rir das pessoas é “coisa de menino do morro”, que tem meninos da idade dela que moram nesses locais que são ladrões, que deveriam remover as favelas, que quem não estuda é porque não quer etc., que expõem as visões da época.

As remoções chegaram a acontecer de fato, Valladares especificamente sobre o Rio de Janeiro:

Em meados dos anos 70, é sabido que 140 mil moradores haviam sido removidos de cerca de 90 favelas, devido à intensificação da política remocionista durante a ditadura militar.

(Valladares, 1980)

pois veio a cena do Mac Donald perseguindo os assaltantes. Não tinha carro de verdade no apartamento da tia Vera. O jeito era imitar motor de carro com a boca e botar Mac Donald girando uma roda do carrinho velho do Renato. Ficou ótimo. Agora, ótimo mesmo foi a cena do morro. Todo mundo botou a cuca pra funcionar e acabaram armando direitinho um cenário com cara de casa de madeira. Com cama velha, televisão quebrada e outras coisas mais. Só faltava a Nilcéia, a empregada da tia Vera, pra ajudar. Tanto fizeram, tanto falaram, que a crioula topou. Entrou no meio da história e ficou de mãe do Picolé, achando tudo uma grande brincadeira. De morro mesmo, só o cenário, porque o resto era coisa de televisão. E não levou a sério. Ria no pedaço que a crioula ria pra valer. Não deu certo. Nilcéia foi expulsa da filmagem, e lá de volta pra cozinha, fazer o jantar.

Clarisse chegou em casa cansada. Os olhos doendo por causa das luzes da filmagem. Foi direto pro quarto, morta de sono, pregada. Nem queria comer. O corpo cansado, o sorriso na cara. D. Ana insistia com o jantar.

- Vem, menina! Assim não dá! Você vai ficar doente! - Clarisse acabou levantando. Sebastiana servia a mesa. Era a nova empregada. Ivonete tinha saído sem ninguém saber porquê. Um belo dia chegou, pediu as contas e disse que ia embora. D. Ana achando que a crioula tinha arrumado emprego melhor. Uma ingrata! Seu Pedro achando que era por causa da doença da mãe. Clarisse sentiu falta no início, depois esqueceu. Lembrava do morro, das casas, das caras que tinha visto. Lembrava da casa da mãe da Ivonete, da vala escura, fedida. Só não conseguia achar nenhuma graça nos bandidos que tinha conhecido por lá. O Vadico era meio parado, nem pose de bandido tinha. Por isso o filme era misturado. Cenário de morro com bandido e detetive da pesada. Senão o pessoal no colégio não ia gostar. Pra falar a verdade, bandido de morro tem cara de cinema nacional, isso Clarisse sabia. E o que ela queria era cinema misturado, senão o filme ia ficar parado também, igual o Vadico. No fundo, no fundo mesmo, Clarisse achava que a Nilcéia tinha razão. Que do morro mesmo, só o cenário, o resto era coisa de televisão. Mas ela gostou. Gostou tanto de misturar as bolas, que foi difícil pra tia Vera botar um freio na imaginação do pessoal. Pra história não ficar com cara de mentira deslavada, a primeira cena do filme foi rodada na favela mesmo. Primeiro, no pé do morro, depois mais em cima. Filmaram as casas, a vala, o Curso de Culinária, e até o porco e o pavão. Depois filmaram Mac Donald perseguindo Pirulito e Picolé morro acima, a penúltima cena do filme. A última era a cena

No final da história, Clarisse tem que gravar um filme para um trabalho da escola, e escolhe fazer com a favela como cenário. E apesar de ter ido até lá e conhecido moradores, inclusive um “bandido”, quer que o filme passe mais emoção e seja “mais pesado”. Assim, a imagem de favelas como um lugar perigoso, morada de pessoas perigosas, vai sendo passada também na história.

Outra importante obra é *A Bolsa Amarela* (1976) de Lygia Bojunga. Contada através da personagem Raquel, somos levados a refletir sobre a diferença de tratamentos entre os gêneros.



Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequeninha, que nem tomar sorvete a toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar um sapato novo que eu não agüento mais o meu. Vontade assim todo o mundo pode ver, não tô ligando a mínima. Mas as outras — as três que de repente vão crescendo e engordando toda a vida — ah, essas eu não quero mais mostrar. De jeito nenhum.

Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje tô achando que é a vontade de escrever.

Já fiz tudo pra me livrar delas. Adiantou? Hmm! É só me distrair um pouco e uma aparece logo. Ontem mesmo eu tava jantando e de re-

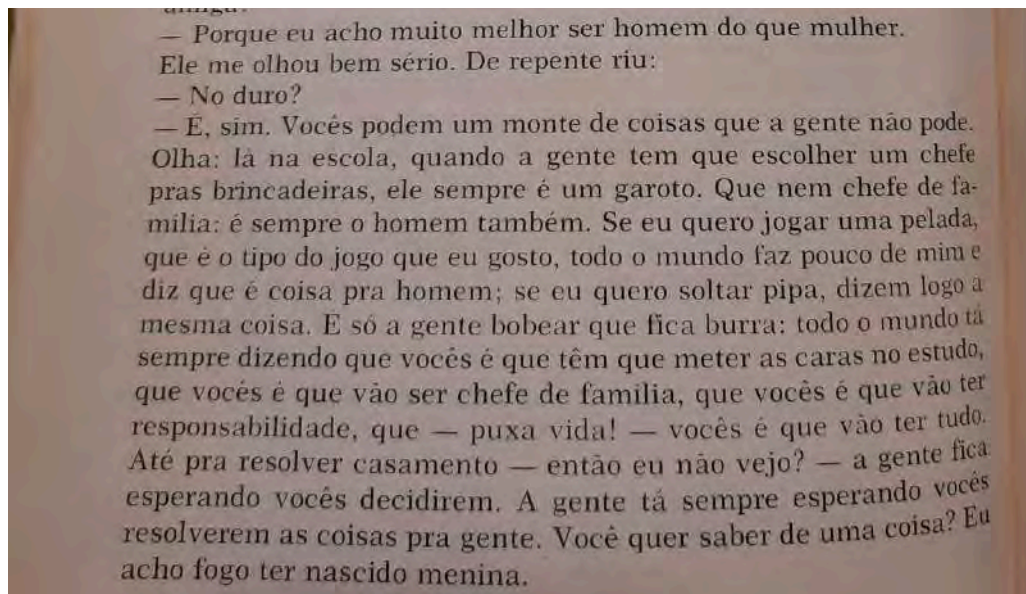
Raquel esconde três grandes vontades e uma delas é ter nascido menino. E repete isso várias vezes ao longo do livro:

Faz tempo que eu tenho vontade de ser grande e de ser homem. Mas foi só no mês passado que a vontade de escrever deu pra crescer também. A coisa começou assim:

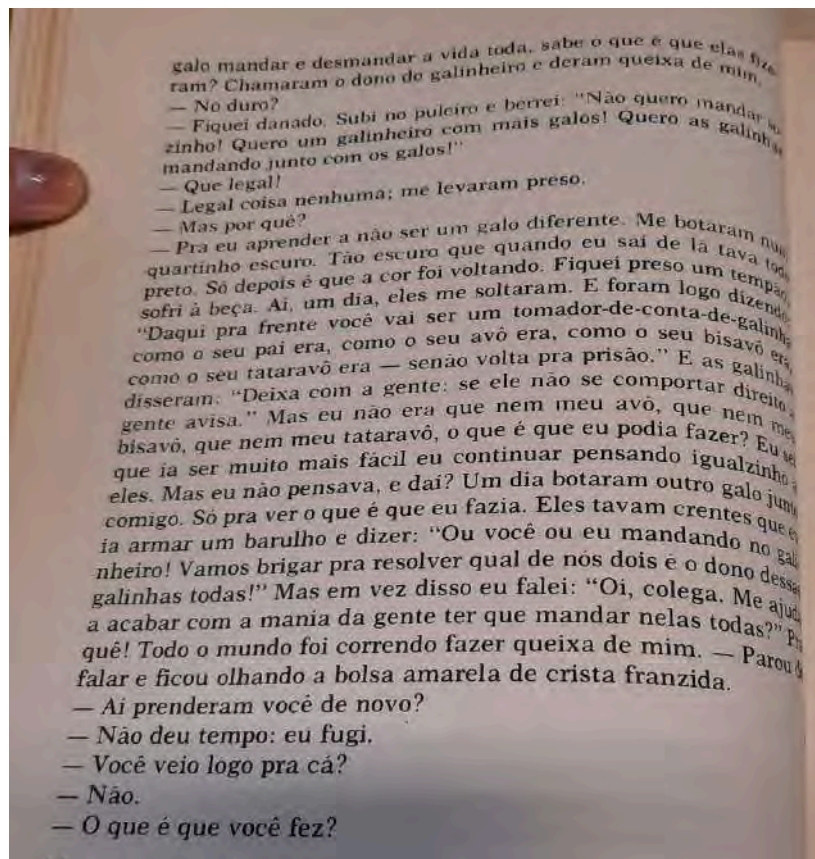
quando eu nasci, eu não tinha pai. Só eu e minha mãe. Ela queria ter filho. Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou não é? Um dia perguntei pra elas: “Por que é que a mamãe não tinha mais condição de ter filho?” Elas falaram que a minha mãe trabalhava demais, já tava cansada, e que também a gente não tinha dinheiro pra educar direito três filhos, quanto mais quatro.

Fiquei pensando: mas se ela não queria mais filho por que é que eu nasci? Pensei nisso demais, sabe? E acabei achando que a gente só devia nascer quando a mãe da gente quer ver a gente nascendo. Você não acha, não?

Outra temática levantada foram as condições de classe para se ter e educar um filho.



Aqui, Raquel explica porque queria ter nascido homem. E fica claro que é devido à forma diferente que é tratada por ser menina, sendo muitas vezes desprovida de respeito ou de escolhas.

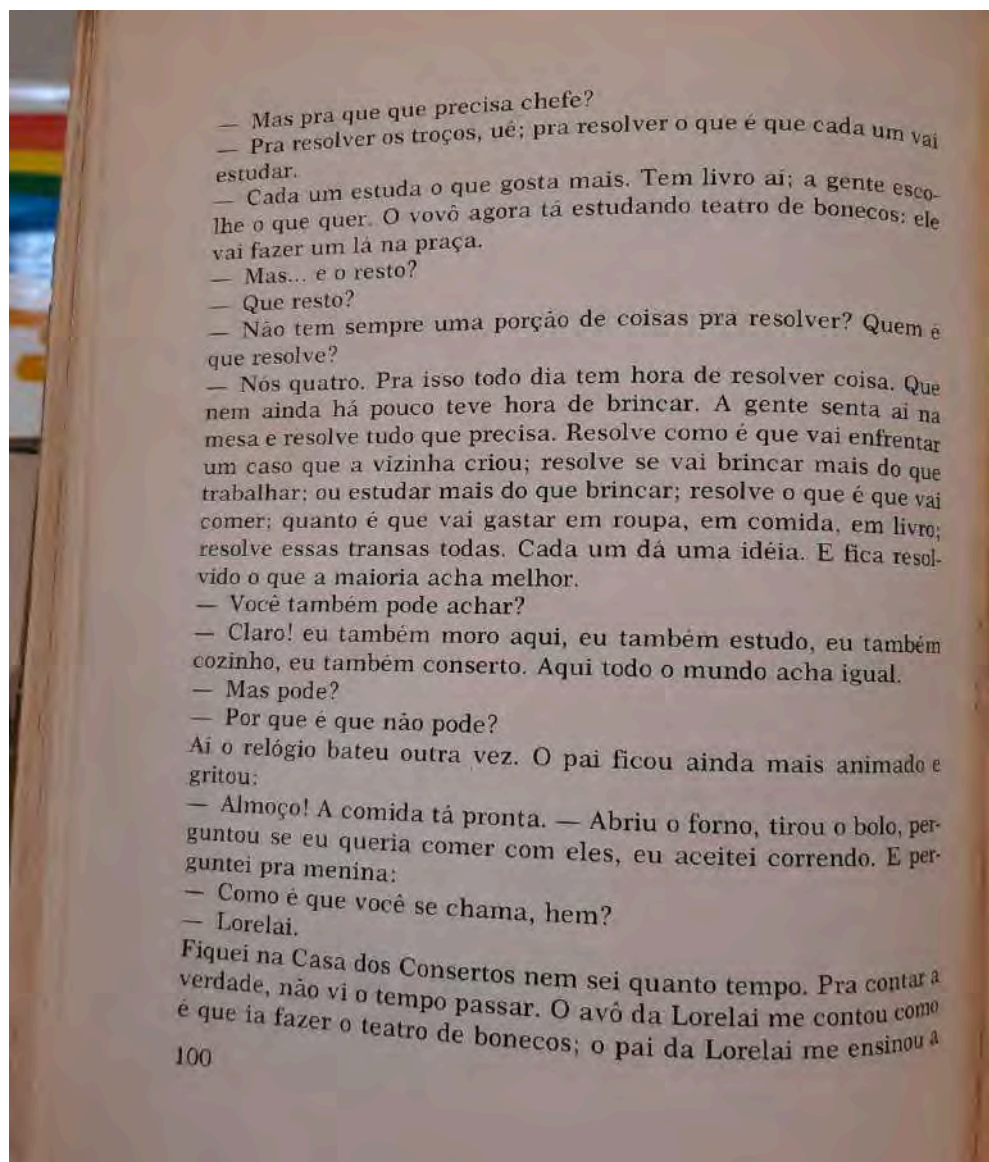




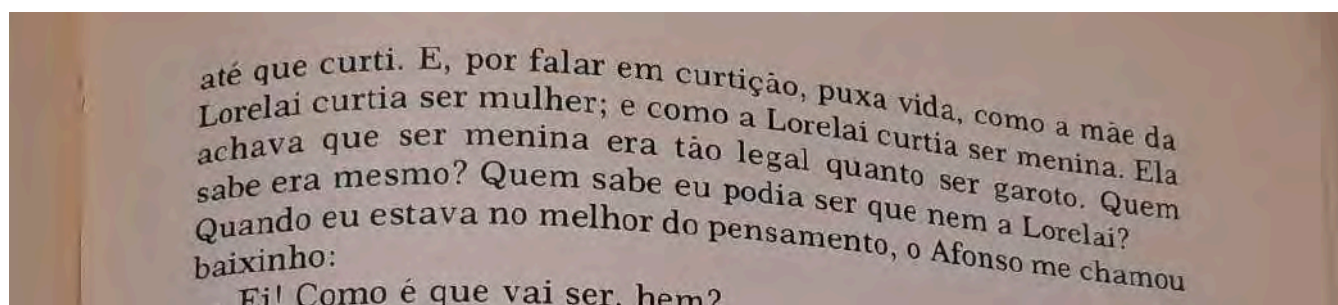
Raquel inventa alguns amigos, entre eles, um galo chamado Afonso. Esse galo conta que foi preso por pensar diferente e não querer mandar nas galinhas.

Mais adiante na história, Raquel conhece uma família diferente da sua:

- Ele é teu pai?
- É. — E aí ela apresentou os três: — Meu pai, minha mãe e meu avô.  
Eles me deram um sorriso legal, e eu cochichei pra menina:
- Por que é que ele tá cozinhando?
- Ela me olhou espantada:
- O quê?
- Perguntei ainda mais baixo:
- Por que é que ele tá cozinhando e tua mãe soldando panela?
- Porque ela hoje já cozinhou bastante e ele já consertou uma porção de coisas; e eu também já estudei um bocadinho e meu avô soldou muita panela: tava na hora de trocar tudo.
- Por que?
- Pra ninguém achar que tá fazendo uma coisa demais. E pra ninguém achar também que está fazendo uma coisa menos legal do que o outro.
- Teu avô tá estudando?
- Tá.
- Velho daquele jeito? (Era meio chato conversar com ela: só eu que cochichava; ela falava normal, todo o mundo ouvia.)
- Ele só é velho por fora. O pensamento dele tá sempre novo.
- Por que?
- Porque ele tá sempre estudando. Que nem meu pai e minha mãe.
- Eles também estudam?
- Aqui em casa a gente não vai parar de estudar.
- Toda a vida?
- Tem sempre coisa nova pra aprender.
- E quem é que resolve o que cada um estuda?
- Como é?
- Quem é que resolve as coisas? quem é o chefe?
- Chefe?
- É, o chefe da casa. Quem é? Teu pai ou teu avô?



Nessa família, todos podem estudar. O pai e o avô também cozinham e a mãe também trabalha. E a menina Lorelai tem suas opiniões ouvidas e levadas em conta.





Minha semana de castigo foi ótima: escrevi à vontade — tudo que passava na minha cabeça, e tudo que acontecia na bolsa amarela. Escrevi também pra turma da Casa dos Consertos. Os quatro me responderam logo. Cada carta boa mesmo. E eu fiquei pensando que fazia uma bruta diferença a gente ter amigo.

Minha vida foi melhorando. Eu já não inventava muita coisa, meu pessoal não ficava tão contra mim. Comecei então a achar que ser menina podia mesmo ser tão legal quanto ser garoto. E foi aí que as minhas vontades deram pra emagrecer. Emagreceram, emagreceram, até que um dia pensei: daqui a pouco elas vão sumir. As aulas começaram de novo. Uma noite eu sonhei que estava na

109

Sendo respeitada, acolhida e vendo que meninas podiam sim fazer o que desejassem mesmo sendo meninas, Raquel vai perdendo a vontade de ser um menino.

— Sabe? Disseram que eu não podia soltar pipa.  
— Por que?  
— Falaram que era coisa de garoto.  
— Ué!  
— Tá vendo? Falaram que tanta coisa era coisa só pra garoto, que eu acabei até pensando que o jeito era nascer garoto. Mas agora eu sei que o jeito é outro. Vamos lá na praia soltar pipa?  
O Afonso topou. Comecei a juntar as coisas que precisava.

Assim, vamos vendo que se inicia um novo movimento, onde os direitos humanos e direitos sociais são trazidos para o diálogo nos livros.

A década de 70 se fecha com a aprovação da Lei da Anistia em 1979, que era luta a alguns anos já no Brasil:

A anistia não foi uma decisão espontânea da ditadura. Organizações da sociedade civil vinham fazendo pressão. Em 1975, mães, mulheres e filhas de presos e desaparecidos criaram o Movimento Feminino pela Anistia. Em 1978, surgiu uma organização maior, o Comitê Brasileiro pela Anistia, com representações em diversos estados e até em Paris, onde viviam muitos dos exilados.

No velório de João Goulart, em 1976, o caixão do presidente derrubado pelo golpe militar de 1964 permaneceu envolto numa bandeira com a palavra “anistia”. Em jogos de futebol, torcedores erguiam faixas com a frase “anistia geral, ampla e irrestrita” para serem captadas pelas câmeras de TV e pelos fotógrafos dos jornais.

O movimento logo ganhou o apoio de entidades influentes, como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

(Agência Senado, 2019)

A lei que permitiu que exilados voltassem ao Brasil, teve suas controversas:

O segundo problema grave que havia na Lei da Anistia, e que os parlamentares do MDB também tentaram derrubar, era o perdão aos militares que cometeram abusos em nome do Estado desde o golpe de 1964, incluindo a tortura e a execução de adversários da ditadura. A lei lhes deu a segurança de que jamais seriam punidos e, mais do que isso, nunca sequer se sentariam no banco dos réus.

(*idem*)

Assim, se inicia uma nova fase no Brasil.



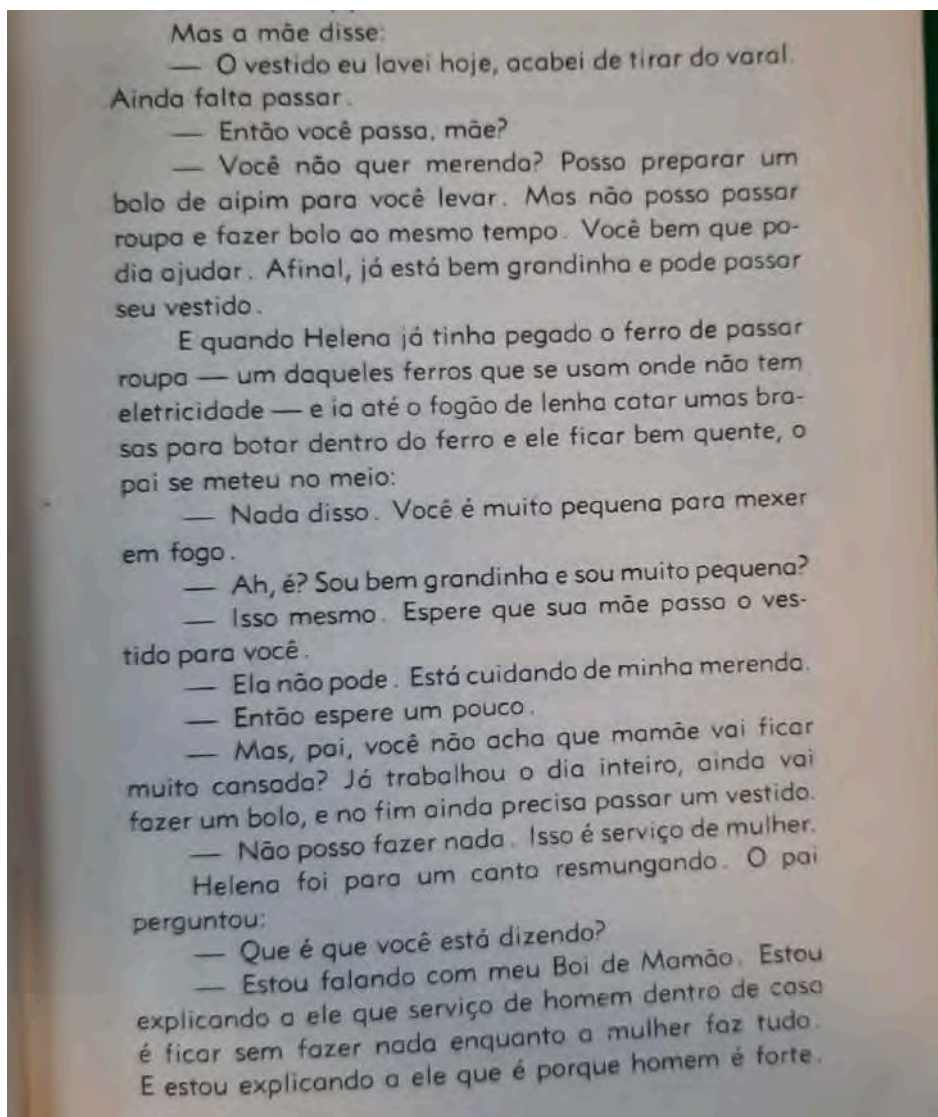
# 1980

Nos anos 80, estava em curso uma época decisória no país. A ditadura estava em declínio, a economia e condições de vida cada vez piores e os movimentos sociais se fortalecendo cada vez mais. Os militares endividaram o Brasil, a inflação estava alta e em 1985, houve eleições indiretas para a presidência, marcando assim o final da Ditadura Militar no país:

Ao deixarem o poder em 1984, a dívida representava 54% do PIB segundo o Banco Central, quase quatro vezes maior do que na época que eles tomaram o poder em 1964, quando o valor da dívida era de 15,7% do PIB. A inflação, por sua vez, chegou a 223%, em 1985. Quatro anos depois, o país ainda não tinha conseguido se recuperar e ostentava um índice de inflação de 1782%. No jargão econômico, costuma-se dizer que os militares deixaram uma “herança maldita”.

(Mendonça; Sanz, 2017)

Mais livros infantis e infantojuvenis trazem em suas histórias a realidade social da época:



O pai olhou para ela com um jeito esquisito e disse:  
— Não entendi nada.  
Helena olhou para ele ainda mais esquisita e disse:  
— Também não entendo, mas é assim todo dia.  
O pai resolveu explicar:  
— É que o homem sai de casa, trabalha o dia todo, fica cansado, traz as coisas para dentro de casa, comida, roupa.  
— Mulher também. A mãe ajuda a plantar feijão na roça, traz água do poço para dentro de casa, traz roupa lavada da beira do rio dentro da bacia. E agora está fazendo bola enquanto você está aí enrolando seu cigarro de palha.  
— Você está querendo o quê? Que eu vá passar roupa? Não faltava mais nada.  
— Se você é forte demais e não agüenta, não precisa ir. Não faz mal. Eu vou mesmo de roupa amassada. Ela estica no corpo.  
— Menina, você já está muito grande para se meter a engraçadinha e responder aos mais velhos. Desde quando uma criança desse tamanho pode ficar discutindo assim, com essas idéias?  
Pronto, olha aí. De uma vez...

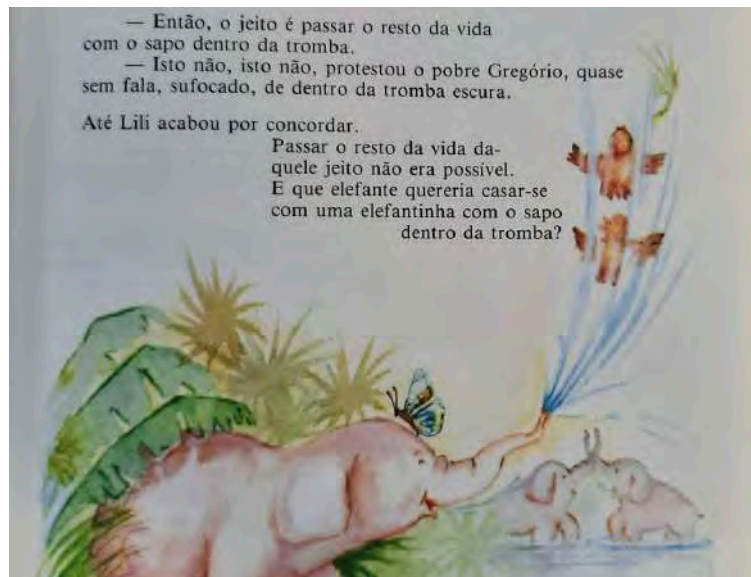
Em *Bem do Seu Tamanho* (1980) de Ana Maria Machado a personagem Helena questiona porque o pai não pode ajudar nas tarefas domésticas, ainda mais que a mãe trabalha fora igual a ele.

No livro *A Vaca Voadora* (1982) Edy Lima mostra que a normalidade para alguns ainda é a de mulheres e mães como donas de casa:

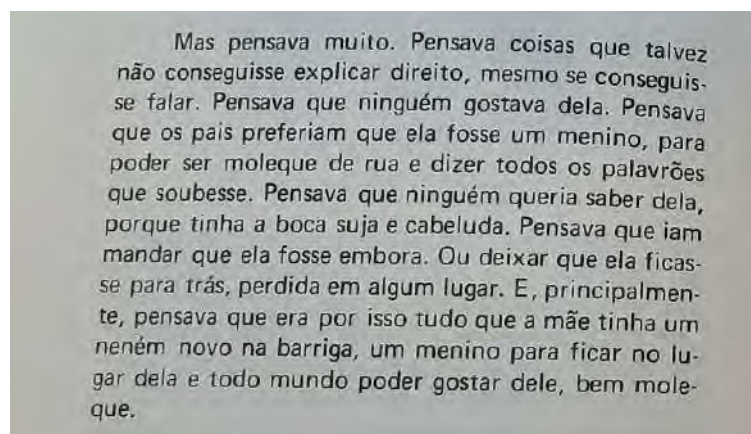
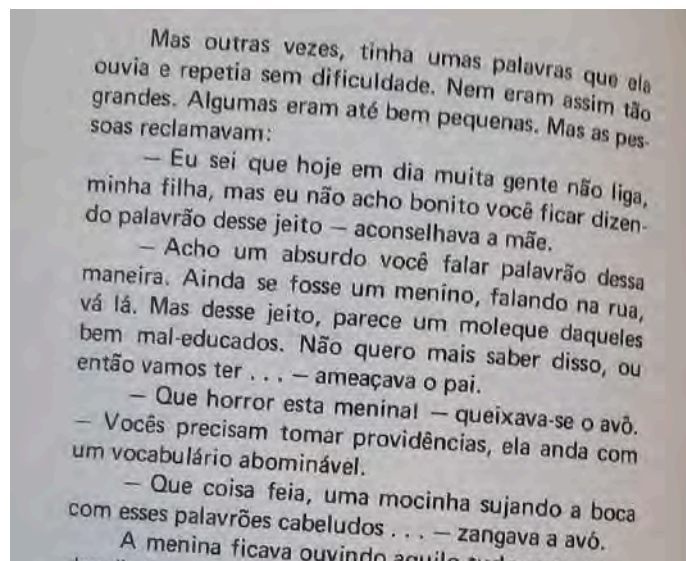
pida. Voejávamos agora sobre a rua em que morávamos e a cachorrada corria, latindo para o alto. Os garotos da vizinhança também apareceram e as mães deles. Os pais, não. Aquela hora os homens estavam trabalhando. Quando crescesse, eu queria fazer o mesmo. Era muito interessante a vida dos pais de meus amigos. Cada manhã saíam de carro e só voltavam à noite. Devia ser bom dirigir o carro...



Outro aspecto do tema encontrado, foi a preocupação com casamento na infância, em *A operação de Lili* (1984) de Rubem Alves:

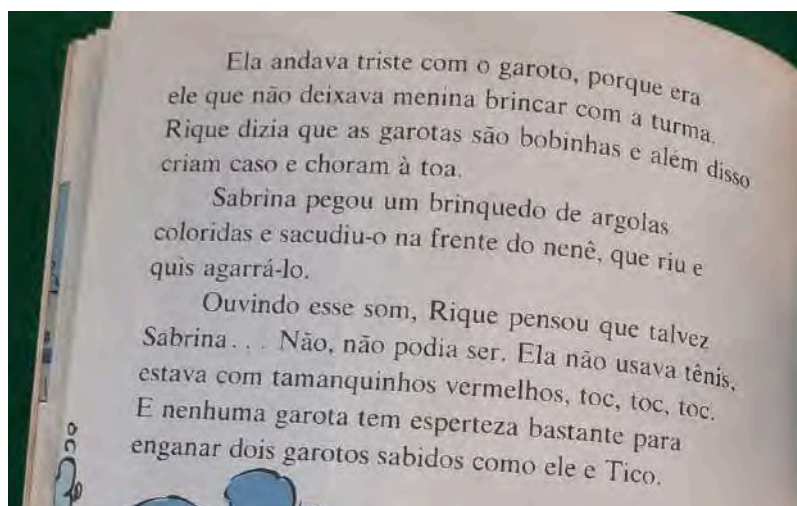


Novamente são retratadas as diferenças de tratamento entre os gênero, em *Palavras, palavrinhas e palavrões* (1982) de Ana Maria Machado



No livro se entende que por ser menina, não pode falar palavrões, mas se fosse um menino, poderia. São retratadas tantas desigualdades de gênero que a personagem sente que os pais irão gostar mais do irmão que nascerá, por ele ser menino.

Em *O porão mal-assombrado* (1987) de Teresa Noronha, a história vem em forma de exposição de como costuma acontecer a segregação e sua retratação.



No livro, Rique e seus amigos não permitem que meninas brinquem com o grupo por serem “bobinhas”, e ao mesmo tempo, um fantasma vem assombrando as brincadeiras. Após os meninos descobrirem que Sabrina era o tal fantasma, perceberam que meninas podiam sim ser tão espertas quanto eles, e as incluíram nas brincadeiras.





Já em *Mariana do Morro* (1980) de Margarida Ottoni, novamente é apresentado um cenário que evidencia a diferença de gênero, com a personagem Mariana tendo que ajudar em funções da casa que o irmão não precisa, por ser menino. É possível observar também, que mesmo dentro de uma história que inicialmente expõe as diferenças de papéis dadas a meninos e meninas, ciclos nocivos ainda aparecem: Mariana sofre implicância de um menino que mais tarde na história diz que só a provocava por gostar dela:

Mariana mora no morro da Cachoeirinha. Acorda cedo todos os dias; cedo de verdade, quando ainda está meio escuro. Mas não é por causa da hora da escola. A aula só começa às sete. Mariana pula cedinho da cama para carregar água.

No morro não há água. A cachoeirinha que existe é apenas um pequeno e inútil córrego que despenca do alto e engrossa em dias de chuva. Para terem água em casa, os moradores do morro descem com suas latas e vão enchê-las na bica que a prefeitura mandou instalar no início da subida. A fila começa ao amanhecer.

Todos os dias, Mariana levanta à mesma hora. Não tem domingo nem feriado para dormir até tarde, como faz o Vicente, seu irmão, quatro anos mais velho que ela.

— Mariana! — chama D. Marta. — Está na hora...

A menina sai da cama, onde dorme com Belinha, a irmã menor, calça as sandálias e vai pegar a lata vazia. Sem comer,

Mariana, discreta em suas aspirações, tinha apenas dois grandes sonhos na vida: o primeiro, encontrar o pai que abandonara a família há muitos anos; o segundo, não precisar carregar latas de água diariamente.

Uma idéia sempre a atormentava, deixando-a assustada, quando pensava no Ruço: ele parecia ser como o lobo mau da história de Chapeuzinho Vermelho, capaz de fazer maldades.

Em determinado momento da história, o personagem Ruço assusta Mariana com um revólver de brinquedo e lhe provoca com um “fiu-fiu”.

Zangada, não olhou para trás nem uma vez. Seus ouvidos, porém, escutaram o “fiu-fiu” do Ruço até à esquina seguinte.

Depois, contou tudo a D. Helena e a Cátia. Tudo menos a história dos assobios. A senhora lavou-lhe o ferimento, desinfetou-o e cobriu-o com gaze. Deu-lhe um vestido da filha. Animou-a:

— Já passou.

Foram as meninas brincar na varanda. Mariana, apesar da brincadeira, não esqueceu o que se passou entre ela e o Ruço.

– Se eu fosse seu irmão, carregava água no seu lugar.  
 Mariana parou por um instante.  
 – Você só sabe fazer maldade.  
 Ele riu.  
 – Não é maldade; é brincadeira.  
 – Brincadeira?  
 Desta vez, resolveu enfrentá-lo. Com jeito, agachou-se para colocar a lata sobre uma pedra. Ruço, prontamente, ajudou-a. E, enquanto escorava a lata, ia dizendo:  
 – Você pensa que eu não gosto de você? Gosto muito!  
 Aproximou-se e, ligeiro, deu-lhe um beijo. Mariana encabulou. O rapazinho prosseguiu:  
 – Pensei que você fosse mais esperta, guria!  
 Pela primeira vez, ela o olhou de frente e reparou que não era tão feio como imaginava. Se gostava dela, por que a atorrecia?  
 – Você ri de mim – queixou-se.  
 – Não é por mal. Gosto de viver rindo. Pensei que você ia rir daquele revólver.  
 – Eu? !  
 A surpresa foi tanta, que não soube dar outra resposta.  
 – Não fica zangada comigo, “tá”?

Ele sorria como amigo. Ela quase também.  
 – Vou indo – falou.  
 Ruço ergueu a lata e colocou-a ao ombro.  
 – Eu carrego pra você.  
 Mariana seguiu-o, admirada. Jamais supusera que o Ruço fosse capaz de ser bom; jamais notara seus músculos fortes.  
 – Se eu não tivesse o meu trabalho, podia fazer este serviço pra você de vez em quando.  
 – Trabalho?  
 – Sou ajudante de caminhão. Carregador! Tenho que viajar, entende?  
 – Ah! Quer dizer que você esteve fora esse tempo todo?  
 – Pois é! Amanhã, cedo, vou c' novo, por quinze dias. Desta vez, é pra São Paulo. Sabe onde fica?  
 – Sei. Já vi no mapa.  
 Continuaram a subir o morro, lado a lado, conversando em paz. Ele, com naturalidade; ela, meio constrangida. Quem os visse juntos, pensaria que eram namorados.

Ruço não se desculpa pelos seus atos e os justifica como brincadeiras. Mesmo assim, ao final da história são retratados como parecendo namorados.

No censo realizado pelo IBGE em 1980<sup>12</sup> dois dados são importantes para este trabalho: a contagem para pessoas economicamente ativas foi feita a partir da

<sup>12</sup> Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/72/cd\\_1980\\_v1\\_t4\\_n1\\_br.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/72/cd_1980_v1_t4_n1_br.pdf), p.80



população com 10 anos ou mais, ou seja, incluindo crianças que estariam trabalhando. E das 44,4 milhões de mulheres que estariam aptas a trabalhar a partir destes critérios, 30 milhões não possuem rendimentos.

Outro ponto a ser pontuado na história *Mariana do Morro*, é a desigualdade social. Ela descreve que a população que mora no morro não possui acesso a água potável em suas casas, tendo que buscar diariamente em uma bica.

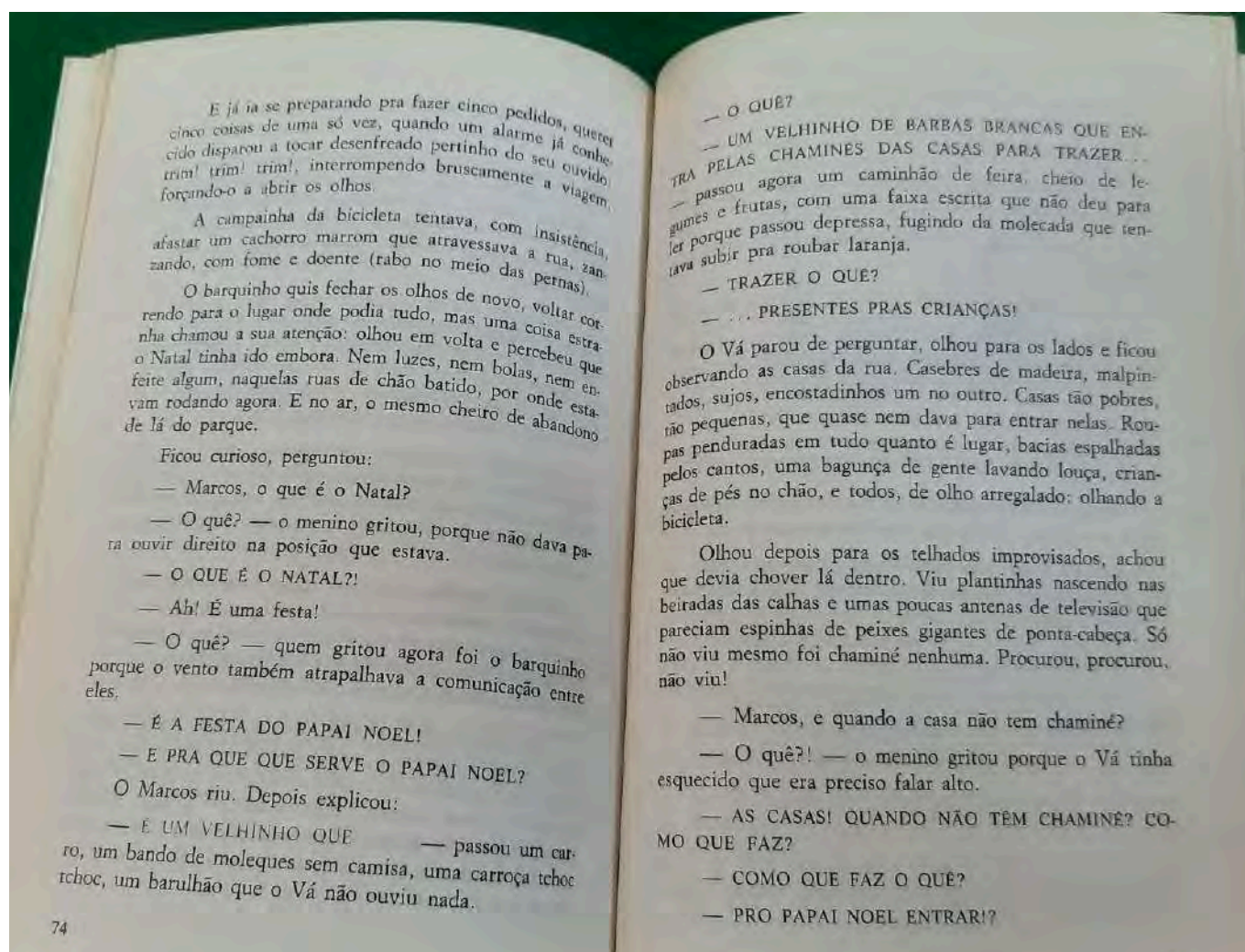
Como já trazido brevemente, a década de 80 foi uma época economicamente conturbada para o Brasil, com a inflação e desvalorização dos salários:

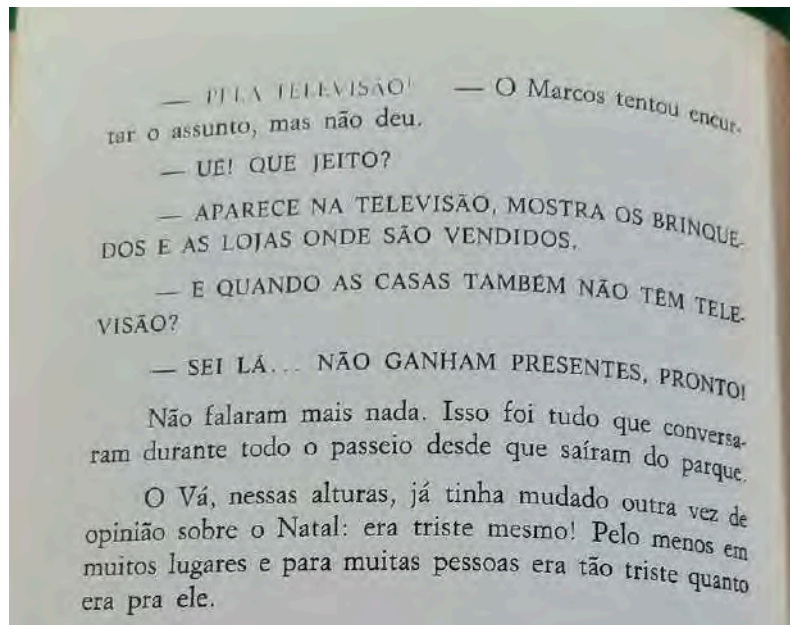
A situação brasileira, em 1985, não apresentou melhoras com relação à pobreza; segundo Henriques e outros (Henriques et alii, 1989, p.8), "(...) 35% de todas as famílias e 41% de todos os indivíduos (53,2 milhões de brasileiros) viviam em condições de pobreza".

(Santagada)

Outros livros infantis e infantojuvenis trazem retratos da desigualdade social.

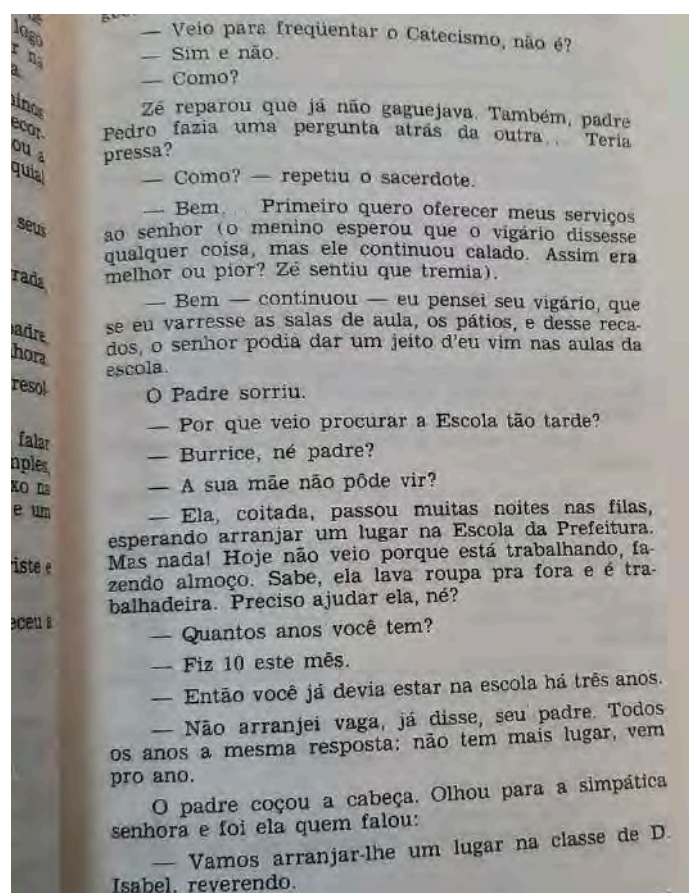
Em *Fim que vira começo que vira* (1988), de Wladimir Capella, um dos personagens percebe a diferença de condições entre as crianças:





Aqui ao ver a situação em que muitas crianças viviam e que parte delas não recebiam presentes de Natal, o personagem Vá pensa que o Natal para alguns é muito triste.

Também é possível ver a desigualdade social, acrescida da falta de acesso a educação e trabalho infantil na história *Zé de Maria Careca* (1983) de Graziella Lydia Monteiro. A presença da religião católica e remanescentes racistas também são encontradas:





— É isso que minha mãe sempre me fala. Então, até amanhã. A que horas?

— Bem cedinho, logo depois da Missa das 6 horas.

Zé saiu. O dia estava claro e tão alegre quanto ele. Olhou para os lados e como não visse ninguém, levantou os punhos, esmurrou o ar e deu duas, três, quatro cambalhotas no adro quente da igreja.

Voltou então à casa de Deus, molhou novamente o dedo e rabiscou na testa o sinal da cruz. Estranhou que não tivesse mais ninguém ali. Melhor, assim o Deus e a Virgem seriam só seus! Procurou o primeiro banco. Sentou-se confortavelmente e respirou fundo. Agora sim, podia conversar à vontade com Nossa Senhora.

Lá estava ela à sua disposição e o menino começou a falar a meia voz:

— Brigado, Mãe de Deus. Eu juro (e cruzou os dedos indicadores), eu juro que daqui por diante virei pedir sua bênção todos os dias (todos os dias era prometer demais), bem, todos os domingos e vou fazer tudo pra trazer minha mãe, tá?

Zé já tomava intimidade com a Virgem. E continuou monologando:

— ... sabe, Nossa Senhora, eu vou trabalhar e estudar muito, mas muito no duro e quando eu ficar grande, é capaz da Senhora nem me conhecer! Vou ser como o madamo da casa grande... (também tou exagerando, é melhor deixar por menos). Não tão importante como o Dr., mas um homem honesto, forte, com algum dinheiro no bolso e no banco. Vou vim sempre ver a senhora, trazendo minha mãe, OK?

O personagem Zé vai em busca de acesso à escola, começando a estudar aos 10 anos por não conseguir vaga antes. Pelos dados do IBGE de 1980, apenas 51% da população entre 5 e 14 anos sabe ler e escrever.

No decorrer da história, Zé entra em conflito com alguns personagens e parte deles são presos por roubo. Porém a mãe de um deles fica muito doente:

Arquejante, subiu o morro. Passou pelo barraco do João Peitudo e ouviu gemidos. Parou. Entro? ... E o valentão com quem ele não se dava, já tivesse saído da cadeira e se encontrasse lá dentro?

Apurou o ouvido. Novo grito de dor. Tomou coragem e entrou no barracão escuro, de um só quatinho.

O sol atravessava o teto esburacado e fazia riscas luminosas no chão.

No catre, a mãe de João, se contorcendo em dores.

O filho de Maria Careca tremia de medo. E se ela morresse ali, na frente dele? E como é que a gente morria?

Tomando fôlego, aproximou-se daquele amontoado de trapos que cobria a pobre doente:

— Que está sentindo, dona?

A mulher abriu os olhos e pediu baixinho:

— Chama alguém, meu filho. Tou muito mal. Pelo amor de Deus, corre e traz um doutor!

— Fica sossegada. Quer um gole d'água?

— Não! Vai... Anda!

Zé saiu apavorado daquele quatinho mal cheiroso e assustado com o feio aspecto da negra que gemia. Pobre mulher! O filho preso e ela sozinha, sofrendo.

Correu até sua casa. Esqueceu da Virgem, do Reverendo, da Escola e da manhã luminosa!

— Mãe, larga as panelas. Vem comigo no barraco de querosene.

— Por que, filho?

— A negra tá lá morrendo, mãe!

Maria tirou a panela do fogo, jogou água nas achas de lenha e saiu correndo.

— Vem comigo, Zé.

Zé não queria voltar àquele barraco. Deixou a mãe ir só e ficou admirando os dois cômodos de sua casinha. Como eram limpos e bonitos! Pobre, muito pobre, mas

sem cheiro ruim. A mãe vivia varrendo o chão batido e limpando as cinzas do fogão, areando as panelas com cinzas e as latas estavam sempre lavadas. Os catres que ela própria ajeitava com tábuas largas, estavam com cobertas limpas.

Aí o menino se lembrou de que talvez a mãe precisasse dele. Correu até a casa da mulher doente, e, sem coragem de entrar, olhou pelo buraco da parede. Sua mãe já estava varrendo o chão imundo. Do fogão saía fumaça.

— Precisa de alguma coisa, mãe?

— Onde estava você, menino? Vai correndo chamar o vigário. Ela tá morrendo... Vai depressa!

— morrendo? Jesus! Então o Peitudo não ia mais ver sua mãe? Coitado! E o menino, parando nos barracos, lá dando a terrível notícia.

Chegou enfim à casa do padre. Quem o atendeu foi o próprio sacerdote.

— Padre Pedro Reverendo, vem comigo. Tem uma mulher morrendo lá no morro!

— Espere, filho, já vou.

Voltou logo trazendo nas mãos uma caixinha. No caminho, Zé contou ao Ministro de Deus sobre a prisão do filho da agonizante e corria na frente do vigário, apressado. Chegariam a tempo para a bênção?

Entraram no barracão. O garoto reparou que a mãe já ajektava tudo mais ou menos e não havia imundície pelo chão.

— Essa é minha mãe, padre. Mãe, esse é o padre Pedro Reverendo, já te falei nele, tá lembrada?

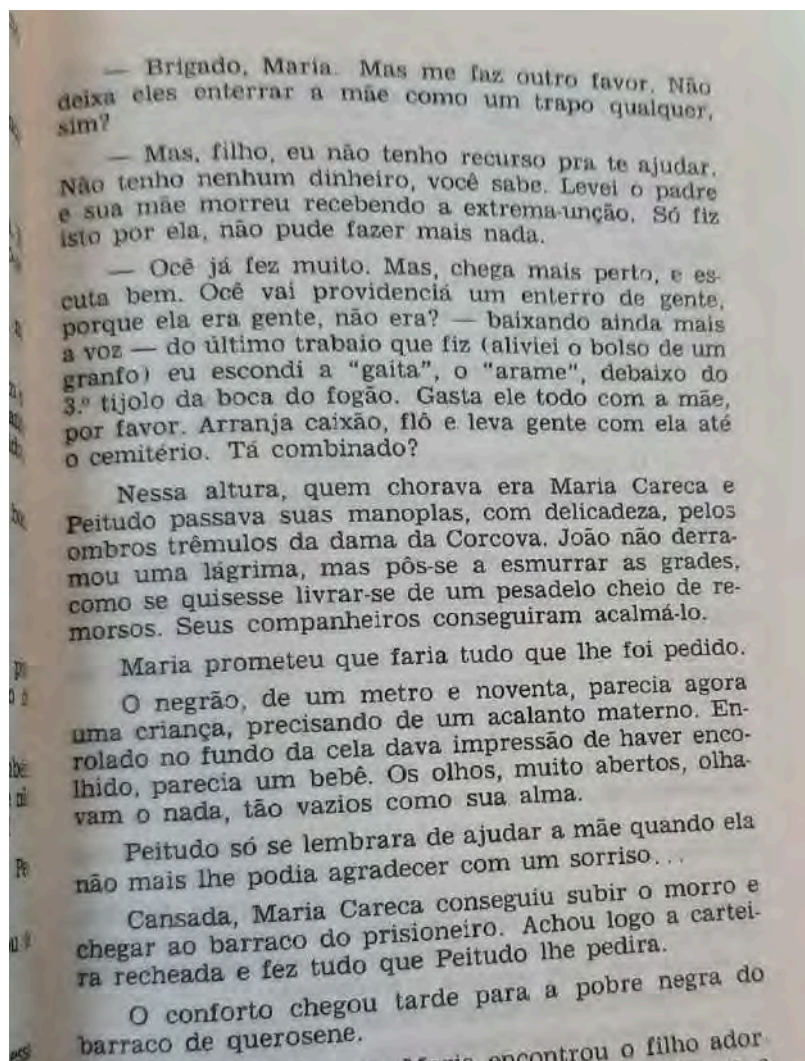
Maria Careca beijou a mão do sacerdote, dizendo:

— Mandei também chamar um médico, vigário, mas não tenho esperança de ele aparecer aqui. Quem sabe a bênção sua melhora ela?

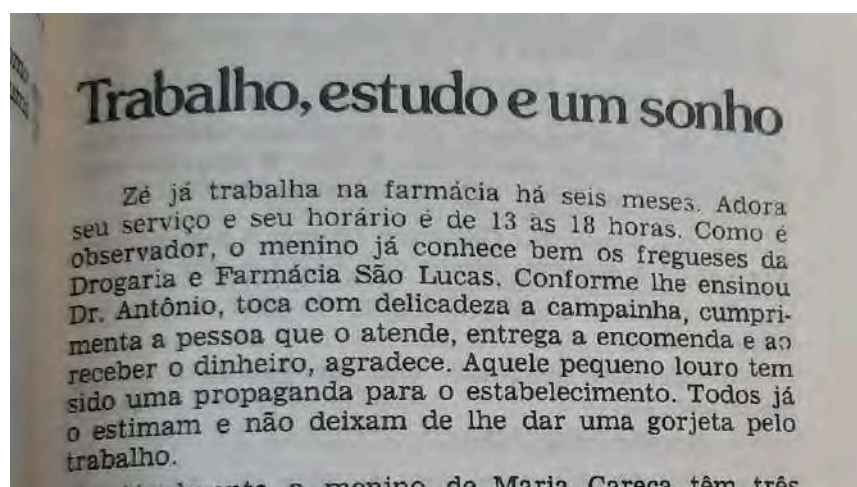
Os olhos azuis do Zé estavam arregalados, cheios de lágrimas.

— Ajude-me, filho, segure isso, pediu o padre.



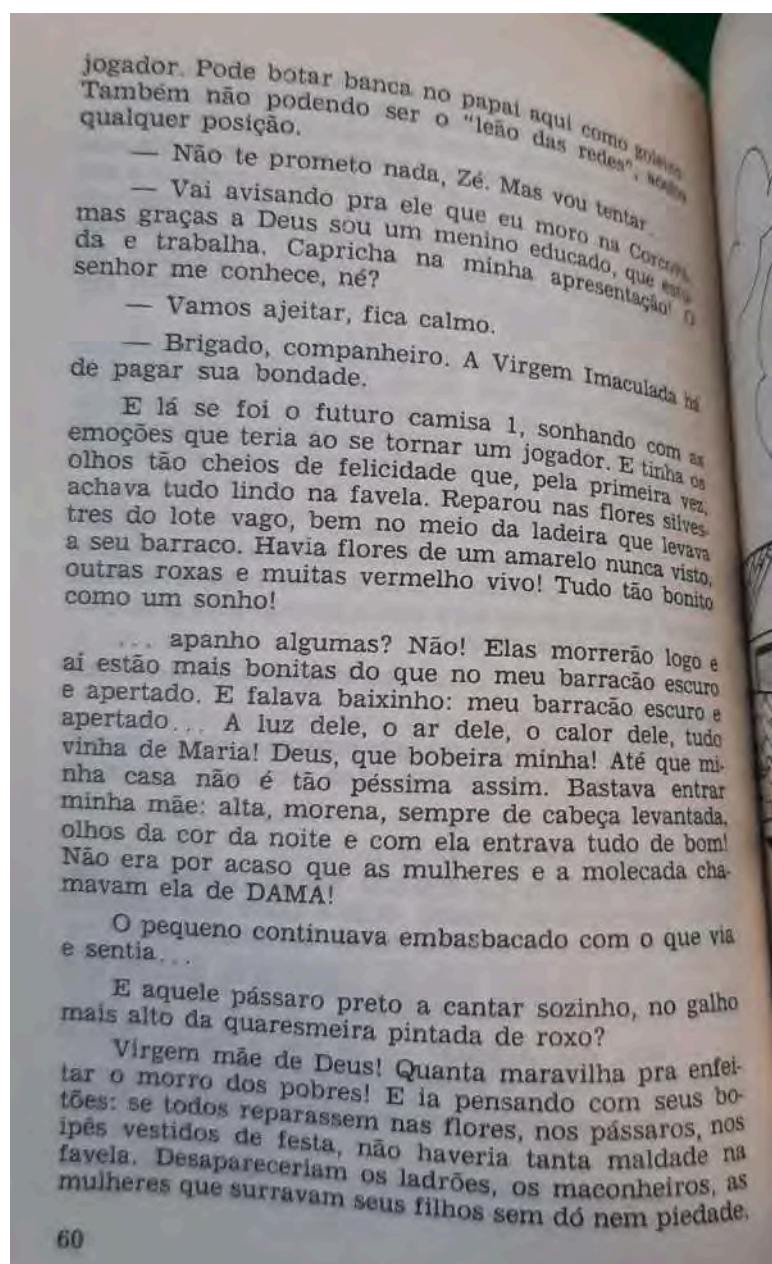


Aqui, pode-se ver que personagens negros ainda são tratados vistos sobre a optica de sua cor, sendo referidos ainda como “a negra” e “o negrão”.



Mais adiante na história, Zé apesar de ter apenas 10 anos, já está trabalhando.





Ao final do livro, Zé pensa que “se todos reparassem nas flores, nos pássaros, nos ipês vestidos de festa, não haveria tanta maldade na favela. Desapareceriam os ladrões, os maconheiros, as mulheres que surravam seus filhos sem dó”. Assim, as condições sociais que explicam a situação de onde o menino vive são ignoradas, de forma até ingênua e a culpa é colocada em não repararem na beleza que há lá.

O racismo - nesse caso a sua crítica - crueldade infantil e religião aparecem também no livro *O menino dos lábios grandes* (1982) de Gabriel Álvaro Novaes. Na história, o pai é cruel e violento com cada um dos filhos e também com sua esposa, e todos são chamados conforme alguma característica física que possuem:



**ROBERTINHO** é uma criança igual a todas que existem no planeta.

Nasceu em um dia de chuva (uma terrível e incrível chuva), como se o céu deixasse escapar todas as lágrimas salgadas que tinha.

Morava com sua família em uma modesta choupana no meio da floresta.

Juntamente com **ROBERTINHO**, vivia sua mãe **DONA SOFRIMENTO** e seus sete irmãozinhos; cada qual com um apelido específico. Seu pai chamava-se **JOÃO MALVADO**.

**CAOLHO** é o nome do seu irmão mais velho. Possui um nome de registro (acredito eu), mas todos o chamavam de **CAOLHO**. Os seus olhos eram virados, tortos, vermelhos, de tantas pancadas que levava desde a tenra idade.

Tinha muitas dificuldades de se locomover, pois sua visão estava bastante prejudicada.

**SEM BRAÇOS**, o outro irmão de **ROBERTINHO**, ganhara este apelido porque não possuía um dos braços. Apanhara nas mãos desde a idade de bebê, sendo que, numa das surras, a violência fora tão grande, fazendo-o perder um dos membros excessivamente machucado. Os irmãos ajudavam-no a se vestir.

11

**ORELHA DE EFANTE**, o terceiro irmão de **ROBERTINHO**, possuía uma bem grandona, de tantas puxadas de orelhas que seu pai, **JOÃO MALVADO**, aplicava-lhe. Além disso, escutava com dificuldade; um tímpano quebrado. Os irmãos gritavam entre si quando com ele conversavam.

**PERNA DE PEROBA**, o quarto irmão de **ROBERTINHO**, tinha esse nome porque usava uma perna "madeira-peroba", que sua bondosa mãe carinhosamente lhe fizera. Não usufruía de uma perna de verdade, porque, quando criança, tiveram de cortá-la. Tivera uma infecção proveniente de pancadas de vara que seu pai lhe dava todos os dias à noite. Os irmãos levantavam-no quando caía e ajudavam-no em todas as dificuldades da vida.

**NARIZ DE TUCANO**, o quinto irmão de **ROBERTINHO**, tinha esse nome devido às pancadas que levava no nariz pelo seu terrível, maldito pai, **JOÃO MALVADO**. O seu nariz era tão grande e vermelho que os irmãos (quando o pai não estava) brincavam de jogar argolinhas no seu gigante, vermelho, afuniladíssimo narigão.

Quando passeavam, os irmãos escoravam com as mãos o quilométrico nariz, evitando assim possíveis choques com as coisas que vinham a sua frente.

### CAPÍTULO TERCEIRO

— **QUANDO** as pessoas estão acostumadas ao **SOFRIMENTO**, confundem a própria vida. E, no isolamento, sem conhecimento de causa, acham que aborrecimento é felicidade.

**ROBERTINHO** olhou para trás. Quem poderia estar falando tão bonito assim? Atrás dele não havia ninguém. Olhou o lago e só observou em tempo a sua figura de menino triste refletida na água. A voz tornou a ecoar.

— Quando as pessoas deixam de amar, começam descobrindo deformidades até mesmo em si próprias.

**ROBERTINHO** atordoado e confuso. A voz não procedia da água. Olhou para o alto, o céu imóvel e pálido. Nem uma nuvem sorrindo. E a tarde caindo aos poucos. Em segundos o horizonte escureceu. E a voz implacavelmente nasceu na profundidade da noite.

— As pessoas são negras quando a noite vem. O sol nasce para todos e a aparência das coisas se transforma em "amarelo".

Ele olhou para frente. Não havia nada. Atrás tampouco, só matos. E o chão preto, porque a noite escurece a tudo e a todos. Resolveu então fazer, inquieto, uma pergunta:

— Mas por que as pessoas dizem que há homens pardos, pretos e brancos, cinzas e azuis?

— Não existem **HOMENS AZUIS**, garoto. Nem brancos ou vermelhos. Vocês é que vêm, pelo preconceito, "a cor nas pessoas". O grande anjo, que observa o mundo de cima, olha as pessoas iguais. A noite vocês são todos pretinhos e durante o dia são amarelinhos como o sol. Os olhos do criador projetam e de raspão vocês retorcem.

**ROBERTINHO** novamente ficou entre o abrupto e o pasmado. Não é que a voz dizia coisas?! E respondia... E falava. E quem seria esse elo misterioso? Como poderia uma voz nascer do nada? De uma boca desconhecida. De algo imperceptível, escuso, invisível?

Paralelamente, anoitece. E **JOÃO MALVADO** deve muito breve chegar à sua choupana. Fez-se brutal silêncio. Por ora, nada mais se escutou. **MÃE SOFRIMENTO** gritou tristemente de dentro da casa. Nunca outra voz medrosa, uma garganta tímida e agudamente entrocortada de desespero:

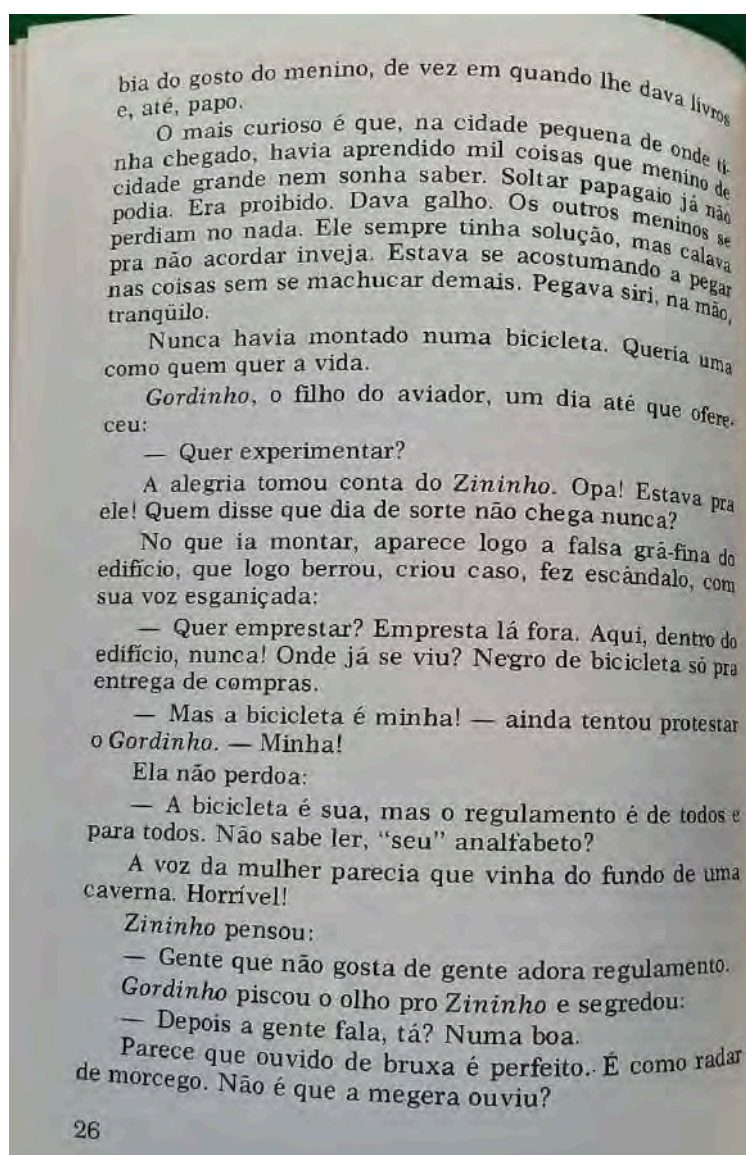
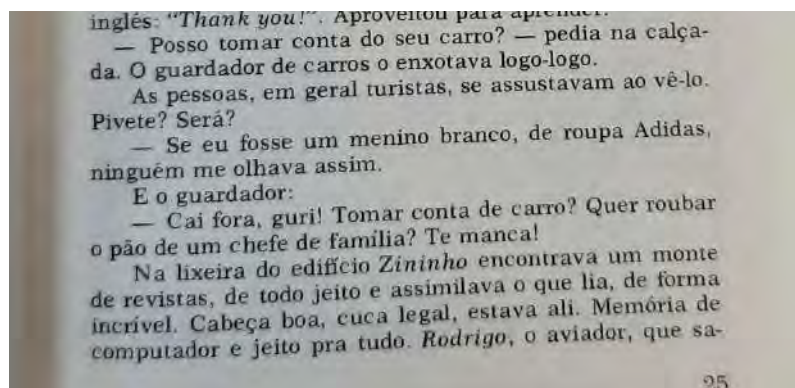
— **ROBERTINHO!** Venha, meu filho! Entre para dentro da choupana. Breve chegará seu pai e poderá machucá-lo. E como sempre ferir a sua boquinha.

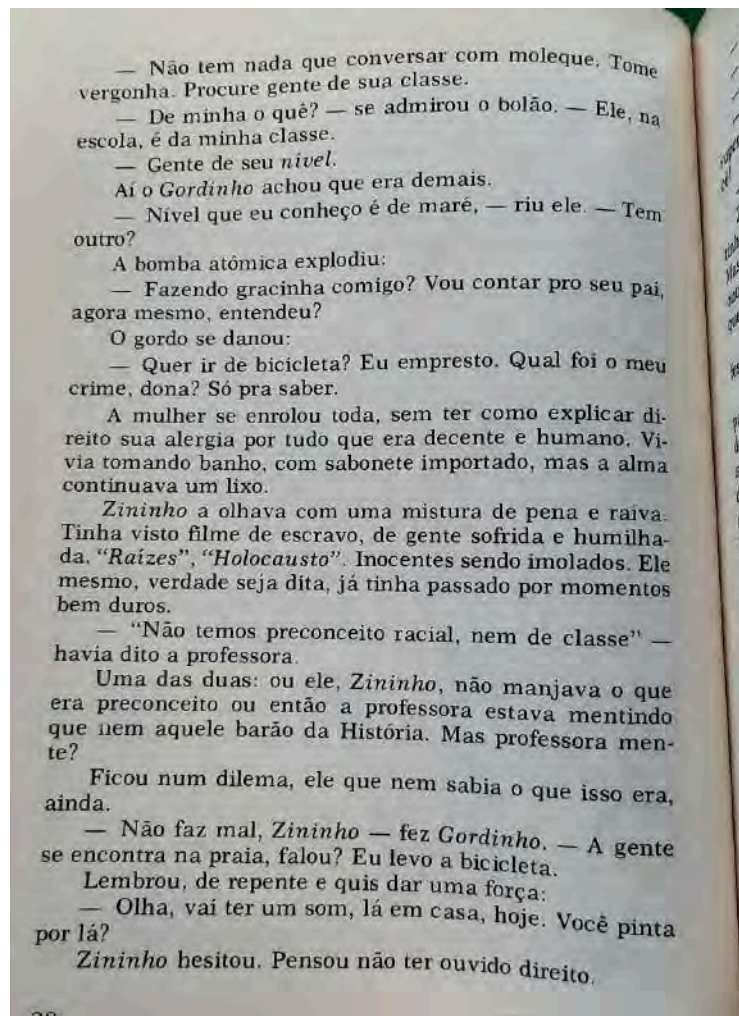
O menino entrou. Ainda estava desconfiado. A noite fazendo-se aos poucos mais escura, mais escura, mais escura. As flores poderiam ser vistas com novos olhos. Eram negras. O lago refletia a água preta nitidamente. O céu negro. Todas as coisas escuras, tingidas, possuídas do negrume sêmen da noite.



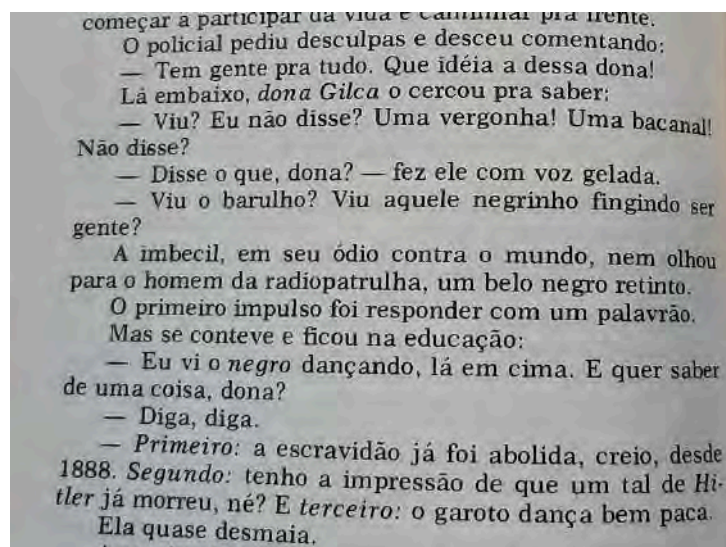
Uma voz diz a Robertinho que “você é que vêem, pelo preconceito, ‘a cor nas pessoas’. O grande anjo, que observa o mundo de cima, olha as pessoas iguais”.

Essa história não é a única que traz o antirracismo em sua narrativa, o livro *Me dá uma força, gente!* (1980) de Pedro Bloch também dialoga sobre, além da falta de acesso à educação e tratamento baseados em aparência/característica física:



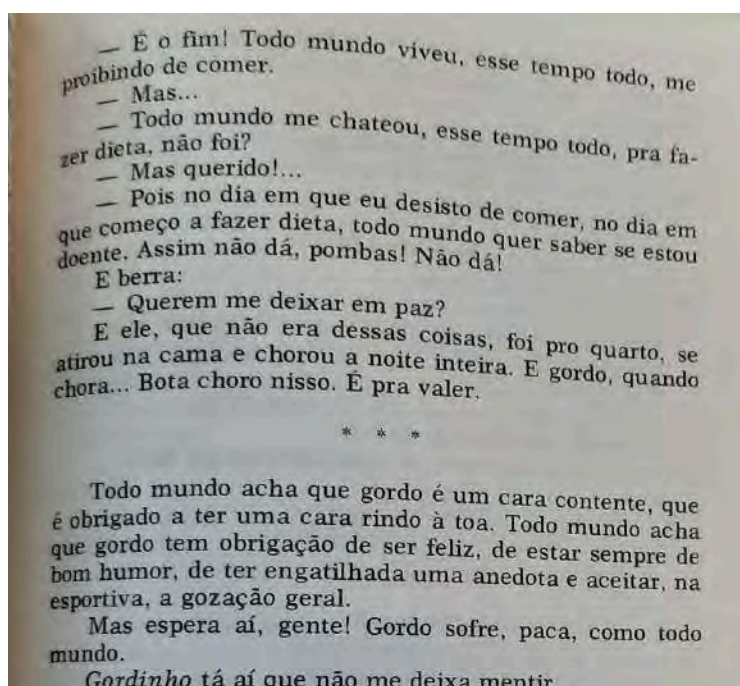


Na história, o personagem Zininho é tratado diferente por ser negro, tanto de pessoas que não conhece, quanto de uma mulher que mora no prédio onde o pai trabalha. A mulher chega a acionar a polícia para uma festa no prédio que ele foi chamado, por virar amigo de um dos moradores:



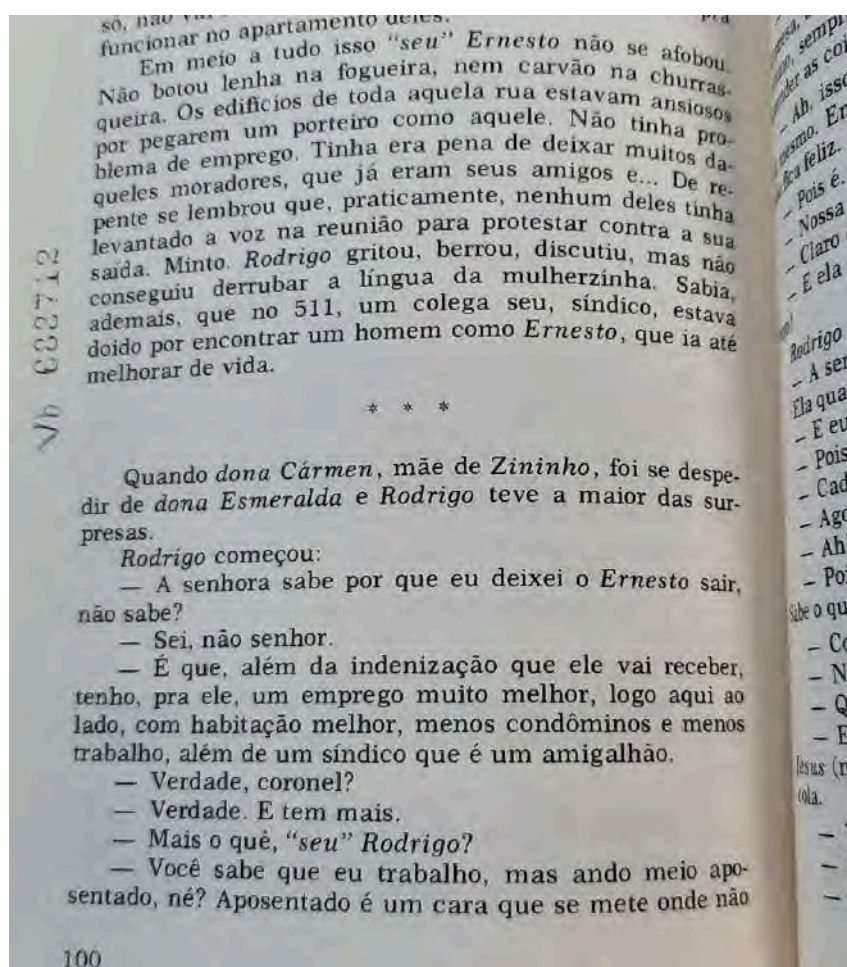


A história traz outras histórias dentro de si, e uma é a de Gordinho:



Ele, que chega a ter um apelido baseado em sua aparência, retrata que o proibiam de comer e falavam para fazer dieta. Ele percebe também que depois de emagrecer, é tratado melhor.

Continuando a história de Zininho, a vizinha racista consegue a demissão do pai dele:



e chamado, vive xeretando coisas, vive remexendo e inventando modas.

— Que é isso, "seu" Rodrigo?

— Pois é. Vai daí eu resolvi dar uma passada pela escola do seu menino.

— Não diga!

— É verdade. Ai eu tive uma surpresa muito grande. Surpresa, aliás, não, que com os livros que tenho dado ao menino, sempre vi que ele tem uma verdadeira fome de aprender as coisas.

— Ah, isso tem, meu senhor! Menino *mexilhento* tá ali mesmo. Enquanto não descobre o por dentro de tudo, não fica feliz.

— Pois é. Fui falar com a diretora.

— Nossa mãe! E falou?

— Claro que falei, mulher!

— E ela se queixou? Coitado do *Zininho*! Menino tão bom!

Rodrigo fez pausa pra dizer:

— A senhora não lê os boletins de seu filho?

Ela quase zanga de tristeza:

— E eu sei ler?

— Pois devia — diz Rodrigo.

— Cadê tempo?

— Agora vai ter. No novo emprego de seu marido.

— Ah!

— Pois quando fui falar com a nova diretora... ela... Sabe o que ela disse?

— Como é que eu vou saber?

— Nunca esteve lá?

— Quem sou eu pra falar com diretora?

— Ela disse que seu filho *Zininho*, aliás *Josino de Jesus* (não é o nome?) é dos cinco melhores alunos da escola.

— Verdade?

— Verdade.

— E ele que nunca falou!

101

— Pra senhora ver. E tem mais: — a bolsa de estudos dele, prêmio de uma fundação, está garantida até o curso superior.

Dona *Carmen* parece que vai ter uma coisa:

— Garantida... como?

— Até o curso superior, criatura!

— Tá bom, "seu" Rodrigo. Só falta uma coisa.

— O quê?

— O senhor me explicar o que é curso superior. Me faz esse favor?

Dona *Esmeralda* oferece um cafezinho e um bolo de fubá.

— Obrigada.

*Carmen* está tão emocionada que o bolo não quer descer.

— Curso superior, *dona Carmen*, quer dizer que seu filho pode chegar até a ser doutor.

Agora a mulher não agüenta mais.

— Doutor de curar?

— Doutor de qualquer coisa. De construir pontes, abrir estradas, defender pessoas no tribunal, eletrônica, física, química, tudo.

Ela não quer acreditar.

— O meu *Josininho*?

— O seu *Josininho*.

Ela está perdida de felicidade:

— Eu acho que... agora... preciso tomar o meu remédio da pressão... senão... não dá... *Ernesto* já sabe disso?

— Soube agorinha mesmo — informa Rodrigo.

— Calma — faz *dona Esmeralda*. — Vou lhe dar um calmante levinho. Tá?

Depois que ela toma quer saber:

— *Zininho* sabe disso?

— Não sabe, mas vai saber. E tem mais: — quem vai orientar os estudos dele sou eu. Mande ele vir, aqui, todos os dias. Às cinco. E deixe comigo.

— Obrigada. E vão deixar ele entrar? Quer dizer... o novo porteiro... a *dona Gilca*...

— Claro que vão! E tem mais: — vai entrar pelo elevador social. Nada de entrada de serviço.

— E pode?! — se espanta ela.

— Ué! — ri Rodrigo. — Por onde a senhora quer que entre um aluno meu, premiado e amigo do peito do meu filho. Pelo teto?

\* \* \*

O mais bonito é que *Gordinho* resolveu organizar a despedida pro *Zininho*. Até bolo *dona Esmeralda* fez. Aquele que leva chocolate, nozes e licor. Uma delícia! *Gordinho*, dentro do regime, nem provou. Mas movimentou todo mundo e todos se comoveram com aquela despedida em que houve até discurso.

E quem havia de falar? *Rutinha*!

Botou uma carinha risonha e começou:

— *Zininho*! A patota tá toda aí pra dizer que você é um cara legal às pampas.

— Muito bem! — aplaudiram todos.

— Que você é nosso amigo e que, agora, como nosso convidado pode frequentar nossa piscina e jogar com a gente. E, pra começo de conversa, aqui está a bicicleta do *Gordinho* pra você dar uma volta no campo... quer dizer... no pátio.

Ele sobe na bicicleta e começa a andar em círculo, em volta da piscina, sob os aplausos de todo mundo.

— Cada um de nós trouxe uma lembrança, pra você não esquecer da gente.

E eram canetas e blusas e doces e meias e não sei que mais. Não havia aquele espírito de ser bonzinho, de fazer uma "caridade" careta, mas de homenagear, realmente, um amigo muito querido, um amigo do peito.

As meninas todas tacaram beijo no *Zininho*. Os rapazinhos o abraçaram.

*Zininho* se sentia gente como nunca.

Quando ia saindo, *Gordinho* pergunta:

— Você não esqueceu de nada, *Zininho*?

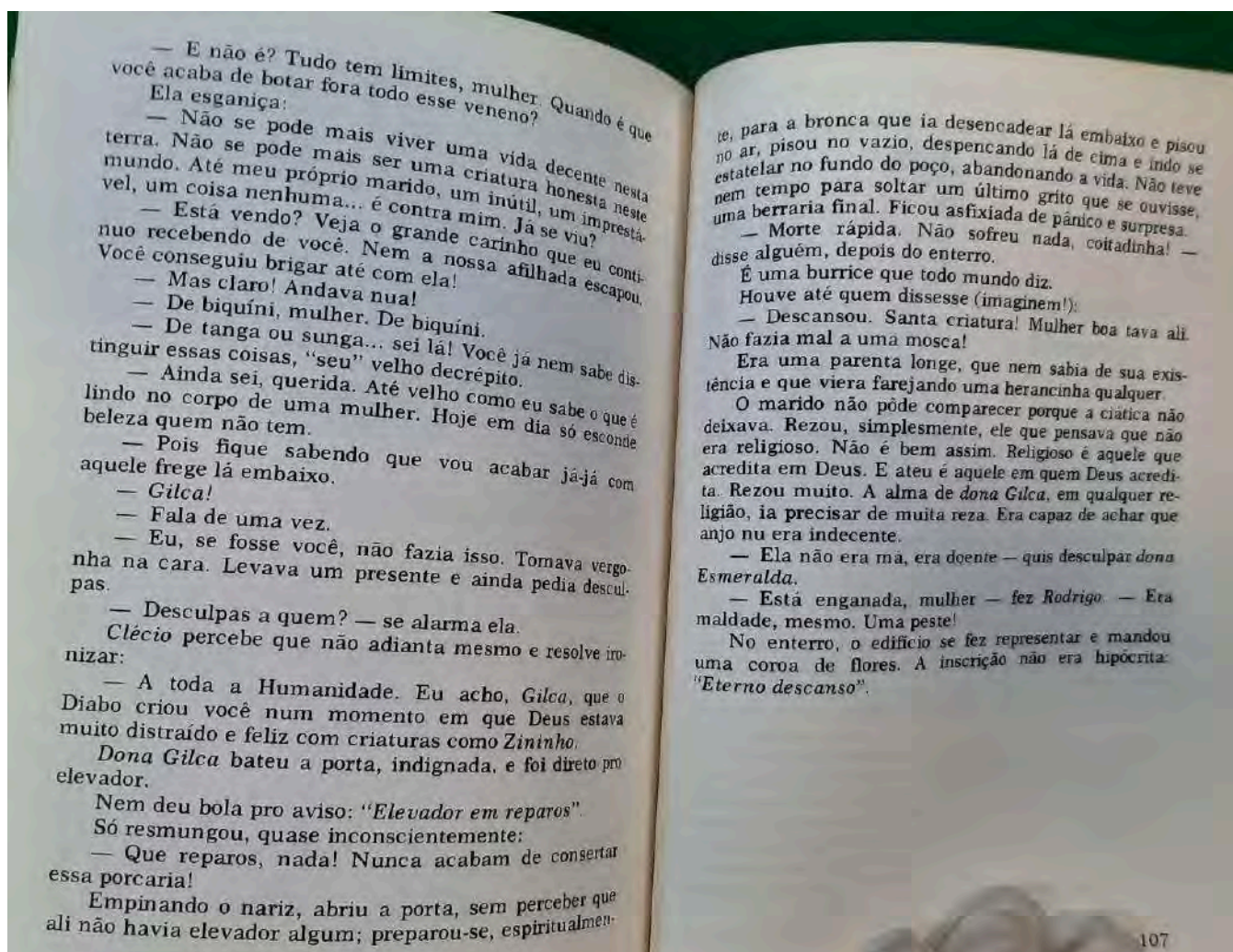
103



Ao final da história, as coisas melhoram para Zininho e sua família. A mãe dele, que não sabe ler, fica muito emocionada ao saber que Zininho poderá fazer até curso superior.

Reunido dos colegas e podendo frequentar como convidado um local que antes lhe foi negado, Zininho diz que “se sentia gente como nunca”.

Nas últimas páginas, a Dona Gilca, personagem racista tem um final inesperado:



Na constituição de 1988, o racismo entra como crime e em 1989 foi sancionada a Lei 7.716/89, conhecida com Lei do Racismo:

Constituição Federal - 5º, XLII

Art. 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei;

(Constituição Federal, 1988)

LEI Nº 7.716, DE 5 DE JANEIRO DE 1989

Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

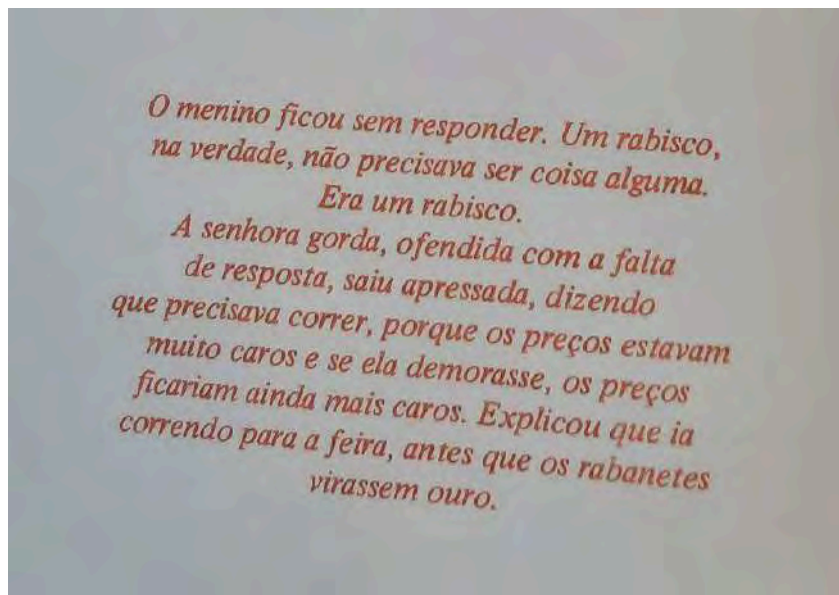
Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor.

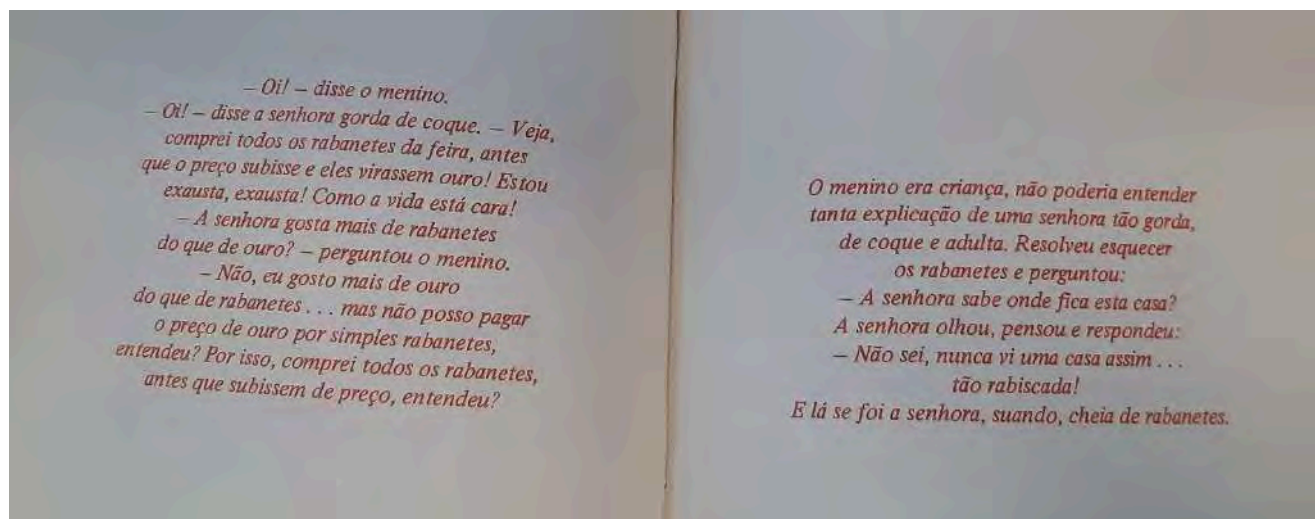
(Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989)

Dentre o estipulado na lei, o impedimento ao acesso a lugares; cargos; serviços; educação etc., por discriminação de cor e raça são crime.

Outra história que também é observada uma personagem sendo caracterizada a partir de seu peso é em *Rabiscos ou rabanetes* (1981) de Sylvia Orthof:

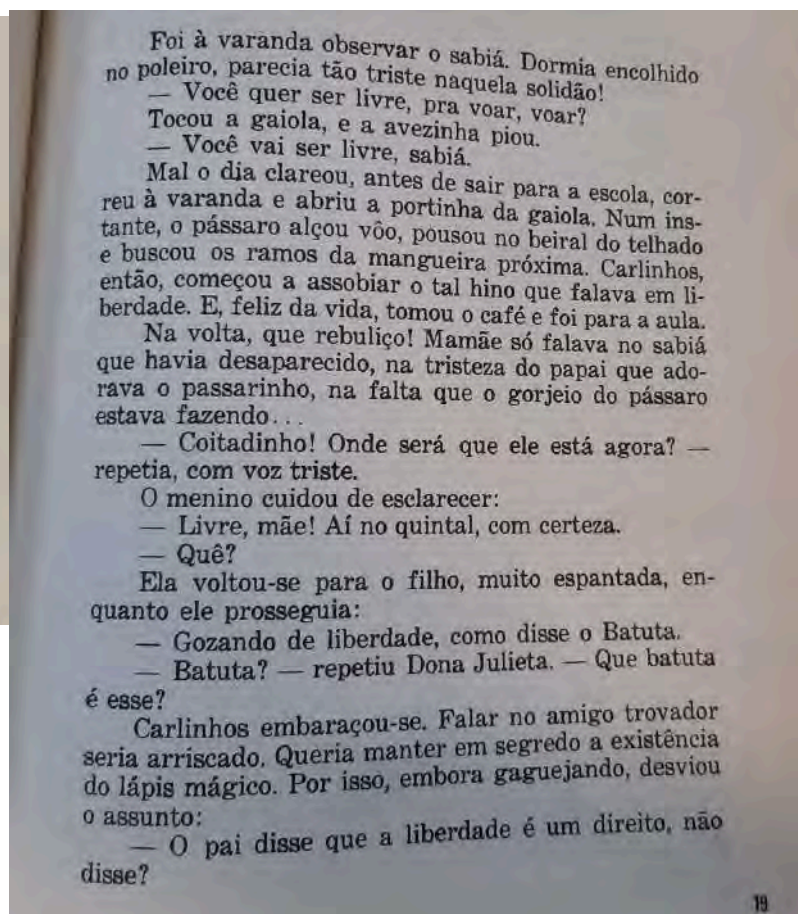
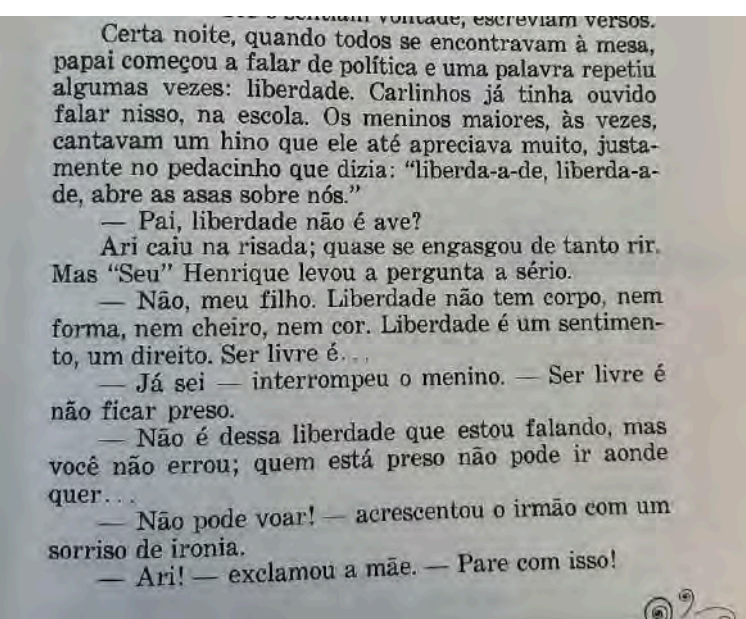


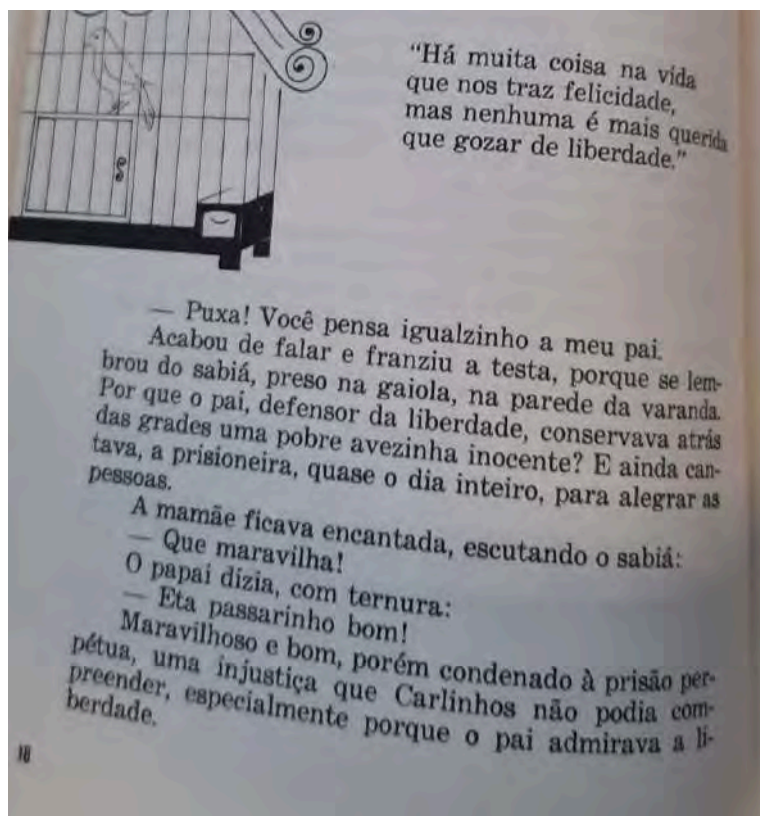




Podemos observar também, a inflação da época sendo citada: “precisava correr, porque os preços estavam muito caros e se ela demorasse, os preços ficariam ainda mais caros”. Segundo Moreira (2017) a inflação em 1981 chegou a 117%.

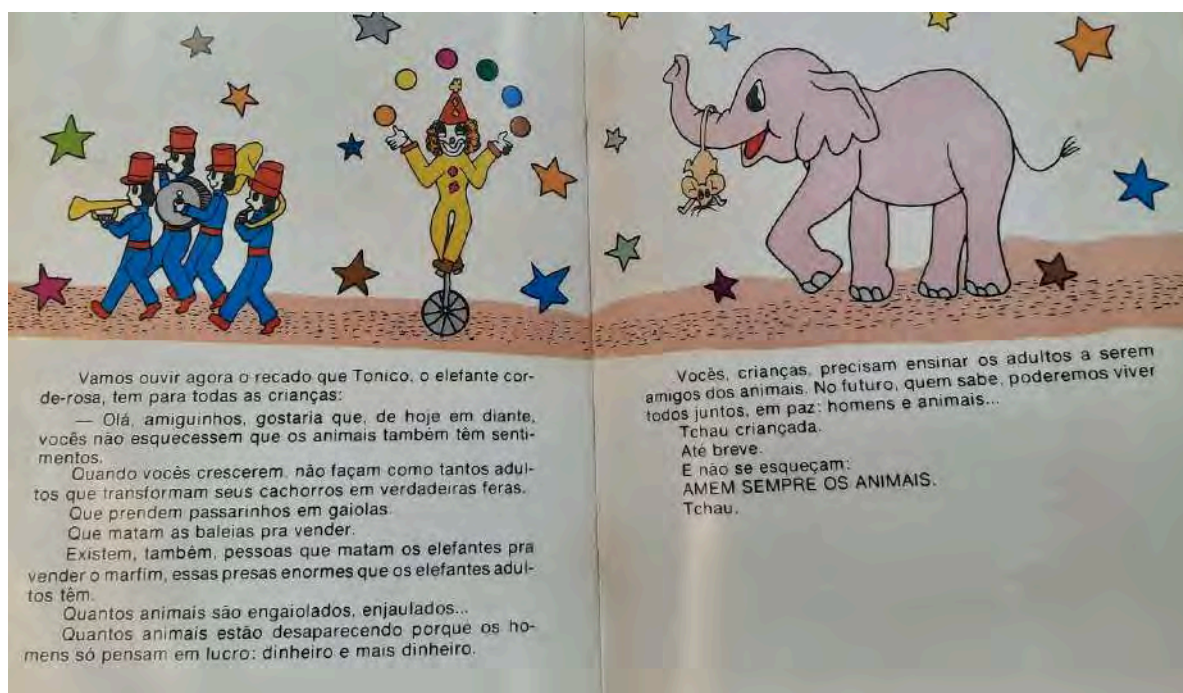
Outra conexão com o contexto social da época, a aparição do tema liberdade no livro *O pequeno trovador* de Margarida Ottoni, também de 1981:





Na história, a liberdade é colocada como “direito” e quem está preso e é libertado é um passarinho: “Porque o pai, defensor da liberdade, conservava atrás das grades uma pobre avezinha inocente?”

Em outros livros da década de 80, o tema de defesa dos animais e defesa ambiental também começam a aparecer.



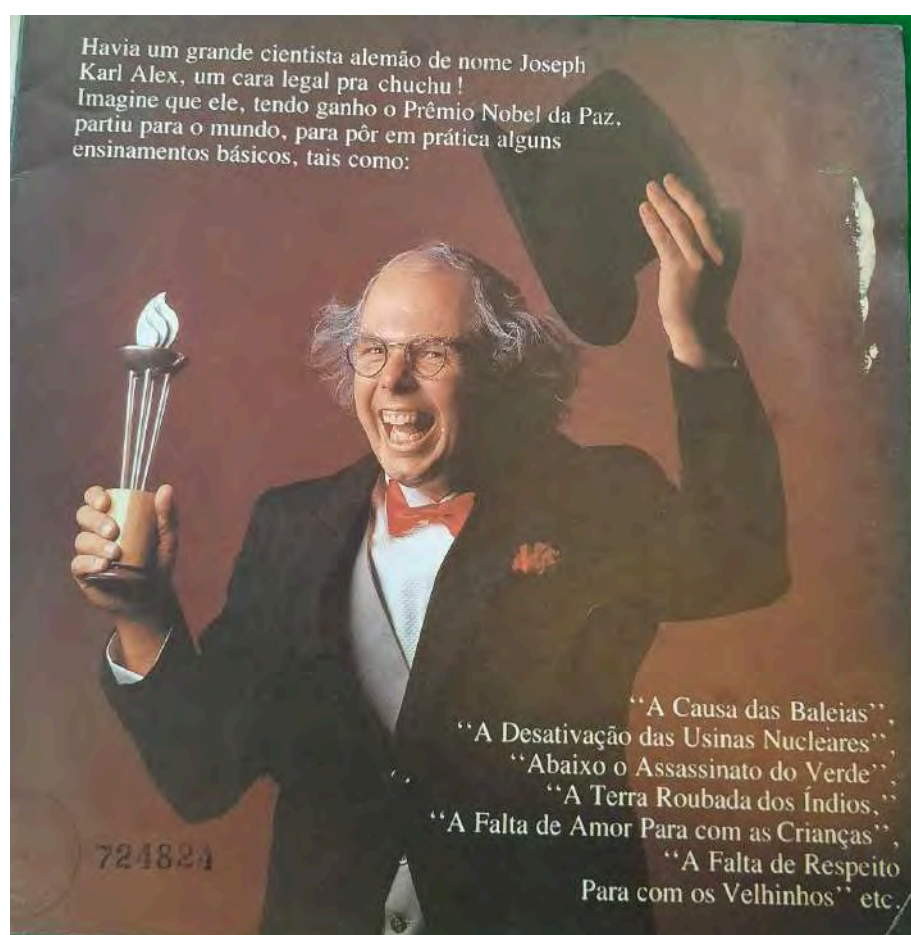


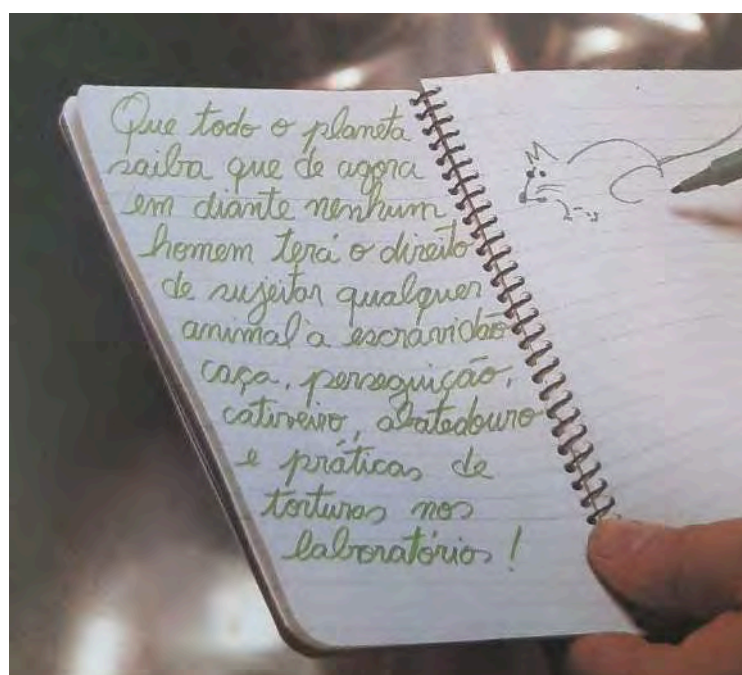
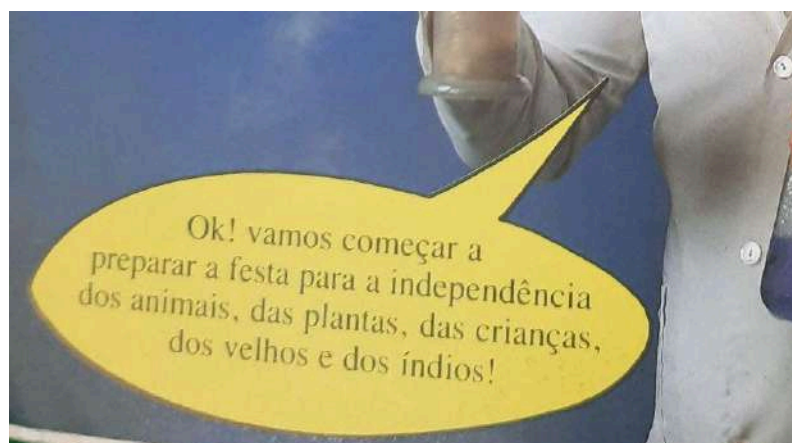
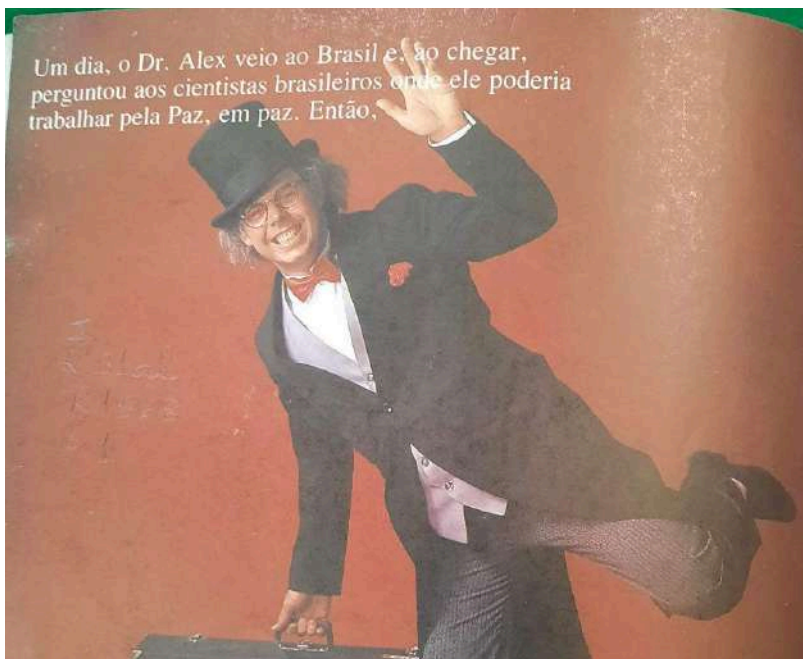
Em *Tonico, o elefante cor-de-rosa* (1989) de Antonio Norberto de Souza, o personagem Tonico fala diretamente com as crianças em um apelo contra a crueldade animal.

Já em *Coisa da Lua* (1985) de Álvaro Ottoni de Menezes, a preocupação mostrada é a ambiental:

Achei maravilhoso ver e ajudar meu pai a fazer aquele balão enorme e especial já que era um não-incendiário, incapaz de por fogo nas florestas ou nas casas da gente.

Em 1986, temos um livro que fala explicitamente sobre direitos e causas sociais, *Dr Alex*, de Rita Lee:







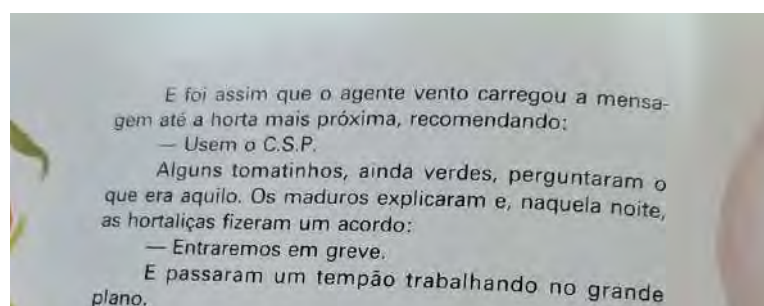
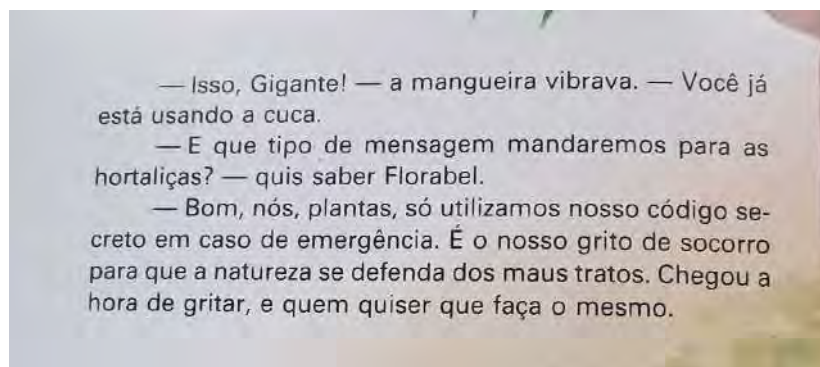
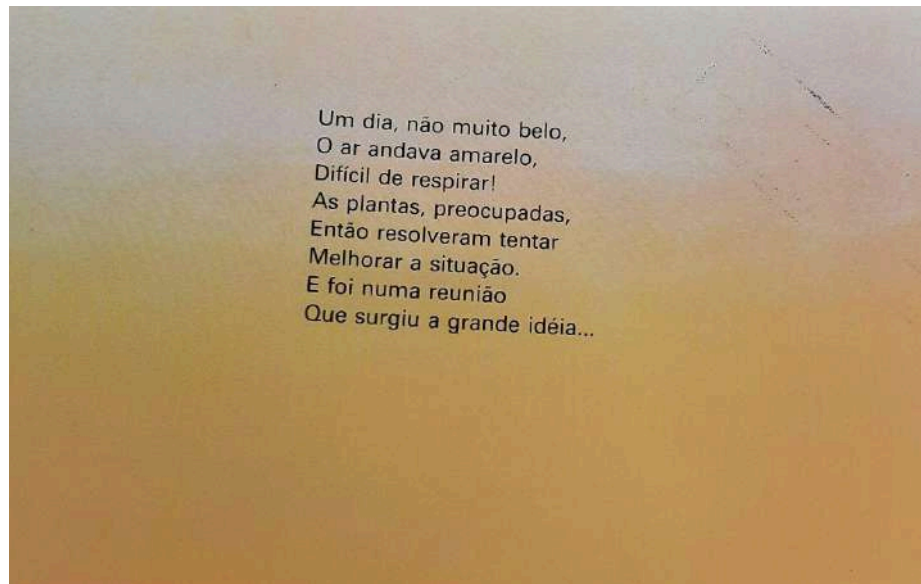
— “Bem vindo, Dr. Alex!! Este é o reino das cobaias! Nós fomos obrigados a transformá-lo num rato porque os homens de negro estavam planejando tirá-lo do ar para sempre, entendeu? A única saída, Dr. Alex, foi essa: HR2 *Humanus ratum*.

Transformamos o sr. num ratinho e, diga-se de passagem, bonitinho! Mas pelo menos assim o sr. Dr. Alex poderá continuar a luta pelas causas nobres, não é? E nós vamos ajudá-lo nessa guerra santa! Que tal?” E foi assim que o Dr. Joseph Karl Alex começou a sua nova vida, agora como um ratinho branco.



A palavra “marginal” que usualmente é utilizada de forma pejorativa, no livro é usada para descrever as pessoas que estariam às margens da sociedade sem ser um insulto.

Na obra *A greve das hortaliças* (1986) de Regina Sormani Ferreira, quem se revoltam são as plantas e uma greve é feita:



Na década de 80, a discussão ambiental no mundo e no Brasil crescia:



Em 1981 o Brasil institui a Política Nacional do Meio Ambiente por meio da Lei nº 6.938/81 que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente e institui o Sistema Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formação e aplicação, e dá outras providências.

(Castella)

E na Constituição federal, o tema também foi abarcado:

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

(Constituição Federal, 1988)

Em 1989, houve a primeira eleição direta após o golpe de 1964 e Fernando Collor foi eleito:

Entre o fim da ditadura e essas eleições, Tancredo Neves foi escolhido por eleições indiretas para governar e conduzir a redemocratização do país. Ele, porém, morreu antes de ser empossado, e quem ocupou o cargo foi seu vice, José Sarney. Sob seu governo, foi instaurada a Constituição Federal de 1988, que garantiu as eleições diretas de 1989.

Muito dessa conquista se deve à ação popular. O movimento "Diretas já", que surgiu de uma manifestação na cidade de Abreu e Lima (PE) em 1983 e tomou proporções nacionais, foi responsável por organizar uma oposição à ditadura e mobilizar milhões de pessoas em prol do direito ao voto universal em eleições presidenciais.

(Vaiano, 2022)

Pôde ser visto que, cada vez mais os direitos humanos e sociais aparecem de forma deliberada nos livros infantis, acompanhando o crescimento desses debates no contexto nacional.

# 1990

A década de 90 foi um período onde o Brasil passava pela redemocratização e um momento econômico ainda bastante delicado advindo das décadas anteriores. A inflação continuava alta e o desemprego ainda crescia:

Depois de uma inflação de 2.400% no início dos anos 1990, reflexo dos últimos anos da década anterior, em 1999, o índice fechou o ano em 9%.

Neste período, o país sofreu tentativas desastrosas de controle da inflação, com o confisco de poupança no governo de Fernando Collor por conta do fracasso dos planos Collor I e II.

Foi também nos anos 1990, precisamente em 1994, que surgiu o Plano Real, um conjunto de reformas econômicas implementado no governo do então presidente Itamar Franco que tinha como objetivo justamente controlar a hiperinflação.

[...] em junho de 1994, um mês antes de seu lançamento, a inflação em 12 meses chegou a quase 500%. O índice foi caindo, chegando perto dos 30% um ano depois, segundo o IBGE.

(Warren, 2022)

E:

O desemprego no Brasil agravou-se brutalmente desde o final da década de 1980, particularmente a partir de 1995 com o Plano Real. Ainda que se trate de um fenômeno generalizado, é necessário estabelecer duas importantes distinções. Da ótica social, foram afetados com maior intensidade os operários e demais assalariados populares, bem como a baixa classe média assalariada.

[...]

O resultado destes comportamentos é a explosão da desocupação, que cresce 70% no período 1992-2001! Por sua vez, decompondo a desocupação observa-se que o maior crescimento ocorre no segmento de pessoas que perderam suas ocupações em anos anteriores ao do inquérito, ou seja, o chamado desemprego de longa duração. Em segundo lugar, encontram-se aqueles que não conseguiram obter sua primeira ocupação. Em poucas palavras, está cada vez mais difícil tanto ingressar como voltar ao mercado de trabalho.

(Quadros, 2016)



A movimentação social ganhava força em vários setores. Como vimos na década passada, o movimento e a proteção ambiental vinham sendo colocados em voga. Nos anos 90 isso aumentou:

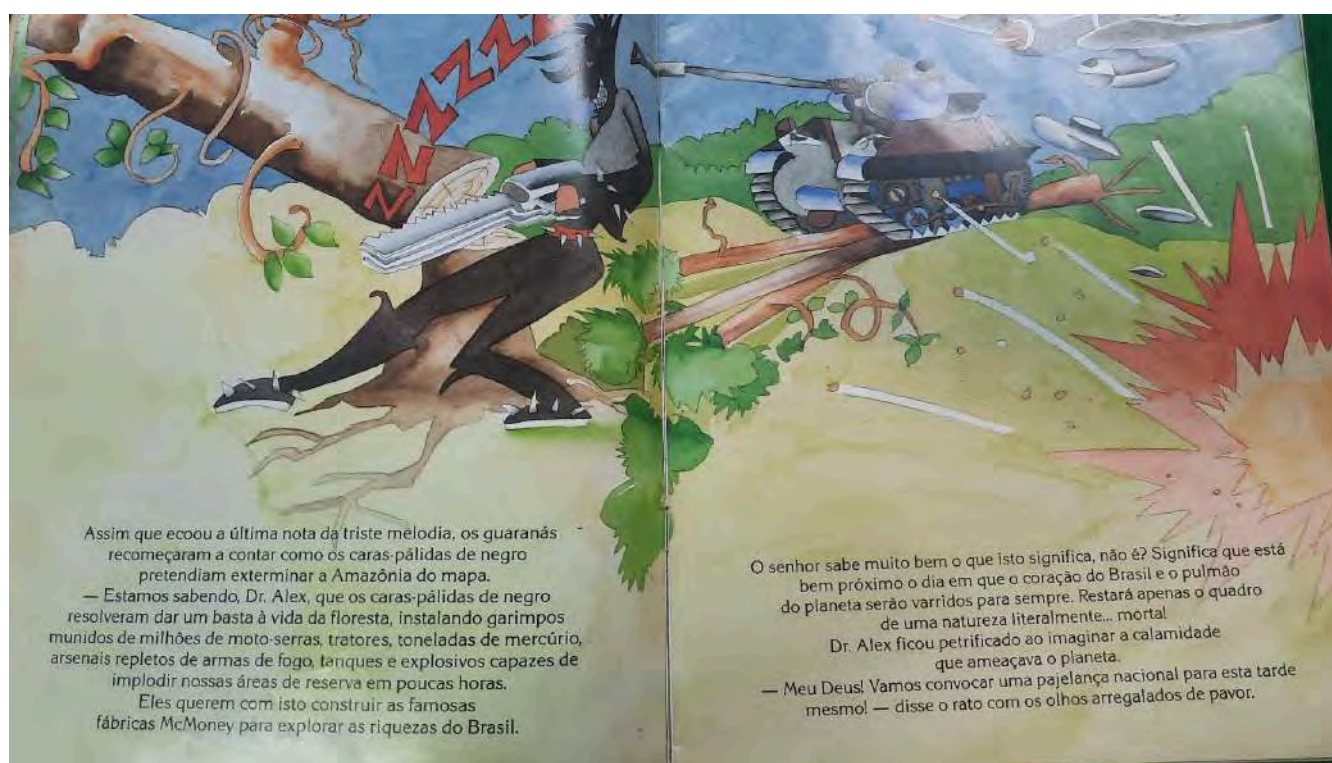
O início da década de 1990 foi marcado por dois eventos de grande relevância para as políticas ambientais brasileiras, a realização Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92, e a construção do Ministério do Meio Ambiente.

[...]

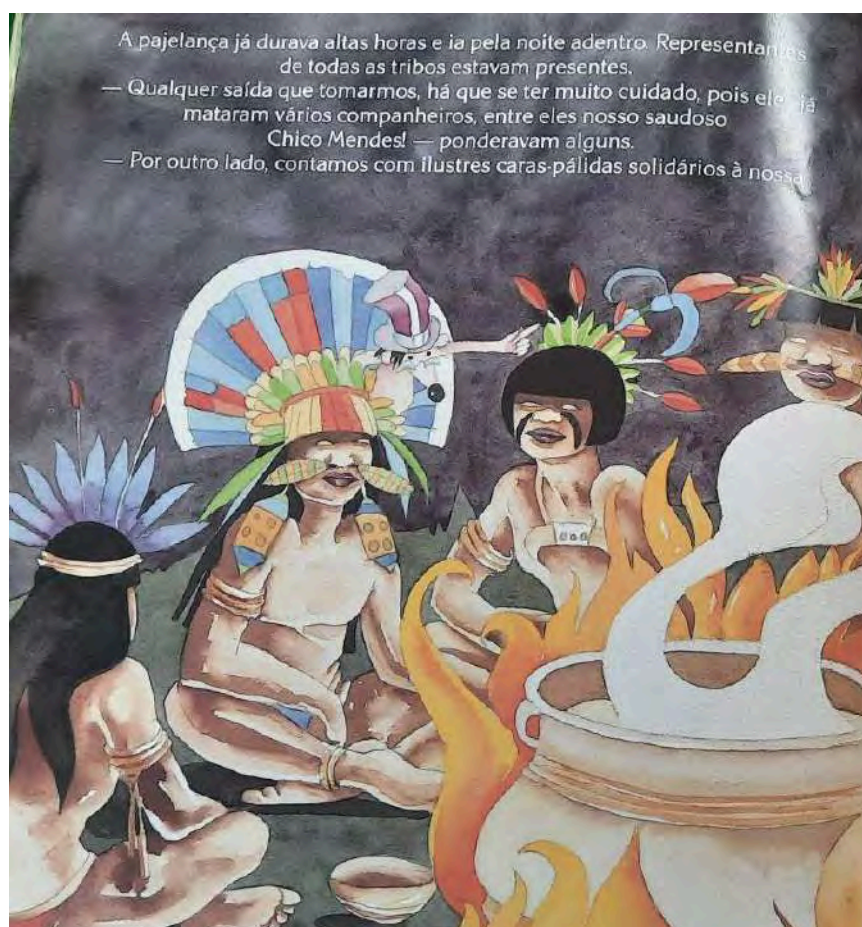
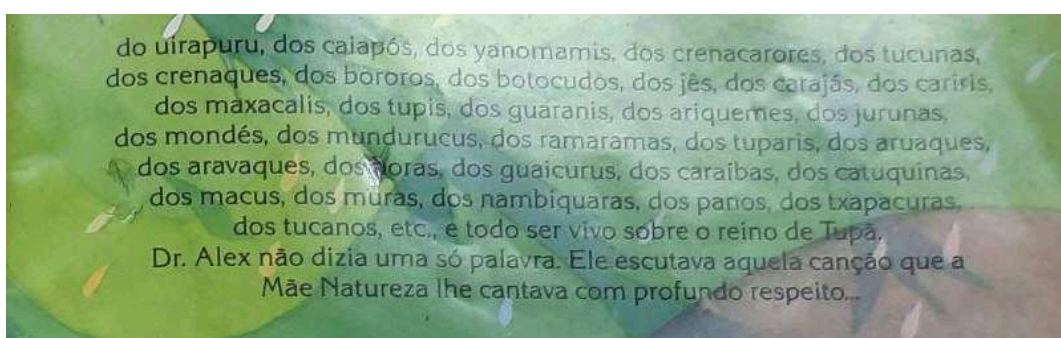
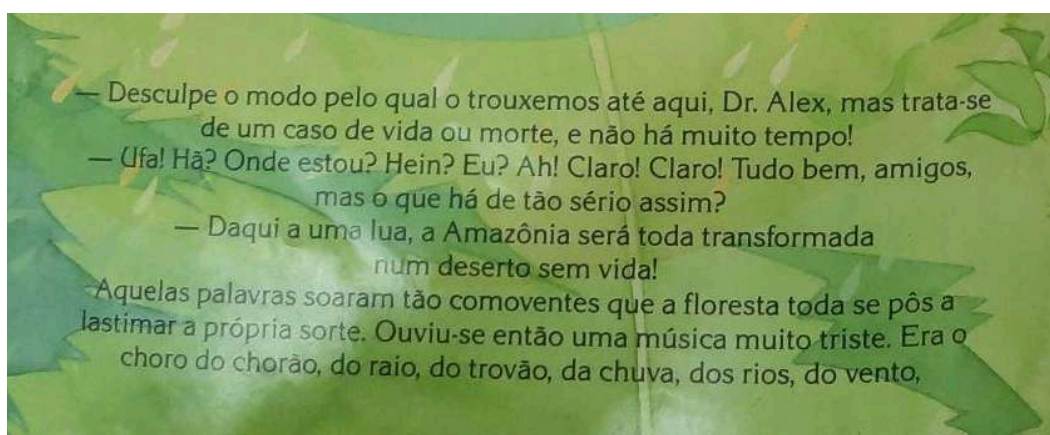
O evento também conhecido como Rio-92, sediado no Rio de Janeiro, consistiu no maior fórum de discussões sobre meio ambiente à época, após a primeira conferência da ONU sobre meio ambiente, realizada em Estocolmo (1972) e trouxe para o centro dos debates o “desenvolvimento sustentável”, conceito que surgira desde o Relatório Brundtland, *Our common future* (1987), mas que foi popularizado a partir da década de 1990.

(Silveira, 2021)

Assim como na década anterior, tal movimento também apareceu nos livros infantis e infantojuvenis:



As Aventuras de Dr. Alex continuam, com o livro *Dr. Alex na Amazônia* (1990), de Rita Lee. Agora a luta é para proteger a Amazônia.







Na história, o assassinato do ambientalista Chico Mendes é citada:

em 22 de dezembro de 1988, exatamente uma semana após completar 44 anos, o seringueiro e ativista ambiental Chico Mendes era assassinado com tiros de escopeta no peito na porta dos fundos de sua casa, em Xapuri, no Acre, quando saía para tomar banho, disparados por Darci Alves, o qual cumpria ordens de seu pai, Darly Alves, um grileiro de terras da região.

Quatro dias antes da morte do ativista, o Jornal do Brasil se recusou a publicar uma entrevista na qual Chico Mendes denunciava as ameaças de morte que havia recebido. A direção do jornal considerou que o entrevistado era desconhecido do grande público e que politizava demais a questão ambiental, optando por não publicar a matéria.

(A União, 2023)

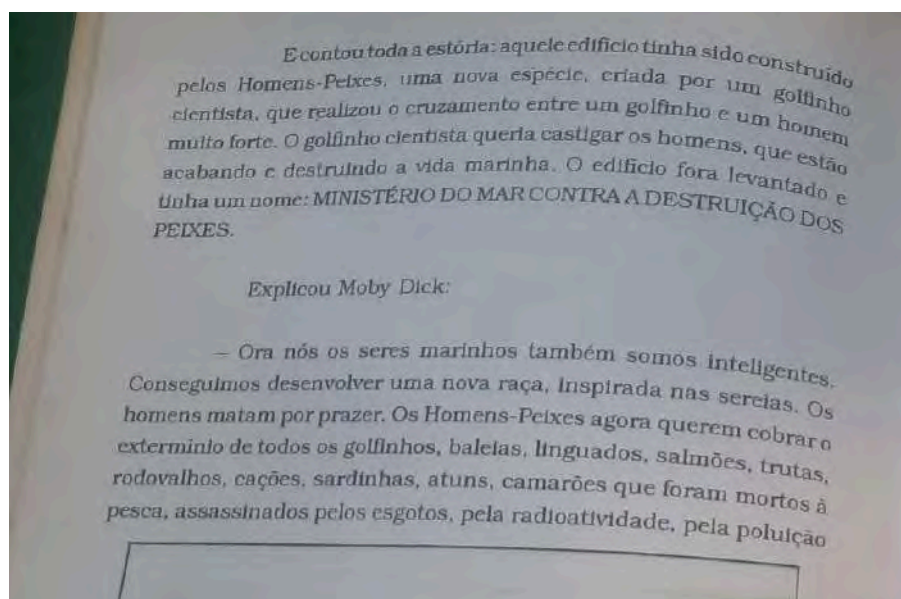
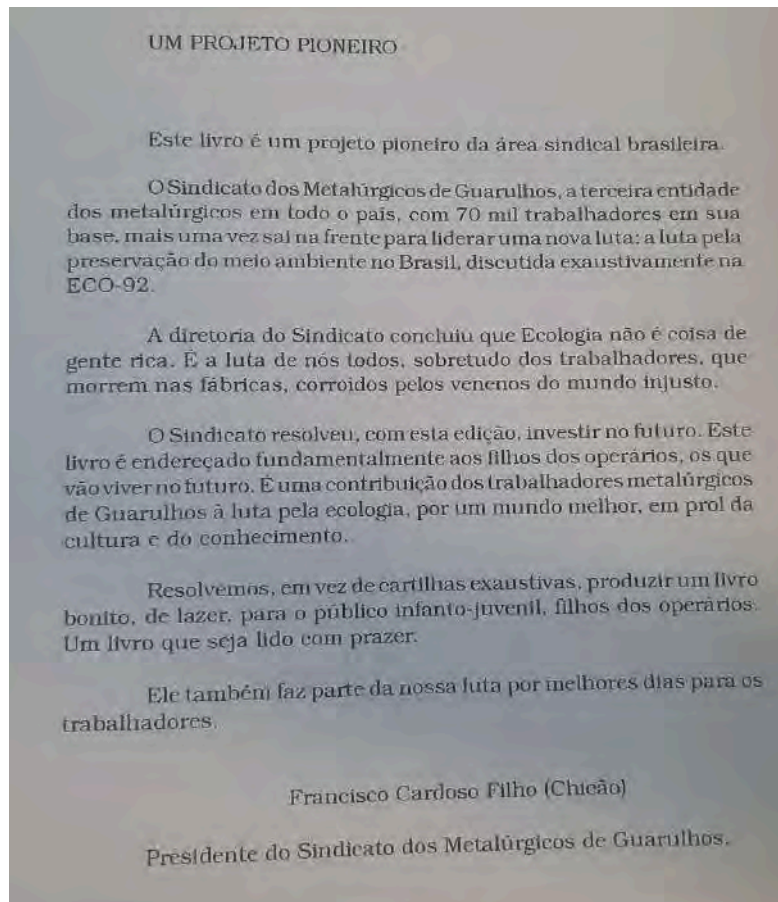
Como retratado no livro, Chico Mendes também atuava em coletividade:

Chico Mendes defendia sua classe de trabalhadores e a preservação da floresta. Talvez o maior legado dele seja a aliança entre seringueiros e indígenas, além de castanheiros, pequenos pescadores e outros moradores de comunidades ribeirinhas. Todos engajados em manter a vegetação local, da qual suas vidas dependem. O trabalho do ativista motivou a criação de reservas extrativistas,

para colheita não predatória de matéria prima, aliando a subsistência local com a proteção ambiental.

(O Globo, 2024)

Também foi encontrado apelo expressivo pela proteção ambiental no livro *Joana e o mar*: livro infanto-juvenil ecológico (1992) de Carlos Acúio. A publicação é um projeto do Sindicato dos Metalúrgicos de Guarulhos.





que os homens trouxeram ao mar. Mortos pelo petróleo que é derramado dos navios.



Joana ficou triste. Microman lembrou:

— É triste. E pensar que eles, os Homens- Peixes, têm razão.

Viram ao longe uma passeata de diversos peixes, portando cartazes:

ABAIXO AS USINAS NUCLEARES

ABAIXO OS POLUIDORES

POR UM MAR LIVRE E INDEPENDENTE

POR UMA MELHOR QUALIDADE DE VIDA MARINHA.

Na história, os personagens Joana, Microman e Bem Tse Tung viajam até o fundo do mar e acompanham a movimentação de animais de vivem lá contra a poluição e crueldade animal.

Contou Bem Tse-Tung que o mundo é uma luta contínua. Uns devoram os outros para sobreviver. Baleia come peixinho, peixinho come planta, homens comem baleia, baleias voltam a ser plantinhas. A massa de átomos sobrevive no movimento. Mas o homem, que chamamos de racional, é o único que pode controlar certos movimentos de sobrevivência. Alguns já perceberam que se continuarmos a devorar a natureza, ela nos devorará. É preciso parar de destruir a natureza, não porque isso seja bom, uma necessidade moral, mas por causa da sobrevivência do próprio homem.

## DESENVOLVER PRESERVANDO E PRESERVANDO PARA DESENVOLVER



Bem Tse-Tung explicou:

— A luta pela preservação ecológica não é uma luta moral, religiosa, mas uma luta racional, objetiva, para que possamos sobreviver. Todos os bichos, afinal, não fazem atos morais ou imorais, mas atos

de sobrevivência. Para continuar existindo, o homem precisará a partir de agora preservar o meio ambiente, impedir a destruição total do planeta. Ser contra a destruição do mar é ser a favor da vida. O homem precisa desenvolver preservando e preservando para desenvolver.

Os Homens-Peixes iniciaram o ataque.

Arpões atômicos eram lançados sobre Nova Iorque. Senhoras norte americanas rechonchudas eram pescadas em rede. Sobre a Europa varas de pescar invisíveis iam trazendo ingleses, franceses para o *terrário*. Gritos lancinantes eram ouvidos em todas as cidades. Pescadores fugiam com seus barcos. Um transatlântico foi tragado pelos Homens-Peixes que usaram uma superarmadilha gigante. Um presidente de usina nuclear foi fígado repentinamente, quando fazia cálculos para mais um teste atômico submarino. A isca, os dólares, funcionava maravilhosamente. Os grandes poluidores estão nos países ricos. No Brasil, a maior poluição é a miséria.

Bem Tse-Tung, Joana e Microman resolveram ficar neutros nessa guerra. Achavam que, verdadeiramente, os homens precisavam de uma lição. Ficaram sentados no fundo do mar, esperando a chegada dos homens pescados.

O cavalo marinho gritou:

— Quem com pesca fere com pesca será ferido. A partir de hoje, os pescadores são pescados, os baleeiros são baleados e os arpoadores, arpoados.

Um pescador gritava de pânico. O piloto de um baleeiro esmiurrava o vidro do *terrário*, tentando sair. Um bacalhau preto observou-lhe:

— Não tente sair que você morre. Só aí há ar. Aqui a água domina.

O proprietário de uma indústria poluente, que lançava gases venenosos nos rios, reclamava em altos brados. Um banhista que adorava sujar as praias, ulrava de ódio.

Os peixes tinham pescado os homens.

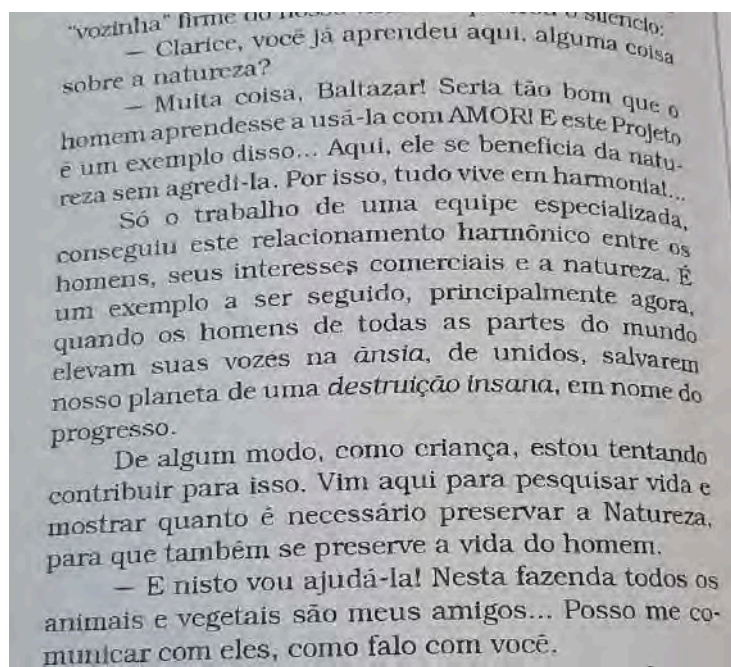
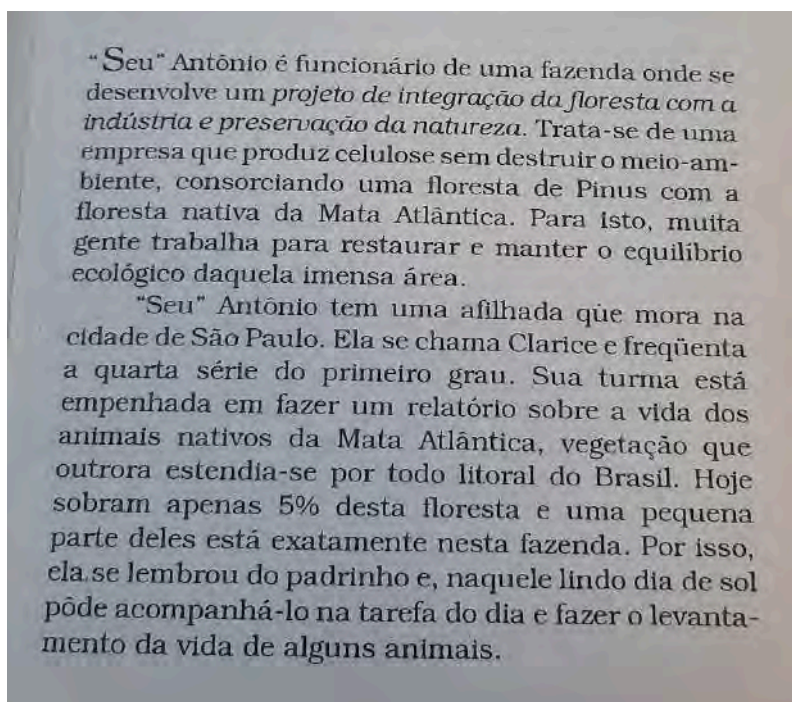
O mundo poderia reencontrar o seu equilíbrio?

Bem Tse-Tung, o chinês de 320 anos, de barbas longas que serviam como vassoura, explicou que não. Que os homens não pescavam só os peixes, pescavam outros homens. Que os homens não exploravam só a natureza. Exploravam também seus irmãos. Que a exploração da natureza era, além da busca da sobrevivência, a luta pelo poder.



Nesta obra, podemos observar uma aproximação mais radical e revolucionária sobre o tema.

A proteção ambiental continua aparecendo nos livros infantis e infantojuvenis:



Em *Sonho ou Realidade* (1993), de Ruth Lucena Guimarães, a personagem Clarice conhece a fazenda onde seu tio trabalha e aprende sobre a necessidade da preservação da fauna, da flora e do ativismo desta causa.

Com uma proposta de conscientização, em 1999 foi lançado *No parque nosso verde*: conceitos de ecologia, cidadania, limpeza pública e educação social para crianças, de Patrícia Engel Secco.



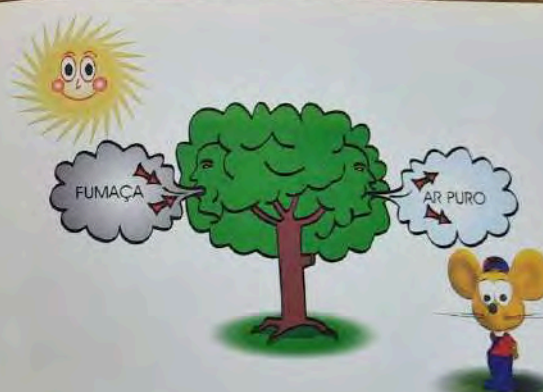
FELÍCIO, ENTÃO, ACHOU QUE ERA HORA DE FALAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO DA NATUREZA. CHAMOU TODAS AS CRIANÇAS DA TURMA E COMBINARAM UM PIQUENIQUE NO PARQUE NOSSO VERDE.



O DIA ESTAVA LINDO E QUASE NÃO HAVIA NUVENS NO CÉU. MAS MESMO ASSIM SUA COR ERA DE UM AZUL MUITO PÁLIDO, MEIO ACINZENTADO. FELÍCIO CONTOU QUE LÁ NA FAZENDA O CÉU ERA DE UM AZUL MUITO VIVO, E AS CRIANÇAS QUISERAM SABER O MOTIVO.



O RATINHO EXPLICOU QUE ESTE ERA UM DOS EFEITOS DA POLUIÇÃO DA CIDADE GRANDE. FELÍCIO CONTOU QUE OS CARROS, OS ÔNIBUS E AS FÁBRICAS ESTÃO SEMPRE JOGANDO FUMAÇA NO AR, E QUE ESTA FUMAÇA É MUITO POLUENTE.



DISSE TAMBÉM AS CRIANÇAS, QUE AS ÁRVORES E TODAS AS PLANTAS VERDES, DE CERTA FORMA RESPIRAM ESTE AR POLUIDO E TROCAM POR AR BOM E LIMPINHO.





AS CRIANÇAS FICARAM MUITO CURIOSAS E ENTENDERAM UMA DAS DIVERSAS RAZÕES PELAS QUAIS NÓS DEVEMOS CUIDAR MUITO BEM DE NOSSAS AMIGAS PLANTAS. TODOS QUERIAM SABER MAIS...



OS AMIGUINHOS COMEÇARAM A CONVERSAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DE JOGARMOS SEMPRE O LIXO NAS LIKEIRAS. QUANDO A SUJEIRA É JOGADA NO LUGAR ERRADO, PODE CAUSAR TRANSTORNOS, COMO MACHUCAR PESSOAS OU ATRAIR ANIMAIS E INSETOS NOCIVOS À NOSSA SAÚDE.



O REAPROVEITAMENTO, ATRAVÉS DA RECICLAGEM, FAZ A MÃE NATUREZA FICAR CONTENTE. E A CONVERSA CONTINUOU AINDA POR MUITO TEMPO, POIS AS CRIANÇAS ESTAVAM EMPENHADAS EM ENTENDER MELHOR COMO PRESERVAR O MEIO-AMBIENTE.



O PIQUENIQUE FOI MUITO GOSTOSO, PRINCIPALMENTE PORQUE O PARQUE NOSSO VERDE ESTAVA MUITO MAIS LIMPO DO QUE DAS OUTRAS VEZES. E FELÍCIO ESTAVA CADA VEZ MAIS FELIZ, POIS A CADA DIA, MAIS PESSOAS APRENDIAM COMO USAR, SEM ABUSAR DA NATUREZA.

Pode-se ver, assim, um movimento de obras de conscientização. E isto continua, incluindo também outros temas. No livro *A Ciranda de Giovanna* (1992) de Lilian Grillo, vemos os direitos das crianças sendo elencados, assim como a preservação ambiental:







O ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente foi criado em 1990:

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi institucionalizado pela Lei Federal nº 8.069 de 1990. Caracterizado por ser um conjunto de normas para preservar e garantir os direitos das crianças e adolescentes de 0 a 17 anos, é reconhecido como o maior marco na proteção da infância e adolescência no país, envolvendo não somente as famílias, mas também o Estado e toda a sociedade brasileira.

(Childhood Brasil, 2022)

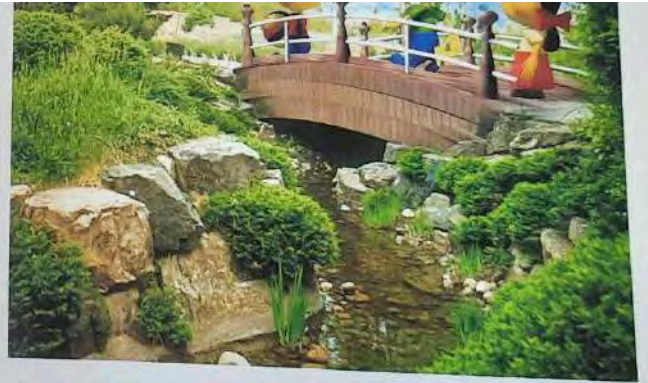
Agora, mais do que nunca, a aparição e discussão acerca dos direitos, ocorre de forma deliberada e explícita. Com o livro *Como flores em um jardim: "nossos direitos"* também de 1999 e de Patrícia Engel Secco, vemos isso mais a fundo:







- E O QUE É SER ADULTO ?
- SER ADULTO É SER, ANTES DE TUDO, RESPONSÁVEL, É SABER FAZER O SEU DIA A DIA ÚTIL ...



- SER ADULTO É SABER AMAR E SER AMADO, RESPEITAR E SER RESPEITADO,
- MAS O QUE É RESPEITO ?



- É UM SENTIMENTO MUITO ESPECIAL QUE DEVEMOS TER DENTRO DE CADA UM DE NÓS, CRIANÇAS E ADULTOS, UM SENTIMENTO TÃO ESPECIAL QUE SE TRANSFORMA EM ATITUDE, JEITO DE SER, JEITO DE AGIR, CONOSCO, COM NOSSOS AMIGOS E AMIGAS, COM OS MAIS VELHOS, COM A NATUREZA...



- É LEMBRAR SEMPRE QUE SOMOS IMPORTANTES, MAS QUE NÃO ESTAMOS SOZINHOS...
- ... RESPEITAR É NÃO FAZER COM NADA, NEM COM NINGUÉM, O QUE NÓS NÃO QUEREMOS QUE SEJA FEITO CONOSCO... E AQUI, COMEÇAMOS A FALAR DE DEVERES,



- DEVERES ?
- POIS É RESPEITO, DEVER... É COMO EM UM JARDIM, VOCÊ PODE DIZER QUE AS FLORES SÃO OS DIREITOS, E AS RAÍZES, SÃO OS DEVERES, SEM O RESPEITO A NOSSOS DEVERES NÃO PODEMOS VER FLORESCEM NOSSOS DIREITOS...

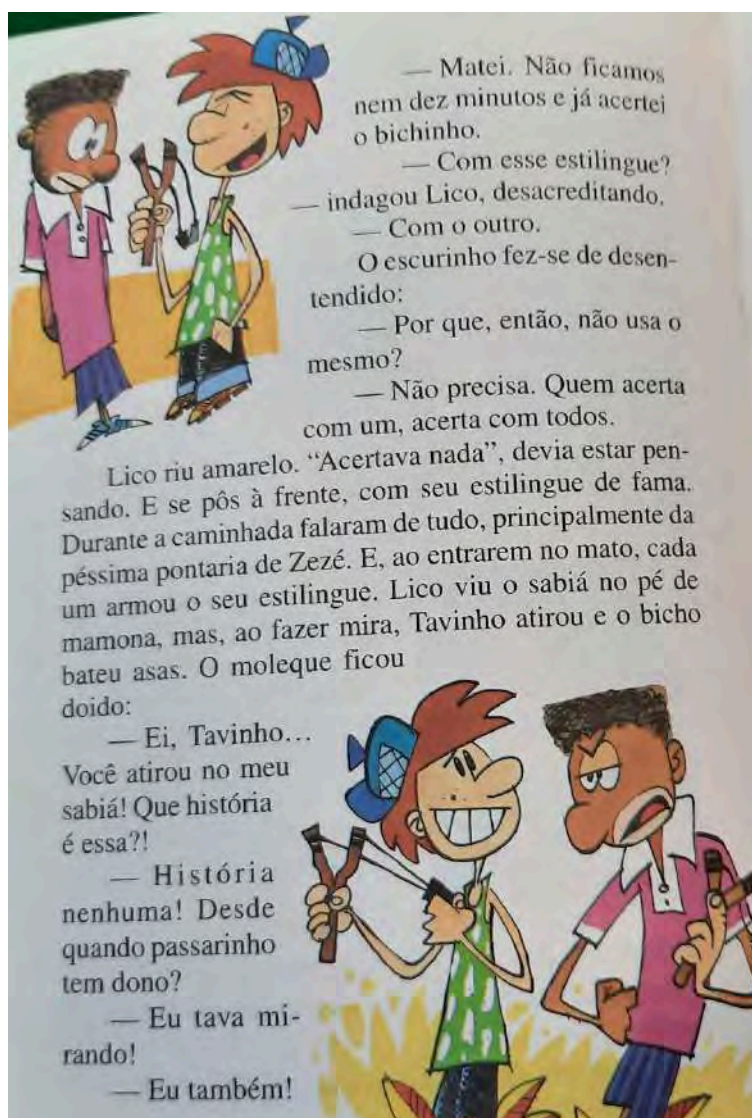
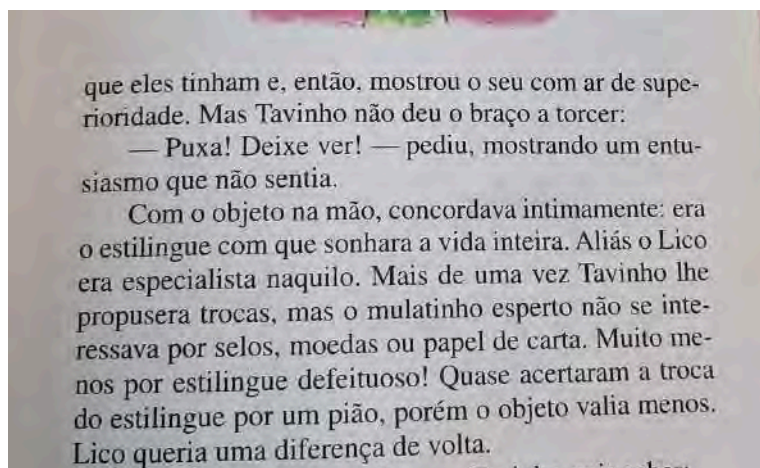


- E QUAIS SÃO OS DEVERES DAS CRIANÇAS ?
- BOM, AS CRIANÇAS DEVEM APRENDER A CADA MINUTO, BRINCAR BASTANTE, AMAR MUITO E SER MUITO, MUITO AMADAS ...
- MAS ESTES NÃO SÃO OS SEUS DIREITOS ?



Embora existam avanços na defesa dos direitos humanos e sociais como mostrado até aqui, até em livros que tentam trazer uma mensagem positiva em suas histórias, foi possível ser encontrado outros direitos sendo feridos.

Em *O matador de passarinhos* (1993) de Luiz Galdino, a narrativa final é de que é cruel matar passarinhos por diversão, mas mesmo assim, podemos observar racismo na história:



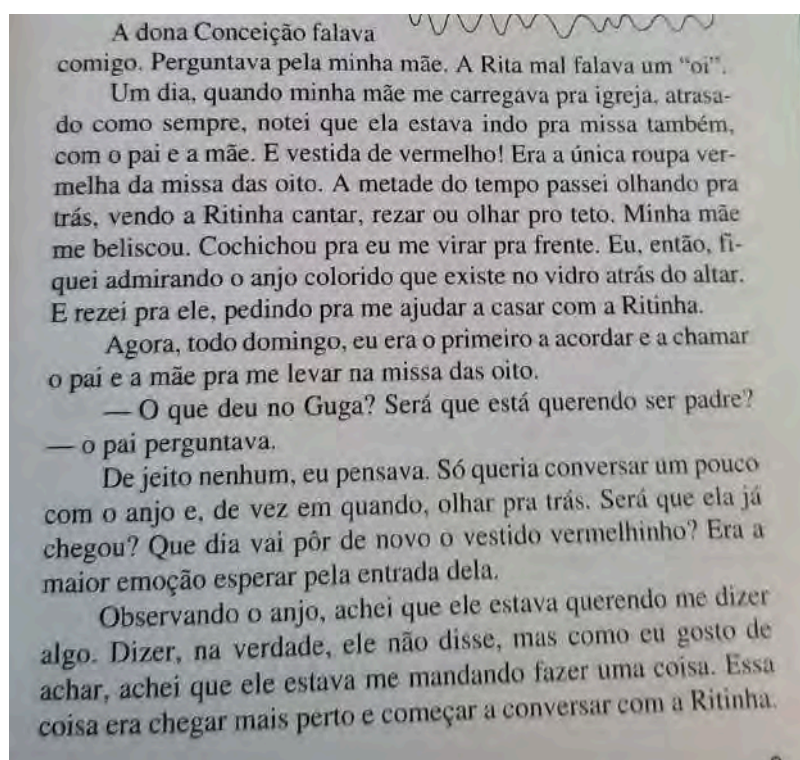
Lico, que é um personagem negro, é chamado de “mulatinho” e “escurinho”.

Segundo o IBGE<sup>13</sup>, dos aproximadamente 146,5 milhões de brasileiros, 62,3 milhões eram pardos e 7,3 milhões, pretos. O racismo infelizmente continuava fazendo parte do dia a dia dos brasileiros. Em 1990 a VEJA fez um reportagem ilustrando o assunto, colocando 3 repórteres, um branco, um amarelo e um negro para ir nos mesmo lugares e solicitar os mesmos serviço para averiguar se haveria diferença no tratamento entre eles:

Usando as regras básicas de roupas parecidas e abordagens idênticas, eles testaram diversas situações na capital paulistana, uma delas no bar do restaurante The Place, na região dos Jardins. “Estevam e Sun não precisaram abrir a porta — o porteiro fez sua obrigação. Gama entrou no recinto depois de abrir, por conta própria, a porta do restaurante — o porteiro o ignorou. No bar, Gama foi o único dos três que precisou esperar vinte minutos até que um garçom resolvesse lhe oferecer croquetes. Quando saiu, os garçons que estavam próximos a Estevam comentaram entre si: “O negão foi embora”.

(VEJA, 1990)

Já no livro *Um anjo no jardim* (1993) de Lino de Albergaria, também temos uma mensagem de proteção à natureza. Mas antes disso, podemos ver retratados o machismo e preconceito religioso. Na história, acompanhamos o menino Guga, que inicialmente desgosta da nova vizinha Ritinha, mas depois começa a gostar romanticamente dela:



<sup>13</sup> Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros/populacao-negra-no-brasil.html>.



Pois ele adorou eu ter gostado da idéia. Até me comprou uma camisa do time dele. Que não é o meu time! Não é suspeito meu pai se esquecer que não torço pelo time dele?

— Puxa, essa camisa deve ter custado uma grana — eu falei.

— Não faz mal, Guga. Você merece.

— Então você devia ter me dado a grana.

— Não vai me dizer que você estava pensando em dar pros pobres? — meu pai me olhou, preocupado.

Minha mania de ir à missa e querer santinho estava deixando ele meio nervoso. Até discuti com a mãe, uma hora que acharam que eu não estava ouvindo.

— E se ele tiver vocação, Rui?

— Assim, sem mais nem menos?

— Por que não?

— Não... é muito esquisito criança gostar tanto de igreja. Que graça ele acha em ser padre? Ou será que quer ser santo?

— O seu mal é desejar que o Guga seja igual a você. Pensa que eu não percebi o golpe da camisa? Tinha de ser a do seu time, só tinha! Pois se o Guga quiser ser padre, vai ser. Se quiser ser santo, eu vou achar ótimo!

— Ele é muito criança. E não existe santo menino.

— Lógico que existe!

— Ah, é? Pois me diz o nome de um.

— Bom... Tem... São Cosme e São Damião!

— Não são crianças, são gêmeos!

— São crianças, sim.

— Acho que nem são santos da Igreja. Até desconfio que são da Umbanda, Margarida.

— Rui, que horror!

Enquanto eles discutiam, eu pensava na camisa e no dinheiro que ela custou. Eu podia ter comprado um presente diferente pra Ritinha. Quem sabe uma bonequinha ou uma sandalinha vermelha?

Ao falarem sobre Cosme e Damião, o pai de Guga diz desconfiar que são da Umbanda, e a mãe reage com “Rui, que horror!”, dando a entender que seria algo negativo ser da Umbanda.

Segundo o Anuário Estatístico do Brasil de 1996, feito pelo IBGE, da população do Brasil de 145,8 milhões de pessoas, 83,8% eram católicos, 9% eram evangélicos e o restante espírita, de outras religiões ou sem religião.

...pai também ficou emburrado comigo o resto do dia.

Nem me importei. Achei bom ter tomado essa decisão. Porque uma decisão leva a outra. Então fui pro meu quarto, abri a gaveta e falei pro meu santinho secreto:

— Eu vou namorar a Ritinha!

É bom a gente tomar decisões. Eu, pelo menos, deixei de estar chateado e me senti um super-homem, forte à beça.

Na segunda-feira, na escola, pensei nela só na hora do recreio. Tinha certeza que ia acontecer. “E não passa de hoje!”, disse, de boca fechada, enquanto corria no pega-pega.

De tarde, passei um pente no cabelo e saí pra rua. No jardim da casa vizinha, gritei:

— Ritinha! Ritinha!

Não escutei o barulho do chinelinho, mas era a voz dela, aquela voz de passarinho, que gritou:

— Calma, já vou!

Ela estava descalça quando abriu a porta. Com uma camiseta meio velha e um *short* desbotado.

“Você bem que podia se arrumar melhor pra me receber”, eu pensei.



— Que foi? — ela estava perguntando.

— Olha aqui, Ritinha. A partir de hoje, você está namorando comigo.

— Quem, eu?

— É, sim. E vá calçar um sapato e vestir uma roupa mais bonita pra me namorar — eu ia mandar ela pôr o vestido vermelho, mas deixei pra lá.

— Não vou, não — e bateu a porta na minha cara.

Fui furioso pra casa.

— Vai sim, você vai ver como vai — não era à toa que eu estava decidido.

Podia ser que ela não se arrumasse pra mim aquele dia, mas que ia me namorar, isso ela ia!

## Com o pé na lama

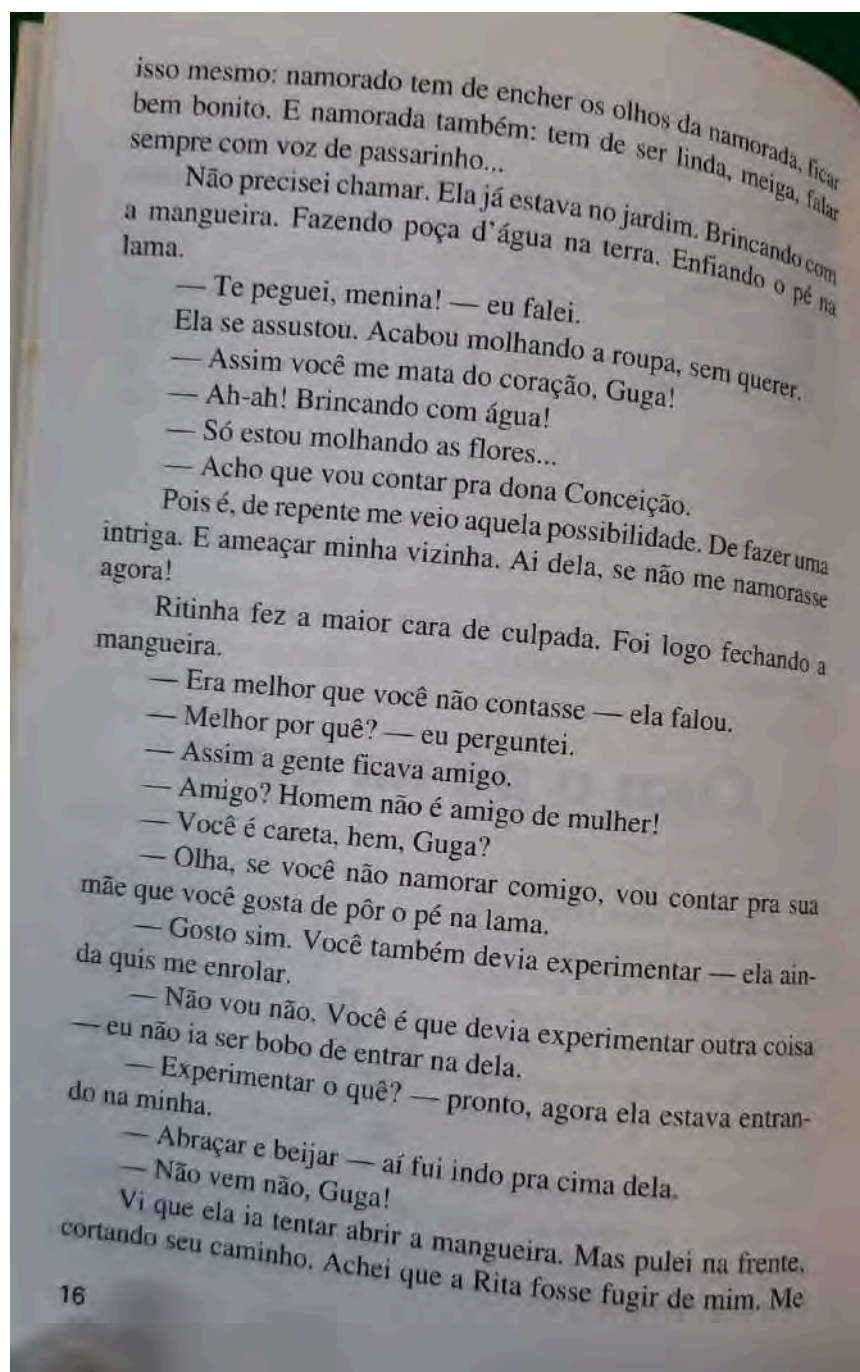
Eu só precisava esperar um pouquinho e a Ritinha ia ser minha namorada. Eu estava mais do que convencido. Só que esperar, mesmo um pouquinho, acaba demorando. E coisa demorada deixa a gente morrendo de impaciência!

Daí que na terça-feira eu estava de novo na frente da casa dela. É claro que passei um pente no cabelo, vesti uma roupa limpinha, pus até um tênis novo. Eu queria mostrar a ela como é que a gente deve se arrumar pra namorar. É





Guga decide que vai namorar Ritinha, e diz isso para ela, sem perguntar se ela quer ou como se sente sobre, e a manda trocar de roupa e se arrumar. Ela diz que não vai namorá-lo e ele insiste:



enganei. Ela me encarou. E me empurrou com toda sua força. Acabei caindo na lama. Antes de correr, ela ainda deu uma risada. Fui atrás, mas ela se trancou em casa. Fiquei esmurando a porta.

— Você me paga, menina.

Da janela, ela me mostrou a língua. E depois gritou de lá:

— Por quê? Pra você, homem pode bater em mulher? Ou você vai me entregar pra minha mãe?

— Porca, porcalhona! Eu sabia que você era uma porca!

Depois que chamei ela várias vezes de porca, me senti melhor. Quando fui tomar banho, pensei que nunca podia me casar com quem gosta de se lambuzar na lama.

“Tenho mais é que esquecer a Ritinha”, fui tomando outra decisão, enquanto me enxugava.

## A nuvem de perfume

— A primeira impressão é sempre a que fica — ouvi minha mãe comentando com o pai.

— Taí — me intrometi.

— Você é que está certa!

— Eu, hem? — Minha mãe olhou pro pai, sem entender minha intromissão.

Também não quis me explicar e deixei eles lá conversando. Fui deitar, pensando que a primeira impressão da minha vizinha estava certíssima: era uma sujona. Por isso a dona Conceição teve de gritar tanto daquela vez pra ela ir tomar banho.



Guga, para conseguir o que quer, chega a tentar chantagear Ritinha, e quando isso não funciona, tenta a abraçar e beijar a força. Quando Ritinha se defende, ele a insulta e diz que se sentiu melhor fazendo isso.

Em outra parte da história, entra a defesa da natureza:

Mas acabei descobrindo que as pétalas do gerânio parecem unhas vermelhas. São quase do mesmo tamanho das minhas. Daí que peguei uma que já tinha até caído no chão e pus em cima da minha unha. Ficou legal, parecendo esmalte. Só que caía à toa. Fiz então uma experiência: molhei a pétala e ela grudou direitinho na unha. Resolvi arrancar mais nove — só nove — pra ficar com esmalte de gerânio nas duas mãos.

Então fiz uma bobagem. Mostrei pra ela:

— Olha só, meu esmalte!

Além de não achar nada bonito, veio me dar bronca:

— Olha o que você fez com as flores, Rita. Você arrancou as pétalas. Vai acabar destruindo meu jardim.

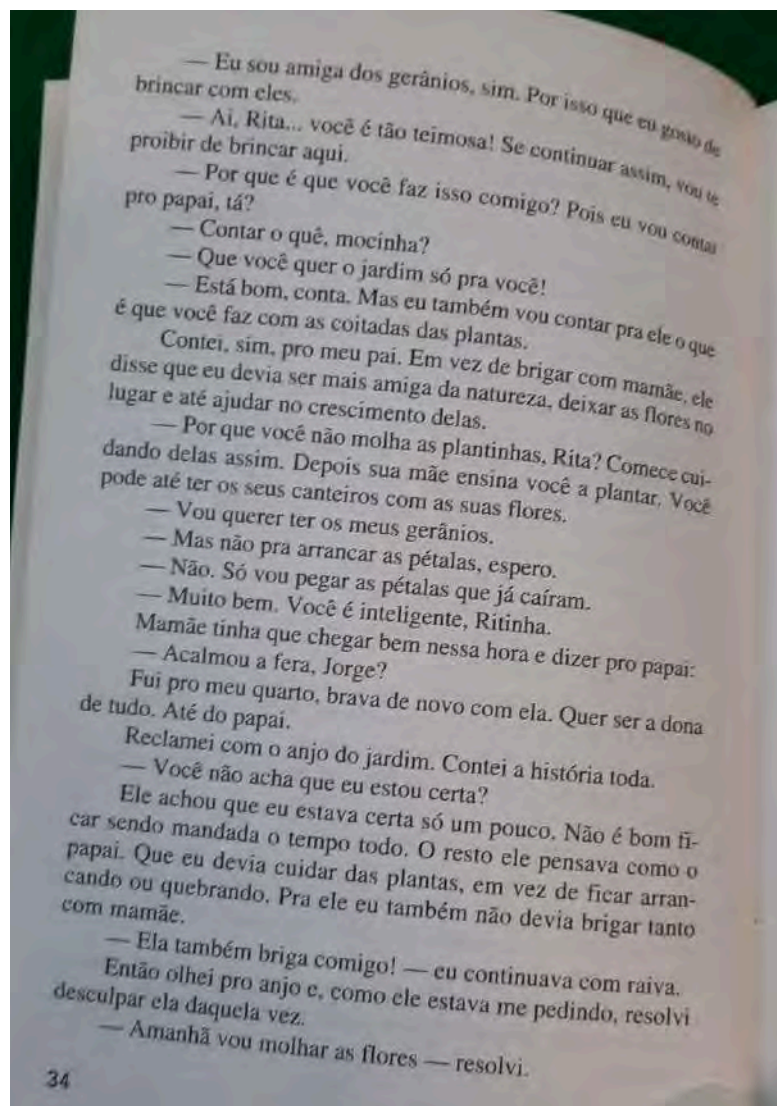
“O quê? O jardim é seu? Por que não pode ser meu também?”, pensei. Mas falei outra coisa:

— Só arranquei nove. Uma já estava no chão.

— Se você quer usar esmalte, se já se acha grande pra isso, até te empresto o meu. Mas não fica maltratando as plantas. A gente tem de gostar da natureza. Ela é nossa amiga, Rita. Temos de tratar bem os amigos.

Queria meu esmalte de gerânio.





É dito para Ritinha que ela deveria ser amiga da natureza e cuidar das plantas. Mas fica claro que apesar da tentativa de conscientização sobre um tema, não exclui que se desrespeite outros.

Em *Mulheres de Coragem* (1991) de Ruth Rocha, algo parecido acontece. A obra conta 3 histórias de mulheres diferentes, que são colocadas como corajosas e admiráveis. E apesar deste intuito do livro, todas as histórias de alguma forma ainda giram em torno da relação amorosa dessas mulheres com homens.

Não sabemos o que se passou nessa noite. O que sabemos é que de manhã, muito cedo, quando os primeiros raios de sol iluminaram os portões, um grupo de mulheres saiu, trazendo uma grande bandeira branca.

Dirigiu-se ao acampamento do inimigo.

Ao encontrar a primeira sentinela, uma das mulheres adiantou-se e pediu para falar com o imperador. Conrado recebeu-as, cada vez mais impressionado com a sua valentia.

As mulheres tinham vindo perguntar ao imperador se podiam, realmente, contar com a sua palavra. Se podiam, de verdade, sair do castelo, carregando o que tinham de mais precioso.

Ofendido, ele reafirmou sua palavra:

— Palavra de rei não volta atrás! — ele deve ter dito.

As mulheres então voltaram ao castelo, para executar o seu plano.

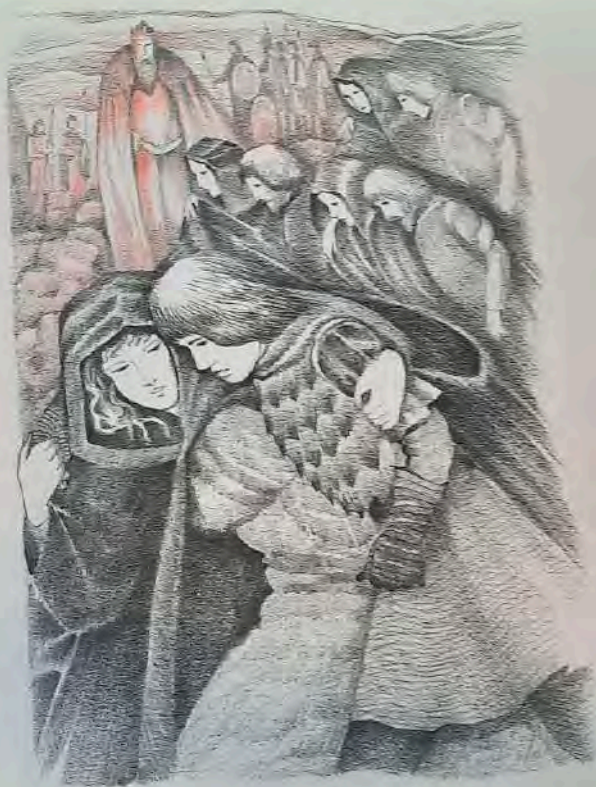
Dai a pouco começaram a sair, envoltas em suas pesadas capas de viagem, caminhando com dificuldade. Pois nos ombros traziam o que tinham de mais precioso.

Ante o olhar atônito dos homens de Conrado, as mulheres passavam, com seus maridos nos ombros.

Os soldados se voltaram para o chefe, aguardando suas ordens.

Mas Conrado, impassível, mantinha sua palavra, deixando que toda a tropa inimiga passasse por entre suas próprias tropas, protegida pela coragem de suas mulheres.

Contam que o castelo não foi nem invadido.



Na primeira história, as mulheres que têm o castelo onde moravam cercado, entram em acordo com o imperador invasor, que as promete que podem sair em segurança do castelo com tudo que conseguirem carregar. Elas saem do castelo carregando seus maridos.

A segunda história é de uma moça que se finge de homem para poder ir para guerra representando sua família.



O velho barão se lamentava com a mulher:

— Estou velho e não posso mais combater pelo meu rei. Se tivéssemos filho homem, nossa casa poderia ainda cobrir-se de glórias.

Dona Isabel foi então ao pai e disse:

— Eu levarei os estandartes, meu pai. Vou combater ao lado do rei pela glória maior de nossa casa.



- Eu me disfarço, meu pai. Não me reconhecerão!
- Suas formas são de mulher.
- Me aperto numa armadura. Não me reconhecerão!
- Seus cabelos, minha filha...
- Esconderei minhas tranças. Não me reconhecerão!
- Suas mãos, tão delicadas...
- Usarei luvas de ferro. Não me reconhecerão!
- Seus pés são tão pequeninos...
- Usarei botas grosseiras. Não me reconhecerão!
- Seus olhos, filha, seus olhos...
- Abaixarei os meus olhos. Não me reconhecerão!
- E como será seu nome?
- De João me chamarão.

E lá se foi Isabel. E se misturou aos homens. E combateu como um homem. Foi chamada de Dom João. E, como um homem, dormiu ao relento. E para se banhar saía do acampamento à noite, entre as sombras. Ninguém conheceu que era mulher. E se cobriu de glórias, por sua valentia e foi combater ao lado do próprio príncipe real, que a tomou como companheiro de lutas.

Nas longas noites do acampamento, os dois conversavam muito. No começo o príncipe estranhou os modos daquele moço esquivo, que falava pouco e nunca levantava os olhos para ele. Mas com o tempo afeiçãoou-se ao rapaz e não queria ninguém mais ao seu lado, sentia sua falta quando ele se afastava e chamava por ele sempre que estava longe.

A rainha então reconheceu que seu filho estava apaixonado.

— Meu filho, quanta paixão! pelos olhos de um varão...

— Os olhos de Dom João... não são olhos de homem, não!

A rainha então ensinou ao filho como fazer para descobrir se Dom João era mulher ou varão.

O príncipe voltou para os campos de batalha.

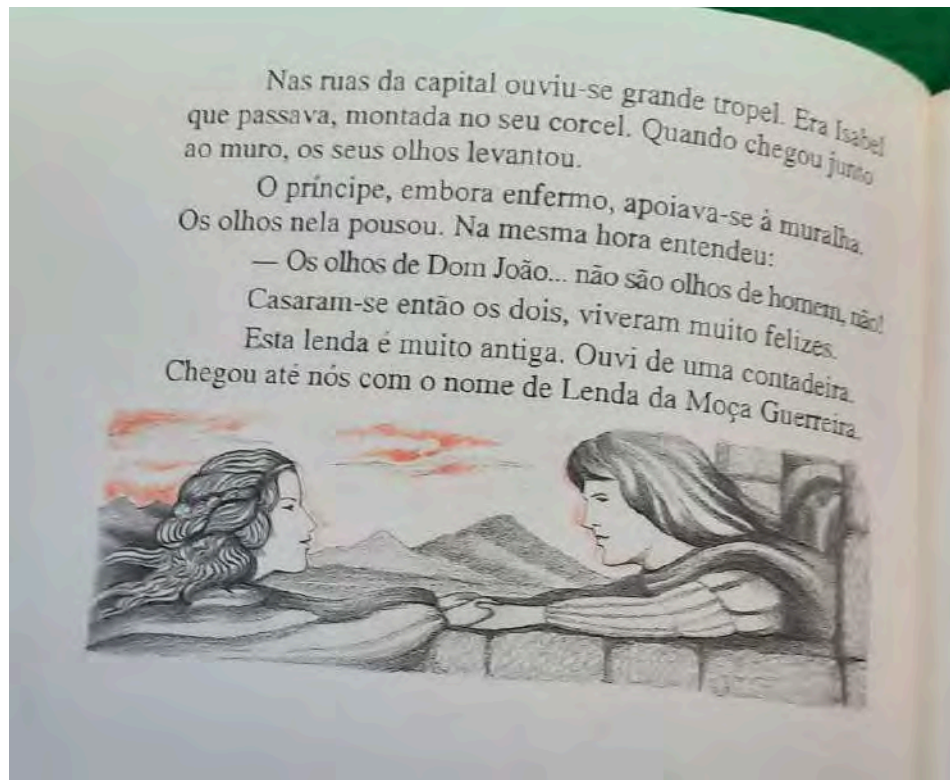
E num intervalo da luta levou Dom João a passear num pomar.

— Se ele se interessar pelas maçãs — tinha dito sua mãe — é certamente mulher.

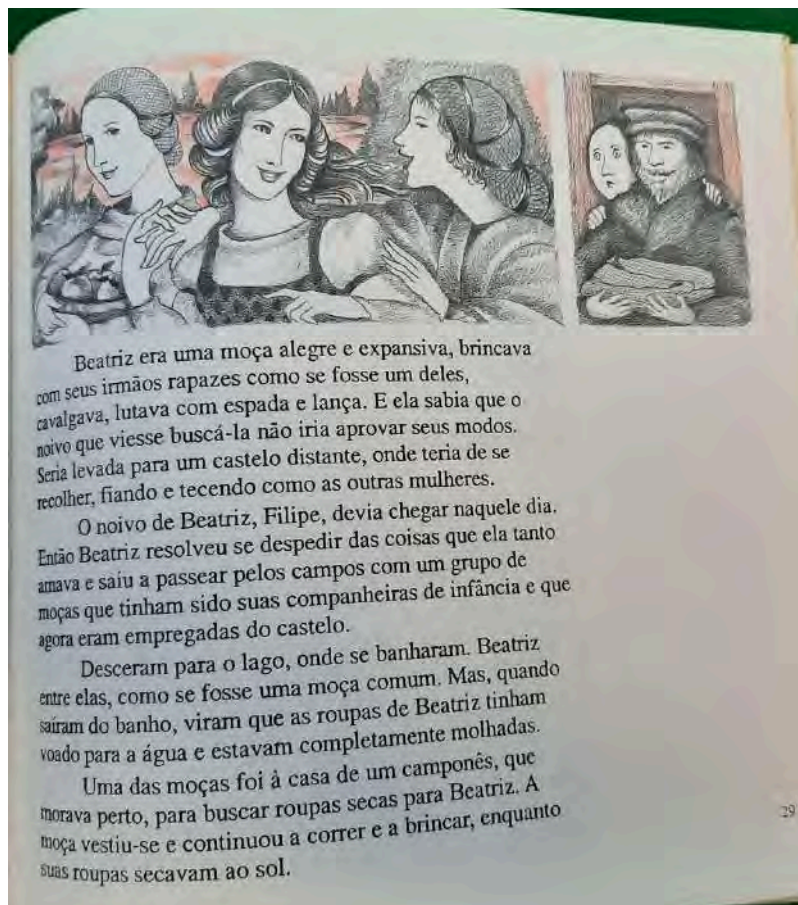
Dom João, desconfiando que o príncipe o estivesse pondo à prova, passou pelas maçãs e se dirigiu aos limões.

— Esta fruta é que é boa para um varão cheirar — ele disse.

O príncipe se apaixona pelo companheiro de luta, mas desconfia que ela seja mulher. Com as instruções de sua mãe tenta descobrir se o companheiro é homem ou mulher.



A terceira história é de Beatriz, que está marcada para casar, mas teme que o marido não goste dos seus modos e a faça se comportar como as outras mulheres.



Beatriz era uma moça alegre e expansiva, brincava com seus irmãos rapazes como se fosse um deles, cavalgava, lutava com espada e lança. E ela sabia que o noivo que viesse buscá-la não iria aprovar seus modos. Seria levada para um castelo distante, onde teria de se recolher, fiando e tecendo como as outras mulheres.

O noivo de Beatriz, Filipe, devia chegar naquele dia. Então Beatriz resolveu se despedir das coisas que ela tanto amava e saiu a passear pelos campos com um grupo de moças que tinham sido suas companheiras de infância e que agora eram empregadas do castelo.

Desceram para o lago, onde se banharam. Beatriz entre elas, como se fosse uma moça comum. Mas, quando saíram do banho, viram que as roupas de Beatriz tinham voado para a água e estavam completamente molhadas.

Uma das moças foi à casa de um camponês, que morava perto, para buscar roupas secas para Beatriz. A moça vestiu-se e continuou a correr e a brincar, enquanto suas roupas secavam ao sol.



Os dois acabam se conhecendo sem se darem conta de quem o outro realmente é e Filipe deseja cancelar o casamento. Um duelo em nome da continuidade do casório e da honra de Beatriz é proposto.

Reuniu sua família e contou o que tinha acontecido. Beatriz ficou furiosa, não pelo casamento, que ela até preferia que não acontecesse, mas naquele tempo as pessoas levavam muito a sério estas questões de honra e a princesa via como seu pai estava ofendido.

Então ela levantou-se e declarou:

— Sou eu quem vai lutar com este pretensioso!

Os pais e os irmãos de Beatriz quiseram se opor ao plano, mas eles sabiam que, apesar de mulher, era ela quem melhor manejava a lança naquele ducado.

O combate foi marcado.

Em frente ao castelo havia um espaço onde todas as lutas se travavam. Foi armado um palanque, para que os nobres assistissem ao confronto. Em volta desse espaço, grandes estandartes foram levantados. Parecia que ali ia haver uma grande festa.

Na hora marcada, todos os cortesões vieram com suas melhores roupas, os corneteiros se colocaram junto ao estrado e, quando o duque deu o sinal, as cornetas soaram e os dois contendores, nas suas armaduras prateadas, entraram na liça, com seus cavalos enfeitados, cada um nas cores do seu castelo.

De longe, Filipe ainda pôde ver de relance o rosto de Beatriz, antes que ela abaixasse sua viseira e partisse galopando contra ele.

O príncipe ficou muito perturbado, distraiu-se, atrapalhou-se e Beatriz conseguiu de um só golpe derrubá-lo do cavalo. Todos se espantaram com essa vitória tão fácil e tão inesperada. Os amigos de Filipe retiraram o rapaz da arena e o levaram para seus aposentos.

Filipe achava que tinha tido uma visão, uma ilusão. Acreditava ter visto aquela moça, na qual não parava de pensar. E agora ele não podia fugir de sua palavra e teve de se conformar com o casamento.

Beatriz, no seu quarto, chorava, desanimada. Ela também não parava de pensar em Filipe, mas não podia desonrar a palavra de seu pai, ainda mais depois da luta.

Um grande altar foi montado no mesmo lugar onde a luta tinha sido travada. Os mesmos altos estandartes que tinham enfeitado o combate enfeitavam agora a festa.

Na hora marcada, lá estava Filipe, com lindas roupas, cercado por seus amigos. E, do outro lado do pátio, acompanhada por seu pai, vinha Beatriz, o rosto tapado por um véu espesso, de olhos baixos como era costume.

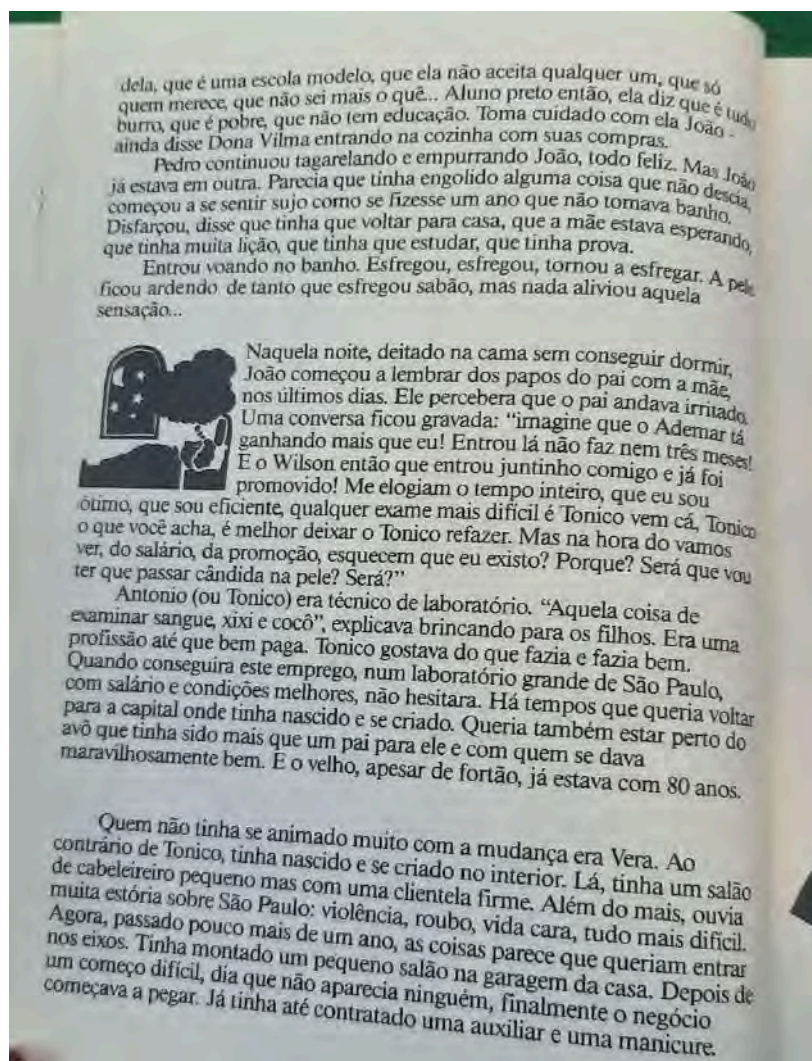
Os dois foram casados pelo vigário sem se darem conta de quem eram.

Então o vigário mandou que Filipe levantasse o véu da noiva para beijá-la. Os dois se viram e compreenderam o que tinha acontecido. Beijaram-se, deram-se as mãos e felizes se dirigiram para a mesa do banquete...

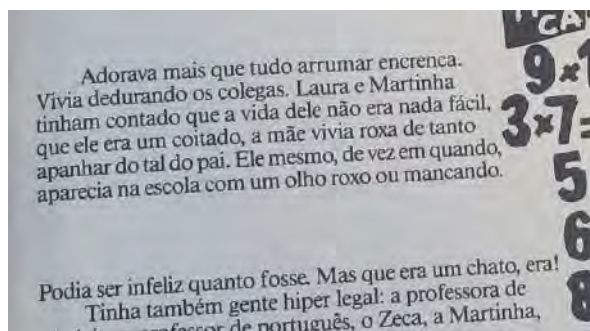
É dito que “eles sabiam que, apesar de mulher, era ela quem melhor manejava a lança naquele ducado”, como se as mulheres fossem menos capazes. Ao ganhar o duelo, o casamento continua de pé e a tal “honra” que a personagem cita é conquistada, a custo das suas vontades não ouvidas .

Ao mesmo tempo que se observa estas complexas obras, outras têm em sua narrativa o diálogo claro sobre tais temas, como machismo e racismo.

O livro *Jogo duro*: era uma vez uma história de negros que passou em branco (1990) de Lia Zatz, traz João, sua família e seus colegas de escola. Durante a obra, há uma aula sobre a população negra no Brasil, sobre o racismo enfrentado pelo pai de João, pelo próprio João, e como afeta de forma diferente a mãe dele, por ser uma mulher negra.

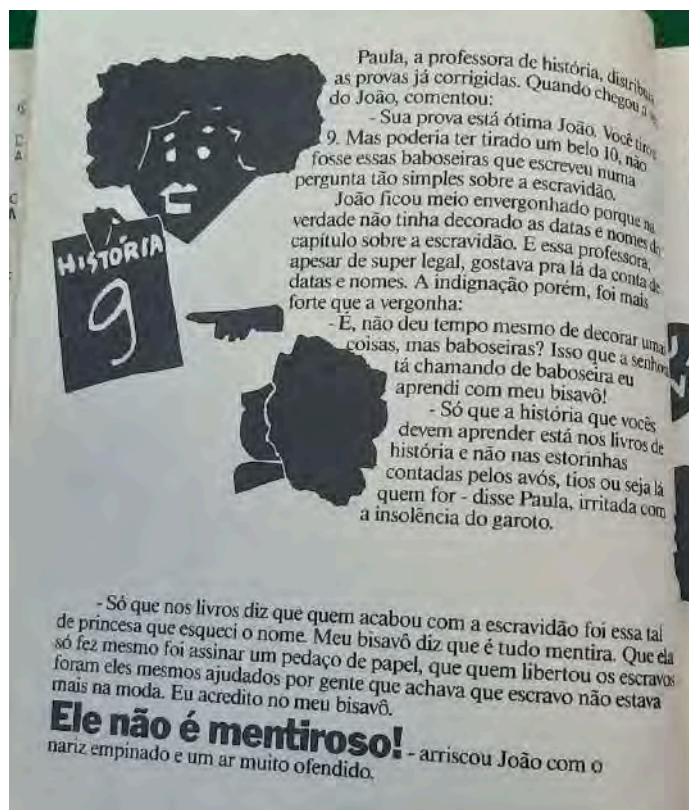


No início do livro, é narrado o racismo que a diretora da nova escola de João pratica. Em seguida, vemos que o pai de João, Antônio, passa por uma situação complexa em seu trabalho.

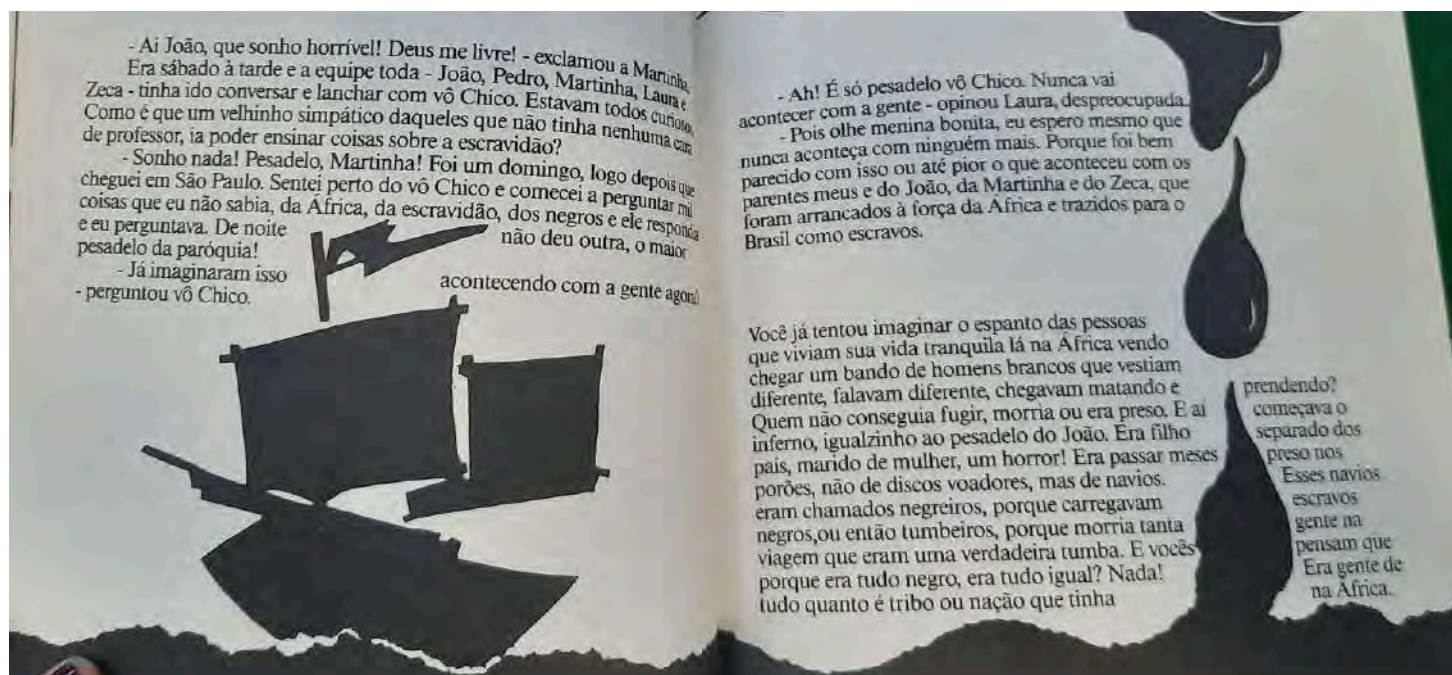




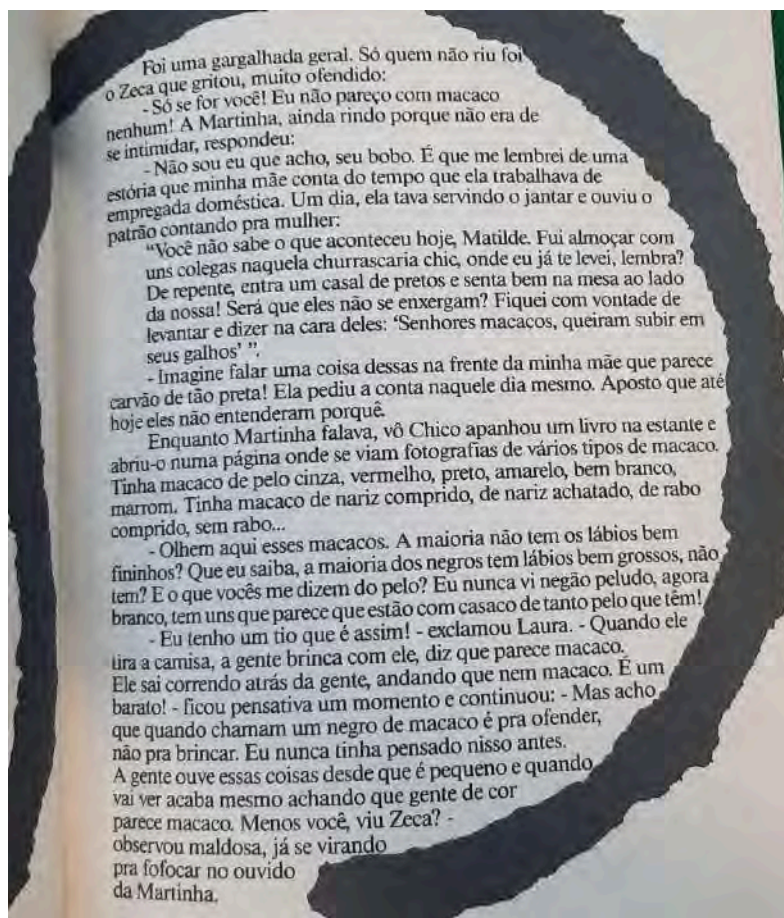
Apresentando os novos colegas de escola, Zeca apresenta também o menino que implica com ele, e aqui podemos ver outros temas sensíveis sendo trazidos: crueldade contra a mulher e contra a criança.



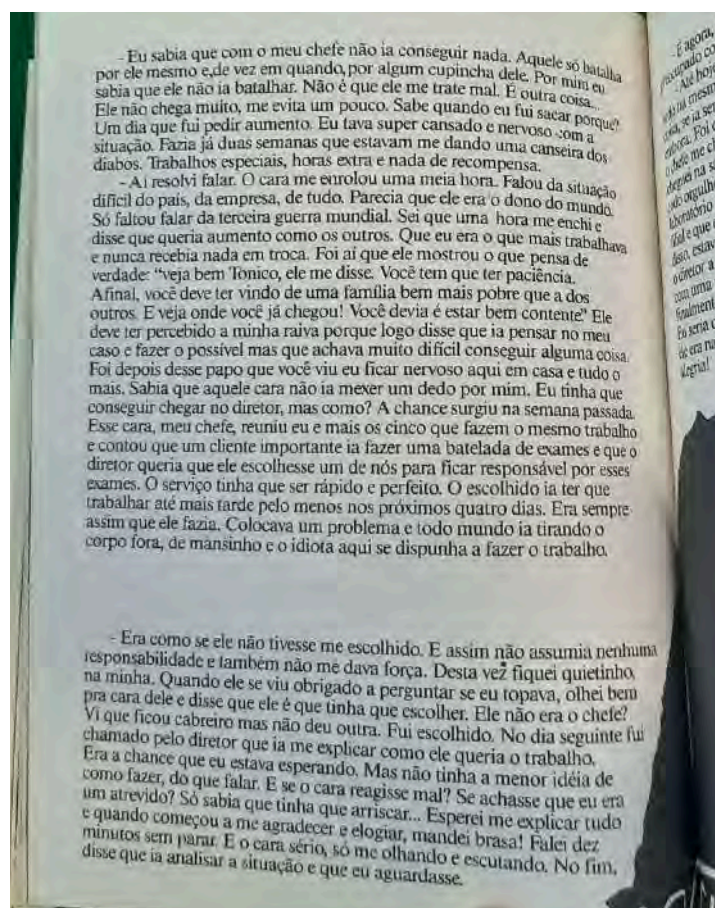
Já mais a frente no livro, o aspecto histórico da escravidão no Brasil começa a aparecer. O avô Chico, bisavô de João, traz as informações sobre o assunto:







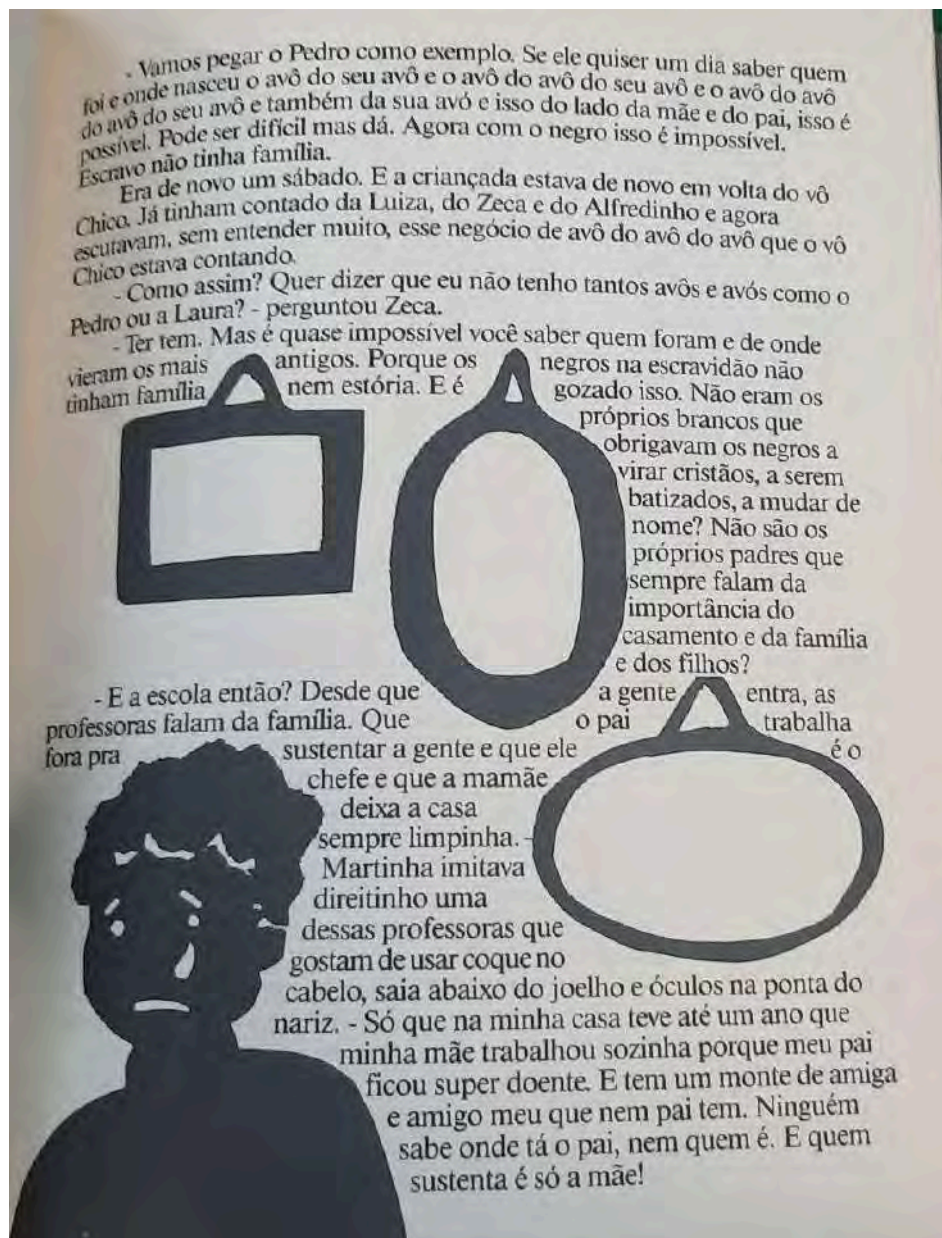
A seguir, o uso de “macaco” para se referir à pessoas negras é debatido.





A situação de Tônico em seu trabalho também é mostrada mais a fundo, e podemos ver que seu chefe fala “Você tem que ter paciência. Afinal, você deve ter vindo de uma família bem mais pobre que a dos outros. E veja onde você já chegou! Você devia é estar bem contente”.

As aulas de Vô Chico continuam:



A situação da mulher é trazida, e a cristianização também é citada.

- Aí menina! A gente tem mais é que defender as mulheres! - era Dona Bianca que vinha passando apressada pela sala em direção à porta. Ia entregar uma encomenda de doces.

- Essa Bianca! Nem sabe o que a gente está falando mas ouviu falar em mulher já vem logo defendendo. Tá certa ela! Só que não tem nada a ver com o que eu estava falando. Até me perdi... Eu queria falar da alma. Como o branco achava que o negro não tinha alma, era que nem bicho, não se sentia culpado escravizando o negro. Bela desculpa, vocês não acham? Explicavam tudo pela religião: o negro era inferior porque Deus queria e tinha que pagar seus pecados sendo escravo porque Deus queria e era bom que fosse mansinho porque era assim que Deus queria e que todo esse sofrimento ia ser recompensado depois da morte. Aí sim, o negro ia viver no paraíso, juntinho do nosso Senhor. Queriam que o negro acreditasse nisso tudo mas não deixavam ele viver como cristão. Tinham pavor que os negros se revoltassem. Por isso que ainda na África separavam pais de filhos, maridos de mulheres, gente da mesma tribo. E quando chegavam aqui era a mesma coisa. Queriam evitar de qualquer jeito que os negros criassem laços. E família cria laços, necessidade de defesa, de proteção, sentimentos. Favorece a revolta. E isso os brancos não podiam deixar. Tem também que tinha mais homem escravo do que mulher. Era uma mulher para cada 4 ou 5 homens. Interessava trazer mais homem para o trabalho duro do que mulher.

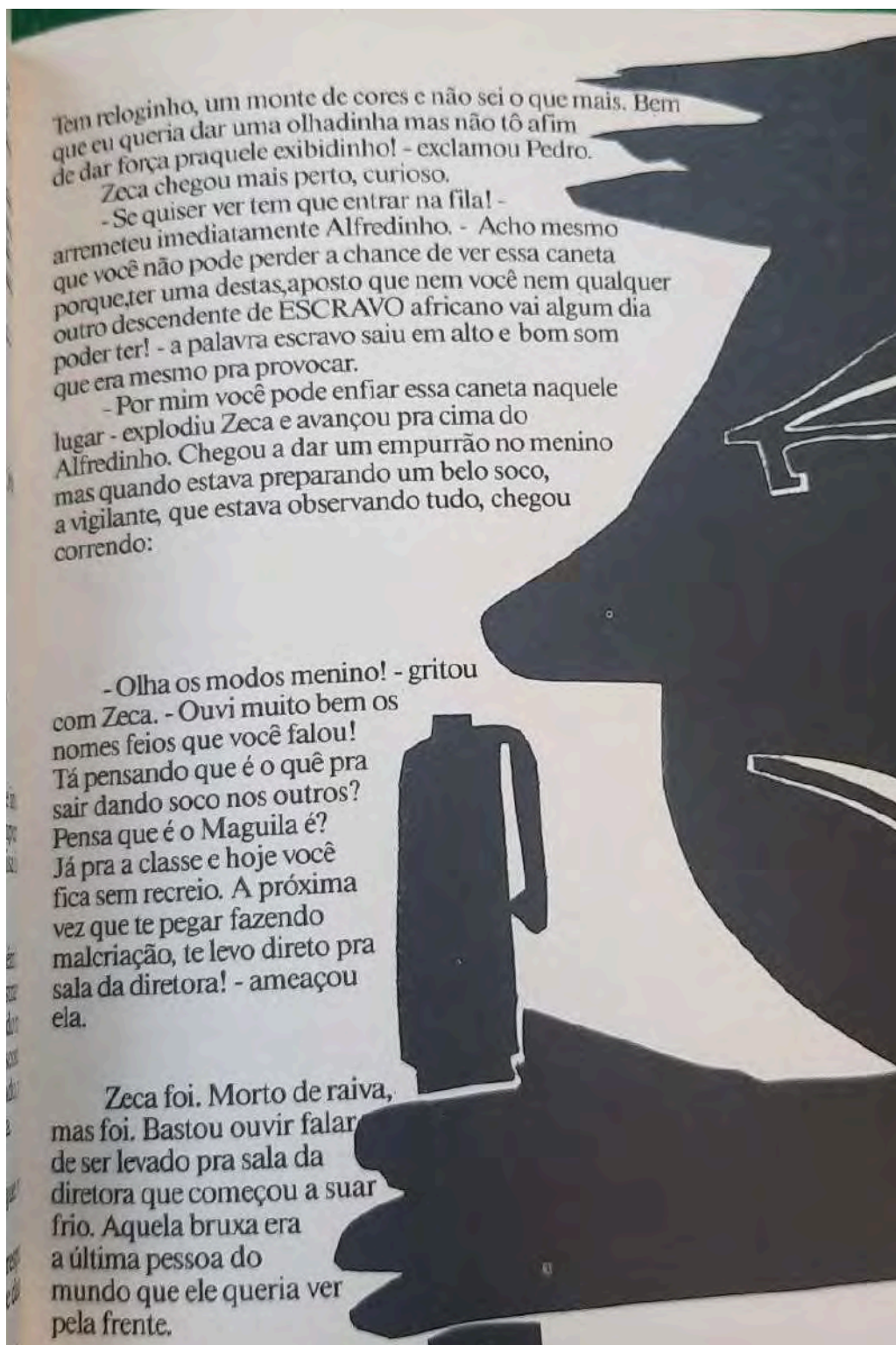
Mais a frente, vê-se uma das vezes que a diretora da escola tratou João de forma diferente:

No ano passado quase tinha sido suspenso por causa de uma briga que ele nem sabia como tinha começado. Foi defender um colega que estava sendo massacrado por dois valentões e quando deu por si, estavam todos na sala da diretora levando o maior sabão.

E a humilhação que a mãe tinha sofrido então? Ah, nem queria lembrar! A mãe quietinha, sentada na frente da diretora, aceitando calada aquele monte de baboseira que a diretora falava:

que seu filho só conseguiu modelo porque a sua patroa garantiu que a senhora é e que o garoto é inteligente. Tem fila de criança com vaga aqui. Você que se cuide, viu Zeca? E vê se para de dar desgosto para a coitada da tua mãe. A primeira vez eu só chamo a atenção. Mas na segunda é suspensão. E se houver uma terceira vez, aí eu expulso mesmo. Não quero vagabundo na minha escola!"





Tem relóginho, um monte de cores e não sei o que mais. Bem que eu queria dar uma olhadinha mas não tô afim de dar força praquele exibidinho! - exclamou Pedro.

Zeca chegou mais perto, curioso.

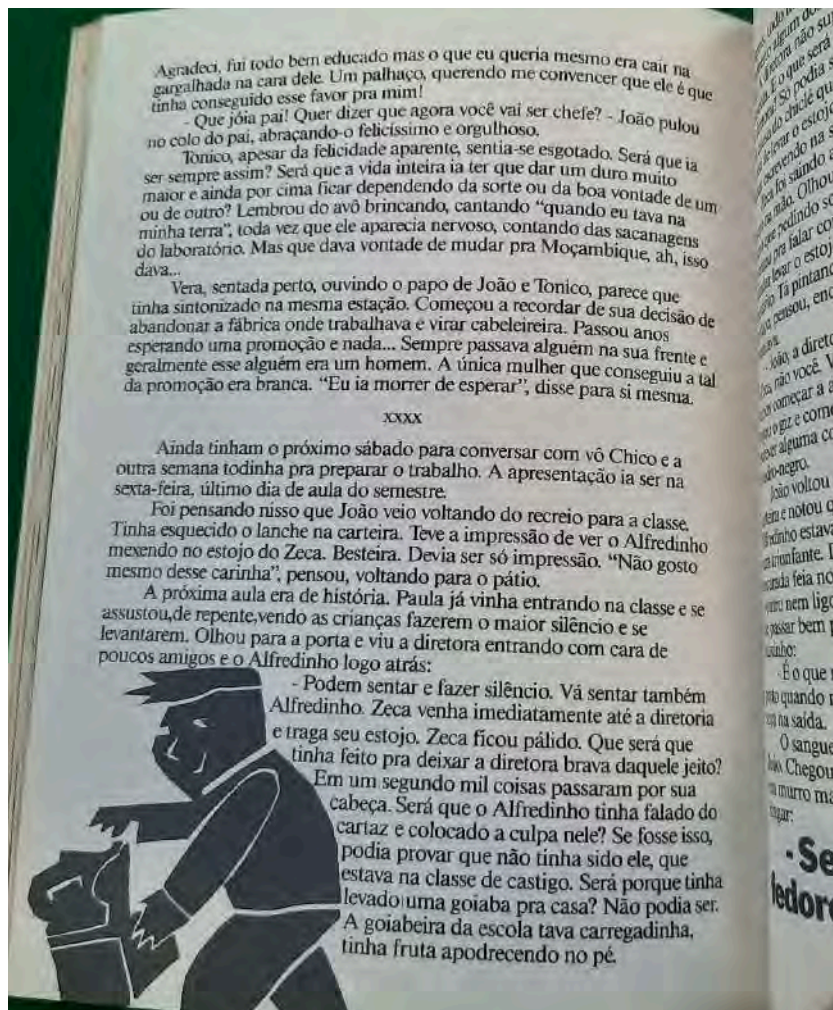
- Se quiser ver tem que entrar na fila! - arremeteu imediatamente Alfredinho. - Acho mesmo que você não pode perder a chance de ver essa caneta porque, ter uma destas, aposto que nem você nem qualquer outro descendente de ESCRAVO africano vai algum dia poder ter! - a palavra escravo saiu em alto e bom som que era mesmo pra provocar.

- Por mim você pode enfiar essa caneta naquele lugar - explodiu Zeca e avançou pra cima do Alfredinho. Chegou a dar um empurrão no menino mas quando estava preparando um belo soco, a vigilante, que estava observando tudo, chegou correndo:

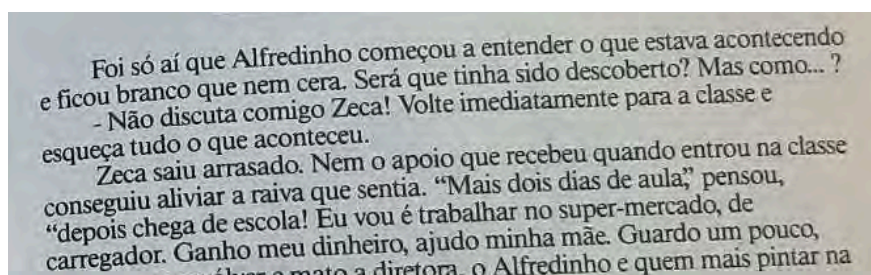
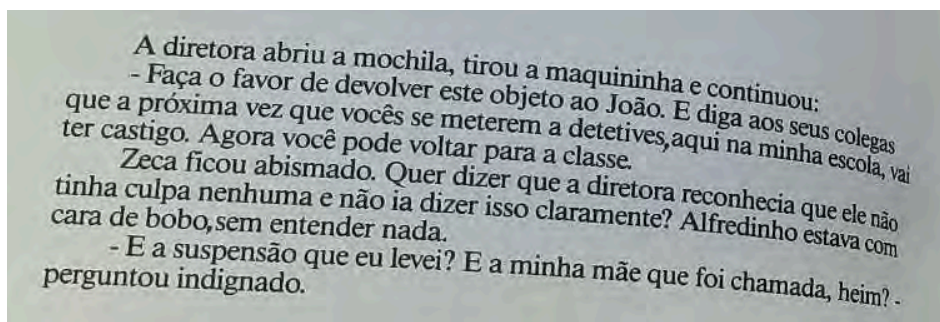
- Olha os modos menino! - gritou com Zeca. - Ouvi muito bem os nomes feios que você falou! Tá pensando que é o quê pra sair dando soco nos outros? Pensa que é o Maguila é? Já pra a classe e hoje você fica sem recreio. A próxima vez que te pegar fazendo malcriação, te levo direto pra sala da diretora! - ameaçou ela.

Zeca foi. Morto de raiva, mas foi. Bastou ouvir falar de ser levado pra sala da diretora que começou a suar frio. Aquela bruxa era a última pessoa do mundo que ele queria ver pela frente.

Aqui, a perseguição de Alfredinho a João passa a ser sobre raça e classe.



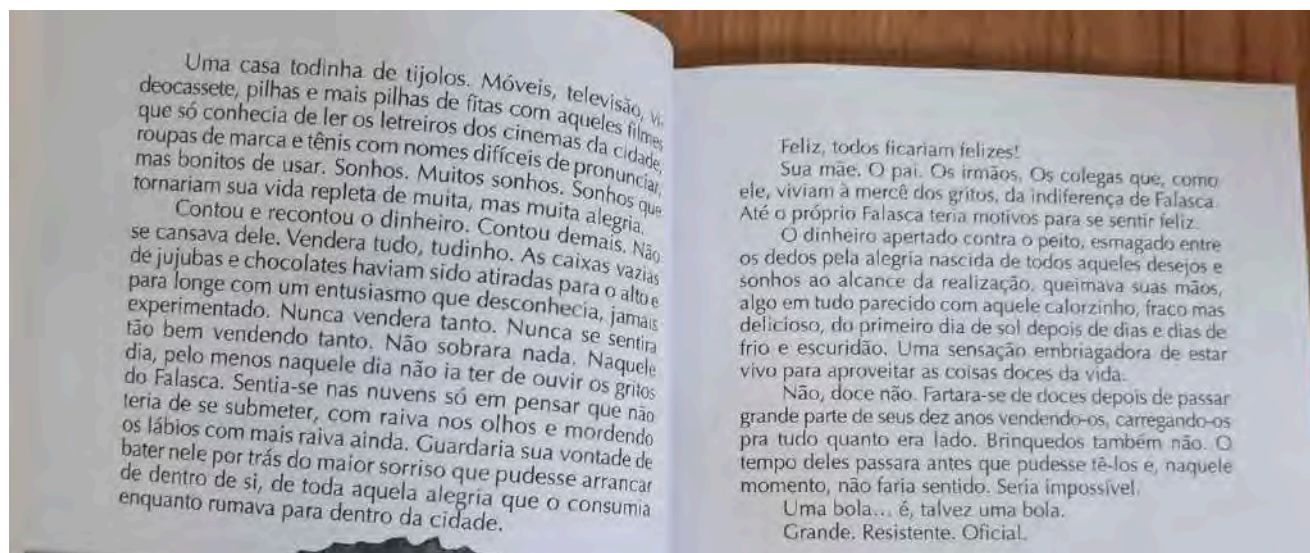
Neste trecho, Tônico finalmente consegue a promoção no trabalho. Vemos também que Alfredinho continua a perseguição, agora querendo acusar Zeca, que também é negro, de roubo. As crianças conseguem provar que Zeca era inocente, mas o livro termina mostrando que ainda existem diferenças no tratamento entre pessoas brancas e negras:



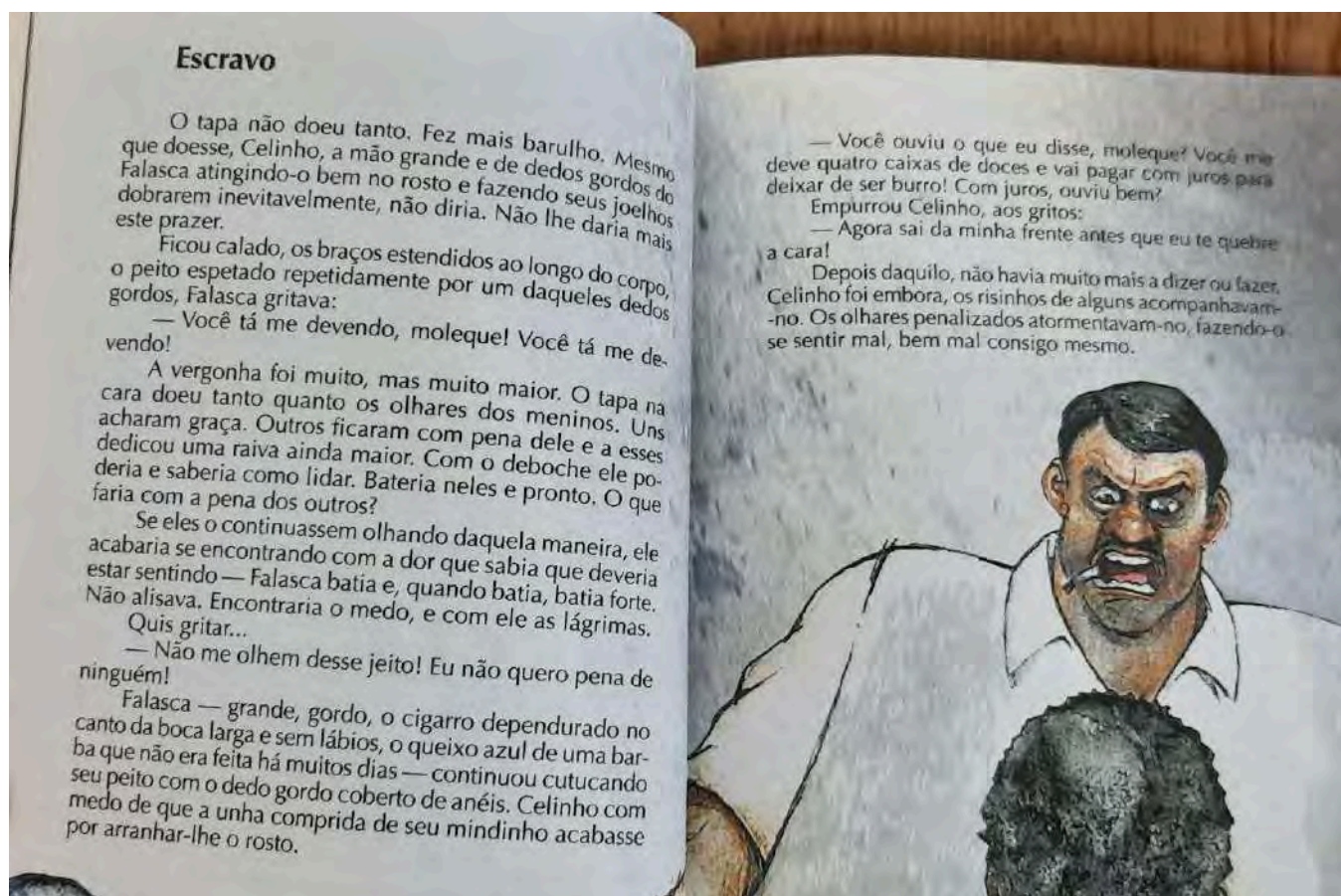


Alfredinho não sofre as consequências dos seus atos, e Zeca não recebe desculpas ou reparação pelo que sofreu. Chega a pensar em desistir dos estudos e ir trabalhar.

O trabalho infantil, aparece também na obra *Zumbi: o despertar da liberdade* (1999) de Júlio Emílio Braz.



O personagem Celinho tem 10 anos, e trabalha vendendo doces há uma grande parte de sua vida. O dinheiro que ele ganhou no dia acaba sendo roubado, e sofre consequências por isso.



Celinho hesitou por um instante, sopesando o soco que daria e os muitos que quase certamente receberia. Sua dor seria bem maior do que aquela que Quiel sentiria. Baixou a mão, desanimado, e virou-lhe as costas pra ir embora.

— Ei, espera aí, Celinho — pediu Quiel segurando-o pelo ombro e fazendo-o virar-se mais uma vez para ele. Deparou com a cara ainda mais emburrada e com um silêncio visivelmente ressentido. — Aí, cara, foi mal, certo? A gente tava com fome. Não descolamos nem uma merrequinha. Essa gente anda cada vez mais dura. Mais dia menos dia, serão eles que meterão a mão em nossos bolsos...

— E o que eu tenho a ver com isso? Trabalhei duro pra ganhar aquele dinheiro, sabia?

— Não... mas imagino. Ah, imagino sim!...

— É...?

— Era você ou nós, gente boa — Quiel sorriu, procurando ser amistoso. — Sabe como é, não? Pouca farinha, meu pirão primeiro.

— É, mas quem levou o tapa do Falasca fui eu! — Celinho tirou a mão de Quiel de seu ombro com um tapa e começou a se afastar. Quiel e os outros meninos foram atrás dele, rodeando-o e saltando à sua volta.

— Só mané trabalha para aquele explorador! — afirmou Quiel.

— É melhor do que ficar roubando os outros!

— Jura? Puxa, e a gente que não sabia dessa, hem, pessoal?

Gargalhadinhas. Bastou Quiel dar a primeira para que os meninos que o acompanhavam se dobrassem e comesçassem a cambalear de um lado para o outro, multiplicando-as interminavelmente. Só pararam quando outro de seus gestos amplos e autoritários os silenciou.

— Eu prefiro ganhar meu dinheiro trabalhando...

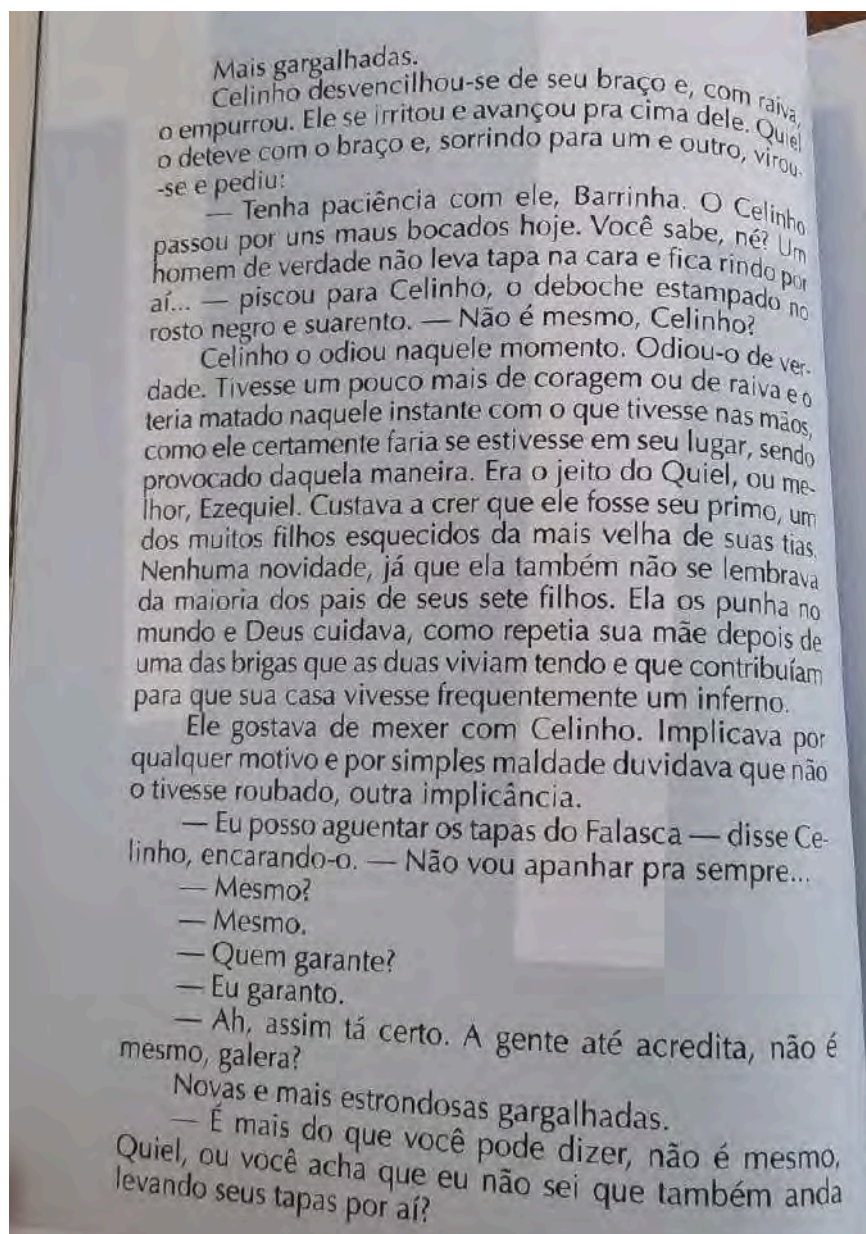
— Trabalhando muito e ganhando pouco.

Um dos meninos — lourinho e de grandes olhos verdes — achegou-se às costas dos dois e, colocando os braços sobre os ombros de Quiel e Celinho, disse:

— E levando na cara de vez em quando!

Celinho conversa com os meninos que o roubaram, e eles falam que era Celinho ou eles, retratando que haviam diversos meninos em situação de vulnerabilidade, (nesse caso passando fome) chegando no ponto de roubar um dos outros para não se prejudicarem ainda mais.





O pesquisador Ricardo Henriques fala sobre o trabalho infantil no Brasil na década de 90, e pontual também a questão racial dentro deste tema:

Entre 1992 e 1999 o indicador de trabalho infantil para as crianças de 5 a 9 anos apresenta uma melhoria. Em 1992, 3,7% das crianças nessa faixa de idade trabalhavam, enquanto, em 1999, esse percentual caiu para cerca de 2,4%. Essa melhor posição relativa significa uma queda, em termos percentuais, de 34% na proporção de crianças ocupadas.

Ao desagregarmos o indicador a partir do recorte racial, vemos que a evolução favorável em termos globais traduz-se em uma melhoria tanto dos brancos

como dos negros ao longo período. No entanto, a velocidade de melhoria dos brancos foi significativamente maior que a dos negros. Podemos constatar na tabela 15 que, no período analisado, a proporção de crianças brancas entre 5 a 9 anos de idade ocupadas no mercado de trabalho caiu em 45%, enquanto para seus pares

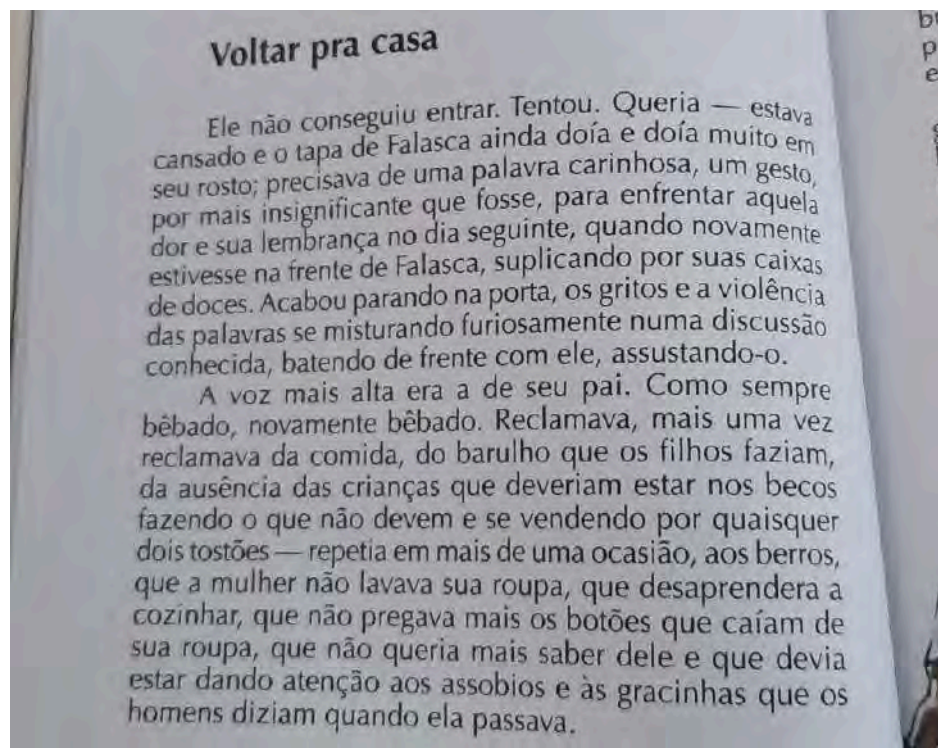
negros a queda observada foi somente 24%. Essa distinta intensidade na redução do trabalho infantil gerou, entre 1992 e 1999, um aumento do diferencial entre crianças brancas e crianças negras de mais de 20%.

[...]

observa-se a evolução da taxa de participação das crianças entre 10 e 14 anos de idade no período 1992-1999 para o Brasil como um todo e para as grandes regiões. De forma semelhante às crianças entre 5 e 9 anos, os indicadores revelam que, ao longo da década, houve uma melhoria da situação das crianças de 10 a 14 anos, expressa na redução da proporção das que participam do mercado de trabalho. Em 1992 a proporção de crianças nessa faixa de idade que encontrava-se trabalhando ou procurando emprego era de 22%. Entre 1995 e 1996 observa-se uma queda de cinco pontos percentuais que mantém-se até 1999, implicando importante redução na proporção de crianças de 10 a 14 anos integrantes do mercado de trabalho.

A análise desagregada em termos raciais nos mostra que, no ano de 1999, 20% das crianças negras e 13% das crianças brancas na faixa de 10 a 14 anos participavam do mercado de trabalho. A evolução do indicador para cada raça segue a tendência nacional, com redução na taxa de participação das crianças de 10 a 14 anos tanto para a população branca como para a população negra, entre os anos de 1992 e 1999. Entretanto, considerada a intensidade da evolução relativa do indicador de participação no mercado de trabalho, vemos que a velocidade de melhora é maior entre os brancos, o que resulta em uma ampliação do diferencial entre brancos e negros na faixa de 10 a 14 anos de idade.

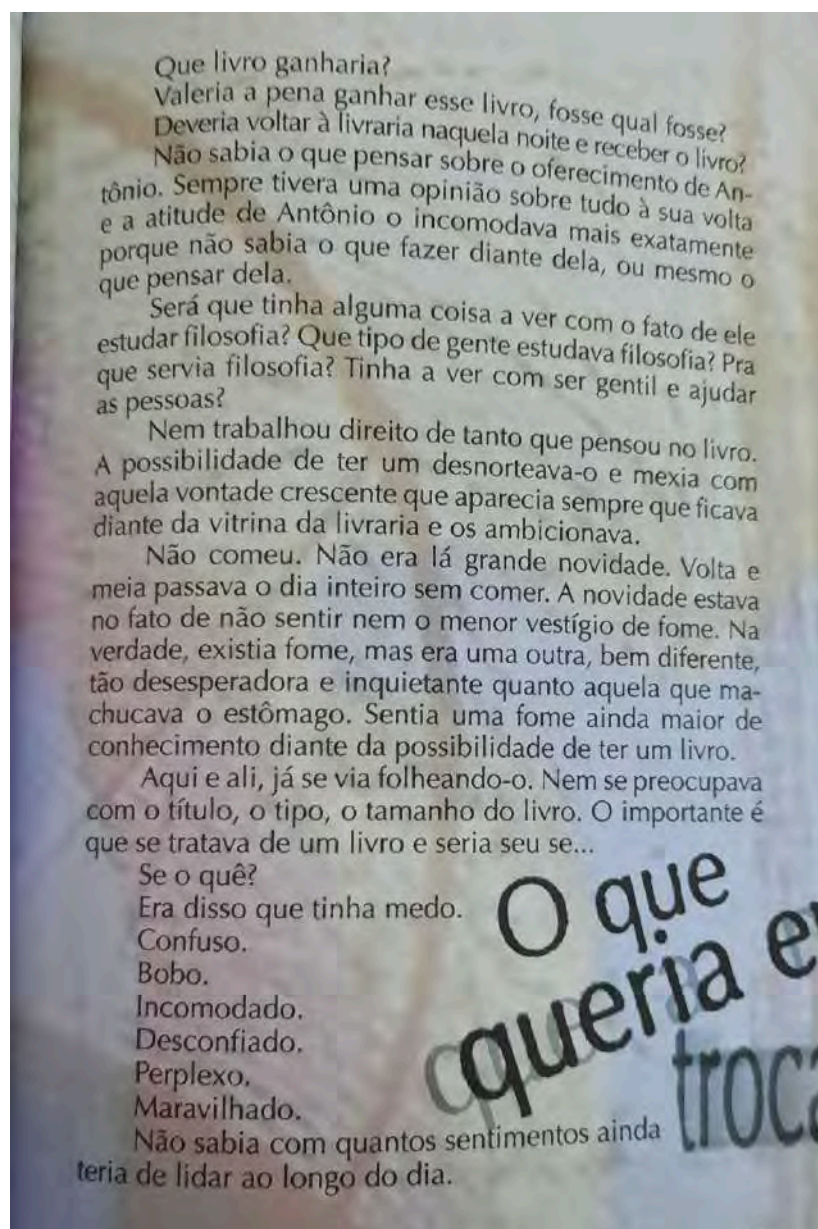
(Henriques, 2001)





Aqui, pode-se ver a situação familiar complexa de Celinho.

Neste meio tempo, Celinho conhece uma livraria e seu dono, que lhe oferece um livro de graça. Celinho não está acostumado a gentilezas, e também não aceita “caridades”. Chegam a um acordo posteriormente sobre Celinho ajuda na livraria:



## Encantamento

Celinho se viu de um momento para o outro fazendo estranhas e até mesmo perturbadoras descobertas entre as palavras de seu livro. Não esperava pela maioria delas. A primeira surpresa, e sem sombra de dúvida a mais espantosa, foi encontrar alguém como ele, negro como ele, apresentado como herói de uma história, de alguma. Parecia bobagem, mas para ele não era. Na verdade, a surpresa converteu-se num espanto, algo inteiramente inesperado.

Negro era escravo na novela de televisão. Negro era bandido na novela de televisão. O bom empregado na novela de televisão. O negro de que todos gostavam era negro na televisão. Era amigo do mocinho branco, defendido pela heroína branca e ganhava prêmio em programas infantis onde ele era um estranho entre os brancos. Uma família negra era certinha demais na televisão para ser real. Havia muitos italianos nas novelas de televisão. Louros e italianos — tantos que, quando era mais novinho, Celinho ainda acreditava que os programas como filmes e seriados (onde havia muitos negros e negras fazendo papel de heróis e pensando com a própria cabeça) eram feitos longe do Brasil.

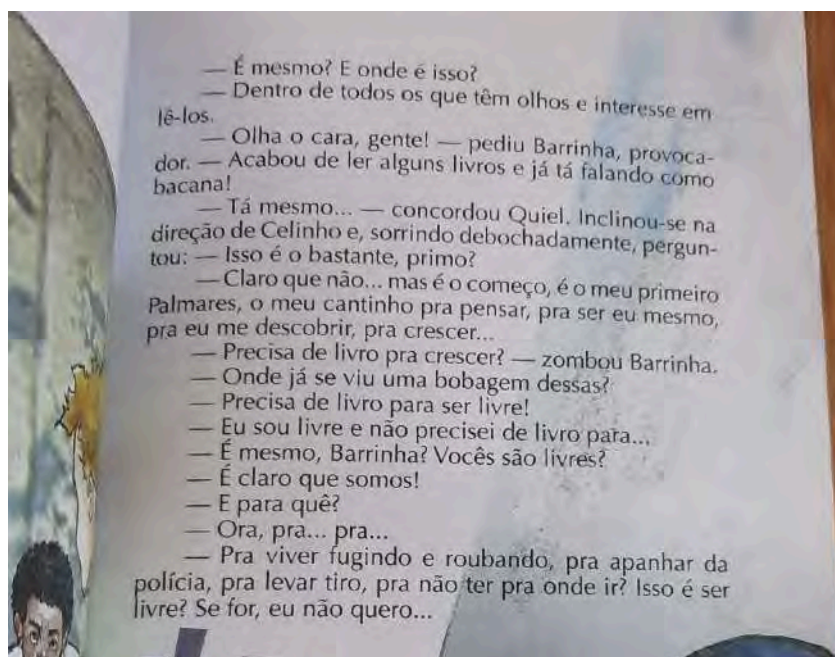
Naquele livro encontrara negros como ele. Não havia Bill, Johnny ou Michael entre os negros daquele livro. Todos tinham nomes conhecidos — havia muitos Antônio, outros tantos Josés e até mesmo incontáveis Franciscos. Todos pensavam e lutavam pelo que tinham em suas cabeças pensantes.

Celinho maravilhou-se. Puro encantamento. Não esperava...

Nos livros da escola, os negros apareciam e apareciam em grande quantidade. Mas eram escravos, figuras apagadas, tristes e melancólicos coadjuvantes de uma história feita por homens brancos e mulheres brancas. Eram sempre gratos — gratos pela escravidão que os levava para a luz de uma fé salvadora, pela libertação, pela aceitação numa sociedade que se dizia generosa e até benevolente para com todos.

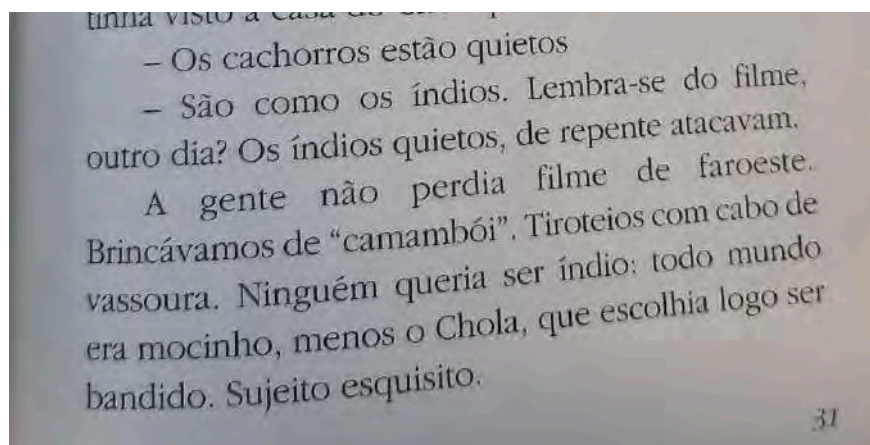
Celinho, quando lê o livro, tem a surpresa de ver pela primeira vez heróis que se parecem com ele. Temos também um vislumbre de como personagens negros apareciam nos livros, novelas e filmes da época.





Ao final da história, o livro, sobre Zumbi dos Palmares, dá inspiração e forças para Celinho, que agora tem esperança de uma vida diferente da que vive.

Em outro livro, *O menino que não teve medo do medo* (1995) de Ignácio de Loyola Brandão, podemos observar também como outro grupo racial ainda era representado na época:

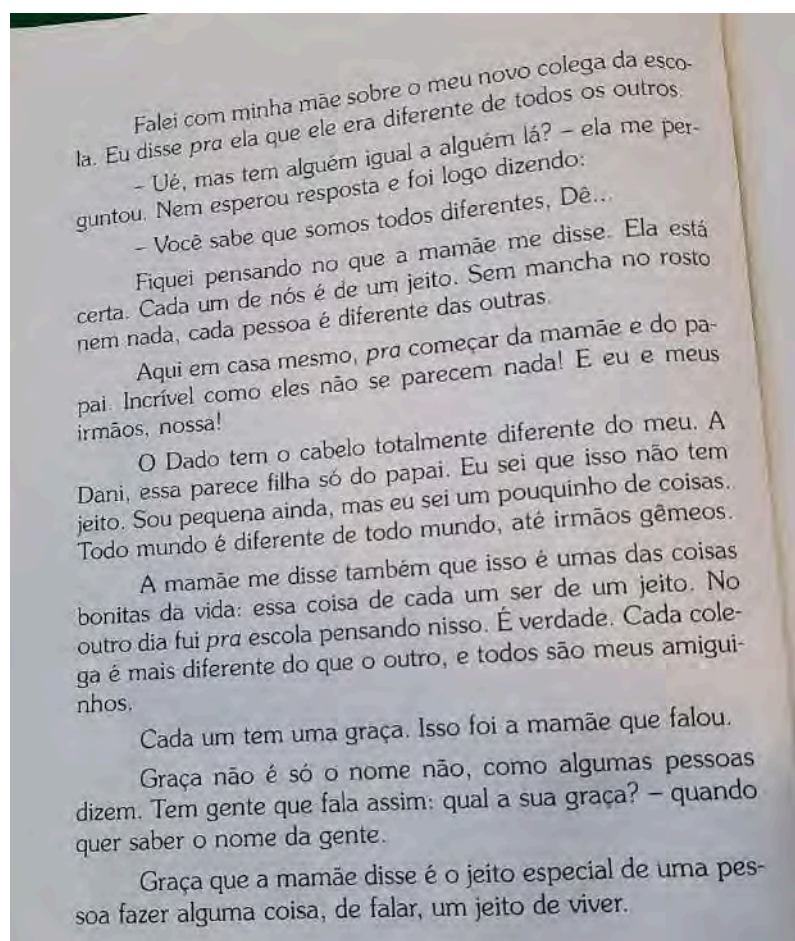


Apesar dos avanços e livros com a defesa da população indígena, nessa história, eles são colocados como bandidos.

Terminamos essa década com o livro *Todo mundo é diferente* (1996) de Hugo Almeida, que traz uma história contra o capacitismo.



A personagem Dê conhece um novo colega, que tem seu rosto manchado. Assim começa um diálogo e jornada sobre o entendimento e aceitação das diferenças:





Vou continuar a história lá da escola. Eu notei uma coisa especial no Chico. Sabe o que é? Ele quando fala, fala alegre, nem parece que tem aquela mancha no rosto.

Depois a mamãe me disse:

– Mas o que tem uma coisa com outra, Dê?

É, não tem mesmo, mas eu pensei que uma pessoa como o Chico não podia nem conseguir ser alegre. Que bobagem, não é?

Sabe o que ele falava na aula? Quando a professora inventava conta, ele respondia primeiro, antes de todo mundo. Acho que ele sabe a tabuada in-tei-ra de cor. Eu sei um pouco, ainda tem conta que faço nos dedos. Ai, descobri a “graça” do Chico – tabuada.



Minha graça não sei se é só falar. Eu falo muito mesmo. Ou é ficar calada. Tem dia que quase não abro a boca pra falar. Ou é brincar ou outra coisa. Pode ser também essa vontade de querer saber tudo, a mamãe me disse. Mas a minha graça não tem graça, pelo menos pra mim.

Fui querendo descobrir a graça da professora Cêlia, a Cecê. Não foi difícil: é gostar de todos nós. Até parece que ela é mãe desse monte de criança. Está sempre alegre, sorrindo, bem feliz.

A Bi. A graça dela é desenhar. A Bi desenha tudo muito bem e até parece que brincando.

– Todo mundo tem alguma marca, Dê. Pode ser bem pequena, mas tem. Você já viu a pinta que o papai tem no dedinho do pé direito?

– Já. Claro que já.

– E a minha, quase no mesmo lugar, já viu?

– Verdade!? Quero ver.

O Dado me mostrou a pinta dele, só que era um pouquinho fora do lugar da pinta do papai.

A gente conversou mais um pouco, sem brigar nem uma vez. A gente falava da graça dos meninos do prédio, dos nossos primos e das nossas também.

A graça dele, do Dado, é ser assim, um irmão legal e amigo como ele é. Eu não sei falar direito da graça dos meus irmãos. Nem do papai e da mamãe. Eu sinto é no coração.

A gente tem um tio que tem uma perna mais curta do que a outra e ele é bailarino. Até professor de balé. A vovó bisa, vó do papai, fazia casaquinho de tricô até depois que ficou cega. Os dedos dela já sabiam de cor.

O papai me contou, um dia, que existiu um artista chamado Aleijadinho que ficou doente e perdeu os dedos. E fazia esculturas muito bonitas assim mesmo. Amarravam o martelo e os ferros nas mãos dele. E o Dado disse que um grande músico era surdo, já pensou? Surdinho. Eu acho que o Chico não tem problema nenhum.

E ao final da história, são citados exemplos de pessoas com algum tipo de deficiência, mas que continuam vivendo bem e possuindo talentos e Dê já não acha mais que Chico tem algum problema.

# Conclusão

Considera-se que houve sucesso em trazer o levantamento do aparecimento dos direitos humanos e sociais na literatura infantil e infanto juvenil brasileira publicada entre os anos 1950 e 1999.

Tais aparições vieram de diferentes formas: narrativas que feriam os direitos humanos e sociais, como a presença de racismo nos livros infantis, a perpetuação de estereótipos machistas, a representação e também perpetuação da visão negativa que era passada sobre os povos indígenas durante muitos anos no país.

Por vezes, tais direitos eram citados, como a falta de acesso a educação e trabalho infantil, este último por muitas vezes sendo naturalizado devido a questões socioeconômicas.

E, por fim, nos últimos anos, livros em formato de denúncia da falta de tais direitos, ou da defesa da importância dos mesmos.

Implicitamente ou não, de forma deliberada ou não, a literatura infantil fez muitos paralelos com o que acontecia na sociedade em cada época e este trabalho buscou retratar tal fato. Fatos históricos, pessoas, dados científicos etc, tudo isso foi encontrado dentro dos livros trazidos na pesquisa.

Visto as informações encontradas, se levanta a reflexão da importância e poder da literatura infantil e infantojuvenil. Seja seu objetivo, educar, entreter e divertir, estimular a imaginação e criatividade de crianças, ou simplesmente transmitir as visões de seu autor, os livros infantis e infantojuvenis podem carregar em si importantes ideias, representando, defendendo ou criticando o contexto social em que foi escrito.

Este trabalho, como levantamento, pode ser uma base para pesquisa mais aprofundada sobre os temas aqui trazidos, em trabalhos futuros. Por exemplo: os efeitos dos livros de épocas remotas nos leitores atuais (quando os livros estão acessíveis em bibliotecas públicas) e o trabalho de atualização em reedições.



# Livros pesquisados

ACUIO, José Carlos. **Joana e o mar**: livro infanto-juvenil ecológico. Guarulhos: Sindicato dos Metalúrgicos de Guarulhos, 1992.

ALBERGARIA, Lino de. **Um anjo no jardim**. São Paulo: Moderna, 1993.

ALMEIDA, Hugo. **Todo mundo é diferente**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1996.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. **As Aventuras de Xisto**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. **Atíria, a borboleta**. São Paulo: Melhoramentos, 1951.

ALVES, Jazon Freitas. **Coisinha-sem-nome**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1979.

Alves, Rubem. Estórias para pequenos e grandes: **A operação de Lili**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

AMARAL, Maria Lúcia. **Marcianos no Rio**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1976.

ANDRADE, Maria Nunes de. **O menino e o raio de sol**. Rio de Janeiro: Agir, 1967.

ANDRADE, Thales de. **Campo e cidade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

BARROS JÚNIOR, Francisco de. **Três escoteiros de férias no Rio Aquiduaana**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

BENEDETTI, Lúcia Matias. **O espelho que vê por dentro**. Rio de Janeiro: Record, 1965.

BENTIM, Celso. **No castelo da fada**. São Paulo: Empreendimentos Infantis, 1969.

BLOCH, Pedro. **Me dá uma força, gente!**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1980.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **O menino que não teve medo do medo**. São Paulo: Global, 1996.

BRAZ, Júlio Emílio. **Zumbi**: o despertar da liberdade. São Paulo: FTD, 1999.

CAPELLA, Wladimir. **Fim que vira começo que vira**. São Paulo: Acadêmica, 1988.

CARVALHO, André. **Tusuca e Larinha descobrem o progresso**. Belo Horizonte: Comunicação, 1976.

DUPRÉ, Maria José. **As histórias de Vera, Lúcia, Pingo e Pipoca**. São Paulo: Saraiva, 1965

DUPRÉ, Maria José. **O cachorrinho Samba na Rússia**. São Paulo: Saraiva, 1963.

FERREIRA, Regina Sormani. **A greve das hortaliças**. São Paulo: Paulinas, 1986.

FLEURY, Renato Sêneca. **A horta do Juquinha**. São Paulo: Melhoramentos, 1950.

GALDINO, Luiz. **O matador de passarinhos**. São Paulo: Moderna, 1993.

GANEM, Eliana. **Coisas de menino**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GRILLO, Lilian. **A ciranda de Giovanna**. Rio de Janeiro, Consultor, 1992.

GUIMARÃES, Ruth Lucena. **Sonho ou realidade**. Rio de Janeiro: Erca, 1993.

GUIMARÃES, Vicente. **História de um Bravo**. 1968.

LEAL, Isa Silveira. **Elas liam romance policiais**. São Paulo: Brasiliense, 1975.

LEAL, Isa Silveira. **Glorinha e a Sereia**. São Paulo: Brasiliense, 1969.

LEAL, Isa Silveira. **Glorinha**. São Paulo: Brasiliense, 1958.

LEE, Rita. **Dr. Alex na Amazônia**. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

LEE, Rita. **Dr. Alex**. São Paulo: Global, 1986.

LIMA, Edy. **A vaca voadora**. São Paulo: Melhoramentos, 1982.

LIMA, Maria de. **A história do peixinho vermelho**. São Paulo: Melhoramentos, 1950.

LISPECTOR, Clarice. **A vida íntima de Laura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

MACHADO, Ana Maria. **Bem do seu tamanho**. Rio de Janeiro: Brasil-América, 1980.

MACHADO, Ana Maria. **Palavras, palavrinhas e palavrões**. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

MARINS, Francisco. **Expedição aos Martírios**. São Paulo: Melhoramentos, 1957.

MENEZES, Álvaro Ottoni de. **As coisas da Lua**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985.



MONTEIRO, Graziella Lydia. **Zé de Maria Careca**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983.

MONTEIRO, Jerônimo. **Corumi, o menino selvagem**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

MORSE, Antonio de Padua. **Quem contou foi o Mindinho**. São Paulo: Melhoramentos, 1950.

MOTT, Odette de Barros. **A princesinha**. São Paulo: Editora do Brasil, 1951.

MOTT, Odette de Barros. **Aventura no País das Nuvens**. São Paulo: Editora do Brasil, 1950.

MOTT, Odette de Barros. **E agora?**. São Paulo: Brasiliense, 1974.

MOTT, Odette de Barros. **O filho do bandeirante**. São Paulo: Editora do Brasil, 1950.

NASCIMENTO, Esdras. **Quatro num fusca**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1974.

NORONHA, Teresa. **O porão mal-assombrado**. São Paulo: Moderna, 1987.

NOVAES, Gabriel Álvaro. **O menino dos lábios grandes**. São Paulo: Editora do Escritor, 1982.

NUNES, Lygia Bojunga. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Agir, 1976.

**O destino da Bela princeza**. São Paulo: Cia do Brasil, 1953.

ORTHOF, Sylvia. **Rabiscos ou rabanetes**. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

OTTONI, Margarida. **Mariana do morro**. Belo Horizonte: Comunicação, 1980.

OTTONI, Margarida. **O pequeno trovador**. Rio de Janeiro: Conquista, 1981.

PADILLA, Gilda Figueredo. **O pintinho vadio**. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

RAMOS, Abgair. **As duas velinhas de aniversário**. São Paulo: Editora do Brasil, 1971.

REGI, Glória. **Tom julga-se um grande homem**. São Paulo: Paulinas, 1955.

RIBEIRO, Jannart Moutinho. **A pata da onça**. São Paulo: Melhoramentos, 1956.

RIBEIRO, Jannart Moutinho. **O circo**. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

ROBATTO, Sônia. **O bicho-folhagem**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

- ROCHA, Ruth. **Mulheres de coragem**. São Paulo: FTD, 1991.
- SANTIAGO, Luiz de. **Operação café roubado**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1976.
- SANTIAGO, Luiz de. **Operação falsa baiana**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1973.
- SANTOS, Theobaldo Miranda. **Contos Maravilhosos do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.
- SECCO, Patrícia Engel. **Como flores em um jardim: nossos direitos**. São Paulo: Fundação Educar DPaschoal, 1999.
- SECCO, Patrícia Engel. **No parque nosso verde: conceitos de ecologia, cidadania, limpeza pública e educação social para crianças**. São Paulo: Fundação Educar DPaschoal, 1999.
- SOUZA, Antonio Norberto de. **Tonico, o elefante cor-de-rosa**. Aparecida: Santuário, 1989.
- STORNI, Oswaldo. **O índiozinho herói**. São Paulo: Melhoramentos, 1959.
- VASCONCELOS, José Mauro de. **Meu pé de laranja lima**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- VERÍSSIMO, Érico. **Gente e Bichos**. Rio de Janeiro: Globo, 1956.
- ZATZ, Lia. **Jogo duro: era uma vez uma história de negros que passou em branco**. São Paulo: Pastel, 1990.
- ZIRALDO. **Flicts**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1969.



# Referências

**A história da inflação no Brasil: explicações e relatos de quem viveu na prática.** Warren Magazine. 2022. Disponível em: <<https://warren.com.br/magazine/historico-da-inflacao/>>.

ALMEIDA, A.; GOMES, P. C. **Apresentação da Chamada Temática: Religião e ditadura.** Revista Brasileira de História das Religiões, v. 17, n. 49, p. 7–9, 8 abr. 2024.

ARAUJO, Claudia Lysia de Oliveira; SOUZA, Luciana Aparecida de; FARO, Ana Cristina Mancussi. **Trajetória das instituições de longa permanência para idosos no Brasil.** HERE - História da Enfermagem Revista Eletrônica, v. 1, n. 2, p. 250-262, 2010. Disponível em: [http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/n2vol1ano1\\_artigo3.pdf](http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/n2vol1ano1_artigo3.pdf).

**Arquidiocese celebra memória da primeira Missa de Brasília.** Disponível em: <<https://catedral.org.br/arquidiocese-celebra-memoria-da-primeira-missa-de-brasilia.html>>.

BARBOSA, M. **Imprensa e ditadura: do esquecimento à lembrança em imagens sínteses.** Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM). 2014.

BARROS, F. B. M. DE. **Poliomielite, filantropia e fisioterapia: o nascimento da profissão de fisioterapeuta no Rio de Janeiro dos anos 1950.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 13, n. 3, p. 941–954, maio de 2008.

BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina: A América Latina após 1930: Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil.** São Paulo: EDUSP, 2018.

BRAGA, P. DE C. **Massacre da Praia Vermelha.** Disponível em: <<https://riomemorias.com.br/memoria/dia-nacional-de-luta-contra-a-ditadura/>>.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 2848, de 7 de dezembro de 1940.** Lei dos maus-tratos. Código Penal. 1940

BRASIL. **Lei Nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989.** Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1989.

CASTELLA, P. **Material complementar -Ciclo de Palestras: “Resíduos Sólidos” CRONOLOGIA HISTÓRICA MEIO AMBIENTE.** Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos CRONOLOGIA HISTÓRICA. Disponível em:

<[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/educacao\\_ambiental/evolucao\\_historica\\_ambiental.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/educacao_ambiental/evolucao_historica_ambiental.pdf)>.

Charleaux, João Paulo. **O que o AI-5 significou para a democracia e para a ditadura.** Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/12/12/o-que-o-ai-5-significou-para-a-democracia-e-para-a-ditadura>>. 2018.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura infanto/juvenil:** das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. São Paulo: Ática, 1991. Acesso em: 21 abr. 2024.

**Como Darci Alves Pereira matou Chico Mendes com tiro de escopeta, a sangue frio.** O Globo. 2024. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2024/02/como-darci-alves-pereira-matou-chico-mendes-com-tiro-de-escopeta-a-sangue-frio.ghml>>.

DAMASIO, Kevin. **Ditadura militar quase dizimou os waimiri atroari – e indígenas temem novo massacre.** National Geographic, 2019. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2019/04/ditadura-militar-waimiri-atroari-massacre-genocidio-aldeia-tribo-amazonia-indigena-indio-governo>>.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

EUGÊNIO, R. W. **Por que Exu é uma das figuras mais louvadas (e estigmatizadas) da umbanda e do candomblé.** [Entrevista concedida a] Edison Veiga. BBC News Brasil, 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c80nxw6jr58o>>.

GARCIA, Ana Cláudia de Souza. **O índio e o seringueiro no (dis)curso de O Juruá.** Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades. Universidade Federal do Acre. Acre, v. 9, n.1, 2021.

**Geografia da Fome, 75 anos depois.** Disponível em: <<https://geografiadafome.fsp.usp.br/geografia-da-fome-75-anos/>>.

GROFF, Paulo Vargas. **Direitos fundamentais nas constituições brasileiras.** R. Inf. legislativa. Brasília, v. 45, n. 178, abr./jun. 2008.

IBGE. **Censo Demográfico – 1950.** Rio de Janeiro, IBGE, 1956 (vol. 1).

IBGE. **Censo Demográfico – 1960.** Rio de Janeiro, IBGE, s/d. (vol. 1).

IBGE. **Censo Demográfico – 1970.** Rio de Janeiro, IBGE, 1973 (vol. 1).

IBGE. **Censo Demográfico – 1980.** Rio de Janeiro, IBGE, 1983 (vol. 1).

IBGE. **Censo Demográfico – 1991:** resultados preliminares. Rio de Janeiro, IBGE, 1992.



IBGE. **Anuário Estatístico do Brasil** - 1996. Rio de Janeiro, IBGE, 1997.

INEP. **Estatísticas da educação básica no Brasil** - perfil da educação no Brasil. 1996.

Disponível em:

<[https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/estatisticas\\_da\\_educacao\\_basica\\_no\\_brasil.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/estatisticas_da_educacao_basica_no_brasil.pdf)>.

**Infância Roubada - Crianças atingidas pela Ditadura Militar no Brasil**. Assembleia Legislativa, Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, São Paulo. ALESP, 2014.

Disponível em:

<[https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/20800\\_arquivo.pdf](https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/20800_arquivo.pdf)>.

JR, João Batista. **A história de paulistanos deixados na roda dos expostos da Santa Casa**.

VEJA, São Paulo, 2016. Disponível em:

<<https://vejasp.abril.com.br/cidades/roda-dos-expostos-santa-casa>>.

KEIKO NAGAMATSU, M. **RUI BARBOSA E OS PARECERES DE 1882 SOBRE A REFORMA DO ENSINO PRIMÁRIO**. Universidade Estadual de Maringá, 2007. Disponível em:

<[https://dfe.uem.br/meire\\_keiko.pdf](https://dfe.uem.br/meire_keiko.pdf)>.

LAMARÃO, S. **Passeata dos Cem Mil**. Atlas Histórico do Brasil - FGV. Disponível em:

<<https://atlas.fgv.br/verbete/6289#:~:text=Denomina%C3%A7%C3%A3o%20com%20que%20ficou%20conhecida>>.

LARA, J. V. DE. **A Participação dos Estados Unidos no Golpe Civil-militar de 1964: breves apontamentos para uma revisão historiográfica**. Curitiba, 2016. Disponível em:

<[https://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468195370\\_ARQUIVO\\_trabalho\\_anpuh\\_2016.pdf](https://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468195370_ARQUIVO_trabalho_anpuh_2016.pdf)>.

LÓPEZ, J. C. **Há 59 anos, a Crise dos Mísseis quase causava uma guerra nuclear**.

Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/ha-59-anos-a-crise-dos-misseis-quase-causava-uma-guerra-nuclear/>>.

LOUREIRO, F. P. **Dois pesos, duas medidas: os acordos financeiros de maio de 1961 entre Brasil e Estados Unidos durante os governos Jânio Quadros e João Goulart (1961-1962)**.

Economia e Sociedade, v. 22, n. 2, p. 547-576, ago. 2013.

MADEIRO, Carlos. **Repressão aos negros: Documentos mostram como a ditadura espionou movimento contra o racismo, com agentes infiltrados e perseguições**. Uol.

2019. Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/ditadura-militar-espionou-movimento-negro-reprimiu-e-infiltrou-agentes/>>.

MAIA, M. C. **História do Direito no Brasil - os direitos humanos fundamentais nas constituições brasileiras**. Revista JurisFIB, v. 3, n. 3, 2012.

MAO JÚNIOR, J. R. **Crise dos Mísseis de Cuba**. [Entrevista concedida a] Pedro Seno. FFLCH, 2023. Disponível em: <<https://www.fflch.usp.br/132362>>.

MARINHO, Fernanda Campos; GALINKIN, Ana Lúcia. **A história das práticas diante do desvio social de jovens no Brasil: reflexões sobre o ideal de ressocialização**. Pesqui. prá. psicossociais, São João del-Rei, v. 12, n. 2, p. 280-297, ago. 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082017000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200004&lng=pt&nrm=iso)>.

MENDONÇA, Beatriz; SANZ, Heloísa. **O lado obscuro do “milagre econômico” da ditadura: o boom da desigualdade**. El País. 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/29/economia/1506721812\\_344807.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/29/economia/1506721812_344807.html)>.

MORAIS, Josenildo Oliveira de. **A literatura infantil como instrumento de denúncia da ditadura militar**. UEPB, Dissertação, 2011.

MOREIRA, M. M. **A Economia brasileira em 1981**. Revista do Serviço Público, [S. l.], v. 38, n. 4, p. 15-24, 2017. DOI: 10.21874/rsp.v38i4.2321. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/2321>.

MORLEY, S.; ILLIAMSON, J. **Crescimento, Política Salarial e Desigualdade: O Brasil durante a Década de 1960**. 1975. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ee/article/download/147402/140945/297201>>.

OKUNO, E. **As bombas atômicas podem dizimar a humanidade - Hiroshima e Nagasaki, há 70 anos**. Estudos Avançados, v. 29, n. 84, p. 209-218, maio 2015.

PEREIRA, Mariana Morena. **O Movimento Negro e as Revoluções de 1968: uma análise da relação e ressignificação do negro e o histórico do movimento no Brasil**. Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, Recife, 2019.

**Por que “samba do crioulo doido” é um termo racista**. Jornal da Paraíba. 2022. Disponível em: <<https://jornaldaparaiba.com.br/comunidade/bbb22-entenda-porque-o-termo-samba-d-o-crioulo-doido-usado-por-barbara-e-racista>>.

QUADROS, Waldir. **Classes sociais e desemprego no Brasil dos anos 1990**. Economia e Sociedade, Campinas, SP, v. 12, n. 1, p. 109-135, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643077>.

**Racismo no Brasil também ficou provado em 1990 e 1967** | ReVEJA. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/reveja/racismo-no-brasil-tambem-ficou-provado-em-estes-em-90-e-67>>.



RIBEIRO, A. S. **Hiroshima e Nagasaki: 65 anos de uma tragédia mundial**. Alesp. 2010. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?05/08/2010/hiroshima-e-nagasaki--65-anos-de-uma-tragedia-mundial>>.

SANTAGADA, S. **A SITUAÇÃO SOCIAL DO BRASIL NOS ANOS 80**. Disponível em: <<https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/indicadores/article/download/179/389#:~:text=O%20total%20de%20pobres%20passou>>.

**Seção TEN | Ipeafro.** Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/acoes/acervo-ipeafro/secao-ten/>>.

**Serviço de Proteção aos Índios (SPI) - Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: <[https://pib.socioambiental.org/pt/Servi%C3%A7o\\_de\\_Prote%C3%A7%C3%A3o\\_aos\\_%C3%8Dndios\\_\(SPI\)#:~:text=Casos%20de%20fome%2C%20doen%C3%A7as%2C%20depo pula%C3%A7%C3%A3o](https://pib.socioambiental.org/pt/Servi%C3%A7o_de_Prote%C3%A7%C3%A3o_aos_%C3%8Dndios_(SPI)#:~:text=Casos%20de%20fome%2C%20doen%C3%A7as%2C%20depo pula%C3%A7%C3%A3o)>.

SILVEIRA, Jéssica Garcia da. **A Rio-92, os movimentos ecologistas e a Política Nacional do Meio Ambiente**. Revista Hydra Volume 5, número 9. abril de 2021. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/view/11427/8437>>.

SUGIMOTO, L. **Estudos analisam a desigualdade e a expansão da classe média**. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/645/estudos-analisam-desigualdade-e-expansao-da-classe-media>>.

TRINIDAD, C. B. **A questão indígena sob a ditadura militar: do imaginar ao dominar**. Anuário Antropológico, n. v.43 n.1, p. 257-284, 1 jul. 2018. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/aa/2986>>.

**Um pouco da história das pessoas com deficiência no Brasil** - Notícias. Disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/brasil/um-pouco-da-historia-das-pessoas-com-deficiencia-no-brasil/>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

VAIANO, Maria Clara. **Diretas Já: entenda como foi a primeira eleição pós-ditadura no Brasil**. Galileu. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/sociedade/historia/noticia/2022/11/diretas-ja-entenda-como-foi-a-primeira-eleicao-pos-ditadura-no-brasil.ghtml>>. 2022.

VALLADARES, Licia. **Passa-se uma casa**: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro. Zahar, 1980.

WESTIN, R. **Há 40 anos, Lei da Anistia preparou caminho para fim da ditadura**. Senado. 2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/ha-40-anos-lei-de-anistia-preparou-caminho-para-fim-da-ditadura>>.

ANTONIO, M. D. **O Estado e o extermínio**: as fontes parlamentares e judiciais sobre a “Operação mata-mendigos” (Guanabara, 1962-1963). *Tempos Históricos*, v. 25, n. 2, p. 190–226, 9 nov. 2021.

BARROS, P. R. P. D. B. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura**. 2013. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, São Paulo, 2013.

**Baú da Política: o futebol feminino já foi proibido no Brasil e a política tem tudo a ver com isso** - PontoPoder. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/pontopoder/bau-da-politica-o-futebol-feminino-ja-foi-proibido-no-brasil-e-a-politica-tem-tudo-a-ver-com-isso-1.3395550>>.

**Chico Mendes: 35 anos do assassinato**. A União. 2023. Disponível em: <[https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno\\_diversidade/chico-mendes-35-anos-do-assassinato](https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_diversidade/chico-mendes-35-anos-do-assassinato)>.

CHRIST, G. **Religiões afro-brasileiras enfrentam longa história de racismo – mas resistem**. National Geographic. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2023/01/religoes-afro-brasileiras-enfrentam-longa-historia-de-racismo-mas-resistem>>. 2023.

DEBALD, B. S. **A relação da Igreja Católica com o Estado brasileiro – 1889/1960**. *Pleiade, Foz do Iguaçu*, v. 1, n. 1, p. 51-61, jan./jun. 2007.

GIUMBELLI, E. **Religiões no Brasil dos anos 1950: processos de modernização e configurações da pluralidade**. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, v. 3, n. 1, Jan-Jun, p. 79–96, 14 ago. 2012.

HENRIQUES, R. **Desigualdade racial no Brasil**: evolução das condições de vida na década de 90. 2001. Disponível em: <[https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td\\_0807.pdf](https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_0807.pdf)>.

**Povos Indígenas: história, cultura e lutas**. Disponível em: <<https://www.fundobrasil.org.br/blog/povos-indigenas-historia-cultura-e-lutas/#:~:text=Na%20d%C3%A9cada%20de%201950%2C%20a>>.

TRINDADE, J. DA S.; MILÉO, I. DO S. **DE O Movimento negro no Brasil pós década de 1970**: ação política e educação antirracista. *Revista Inter Ação*, v. 47, n. 1, p. 13–29, 30 abr. 2022.